

LEMBRE-SE DE QUEM VOCÊ É

MEMÓRIA FALSA

DAN KROKOS







MEMÓRIA FALSA

DAN KROKOS

TRADUÇÃO: Ivan Hegenberg

TRILOGIA FALSA • V. 1



Edição: Flavia Lago
Editora-assistente: Thaíse Costa Macêdo
Preparação: Flávia Yacubian
Revisão: Flora Manzoni e Raquel Nakasone
Diagramação: Pamella Destefi
Arte da capa: Sammy Yuen
Título original: False Memory
© 2012 by Dan Krokos © 2015
Vergara & Riba Editoras S/A
vreditoras.com.br
Todos os direitos reservados.

Rua Cel. Lisboa, 989 — Vila Mariana CEP 04020-041 — São Paulo — SP
Tel./ Fax: (+55 11) 4612-2866
editoras@vreditoras.com.br
ISBN 978-85-7683-868-5
1ª edição, 2015

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil) Krokos, Dan Memórias falsas [livro eletrônico] / Dan Krokos; tradução Ivan Hegenberg. São Paulo : Vergara & Riba Editoras, 2015. (Coleção trilogia falsa ; v. 1) 1 Mb ; ePUB.

Título original: False memory.

ISBN 978-85-7683-871-5

1. Ficção científica — Literatura juvenil 2. Ficção americana I. Título. II. Série.
15-03365

CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático: 1. Ficção científica: Literatura juvenil 028.5

Para Adam Lastoria.
Bad boys pra sempre.

1



NA PRAÇA DE ALIMENTAÇÃO DO SHOPPING, VI UM SEGURANÇA apoiado em uma pilastra. Seus olhos rastreavam todas as mesas, enquanto os dedos brincavam com um apito pendurado no pescoço.

A mão esquerda batucava na coxa. O nome dele era C. Lyle, de acordo com o crachá.

Caminhei até ele. Passaram-se uns cinco segundos até que ele olhasse para mim.

— Olá — cumprimentei. — Perdi minha memória. Será que você poderia me ajudar?

— Você perdeu a memória?

Não entendi o porquê da repetição. É claro que ele me ouviu perfeitamente.

— Sim. Não sei onde deveria estar — respondi.

Ele endireitou o corpo, arqueando as costas para se afastar da pilastra. Tufos loiros e felpudos cobriam seu queixo e havia marcas de acne na testa — ele parecia um adulto na puberdade.

— Como você se chama? — ele perguntou.

— Miranda North.

— E quantos anos você tem?

— Dezesete.

Um canto da boca dele subiu e eu sabia que aquilo era falso, ninguém sorria daquele jeito naturalmente.

Disso eu me lembrava.

— Não parece que se esqueceu de tanta coisa assim.

Você se lembra de quem é.

Meia verdade. Eu lembrava meu nome e minha idade. Lembrava o que era um segurança de shopping.

Mas não lembrava nada sobre a minha vida. E esperava que isso fosse normal num quadro de amnésia.

A multidão pulsava atrás de mim, fazendo com que eu chegasse mais perto de C. Lyle. Tentei me esquivar das pessoas; estar no meio do empurra-empurra me dava coceira. E eu não sabia por quê.

— Não lembro mais nada.

Era verdade. Naquela manhã, eu acordara em um banco, olhando para o prédio da Terminal Tower. Sabia que aquele prédio ficava na cidade de Cleveland, e o meu primeiro pensamento fora: “Que azar gigante acordar em Cleveland sem memória”. Não em San Diego, ou em Dallas, ou em qualquer outro lugar onde o sol brilhasse por mais de três dias por ano. O motivo lógico para eu estar em Cleveland era que eu morava ali.

Eu sabia que meu nome era Miranda North e que estava na segunda metade dos meus 17 anos. E que tinha 400 dólares em espécie no bolso.

— Por que eu iria mentir? — perguntei.

— Porque você é uma adolescente e adolescentes gostam de aprontar com os seguranças.

Eu não entendia. Se ele queria que eu ficasse ali até se ver forçado a falar direito comigo, estava disposta a entrar no jogo.

Depois de vagar um pouco pela cidade, eu encontrara um espelho em um banheiro público e não reconhecera a garota que me encarava. Quero dizer, sim, eu sabia que era eu. Óbvio. Mas se alguém tivesse me perguntado de que cor era meu cabelo antes de eu vê-lo, não saberia responder. Ele é castanho-arruivado, liso, um pouco abaixo dos ombros. Sou musculosa, como se malhasse o tempo todo. As linhas do abdômen são visíveis mesmo sem contrai-lo. Não sou corpulenta, mas não há nada de delicado em mim. Talvez seja uma ginasta. Os olhos são da mesma cor do cabelo, o que é meio esquisito.

Depois disso, eu ficara vagueando, até que cheguei ao shopping. No início, me sentia bem — não tinha medo, já que não sabia o que deveria temer. A perda de memória podia ser temporária. Então, notei que meus olhos automaticamente procuravam cobertura, lugares para me esconder. Examinavam os rostos das pessoas, julgavam as expressões como amigáveis ou ameaçadoras. Observavam a maneira como elas se moviam, vendo se estavam se preparando para atacar.

Ninguém estava.

“Paranoia”, eu pensara. Esforçava-me para parecer calma. Por dentro, estava agitada. Disparara o olhar para todos os lados e procurava me agarrar a qualquer pensamento que me acalmasse.

Até que não pude mais aguentar. Precisava pedir ajuda. Subira a escada rolante para a praça de alimentação, que ficava no segundo andar. Encontrei uma mesa em um canto para descansar e pensar. Foi quando avistei C. Lyle apoiado na pilastra.

— Então... você podia me deixar usar um telefone ou algo assim.

Se eu segurasse um telefone, talvez os dedos se lembrassem de algum número de que o cérebro se esquecera. C. Lyle me estudou com ar sério pela

primeira vez. Era como se suas sobrancelhas tentassem se beijar acima dos olhos.

— Você tá tirando uma da minha cara?

Eu tentava me manter calma e sensata, mas um vazio dentro de mim se ampliava, um medo de que nunca mais me lembrasse de quem eu era.

Com esse pensamento horrível, meus olhos doeram, como se eu tivesse olhado direto para o sol por alguns segundos. Uma espécie de câimbra se espalhou para o meu cérebro em uma dor de cabeça atordoante — a última coisa de que eu precisava naquele momento.

Pisquei algumas vezes. Sobre meu ombro, via que a fila para uma das lanchonetes dava voltas.

— Não — respondi. — Não estou. Achei que minha memória pudesse voltar, que fosse uma dessas coisas temporárias. Mas não é. Eu sei que não é. Preciso muito da sua ajuda.

Ele apontou para a sacola na minha mão.

— Você perdeu a memória, mas teve tempo pra fazer umas compras?

Também olhei para a sacola.

— Eu tinha dinheiro comigo e pensei em comprar algumas coisinhas.

“Compre coisas em um shopping, pareça normal.”

Era tudo parte da tentativa de não vomitar na lata de lixo mais próxima.

Então, ele apontou para baixo.

— Coloque a sacola no chão.

Obedeci. Ele se agachou e abriu o pacote, levantando uma das sobrancelhas.

— Tem alguma coisa aqui que possa me machucar?

— O quê? Não. — A maneira como ele olhava para mim, como se eu fosse uma criminosa, fazia minha pele arrepiar.

— Tem certeza?

A dor atrás dos meus olhos começou a arder, uma pontada quente estreitando-se até o nariz. Não parecia uma dor de cabeça normal, mas talvez eu não me lembrasse de como era uma dor de cabeça normal.

Inspirei profundamente e esfreguei os olhos enquanto C. Lyle colocava as patas na minha sacola. Ele tirou um sutiã vermelho no qual eu gastara 40 dólares.

— Você perdeu a memória, mas teve tempo pra comprar um sutiã?

Alguém esbarrou nas minhas costas. Dei um passo para a frente em vez de uma cotovelada — o que, por alguma razão, foi o meu primeiro impulso. C. Lyle não estava olhando exatamente para mim — ele encarava uma amostra da minha pele pálida, visível entre as alças da blusinha preta.

— Tenho muito tempo — respondi. — Como disse, não faço ideia de onde eu deveria estar.

Ficaria satisfeita com uma mentira, com algumas palavras de conforto. “Tudo vai ficar bem, Miranda.”

O segurança viu que o resto das coisas eram roupas, que eu comprara para me trocar. Bem, se era para fingir ser uma cliente do shopping, eu podia muito bem comprar aquela calça jeans nova.

Ele se levantou e esfregou as mãos como se elas estivessem sujas.

— Saia daqui. Não tô aqui pra brincadeiras. Ou então, posso fazer você sair à força.

Minha boca se abriu um pouco. Eu não entendia.

Tinha acabado de contar que não me lembrava de nada e ele estava me enxotando como se tivesse algo mais importante para fazer.

— Por favor — pedi. — Não sei o que aconteceu comigo.

Se eu soubesse, talvez tudo ficasse bem. Talvez preenchesse um pouco do vazio dentro de mim. Ou talvez a dor de cabeça passasse.

Ele colocou a mão em meu ombro. E apertou.

Foi como se houvesse uma corda de piano que ia do topo da cabeça até a ponta dos pés. E a corda se rompeu. Agarrei o braço dele com as duas mãos e puxei-o em direção ao meu peito. Minhas botas pretas guincharam no chão quando girei o corpo, ainda prendendo o braço dele, e posicionei as costas contra o seu peito. Puxei o braço em movimento cruzado e empurrei a cintura contra a coxa dele. Ele foi arremessado por cima de mim, as pernas pedalando no ar como em uma bicicleta de ponta-cabeça.

C. Lyle aterrissou feio de costas, fazendo um estrondo. Com o impacto, um cuspe projetou-se para fora da sua boca.

Eu fiquei ali, atordoada. Um pensamento percorreu minha mente em letras de néon: “Estou encrocada”.

Os olhos dele refletiram os meus. Exceto pela área imediatamente à nossa volta, a vida seguia como sempre na praça de alimentação. A fila na frente do Charley’s aumentava. Uma criança derramou uma bebida, a mãe apontou o dedo para ela e gritou. Alguém fez uma bolinha com os restos do lanche, atirou-a na lixeira e errou o alvo, mas não a recolheu.

C. Lyle se atrapalhou ao pegar a arma de choque, tentando sacá-la da cartucheira.

Eu tinha que impedi-lo. Precisava mostrar a ele que não tive a intenção. Porque era verdade, eu não tinha ideia de por que fizera aquilo. Naquele instante, ele conseguiu abrir a cartucheira e seus dedos estavam perto da arma de choque. Parei de pensar.

Joguei as mãos para a frente, com as palmas abertas.

— Espere!

Enquanto eu dizia isso, a dor atrás dos meus olhos voltou, mais forte do que nunca. Fechei os olhos e apertei-os, mas ela não parava. Meu cérebro tinha sido substituído por um enorme carvão em brasa. E, de alguma maneira, a dor e o calor irradiavam para fora da cabeça. Eu podia senti-los se espalhando à minha volta, movendo-se em ondas, apesar de ser impossível.

C. Lyle congelou no chão, com a mão enganchada na arma de choque. Seus olhos se arregalaram e todo o seu corpo começou a tremer. Felizmente, sua mão estava tendo espasmos violentos demais para sacar a arma. As pessoas ao redor se afastaram em vez de ajudar, até que elas também paralisaram.

Depois, correram.

C. Lyle tombou de barriga para baixo. Uma perna ficou dobrada e ele tentou se levantar, mas escorregou e caiu estatelado de novo. O fogo em minha cabeça continuava a se espalhar, liberando pressão a cada pulsação, dando-me uma fração de alívio a cada segundo.

As pessoas fugiam de mim, de nós. O som dos passos retumbava em meus tímpanos. A dor embaçava a visão encoberta por lágrimas, mas os olhos automaticamente procuram por uma saída. Eles não encontraram uma rota de fuga, apenas rostos com bocas e olhos abertos — olhos de bichos assustados, em pânico.

Medo. Mas de quê? Olhei em volta, procurando por alguém são, alguém que me dissesse que tudo estava bem. Em vez disso, vi um homem correndo, olhando para trás por cima do ombro, sem ver o parapeito prateado à frente. Ele bateu. Seus pés deixaram o chão e ele tombou. Os sapatos se viraram para cima enquanto ele caía, com as solas apontadas para o teto. Os gritos não abafaram o baque do corpo.

Levei uma mão à boca. Aconteceu mais uma vez.

Uma mulher capotou sobre o parapeito. Sua bolsa bege voou, moedas e chaves cintilavam sob as luzes brilhantes. Foquei naquela imagem — a bolsa rodopiando no ar. Observei-a desaparecer abaixo do piso do andar.

Mais pessoas caíram, então fixei o olhar nas claraboias que emolduravam o céu azul brilhante. Um garotinho chamou pela mãe. A voz dele me atingiu e chamou minha atenção de volta à histeria. Ele gritou de novo: “Mãe! MÃE!”, mas havia barulho demais e muitos corpos em movimento para eu poder encontrá-lo. Meus pés dormentes me carregaram para a beirada, onde agarrei aquele tubo de metal frio que deveria proteger as pessoas. Os corpos se esparramavam ali embaixo, contorcidos e imóveis.

Afastei-me do parapeito e me virei para a praça de alimentação, fazendo

força para conter a ânsia de vômito.

Mesmo as pessoas que não me viram derrubar C. Lyle corriam. Como uma onda em expansão — a onda que se iniciava na minha cabeça —, as pessoas mais ao longe ficavam paralisadas, depois saíam correndo sem direção. Muitos gritavam. Alguns cobriam a boca para sufocar o grito, como eu. Captei apenas fragmentos de palavras — socorro o que é isso mãe onde está você por favor por favor alguém!

C. Lyle se pôs de pé como um bêbado, o cinto sacudia enquanto ele se lançava em direção à escada rolante. Quase tropeçou em dois homens amontoados no chão. Os últimos dois. Eu os vi se desvencilharem e rolarem para longe um do outro. Respiravam ofegantes.

Um deles se levantou e desceu correndo a escada rolante. O outro engatinhou no mesmo sentido, arrastando a perna direita. Uma botina ficou esmagada no último degrau.

Em algum lugar da praça de alimentação, uma bandeja caiu. A bebida se espalhou pelo chão.

A praça de alimentação parecia vazia, exceto pelas sacolas e bandejas de comida que as pessoas haviam abandonado.

Mas eu não estava sozinha.



UM GAROTO MAIS OU MENOS DA MINHA IDADE ESTAVA sentado no meio da praça de alimentação, entre mesas e cadeiras reviradas.

Um prato de fast-food asiático — frango com manga — estava na frente dele. Seu cabelo escuro era espesso, meio comprido, um pouco encaracolado na altura do pescoço. A camiseta branca se esticava em um corpo que se resumia a músculos e pele.

Ele acenou pra mim, como se tudo estivesse bem.

Fiquei paralisada por um momento. Finalmente, ele levantou a mão e fez um gesto de venha aqui.

Ele sabia quem eu era, tinha que saber. Não havia nenhum outro motivo para ainda estar sentado ali em vez de ter saído correndo. Ele devia saber do que eu não conseguia me lembrar, devia saber o que estava acontecendo, devia saber por que as outras pessoas caíram, por que provavelmente estavam mortas. Devia saber se a culpa era minha.

Aproximei-me, esbarrando nas cadeiras reviradas.

Parte de mim se perguntava se eu não deveria estar indo na direção contrária. Meus olhos continuavam se movendo rapidamente, estudando o rosto dele, e foi aí que pisei em uma poça de Coca-Cola. Meu pé direito emitia um chiado a cada passo, até que cheguei à mesa e caí na cadeira à frente dele.

— Olá — eu disse, tentando parecer à vontade.

Eu não sabia do que tinha mais medo: descobrir a verdade ou não descobri-la. Coloquei as mãos sobre meu colo para mantê-las quietas.

No andar inferior do shopping, as pessoas ainda corriam e gritavam. O pânico ecoava até o teto.

— Olá — ele cumprimentou de volta. Seus olhos azuis eram estonteantes. Falsos, quase. Como tinta azul.

Então eu senti o cheiro dele. Cheiro de suor e de sabonete, de mais alguma outra coisa. Flores? Não quaisquer flores; rosas. Só então reconheci a essência, percebi que estava ali desde que a dor na minha cabeça começara.

— Você está usando perfume? — perguntei.

— É a energia psíquica. Mexe com o sistema límbico, então por algum motivo você está sentindo cheiro de rosas.

Fiquei quieta. Ele esperava pela minha reação, mas eu não tinha ideia do

que dizer. Não entendi mais nada desde que ele falou em energia psíquica.

— É que... nós sentimos o cheiro. Nós e as pessoas que a energia afeta. É apenas um efeito colateral esquisito. Como está sua cabeça?

— Pegando fogo — respondi.

— Está esquentando mesmo.

Estávamos sentados ali, como se não houvesse nada de errado. Em algum lugar ouvíamos vidro quebrado se estilhaçando no chão. Ele me estudava sob duas sobancelhas pretas que não eram espessas, mas também não eram finas. Era como se ele tivesse dois rostos — do nariz para baixo, estava contente, mas os olhos estavam apertados, com um ar de reprovação.

— Você acha isso engraçado? — perguntei.

Ele franziu o cenho.

— É a coisa menos engraçada que eu posso imaginar.

Eu estava faminta e precisava fazer alguma coisa com as mãos, então roubei comida do prato dele. Peguei um pedaço de frango com manga. Tinha gosto de cinzas.

Pela primeira vez comecei a me perguntar se aquilo tudo era real. Se um médico de jaleco aparecesse dizendo que eu estava passando por um delírio psicótico, eu provavelmente acreditaria.

— Me conte o que aconteceu — pedi.

— Eu esperava que você pudesse me contar.

— Não faço ideia — eu via tudo mais uma vez, as pernas sacudindo, os braços abanando. As pessoas caindo. A bolsa da mulher no ar. — Aquelas pessoas...

Ele balançou a cabeça lentamente.

— Aquilo não foi culpa sua — ele falou, mas o rosto afirmava o contrário.

Ele parecia calmo, mas sua boca estava contraída.

Estava tentando esconder o horror, isso estava claro. Eu soube na hora, com certeza, que o pânico fora causado por mim. Tudo aquilo. De algum jeito.

— Aquilo não foi sua culpa — ele repetiu, como se estivesse tentando convencer a si mesmo.

— Não? — minhas bochechas ficaram molhadas.

Enxuguei as lágrimas com a ponta dos dedos.

Ele se inclinou para frente e puxou a bandeja para trás antes que eu pudesse pegar mais frango.

— Como está a sua memória?

Ele sabia. Mas como? Uma vibração intensa me atravessou ao pensar em uma resposta, por um momento anestesiando todo o desconforto.

— Já era — respondi, com a voz rouca. Inspirei lentamente, tentando fazer as mãos pararem de tremer.

— Imaginei.

— É mesmo?

Ficamos sentados mais um pouco. O shopping estava num silêncio sepulcral.

— Como você se chama? — perguntei, áspera, já que ele não parecia disposto a oferecer informação.

— Peter.

— Peter...

— Por enquanto apenas Peter — ele disse.

Finalmente me dei conta da insanidade da situação.

Não da loucura de antes, mas a de estar sentada ali naquele momento com “Peter”, enquanto ele falava de perda de memória e energia psíquica. A semente de alguma coisa horrível brotava em meu estômago. A verdade estava próxima e eu não sabia se estava pronta.

— Meu nome é Miranda — falei, apoiando as mãos em minhas pernas e apertando-as para não ficar me remexendo.

— Eu sei.

— O que aconteceu? — perguntei.

Ele esfregou o rosto com as mãos e passou uma delas pelo cabelo, então se recostou no banco.

— Você disparou uma carga de energia psíquica que afetou o cérebro de todo mundo no shopping, mais especificamente a amígdala e o córtex pré-frontal. A energia incitou um pânico primitivo na mente de todos, neutralizando as outras funções até sobrar apenas terror puro. Você era capaz de controlá-la antes de perder a memória. Então, quando você se sentiu ameaçada pelo policial, a resposta foi automática.

— Mentira — eu disse. Não conseguia pensar em uma explicação mais absurda. Na real, nem entendi direito o que ele disse. Mas se eu de fato não acreditasse, não estaria mais parada naquela cadeira de plástico. Se tivesse acordado em Boston, não estaria ali ouvindo aquele menino doido me contando coisas doidas.

Ele me deu uma piscadinha paciente.

— Posso explicar mais depois, mas precisamos partir agora.

Eu me levantei e a cadeira guinchou no chão — um barulho alto demais para um espaço vazio tão amplo.

— Por que não consigo me lembrar?

— Porque você não andou tomando as injeções. Ou então elas não eram

de verdade.

Minhas injeções não eram de verdade. O menino que cheirava a rosas e se chamava Peter contornou a mesa e me pegou pelo braço. Eu me encolhi para me soltar e quase o soquei no peito, mas ele me segurou novamente.

Meu corpo estava zumbindo de novo e me senti como naquele segundo antes de golpear o policial.

Ele olhou bem nos meus olhos, até que desviei o olhar.

— Relaxe — ele disse. — Nós somos amigos.

— Como é que eu vou saber? Eu perco a memória e você está aqui só esperando por mim, meditando ao sabor de frango com manga!

Peter sacudiu os ombros como se isso pouco importasse. Ele começou a andar, falando comigo sem olhar para trás.

— Temos que ir, Miranda.

O aroma de rosas foi ficando mais fraco, como se viesse dele.

Fiquei parada, avaliando se deveria confiar nele, quando não confiava nem em mim. Mas eu não podia ficar ali. Se ele sabia mais sobre mim, só existia uma opção.

— Se eu for junto, você vai me contar o que aconteceu?

— Vou contar tudo — ele respondeu, deu um passo em direção à escada rolante que descia e sumiu do meu campo de visão.

Eu podia ficar ali e continuar sem respostas, ou podia me arriscar com o garoto maluco e sem medo.

Eu não tinha muita escolha.

3



OS CORPOS APARECIAM CONFORME A ESCADA ROLANTE nos levava para baixo. Cinco deles estavam distribuídos no chão em uma sinistra harmonia. A bolsa bege da mulher estava próxima da sua cabeça, pousada no rastro de sangue. Vi o primeiro homem que caiu. Seu braço estava dobrado debaixo dele e seu rosto ferido estava esmagado contra o chão.

Nenhum deles se movia.

A escada rolante empurrava meus calcanhares, mas eu ainda não queria andar. Não até que a onda de vertigem passasse. Dar umas piscadinhas não fazia passar. Peter continuava andando, rastreando o ambiente como eu fizera antes, ao chegar.

— Nós vamos deixar todo mundo aí...? — perguntei, mais para mim do que para ele.

Peter viu que eu parei, voltou e segurou meu braço delicadamente. Desvencilhei-me dele e andei em volta dos corpos. Ele me agarrou de novo.

— Você não pode ajudá-los — ele torcia meu braço para cima, para me manter no lugar. O torso dele estava exposto. Eu poderia golpeá-lo e dar no pé.

O olhar severo se desfez por uma fração de segundo. Sua testa se enrugou e ele fechou bem os olhos, como se a ideia de deixar as pessoas ali fosse fisicamente dolorosa. Quando os abriu, seu rosto estava neutro. A centelha de emoção tinha sido tão breve que me perguntei se ele chegou a sentir algo.

— Sinto muito, mas temos que ir.

Acenei com a cabeça, incapaz de falar. Parte de mim, a parte covarde, estava feliz por ele me puxar. A outra parte o detestava por isso.

Atravessamos o shopping vazio rapidamente.

— Então, Peter, quem é você, exatamente? — tentei manter um tom suave, mas minha voz saiu esganiçada.

— Sou um amigo.

— Sei. Desculpa se eu não engulo essa tão fácil.

Aceleramos o passo.

— Acho que você engole, sim.

— Por quê?

Ele estava me puxando para a frente.

— Você está vindo comigo, não está?

Então ele passou a correr e eu acompanhei facilmente o ritmo. As vitrines ficavam para trás, algumas vazias, outras contendo alguns refugiados, que se agachavam e se abraçavam. Eu via de relance rostos arranhados. Escutava gemidos sussurrados. Queria ir até eles, mas Peter me impediria de novo. Uma pontada de culpa me afligia. Se ao menos eu pudesse dizer a eles que estava tudo bem, que tinha acabado... Aquela maldita energia psíquica tinha ido embora. Passei por um rapaz deitado de lado, grunhindo e apertando o braço.

— Aonde estamos indo? — perguntei, esperando que a resposta tivesse mais que três palavras.

— Primeiro, pra longe daqui. Uma coisa de cada vez.

Parei de correr. Ele deu mais alguns passos antes de se virar e estender as mãos.

— O que foi agora? — ele perguntou.

— Diga aonde estamos indo, ou vou embora.

— Estamos indo pra casa, Miranda. Você lembra onde é sua casa?

— Não...

— Imaginei. Agora venha.

Ficar para trás não era uma opção. Assim que pusemos o pé lá fora, à luz fraca do sol da tarde, um policial cantou os pneus na esquina, vindo direto em nossa direção.

O estacionamento estava amontoado de gente que tinha escapado por ali — eles se aglomeravam no meio dos carros. O homem mais próximo de nós piscou rapidamente, esfregou os olhos e fez careta olhando para o céu. Aquelas pessoas pareciam ter despertado de um pesadelo.

O policial freou bruscamente a poucos passos de nós. É claro que nos escolheu para conversar. Talvez fosse pelo fato de que estávamos bem ao lado da entrada.

Peter se virou para mim, com uma expressão dividida entre cômica e séria: — Bom trabalho, North.

— A ideia de vir por esse lado foi sua — respondi.

O policial abriu a porta e desceu do carro. Imaginei que a chamada de emergência não dera muitos detalhes, então ele provavelmente não me via como suspeita.

Ainda assim, estava ereto e tinha uma arma em punho.

— Fiquem parados — ele disse, apesar de não estarmos nos movendo.

Ele lembrava meu velho camarada C. Lyle.

— O que aconteceu? — continuou.

“Um pesadelo”, pensei. Entretanto, respondi: — Não sei. Todo mundo se apavorou e saiu correndo.

Acho que ainda tem gente lá dentro.

— Alguém está ferido?

“Sim. Por minha causa. E não apenas ferido.

Destroçado. Morto.”

Embora aflita, mantive a expressão tranquila. Se Peter conseguia, eu também era capaz.

— Não sei — Peter respondeu. — Nós nos escondemos até passar. Não sabemos o que aconteceu.

O policial acenou com a cabeça algumas vezes. Sua boca era uma pequena linha tensa.

— Certo. Quero que vocês esperem aqui. Aguardem ao lado do meu carro. Vou entrar pra checar.

— Sem problemas — Peter concordou.

O policial passou por nós e entrou. A porta suspirou ao fechar.

Sirenes de viaturas gemiam à distância, cada vez mais próximas. Tínhamos mais uns 20 segundos, no máximo, antes que as viaturas chegassem. Não existe qualquer motivo para uma viatura sair da cena de um crime para atender a outra chamada. Mas tentar ir a pé seria ainda mais arriscado; dependendo do que tivesse sido reportado às radiopatrulhas, eles poderiam querer nos parar.

— Quer dirigir? — Peter perguntou.

— Claro, por que não? — respondi. Ele não parecia nem um pouco preocupado, então fingi que também não estava.

Entramos um de cada lado da viatura, com o motor ainda ligado. Ele fechou o laptop instalado no painel do carro e desplugou os fios.

O carro estava cheirando a café velho e suor.

Acionei o câmbio, sem saber bem se me lembrava de como dirigir até o momento em que comecei, então pus o pé no acelerador.

Saímos dali sem problemas, dando uma volta ao redor do shopping e passando pelas outras viaturas com certa distância.

Felizmente, nenhuma saiu em nosso encalço.

Peter ordenou: — Vire à direita na saída do estacionamento.

E foi o que fiz.

Estávamos no sul da cidade, em um subúrbio. Eu tentava me lembrar de como chegara do centro até ali, mas não conseguia. A memória de curto prazo não estava se tornando de longo prazo; as coisas pareciam flutuar pela minha mente e gradualmente iam se apagando.

Sem aviso, Peter se aproximou e me acertou com uma seringa. Em seguida, apertou o êmbolo até a metade. Isso enquanto eu ainda dirigia.

— Ai!

Tirei a mão esquerda do volante e dei um tapa no nariz dele, então peguei a seringa e a retirei do braço. O líquido amarelado chamou minha atenção por um segundo. No momento seguinte, coloquei a agulha na perna dele e empurrei o êmbolo. Tudo isso com o volante preso entre meus joelhos, sem perder velocidade.

— Já tomei minha dose — ele falou através das mãos em concha sobre seu nariz.

— Que dose? — gritei com a voz esganiçada.

Eu estava mais chocada por ter conseguido espetá-lo com a agulha sem parar de dirigir. Não tinha ideia de como. Era mais uma ação estranha a mim mesma, como quando eu rastreava automaticamente rotas de fuga e inimigos no shopping. Nenhum pensamento envolvido, apenas movimento, o que é assustador, se você pensar a respeito. Eu não sabia o que isso significava ou como era possível. Ou que diabos havia naquela seringa.

Escorria sangue pelos punhos do Peter.

— Você não quebrou meu nariz — ele disse.

— Que pena.

— Não, isso é bom — ele discordou. — Do contrário, eu quebraria o seu.

— Você bateria em uma menina?

— Nós brigamos o tempo todo.

Peter limpou sua palma ensanguentada em minha coxa, então abriu a janela e cuspiu uma massa vermelha que fez um arco e esguichou atrás de nós na velocidade da luz.

— Eu queria te dar o remédio logo, sem ter que discutir. E você teria discutido. Além disso, o gosto é horrível, não dá para beber — ele limpou o nariz mais uma vez.

— Que remédio? — perguntei, sentindo-me um pouco mal por ter batido nele.

Virei à direita, não sabia bem por quê. Tinha pouco trânsito e o céu estava azul e luminoso. Isso me fez lembrar das claraboias no shopping, das pessoas caindo sobre o parapeito. Da voz do menino chamando pela mãe. Em vez disso, tentei focar nas faixas amarelas.

— Do tipo que ajuda a lembrar. Sou como você, Miranda. Nós somos iguais.

Eu queria acreditar nele, mas ainda não sabia o que isso significava.

Depois de alguns minutos de silêncio no carro, Peter apontou para um beco no meio de dois prédios malcuidados. Os tijolos ao nível da rua estavam manchados pela ação do tempo.

— Ali tá bom — ele disse.

— Bom pra quê?

— Pra estacionar.

Manobrei a viatura em direção ao beco, esmagando uma caixa de papelão úmida com o pneu da direita. Eu só esperava que não fosse a casa de alguém. Saímos do carro, arranhando as portas nos tijolos. Ele caminhou até a escada enferrujada de um dos prédios.

— E agora? — eu quis saber.

— Vamos subir antes que alguém nos veja. Depois vamos conversar, eu prometo.

Não me movi imediatamente, então ele pôs a mão em um dos corrimões e se recostou ali.

— Por favor, se você não gostar do que tenho a dizer, nós descemos a escada e cada um segue o seu caminho.

Combinado?

Era justo. Não acho que a minha curiosidade iria me deixar ir embora, mesmo que eu quisesse. Se é que dá para chamar a necessidade de saber quem você é de “curiosidade”.

Segui pela escada. Enquanto subia, as questões borbulhavam e clamavam por respostas urgentes.

O telhado era coberto de cascalho. Surgiam respiradouros e dutos. Eu bloqueava o excesso de sol e olhava para o norte, vendo a cidade à distância e o lago ao fundo. Naquele momento, longe do caos, uma calma familiar tomou conta de mim. Eu me sentia segura ali em cima, apesar de não confiar totalmente em Peter.

Os pedregulhos faziam barulho às minhas costas.

Era Peter que se sentava, com os pulsos apoiados nos joelhos e as costas contra uma rocha de um metro.

Metade do seu rosto brilhava, avermelhada, sob o sol; a outra metade estava na sombra. Ele passava a mão direita no cascalho, um tanto cabisbaixo, como se tivesse se esforçado para ser forte até aquele momento, mas talvez a realidade do que acontecera no shopping estivesse batendo. Ele apertou os nós dos dedos da mão esquerda entre os olhos, então piscou algumas vezes e tentou sorrir. Um sorriso como o de quem tentava esconder um dente quebrado.

Estremeci e esfreguei os braços enquanto a brisa passava cortante. Puxei a blusinha para baixo e andei até ele. Quando me sentei, vi que estava mais perto do que pretendia. Sentia o calor dele ao meu lado, apesar de não estarmos nos tocando. Não sabia como, mas ainda sentia o cheiro de rosas quando estava perto dele.

— O que eu sou? — perguntei.

Ele não enrolou.

— Seu cérebro foi desenvolvido para emitir ondas poderosas o suficiente para afetar o das pessoas à sua volta, especificamente os centros responsáveis por controlar o medo e responder a ele. Você é uma versão high-tech de contenção de multidões. Quando você tinha dois anos, um médico colheu seu sangue. Ele revelou uma anormalidade que permite sobreviver à terapia genética necessária para se tornar um Rosa. É assim que nos chamamos, porque não temos um nome.

Minhas mãos tremiam. Eu as apertava, mas não adiantava. As palavras dele quicavam em minha cabeça.

Ondas poderosas o suficiente, contenção de multidões, terapia genética. Eu deveria ter ficado no shopping e deixado o policial me levar. Deveria estar na cela de uma prisão ou — melhor ainda — em uma masmorra. Um lugar onde eu não pudesse machucar mais ninguém. Não sei o que esperava ouvir, mas não era isso.

Peter tomou minha mão entre as suas, que estavam quentes e secas e eram um pouco ásperas. Seus calos faziam cócegas. Um calafrio subiu pelo meu braço e desceu até minha barriga.

Ele continuou falando em um tom de voz calmo, dando-me tempo para processar cada ideia, apesar de eu não conseguir. Não como gostaria. Eu tentava aceitar cada uma como um fato, mas minha vontade era de levantar e gritar não!

— Um efeito colateral da terapia é a perda de memória. Nossos cérebros têm muitas conexões a mais e nossos axônios são mais espessos que os normais.

Isso significa que ficamos mais aquecidos que as pessoas comuns, com mais de 39 graus quando estamos em repouso. As injeções são para impedir danos na memória. O remédio protege o cérebro para que toda essa energia extra circulando não nos frite. Agora, com o remédio no seu sistema novamente, você vai poder reter as lembranças.

Ele deu um tempo para as informações assentarem.

As palavras se embaralhavam em minha cabeça, algumas delas novas para mim. Axônios, por exemplo.

— Vou recuperar as lembranças antigas? — perguntei baixinho.

Ele ficou em silêncio por um momento.

— Não sei.

"Melhor que não", pensei na hora, mas ainda me sentia muito mal.

Mais silêncio. Eu quase podia ouvi-lo imaginando se eu ia aguentar saber do resto.

— Alguém adulterou suas injeções. Sabemos quem.

Dois de nós, dois dos nossos amigos, nos deixaram. Eles fugiram. Não sabemos por quê. Agora eles estão desaparecidos. O dr. Tycast achou que você tinha escapado com eles, mas não acreditei. Eu tinha um jeito de descobrir onde você estava, então fui atrás.

De repente, tudo me pareceu um exagero. Terapia genética? Remédio para memória? Amigos fugindo, amigos que eu nem conheço, com rostos de que não me lembro? Levantei-me, arrancando minha mão das mãos de Peter.

— Quem é nós? Quem é dr. Tycast? — essas não eram as únicas perguntas, mas presumi que eram as de respostas mais fáceis de digerir.

— Nós... nós significa quatro pessoas. Você, Noah, Olive e eu. E as pessoas que nos ensinam. Isso é o que nós somos.

— Você sabe que isso não quer dizer nada pra mim — eu respondi.

Quando eu estava no shopping, queria respostas.

Naquela hora não tinha mais certeza do que queria.

Abaixo de nós, carros cantavam pneus ao parar na entrada do beco. As portas dos carros se abriam e se fechavam. Os policiais provavelmente rastrearam a viatura roubada com GPS. Mas nós estávamos seguros ali em cima. Pelo menos eu achava. Eles não imaginariam que um ladrão de carros subiria no prédio bem ao lado do veículo roubado. Aquela agitação na rua logo se tornou distante e desimportante.

— E qual o objetivo disso tudo? De nós e de tudo o que você está me contando?

Peter fechou os olhos, como se estivesse considerando as palavras com todo o cuidado.

— Imagine ser jogada em uma zona de guerra e assustar todo mundo a ponto de fazer todos se renderem. Sem morte. Sem derramamento de sangue.

Com gente o suficiente como nós, dá pra render uma cidade inteira.

Ele parecia se espantar com as próprias palavras, como se as estivesse reproduzindo de outro lugar e só então percebesse o quanto eram falsas. “Sem morte?

Sem derramamento de sangue?”

Fiquei de pé olhando para outro lado, com as mãos na cintura, enquanto a brisa ondulava os pelos finos dos meus braços. Não fazia sentido. Eu tinha visto o pânico no shopping. Em uma escala maior? Morte e derramamento de sangue.

Se balas e bombas eram a alternativa ao meu poder, eu não saberia dizer qual era pior.



OS POLICIAIS GRITAVAM UNS COM OS OUTROS ALI EMBAIXO. Pés apressados se moviam sobre o pavimento.

— Onde estão meus pais? — perguntei.

Peter lambeu os lábios e olhou para o cascalho ao redor de seus pés.

— Eles abriram mão da sua guarda. Para um bem maior, acho. Os meus também.— Eu os conheci? — Não. Você era muito criança.

Para um bem maior. Imaginei pais sem rosto me entregando para terapia genética. Como tudo até então, aquilo não fazia sentido. O vazio no meu peito estava de volta.

— Como você sabe que essas pessoas não me tiraram dos meus pais à força? Eu posso ter sido sequestrada.— Antes você sabia e aceitava. Tem que aceitar de novo.

Não. Eu não tinha que aceitar. Estava bem claro para mim que qualquer um, mesmo Peter, teria muito trabalho em me forçar a qualquer coisa.

— Nós somos a sua família — ele disse. — É o que somos há anos. Desde pequenos.

Nós. Os quatro. Família, ele disse. Eu pensava que ninguém se esquecia da família.

Dei as costas. Meus cílios capturavam uma lágrima e pisquei para liberá-la. Os músculos da minha barriga estavam rígidos. Coloquei uma mão neles e tentei relaxar, respirando pela boca. Isso tomou alguns minutos, mas depois voltei para a realidade. Precisava aceitar o que eu estava escutando porque vira uma prova. Vi aquele shopping vazio com os meus próprios olhos. O que eu sentira na cabeça não podia ser coincidência.

— Vou recuperar a memória? — perguntei novamente.

Ele não falou nada. Vi a resposta em seu rosto.

Tentei fazer piada, como se minha esperança fosse uma besteira, mas o vazio dentro de mim aumentava, ameaçando me engolir.

— Acho que não sei o que tô perdendo, não é?

— Vai ficar tudo bem, Miranda.

Exatamente o que eu queria ouvir. Se ao menos eu conseguisse acreditar...

A expressão dele era verdadeira. Nenhuma pista que me mostrasse que

ele era louco, ou que eu era louca, ou que nós dois éramos. Apenas aquela calma estável, aqueles olhos que não se esquivavam.

— Você vem pra casa comigo? — ele perguntou, por fim.

Como antes, não havia escolha. Não se eu quisesse saber mais.

Acreditei e descreditei no que ele me informou em seguida.

— Nós vamos pular por cima dos telhados.

Acreditei porque eu não via outra maneira de sair dali e aquilo pareceu fisicamente possível pra mim — mas não acreditei porque, bem, era insano.

Ele sorriu ao notar minha apreensão.

— Então vou primeiro.

E foi o que ele fez. Correu até a ponta do telhado, fincou um pé na beirada e se arremessou por cima do beco. Deslizou no telhado seguinte, virou para trás e acenou para me chamar. Ele fez tudo parecer mais fácil do que pular uma poça de água.

Tudo o que ele conseguia fazer, eu fazia melhor. Pelo menos era o que eu esperava. A única maneira de descobrir era deixar rolar. Engolindo o medo e a lucidez, corri para a beira do telhado e saltei. Mantive os olhos para a frente enquanto os pés patinavam sobre uma pista invisível, o vento soprava nos ouvidos, então pousei, com os pés plantados no telhado seguinte. E não parei.

Corríamos e furávamos o ar no alto. Sem esforço.

Pulávamos de telhado em telhado, revezando quem ia na frente, indo para uma direção que nós dois parecíamos conhecer. Qualquer medo ou dúvida virou apenas uma lembrança... uma vaga lembrança.

Senti a pulsação nos olhos e ouvidos quando Peter desacelerou. Algumas das pedrinhas que ele chutou sem querer acertaram minhas canelas. Ele deslizou em uma última parada e quase trombei nele. Eu me mantive em pé com uma palma nas costas dele. Instantaneamente quis tirar a mão, mas ele fingiu não perceber e eu quis evitar constrangimento.

— Por aqui — ele chamou.

O crepúsculo chegara, o céu arroxado com nuvens finas que pareciam de leite. Da beirada do prédio, espiei o beco abaixo. Muito, muito abaixo. Daquela altura, os sacos pretos de lixo empilhados pareciam uns M&Ms nojentos.

— Consegue? — ele perguntou.— O que você quer dizer?

Ele se lançou da beirada e chegou à parede de tijolos do lado oposto, um metro e meio abaixo. Suas mãos e seus pés tocavam, depois empurravam, planavam de volta para o prédio em que eu estava. Ele só relava na parede e fazia de novo, quicando de volta para o outro lado, um pouco abaixo. Eu o observava indo e voltando, ficando menor e menor. Lá embaixo, ele tombou em

uma pilha de sacos de lixo.

Um dos sacos se abriu, espalhando lixo pelo beco.

Conseguí ver seu sorriso branco lá daquela altura.

— Sua vez! — ele gritou através das mãos em concha.

Suspirei. O medo estava de volta, mas meu palpite era de que ele evaporaria assim que eu começasse. Além disso, agora a insegurança tinha uma nova companheira: uma noção de equilíbrio estranha e bem-vinda no fundo do meu ser. Gostei daquilo. Eu não sabia quem eu era, mas certamente era alguém impressionante. Firmei a mão na beirada e me joguei. Atingi a parede oposta como Peter, agarrei-me ali por um instante, então empurrei o corpo e planei de volta de um prédio para o outro.

Calculei mal a distância e caí muito rápido — e meu coração voou até a boca. Peter gritou alguma coisa.

Cheguei à parede, mas as mãos e os pés escorregaram, arranhando os tijolos. As janelas passaram correndo pelo meu rosto e bati as mãos no peitoril. Cravei os dedos ali com tanta força que sangraram. Eu me pendurei na lateral do prédio por um momento, com os dedos ardendo.

— Boa! — Peter gritou lá do chão.

Arrisquei-me a olhar para baixo. Ainda estava muito alto.

— Ei, tem uma escada pra descer! — o Peter gritou de novo. — Sério?

Ele riu.

— Não. Continue assim.

Foi o que fiz. Engoli a insegurança que ainda pesava em meus pulmões e respirei fundo.

— Consigo fazer isso — sussurrei e me lancei pelo espaço, girando. Agarrei a janela abaixo e fiz o mesmo com a seguinte.

Em pouco tempo, eu estava embaixo. Caí nos mesmos sacos de lixo que Peter, então rolei para longe e me levantei. Não havia qualquer traço de preocupação ou medo nos olhos dele — ele tinha plena confiança de que eu me sairia bem.

— Como fiz isso? — perguntei. — Ou melhor, por que consigo fazer isso?

Peter sacudiu os ombros como se isso fosse natural.

— Eles querem que sejamos capazes disso tudo. Dar o poder a nós não é suficiente, precisamos de habilidade para nos livrarmos de situações hostis. — Eles. Você quer dizer os nossos professores?

Ele acenou lentamente com a cabeça.

— Sim. Os nossos professores.

Eu queria mais. Alguma explicação sobre minha existência, alguma pista

do meu passado. Isso estava me deixando enjoada novamente e, de repente, fiquei grata por toda aquela correria e pulos. Pelo menos enquanto se mantém foco absoluto nos movimentos e na precisão, dá para esquecer um pouco daquelas coisas terríveis.

Peter deve ter visto o olhar em meu rosto, e o sorriso dele se apagou. Ele passou o braço em volta dos meus ombros e me guiou para fora do beco, abraçando-me com força.

— Vamos, Miranda. Vamos pra casa.

Claro, como se eu soubesse onde era minha casa.

Logo descobri: a floresta era o meu lar.

Encontramos um Chevrolet Cavalier com as chaves ainda no contato. Peter disse que esse tipo de carro é bom de roubar porque não chama atenção. Eu me surpreendi por um segundo ao notar que roubar um carro não provocava nenhuma grande objeção moral em minha consciência.

Dentro do carro, perguntei ao Peter por que eu não me sentia mal.

— Seu treinamento ensinou você a pegar o que for preciso pra completar uma missão. Nossa missão é te levar pra casa em segurança.

Pelo jeito era isso mesmo.

Ele dirigiu em direção ao Sul, afastando-se da cidade, até as estradas ficarem margeadas por árvores em vez de prédios desgastados. Passamos por algumas vacas e campos de milho. Pouco depois, o arvoredo ficou mais denso, dominando a estrada. Passaram-se mais dez minutos e Peter se inclinou para a frente e olhou para a floresta.

— Ali — ele disse, e atravessamos uma trilha de terra quase invisível que levava ao bosque.

O Cavalier se chocou contra pedras, elevações e buracos por mais de um quilômetro. No fim do caminho, a floresta aparecia novamente em toda sua plenitude.

Mas ainda não havíamos chegado. Peter guiou o Cavalier no meio dessa ilusão até uma trilha mais escura que durou mais um quilômetro e meio. Não falamos muito — eu apenas olhava pela janela e observava as árvores. Até que, sem querer, a mão dele esbarrou em minha coxa depois de uma troca de marcha. Dei um pulo, como se ele tivesse me espetado.

— Tá sacudindo muito? — ele perguntou e sorriu.

Parecia estar tentado suavizar a situação.

— Só tô nervosa, acho — e estava, não tendo nada com que contar, a não ser as palavras dele.

Tudo aquilo poderia ser uma armadilha. Para quê, eu não sabia. Mas Peter não exibia nenhum sinal de que estivesse mentindo. Os olhos não se

esquivavam e as mãos não ficavam se remexendo. Eu não podia dizer que confiava nele, mas era o suficiente para me manter dentro do carro.

Nossa casa era térrea, de concreto e camuflada na floresta. O teto estava coberto de vegetação para enganar aviões ou helicópteros. Peter estacionou por perto, então percebi que aquela construção era uma garagem, ocupada por alguns carros e motocicletas. Do telhado, éramos vigiados por uma sentinela automática, que rodava e zumbia, movida por pequenos motores. O cano duplo da arma parecia grande o bastante para nos cortar ao meio, inclusive o Cavalier.

— Nós moramos debaixo da terra — ele disse.— Ah. Pensei que fosse nos carros.

Ele não deu nem uma risada de cortesia. O calor subiu por meu pescoço. Ele não deveria ser capaz de me deixar constrangida.

— O que eu disse foi engraçado — insisti.— Eu sei. Mas já ouvi essa piada antes. Suspeito que vou ter que ouvir todas de novo.

Essa doeu. Ele deve ter notado, porque em seguida acrescentou: — Não que eu me importe.

Andamos até um quadrado destacado no chão metálico.

— Existem coisas piores — eu disse.— Eu sei — ele concordou. Luzes brancas se acenderam no quadrado. — Mãos pra dentro, por favor.

O quadrado desceu lentamente. Assim que as paredes nos cercaram, Peter se voltou para mim e pôs a mão em minha nuca. Ele virou a minha cabeça para trás para que eu o olhasse direto nos olhos.

— Não sei o que vai acontecer ali embaixo — ele avisou. Seus dedos queimavam a minha pele. Fiquei no impasse entre a vontade de afastá-lo e a de continuar assim. Não sabia por quê. Eu me perguntava se conseguiria afastá-lo, se era tão forte quanto ele.— O que pode acontecer? — perguntei.— Eu não sei. Você estava fora do sistema. Rastreei você por meio de um chip que tem debaixo da sua pele.

Um chip debaixo da minha pele? Duvidei que teria consentido com aquilo. Podia não conhecer a mim mesma, mas eu não parecia ser do tipo que aceita ser vigiada. Mas ele me encontrou, essa parte era importante. Eu ainda podia estar vagando pelo shopping, machucando inocentes.

O elevador continuava descendo. Já estávamos a alguns andares abaixo do solo, àquela altura.

Ele passou o polegar sobre minha orelha e me soltou.

O suor era tanto que dava coceira em minha nuca; talvez me deixar levar para esse buraco não fosse a melhor ideia.

— Você podia ter me contado antes — falei.— E mesmo assim você teria vindo comigo?

Boa pergunta.

— Sim. Não sei.— Depois que o Noah e a Olive fugiram, o Tycast pode estar desconfiado. Fique calma. Vou estar com você o tempo todo — ele me ofereceu outro sorriso, mas ficou claro que também estava preocupado.

O elevador foi revelando lentamente uma porta pesada de metal, depois parou. Nossa respiração ecoou.

Era tarde demais para voltar. A superfície era apenas um pequeno quadrado de luz tênue no alto, bem longe.

Ouvimos um estrondo na porta, seguido de um som de metal rangendo que durou dois segundos. Então, outro estrondo.

A porta deslizou da direita para a esquerda. Enquanto abria, vimos muitas, muitas armas apontadas em nossa direção.



APARTE MAIS ASSUSTADORA DO MEU CÉREBRO ASSUMIU o comando. A parte que faz meu corpo reagir primeiro e pensar depois. Tudo o que eu via era ameaça.

Quatro homens, todos de preto, com trajes à prova de bala e capacetes de metal. Poderiam se passar por robôs. Os capacetes pareciam de motoqueiro, mas eram menores e talvez mais desconfortáveis. Visores estreitos e pretos cobriam seus olhos. Cada um carregava o que reconheci como UMPs H&K — aquelas submetralhadoras leves e feiasas.

O fato de eu saber o que eram me impressionou.

— Peter, me lembrei de uma coisa.

Ele deu um passo à frente, bloqueando a linha de fogo. No meio dos quatro homens de capacete havia um bem mais velho. Ele não estava usando colete nem capacete. Em vez disso, vestia um jaleco branco, com os bolsos carregados ondulando o tecido. Exibia um bonito cabelo grisalho penteado para trás e uma faixa na cabeça, do tipo que se usa para ginástica, porém feita de plástico preto. Eu não sabia quem era aquele homem, mas senti uma afeição imediata.

— Pra que isso? — Peter quis saber. — Doutor, é a Miranda.

O doutor ergueu as mãos, mostrando as palmas. Os demais homens pareciam estátuas.

— Ela saiu da reserva, Peter. Isso é uma precaução.

Você esperava por isso, tenho certeza.

Peter se contraiu por um momento, depois acenou lentamente, consentindo. Deu um passo para trás, deixando o ombro ao lado do meu.

O doutor foi até o elevador.

— Miranda, sou o dr. Tycast. Você se lembra disso?

— Não.

Ele assentiu com a cabeça.

— Precisamos te deter. Podemos fazer isso sem resistência?

— Sim — respondi. Que escolha tinha? Não conseguiria fugir.

Ele ergueu dois dedos e metade dos homens que seguravam as armas nos deixaram. As botas ressoaram pelo corredor.

O dr. Tycast pousou uma mão no ombro de Peter.

— Obrigado por trazê-la de volta. Vá para o quarto.

Eu vou em breve.

— Senhor — Peter disse —, com todo o respeito, vou ficar.

Os olhos do dr. Tycast se enrugaram quando ele sorriu.

— Com todo o respeito?

Peter sustentou o olhar por mais alguns segundos.

— Senhor...

— Boa noite, Peter.

Peter suspirou e seguiu para o elevador. A mão esquerda estava de punho cerrado.

Meu coração martelava no peito. Mesmo que eu não confiasse no Peter antes, confiava muito mais nele do que em qualquer outra pessoa. Sentia-me nua sem ele.

O dr. Tycast percebeu.

— Relaxe. Você vai vê-lo de novo. Pode não acreditar nisso agora, mas há alguns dias você confiava em mim sem piscar. Venha comigo.

Ele tomou meu braço e me guiou para fora do elevador. Os homens com as UMPs e os capacetes macabros marcavam os passos atrás. O corredor era apertado e simples, cinza, com luzinhas incrustadas no chão que nos mostravam o caminho. O teto, estreito de ponta a ponta, era um painel de luz, de brilho uniforme, iluminando cada centímetro.

Minha cela era a primeira à direita. Cela porque imediatamente fomos trancados ali dentro. A grande porta de metal fechou e um ferrolho foi posto no lugar, seguido de um zumbido estrondoso.

O dr. Tycast puxou uma das duas cadeiras junto à mesa de metal.

— Sente-se.

Esperei apenas o suficiente para fazê-lo saber que eu não ia obedecer prontamente. Então me sentei.

Um espelho grande dominava a parede atrás de mim.

Era impossível não me sentir vigiada. Atrás do doutor havia uma parede diferente das outras, como se fosse coberta por um filme.

Ele juntou as mãos e olhou para mim. A cadeira estava fria e roubava calor das minhas pernas e do meu traseiro.

— Posso tirar essa faixa da cabeça? — perguntou.

— Claro. Não está mais na moda.

Ele soltou uma risada discreta que se resumia a uma expiração pelo nariz.

— Você não é de fazer piadas quando não está à vontade, Miranda.

— Acho que eu não sabia disso — a curiosidade aflorava meu melhor

lado. — E pra que é essa faixa na cabeça? — perguntei, apesar de achar que sabia a resposta.

— Isso bloqueia a energia psíquica que você emite.

Não tão bem quanto os capacetes, mas o suficiente. A gente desenvolve uma tolerância depois de tanto tempo de exposição. Entretanto, para quem não está acostumado, ficar ao lado de um Rosa já é o suficiente para sentir desconforto. Por causa da energia residual.

Mas você não vai usar seu poder contra mim, vai?

— Não.

— Que bom — ele tirou a faixa da cabeça e a colocou sobre a mesa.

A faixa se contraiu em um círculo pequeno o bastante para se guardar no bolso. Ele continuava sorrindo de maneira familiar. Meus ombros relaxaram um pouco. Remover a faixa foi um gesto de confiança.

Ele estava vulnerável.

— Do que você se lembra? — perguntou.

Do que eu me lembrava? Boa pergunta. Eu me lembrava de ter acordado no banco. Eu me lembrava de ter encontrado Peter, com quem me sentia segura embora fosse óbvio que eu pudesse tomar conta de mim mesma. Eu me lembrava do shopping. Das pessoas e da gritaria. Da voz do menino. Do homem caindo. Do sangue e dos ossos quebrados.

Como os sobreviventes explicariam aquilo? Quando eles se recuperassem, o que iriam dizer?

Quem falaria com as famílias dos mortos?

Engoli em seco mais uma vez, lutando contra a ânsia de vômito. Não queria falar do que eu me lembrava.

— Deixe-me ajudar você — disse o dr. Tycast.

Atrás dele, a parede cintilou. Era uma tela enorme, que começou a exibir um vídeo. Eu via um quarto estreito, mas comprido. Do outro lado, uma grande porta de aço. No meio do quarto, beliches dispostos junto às paredes, à esquerda e à direita, um de cada lado. Aos pés de cada cama viam-se dois pequenos baús. Havia espaço livre entre as camas e mais longe da porta, próxima à câmera, encontrava-se uma mesa grande cercada por cadeiras. Para uma gravação de segurança, a definição da imagem era excelente.

Fiquei esperando por algum estalo na mente, algum detalhe que eu reconhecesse. Mas para mim era só um quarto. Havia um tapete entre as camas. A cada manhã, devia ser a primeira coisa que meus pés tocavam. Não sabia se era grosso. Ou se eu costumava senti-lo com os pés descalços, ou se dormia de meias.

Nesse vídeo, eu estava dormindo em meu canto, na cama de baixo do

beliche à esquerda. Um menino estava de joelhos ao meu lado. Primeiro pensei que fosse o Peter, mas era magro demais. Não menor, apenas mais esbelto. E em vez de um cabelo preto como a noite, o dele era da cor do trigo, e o corte era mais rente. Ele estava com a mão em meu rosto. Minha mão, por sua vez, movimentou-se e tocou a ponta do nariz dele com um dedo.

Ele se inclinou e parou com os lábios a um centímetro de distância dos meus. Ficou provocando assim, até que finalmente sorriu, e eu me inclinei para a frente e dei um selinho nele. Nós dois sorrimos silenciosamente porque a cama de cima e a da frente estavam ocupadas por formas volumosas. Então nos beijamos de verdade. A boca dele passeava dos meus lábios para o queixo, e de lá para o pescoço e para o vão entre as clavículas.

Eu engolia em seco ao assistir, sentindo o calor surgir no meu estômago e se espalhar.

O menino me deu um último beijo, voltou ao seu beliche, subiu para a parte de cima e se enfiou debaixo das cobertas. Na tela, eu me revirei toda ao puxar o cobertor até o pescoço.

O vídeo foi acelerado enquanto nossos corpos continuavam imóveis, até que, quatro horas depois, de acordo com o marcador, o menino desceu lentamente da cama. Ele se esgueirou até mim. Colocou uma mão sobre a minha bochecha e eu abri os olhos.

— Quem é você? — perguntei, no vídeo.

Ele pôs um dedo sobre seus lábios.

— Shh, Miranda, sou eu. Olhe pra mim.

Olhei pra ele por alguns segundos, então lentamente balancei a cabeça.

— Onde estou?

— Quero que você venha comigo — ele pediu, ajudando-me a sair da cama.

Ele me conduziu pelo quarto. Minutos depois, uma menina de cabelos pretos desceu do meu beliche e foi, na ponta dos pés, até uma pessoa que devia ser o Peter.

Ela espetou alguma coisa no pescoço dele. Ele avançou para cima dela, mas caiu quase imediatamente. Ela beijou a ponta dos próprios dedos e os encostou na testa dele.

Então ela saiu e o quarto ficou vazio, exceto pelo Peter.

O vídeo foi pausado.

— Você se lembra de ter fugido com o Noah? — o dr. Tycast perguntou.

Noah. O menino que me beijara. Repassei a imagem, minha cabeça se inclinando para trás para lhe dar acesso mais fácil a meu pescoço. Eu não sabia o que pensar.

Não conseguia me lembrar de nada daquilo. Não conseguia me lembrar da sensação dos lábios dele, do cheiro da pele. Ou do que sentira quando nossos olhos se encontraram.

o o o

— Miranda? — o dr. Tycast me chamou.

— Desculpe. Não.

Ele tirou os óculos e esfregou os olhos com tanta força que estremei.

— Isso é porque ele estava adulterando suas injeções de memória havia dias. Presumo que Peter já explicou.

— Sim.

— Está bem. Você voltou ao tratamento, então vai poder reter novas lembranças. Não tenho certeza, mas receio que o que foi perdido não voltará.

— Não importa — eu disse.

Os olhos dele se arregalaram.

— Não? Por que não?

— Porque eu não posso mudar o que já foi feito — não sabia dizer se eu falava isso para valer; as palavras vinham automaticamente. Mas eu ouvia a verdade contida nelas, por mais difícil que fosse aceitar. Eu não posso recuperar as lembranças. Isso me dava frio. Uma sensação de desamparo.

Ele sorriu com certo cansaço. O sorriso de um pai.

— É verdade. Você sempre foi a que melhor lidava com mudanças. Os outros se apegam mais ao que se foi, em vez de aceitarem o que é.

Absorvi aquilo, tentando juntar aos poucos alguma coisa sobre mim.

— Doutor, por que eu posso me lembrar de algumas coisas e não de outras? Por que eu sei o que é um segurança de shopping, mas não me reconheço no espelho?

O dr. Tycast acenava com a cabeça enquanto eu falava.

— Existem diferentes tipos de memória, Miranda. As injeções de memória que você toma combatem a deterioração de parte da memória de longo prazo. Você se lembra do seu nome, mas não de como celebrou seu aniversário de 14 anos. Você não se lembra da primeira vez em que derrubou o professor de artes marciais.

Eu não tinha nada a dizer. Ficamos em um silêncio que poderia ser amigável em circunstâncias diferentes.

O dr. Tycast recolocou os óculos.

— O Noah e a Olive levaram você. Eles puseram um dos meus homens em coma. Se você se lembrar de alguma coisa, quero que me conte.

— Não me lembro. Eu gostaria de lembrar.

— O Noah era seu namorado — ele disse.

— É? — eu falei, quase sussurrando. Eu não queria acreditar nisso.

O telão acendeu novamente. A "eu do vídeo" estava sentada em uma escrivaninha, aparentemente olhando para uma câmera de notebook. Os dedos dançavam sobre o teclado e, de repente, tocaram meu lábio inferior.

Atrás de mim, Noah se aproximou e puxou minha mão para baixo.

— Pare de fazer isso — ele disse.

Ele era lindo. Meus olhos percorreram do seu queixo largo até os lábios. Tentei me lembrar de como era senti-los, mas, de novo, nada. Ele olhou para a câmera e para mim, sentada ao lado na cadeira gelada.

— Aqui quem fala é Miranda e Noah e estamos fazendo uma transmissão pós-missão — Noah disse.

— Sim, porque somos preguiçosos demais para cada um fazer uma.

— Então nós juntamos as duas em uma — Noah falou, sorrindo.

Explicamos sobre alguma missão de treinamento em que nos dividimos em equipes para encontrar um globo de neve usando pistas espalhadas pela cidade. Nenhum de nós ficou impressionado com a missão. Noah, líder da equipe, fez algumas piadas sobre o Peter, líder da equipe adversária. Cada uma era formada por apenas duas pessoas e fizemos piada sobre isso também.

Derrotamos a do Peter. Noah mencionou o nome da menina de cabelo escuro: Olive.

Eu não sabia como podia não ter lembranças dele.

O vídeo terminou abruptamente e eu recuei.

— Achamos que, de certo modo, ele tentou te manter em segurança. Levou a Olive, mas deixou você fora dos planos, onde quer que estejam. Ele acha que algo vai acontecer.

— O que vai acontecer? — perguntei.

Dr. Tycast ergueu os ombros.

— Essa é a sua missão. Descobrir o quê. Vá falar com Peter. Eu vou orientar vocês amanhã de manhã — ele apoiou as mãos abertas na mesa. — O que aconteceu no shopping não foi sua culpa. Por enquanto, preciso que você coloque isso na cabeça. Nós vamos cuidar das famílias. Entendeu?

Ouvir essas palavras não ajudou, mas eu fiz que sim.

O dr. Tycast fez um gesto para se levantar.

— Espere — eu disse. — Me conte qual é o objetivo desse lugar. Qual é o meu papel. De verdade.

Ele me estudou enquanto escolhia as palavras.

— Você é parte de um experimento. Para obter paz por meio do caos. Você é a esperança de um futuro melhor.

— Isso soa clichê, doutor.

Ele assentiu com a cabeça.

— E muito. Mas esse é um dos sacrifícios que fazemos.

Ele saiu da cela, que agora passava a ser apenas uma sala. A porta ficou aberta.

6



CHUVA. OU MELHOR, TEMPESTADE. UM TEMPORAL. UM beco escuro. Atrás de mim, um som metálico agudo. Eu me atirei ao chão e senti alguma coisa passando por mim, puxando meu cabelo.

Uma teia de aranha feita de arame estava suspensa em uma parede de tijolo a seis metros. Estavam atirando teias em mim.

Levantei-me e saí correndo. Outra vez o som metálico.

Eu me joguei para a esquerda. A teia passou por mim, ainda recolhida. Ela se desdobrou no meio do ar e acertou uma janela. A janela se estilhaçou e o vidro atingiu minha roupa.

Abri os olhos.

O beco se foi, substituído por um corredor subterrâneo. A porta da nossa base estava logo adiante.

Fiquei ali por um instante, abraçada à parede com as pontas dos dedos esticadas. Uma lembrança? Tycast não disse que era impossível. Fiquei quase furiosa por não ter sido uma lembrança de um momento mais tranquilo, sobre as pessoas da minha vida. Precisava ser alguma missão estúpida de treinamento?

Uma missão de treinamento que parecia real. Ou, ao menos, o medo era real. Mas acho que esse era o objetivo do treinamento.

As imagens desapareceram assim que encostei na porta de metal, pintada com uma grande rosa de um metro e vinte de altura. Embaixo, Olive assinara o próprio nome em tinta fluorescente e letra sinuosa.

Abri a porta e cheguei ao quarto exibido no vídeo.

Havia um tabuleiro de xadrez sobre uma mesa redonda, com as peças brancas deitadas, e de resto era tudo igual, mas de uma perspectiva diferente. Ao fundo havia uma geladeira e quatro armários pequenos, e uma porta que presumi que levaria ao banheiro.

A câmera estava instalada logo acima da geladeira, apontada diretamente para mim. Só então me dei conta de que aquilo gravou o beijo que Noah e eu trocamos.

Ou um amasso, ou não sei bem o que era. Acho que nós apenas... nem

nos importávamos.

Na cama de baixo à esquerda, Peter estava apagado, de barriga para cima, com um braço dobrado sobre os olhos. Eu o observei por um momento, enquanto sentia o tapete sob os pés. Era macio, não áspero. Vi que Peter tinha uma cicatriz no queixo — uma pequena linha branca. Tive que me conter para não me inclinar e tocá-la. Parte de mim queria acordá-lo e perguntar sobre as teias de aranha, o beco escuro, a chuva.

Sacudi a cabeça e subi na minha cama. Puxei os lençóis sobre o rosto e esperei o sono chegar.

Quando adormeci, sonhei. Noah estava em meu beliche e estávamos quietos porque os outros dormiam. Sabíamos que aquilo era contra as regras. Senti os dedos dele traçarem círculos preguiçosos na pele das minhas costas. Seu hálito chegava quente em minha orelha e ele perguntou se podíamos, mas claro que a resposta era não. Ele soltou um gemido decepcionado e deu um beijo em um ponto macio abaixo da minha orelha.

— Por quanto tempo você vai me fazer esperar?

O quarto mudou antes que eu pudesse responder. De repente, eu estava jogando xadrez com a Olive. Ela se inclinou sobre as peças, mordendo o lábio. Noah e Peter treinavam golpes sem muita força no espaço entre as camas.

— Não se preocupe — eu disse a Olive. Apesar de não saber especificamente do que eu estava falando.

— Foi um erro estúpido — ela falou. — Não é à toa que estou sempre em quarto lugar.

— Ei, eu sou sempre a terceira. É só uma a mais que a quarta.

Olive apoiou o rosto no punho.

— Você sempre é a segunda. Não finja que o Noah é mais rápido que você. Ou mais esperto.

Eu sorri, avançando o bispo para a metade dela do tabuleiro.

— Bem, ele chora se não ganhar.

— Eu ouvi isso — Noah reclamou, agachando sob um dos chutes do Peter. — E é claro que o nosso fabuloso líder tem que ser o melhor em tudo — era uma piada, mas carregava certa acusação.

Peter gargalhou. O quarto mudou de novo, metamorfoseando-se em um dos corredores de pedra.

Nós quatro, encurralados em um canto, pegos no flagra.

Phil estava ali, de braços cruzados sobre o peitoral enorme. Ele tinha uma barbicha ruiva e uma cabeça lisa e brilhante.

— Aonde vocês pensam que vão?

Olive tomou a dianteira. Ela sempre tivera mais influência sobre Phil.

Não era a lutadora mais forte, mas era a que se comunicava melhor.

— Vamos dar uma volta, Sifu — apenas Olive o chamava sempre de Sifu. Em chinês, significa mestre.

— É meia-noite — Phil disse.

— Nós só queremos ir lá fora — Olive continuou, dando o seu sorriso mais enternecedor.

Phil tentou sustentar uma cara feia, mas desistiu.

— Voltem antes do nascer do sol, ou o Tycast vai engessar meu traseiro — Phil sempre usava essa frase, que resultava em uma imagem mental perturbadora. — Temos uma missão amanhã pela manhã, então nada de caras de sono.

A palavra missão nos fez gemer em uníssono, mas na real estávamos empolgados. Treinávamos sem parar, ou tínhamos aulas, mas de vez em quando Phil nos levava a caças ao tesouro pela cidade ou nos arredores.

Eu adorava sair, esticar as pernas, ver o céu.

Noah deu uma palmadinha no peito do Phil.

— Não me diga que você está com medo do bom e velho dr. Tycast.

Phil balançou a cabeça e deu um sorriso amarelo.

— Aquele homem é apavorante.

O corredor mudou. Estávamos em uma estação de trem, naquela mesma noite, correndo ao lado de um trem em movimento. Pulamos na ponta do último vagão, então subimos para o topo e surfamos no trem pela noite quente e úmida, iluminados apenas pela lua branca.

Aquilo era alegria e liberdade.

A cena mudou novamente. Eu estava na sala de aula.

Nós quatro estudávamos Cálculo, depois História, depois Economia. Phil era quem dava a aula. Quatro cadeiras, quatro carteiras, quatro estudantes. Era sempre assim.

Na aula, tínhamos que aprender rapidamente o conteúdo, para voltarmos logo ao treinamento físico. Ninguém conversava, era só leitura e provas. Phil nos aterrorizava ao dizer que os cidadãos comuns ficavam nas escolas por mais de sete horas todos os dias e aprendiam menos.

Nós tínhamos que dar conta em três horas.

De repente, eu estava em uma academia de ginástica.

Phil demonstrava um arremesso com Olive, então praticamos uns com os outros até ficarmos sem fôlego.

Mais uma mudança. Eu estava em uma lanchonete que funcionava 24 horas. Nós quatro em uma mesa.

Noah e eu de mãos dadas sob a mesa. Era a mesma noite em que

surfamos o trem.

Alguns garotos estavam comendo hambúrgueres e batatas fritas na mesa ao lado. Um sussurrou uma piada e todos eles riram olhando disfarçadamente para nós, até eu fazer contato visual com um. Aí pararam.

— Alguma vez você já quis ser normal? — Olive perguntou ao morder uma batata.

— O que é normal? — retruquei.

Olive deu uma cotovelada de leve na costela do Peter.

— O que é normal, Líder Destemido?

Ele riu, balançando a cabeça.

— Eu queria que vocês parassem de me chamar assim.

Noah estava bebendo e chegou ao fim da Coca-Cola.

— Mas você não consegue evitar ser o mais forte e o mais rápido.

Peter sorriu.

— Você quer tirar um braço de ferro de novo?

Noah soltou um pequeno gemido.

— Não, obrigado — ele esfregou o braço. — Ainda está doendo.

Nem tinha graça, mas estávamos meio bobos pela adrenalina da fuga, então rimos. Apesar de nem ser uma fuga, já que Phil tinha nos visto. Noah apertou minha coxa debaixo da mesa.

— Prontos pra voltar? — Peter perguntou. — Tá quase amanhecendo.

— Só mais um pouquinho — pedi.

Não vi o que aconteceu em seguida.

Quando acordei, eu me senti vazia e cheia ao mesmo tempo; as lembranças ficaram para trás, mas permaneceram dentro de mim. O rápido vislumbre do meu passado me deixou querendo mais.

Então me agarrei à última lembrança. Eu estava ali na lanchonete, mas não conseguia me lembrar de como me sentia. Eu vi Noah, Peter e Olive, mas eles eram apenas pessoas. Noah segurava minha mão. Gostava daquilo.

Certeza que sim.

Nada respondia à questão de quem eu era, porém agora sabia um pouco mais. Já era alguma coisa.

Ao mesmo tempo, não era nada. Os fragmentos não traziam compreensão suficiente. Eles vinham e iam rápidos demais para realmente vivenciá-los, ou para guardá-los comigo. Era como um filme sobre a vida de alguém que eu não conhecia. Quanto eu podia aprender com algumas cenas curtas?

Talvez se mais peças viessem eu teria uma noção. Se peças suficientes aparecessem, talvez eu pudesse capturá-las.

Suspirei, joguei as cobertas para o lado e me sentei na cama. Recuperar

algumas lembranças deveria tornar tudo melhor, mas só confirmava que havia mesmo uma vida ali que costumava pertencer a mim.

Minha camiseta suada estava grudada na barriga e nas costas. Tirei alguns fios de cabelo do rosto e fiz um rabo de cavalo, então percebi que estava morrendo de sede. Meus olhos se ajustaram ao escuro quando cheguei ao banheiro.

Uma luz se acendeu. Peter se recostava em uma das portas do banheiro, vestindo jeans e mais nada.

Ele me assustou, então fui um pouco grosseira quando perguntei: — O que você tá fazendo aqui?

Ele encolheu os ombros, o que foi um gesto esquisito, já que o ombro estava apoiado em uma porta.

— Só pensando no escuro? — perguntei.

— Não consegui dormir.

Ele bem que se esforçou, mas seus olhos foram direto para as minhas pernas nuas antes de se fixarem novamente em meu rosto. Minha grande força de vontade me permitiu focar apenas nos olhos dele, não nas linhas de seus quadris desaparecendo sob a cintura da calça. Ele esfregou os cabelos pretos com uma mão.

Tentei me lembrar de como eu olhava pra ele no sonho, se sentira alguma coisa naquela lembrança, e não veio nada.

— Eu tive um sonho. Uma lembrança do Noah. De todos nós. Foi uma lembrança.

— Um fantasma — ele explicou. — Talvez você tenha alguns.

— Eles podem voltar com mais clareza?

Ele desviou o olhar.

— Não.

— Mas antes você disse que não tinha certeza.

Ele encolheu os ombros.

— Você tem razão. Não tenho.

— Então por que você...

— Eu só não quero te dar falsas esperanças — tinha alguma coisa estranha na maneira como ele falava, como se estivesse escondendo algo.

Então talvez viessem mais com o tempo. E talvez não viessem atreladas a emoções perdidas.

Talvez.

Ficamos ali, descalços nos ladrilhos frios. Nenhum de nós sabia o que dizer. Preenchi o silêncio com o que me ocorreu.

— Não se preocupe com as minhas esperanças — aguardei um segundo.

— Ou vou engessar seu traseiro.

O queixo dele caiu.

— Você se lembrou do Phil.

Acenei com a cabeça.

— Um pouco.

— Ele está por aí. Eu não sei por que ele ainda não veio ver você.

— Talvez ele esteja com medo de eu não reconhecê-lo.

Era uma piada, mas então pensei sobre como isso devia ser estranho para todos. Eles me conheciam, afinal.

Meus braços estavam dobrados. Eu me senti estranha, parada bem no meio do banheiro, então dei alguns passos e também me recostei em uma das portas.

— Você estava mesmo parado sem fazer nada aqui no escuro?

— Estava me alongando. Às vezes me ajuda quando tenho pesadelos.

— Que tipo de pesadelos?

Ele foi até a pia e encheu um copo com água, me ignorando completamente. Duas pias lado a lado, dois espelhos, quatro escovas de dente. Ele estava de costas para mim. Vi uma cicatriz vermelha e grossa que corria na horizontal de um ombro ao outro; pareceu inchar quando ele levantou o braço para beber. Eu me perguntei como aconteceu, então imaginei que um dia provavelmente soube. Até alguns dias atrás, eu sabia.

Pesadelos são um assunto delicado. Anotado. Tentei outra coisa.

— Estou levando tudo isso muito bem, você não acha? — ou estava fingindo muito bem. Ainda sentia que podia desabar a qualquer momento, como se estivesse me segurando à base de cola barata.

— Como eu disse, você foi treinada. Você se adapta.

E por mais que tenha se esquecido, ainda se lembra do nosso estilo de vida. Nós estamos aqui há anos. Na semana passada, jogamos xadrez. Eu ganhei, mas acho que você deixou. E você nunca deixa ninguém vencer.

Quando ele se virou, vi que seus olhos estavam vermelhos. Devia ser a luz; ele não parecia nem um pouco triste.

— Somos amigos há muito tempo — ele disse.

— Sinto muito por não me lembrar.

Ele encolheu os ombros como se não importasse, mas importava, e nós sabíamos.

— Vamos criar novas lembranças.

Observei-o sair e desejei ter alguma coisa a dizer, alguma coisa para mostrar que eu era a mesma garota de quem ele se lembrava, por mais que eu não me lembrasse de quem era.

Ele deixou o copo na pia, pela metade. Terminei de beber e voltei a dormir.



Acordamos com batidas na porta. o dr. tycast entrou com um carrinho. Em cima, duas bandejas traziam o café da manhã — uma barra de proteína sem rótulo, claras de ovos e suco de laranja. E duas seringas cheias daquele líquido amarelado.

— Pensei em passar a nova missão para vocês aqui mesmo, assim podem sair logo que terminarem de comer — o dr. Tycast disse.

Sentamos na mesa grande, com o tabuleiro de xadrez entre nós e o doutor. Eu conseguira dormir à noite e me sentia melhor. A cama tinha uma sensação e um cheiro familiares. Apesar de eu não reconhecer as coisas à minha volta, elas me faziam sentir em casa, e isso era o suficiente.

O dr. Tycast juntou as mãos e se inclinou sobre a mesa.

— Nós estamos trabalhando com um tempo limitado aqui. Não é habitual da minha parte esconder nada de vocês, mas a Miranda, com esse recente...

— Vamos chamar de incidente — Peter disse, dando uma cotoveladinha em mim. O calor formigava na minha nuca. Como ele podia fazer piada? Então, me dei conta de que ele estava tentando me deixar mais à vontade, como antes. Supondo que costumávamos fazer piadas antes.

O dr. Tycast viu que minha reação não foi negativa.

— Muito bem, um incidente. Como eu estava dizendo... — tirou os óculos e esfregou a ponte do nariz.

Ele ainda estava com olheiras. — Eu sei que você tem seus segredos. Sei que o Sifu Phil treinou você de maneira diferente, Peter, como líder. Ele não está aqui nesse momento, mas se vocês tiverem algum jeito de rastrear Noah e Olive, quero que o façam. Vocês conseguem?

— Sim — respondeu Peter, mastigando um pedaço da barra de proteína.

Enquanto Tycast falava, Peter destampou as duas seringas e aplicou as duas injeções. Nada de algodão com álcool, só uma picada rápida em meu braço. Não reclamei porque não queria parecer uma criancinha. Ele enfiou a outra agulha em seu antebraço, apertou o êmbolo, então deixou as duas seringas na bandeja e pegou a barra de proteína. Tempo total decorrido: seis segundos.

— Então os encontrem — Tycast sentenciou. — E mantenha a Miranda em rédea curta.

— Ei! — reclamei.

Ele falou aquilo casualmente, mas eu não queria ser considerada um problema. Além disso, não sou um animal.

O dr. Tycast pegou a minha mão.

— Se você voltasse a si, senhorita, iria concordar comigo. Você não é... confiável. Ao menos por enquanto. Estou deixando você ir porque precisamos.

Entendido?

— E quanto a todos aqueles caras com armas? — perguntei. Eles pareciam confiáveis.

Ele sorriu.

— Eles não passaram mais de uma década treinando com o Peter. Ele te conhece. E nós precisamos ver o que você consegue ou não. Agora vão.

— Sim, senhor — eu disse automaticamente, sem qualquer tom de ironia.

Ele bateu uma palma na outra, com os olhos indo de mim até Peter e de novo até mim.

— Muito bem. Fantástico. Por favor, tragam os dois pra casa. Não voltem antes disso.

Ele nos deixou sozinhos. A porta se fechou assim que dei a última mordida.

Peter se levantou, todo disposto, limpando os cantos da boca.

— Vista-se.

Primeiro fiquei confusa, porque eu já estava vestida.

Então abri o armário e entendi do que ele estava falando.

Meu uniforme era composto de duas partes.

A primeira camada era um traje à prova de balas parecido com uma roupa de mergulho com escamas. O tecido era costurado com alguma coisa que Peter não quis explicar. Ele só queria que eu me vestisse logo para não perdermos tempo. Foi o que fiz. No banheiro.

Deslizei os membros dentro daquele tecido duro, mas flexível, sentindo-me mais ou menos como um ciborgue.

Aquilo cobria os pés e ia até o fim do pescoço, deixando as mãos expostas. O traje se contraía um pouco, envolvendo a pele.

Essa era a primeira camada.

◦ ◦ ◦

A segunda era uma calça jeans comum e uma camiseta preta de manga comprida. Com ela por cima, era impossível ver o traje à prova de balas. Eu

tinha um par de botas de couro preto macio debaixo da cama, com meias dentro. Calcei-as em meus pés blindados enquanto Peter pegava uma camiseta como a minha, mas azul-escura.

— Armas? — parei. Vestir a proteção me fez automaticamente pensar nisso. De repente, eu estava empolgada com armas.

Peter passou a camiseta pela cabeça, sorrindo.

— Você se lembrou de alguma coisa?

— Não, eu... Isso é estranho.

— Estranho no bom sentido? — ele se sentou no beliche e amarrou as botas.

— Acho que sim.

— Espere pra ver.

Fomos para o corredor e seguimos o teto brilhante de volta ao elevador, sem passar por ninguém. O lugar parecia vazio, como uma cripta. Eu estava animada. Não sabia o que viria a seguir e aquilo me empolgava. Senti que eu nascera para aquilo.

— Espero que você se lembre de como andar de moto — Peter disse assim que chegamos à garagem.

Duas motocicletas em um canto, ao lado de um jipe Humvee verde-oliva. As duas eram pretas. Os logotipos haviam sido removidos, mas de algum modo eu sabia que eram Superbikes Ducati. Eu refreava a vontade de compartilhar com Peter cada vez que me lembrava de alguma coisa.

Dava para notar marcas de pneu no concreto ao lado das motos. E duas estavam faltando.

Peter me passou o capacete.

— Se não se lembrar — ele disse —, você pode ir na garupa comigo — ele não olhou para mim ao oferecer.

— É claro que eu me lembro — não que a ideia de ir na mesma moto fosse completamente repulsiva, ou só um pouco repulsiva, mas... Não era isso. Eu conseguia dirigir uma moto.

Prendi o cabelo e coloquei o capacete. Peter ligou a moto dele e o rosnado dominou o ambiente. Ele tirou um relógio enorme do bolso e prendeu-o no pulso esquerdo, então mexeu nele enquanto a moto enchia a garagem com o cheiro penetrante do escapamento. Por fim, ele saiu com a moto para rodar e eu fiz o mesmo.

Segui-o pela manhã cinzenta, da trilha cheia de calombos rumo à estrada principal. O chão era irregular, mas eu desviava facilmente dos buracos; pelo jeito, era boa nisso também.

Peter virou à direita, para o Sul. Ele falava comigo por meio de uma

caixa acústica no capacete.

— Estou seguindo o rastro do Noah e da Olive. Eles rodaram na direção Oeste por um tempo, para Indiana, e pararam em Indianápolis. Deve levar menos de cinco horas até lá.

— Por quê?

A voz surge outra vez: — Por que eles pararam? Vai saber... Talvez estivessem cansados. Ou talvez tenham encontrado os aparelhos de rastreamento que implantei neles e os tiraram.

Ele ultrapassou um Mustang e voltou à nossa pista antes que um caminhão vindo no sentido oposto pudesse bloquear o caminho. Eu mantinha o ritmo, apreciando o vento que soprava e o jeito com que a moto se deslocava com movimentos simples do meu corpo.

— O mesmo aparelho que eu tenho? Por que nos rastrear?

Ele olhou para mim por cima do ombro, mas eu não conseguia ver o rosto dele pelo visor do capacete.

— Para o caso de um de vocês se perder em um shopping.

Continuamos rodando, parando apenas para encher os tanques ou para uma refeição rápida. A viagem de cinco horas estava mais para quatro; não conseguíamos evitar as disputas um contra o outro quando a estrada estava livre e reta. Quando chegamos perto de Indianápolis, o silêncio reinou. Eu sabia que ele estava pensando no que iríamos encontrar na cidade. Então fiquei a sós com os meus pensamentos. Uma coisa em particular não se encaixava bem com tudo o que tinham me contado até aquele momento.

No posto de gasolina seguinte, sentei perto da bomba com um cachorro-quente. Peter estava em pé perto das motos, observando a estrada como se esperasse a chegada de alguém.

— Peter?

Ele continuava olhando para a estrada.

— Hum?

— Você disse que o nosso caminho era o do bem, para encerrar conflitos sem derramamento de sangue.

Ele enfiou o resto do cachorro-quente na boca e esfregou as mãos na calça.

— Sim — ele disse, de boca cheia.

— Olha, não sou especialista, mas o shopping estava um caos completo. As pessoas se machucaram feio — minha garganta estava seca. — Pessoas morreram — não consegui acrescentar por minha causa.

— É melhor do que balas, não?

Eu me levantei.

— Sim. Mas como sabemos que vamos ser usados para o bem?

— Isso é como qualquer outra coisa. Tudo pode ser usado para o mal. Um revólver pode ser usado pra assassinar, mas nas mãos certas também pode ser usado pra proteger.

Montei na moto, sentindo o calor do motor se espalhando pelas minhas pernas. Minhas costas doíam de tanto ficar curvada para a frente.

— Eu sei. É que... me sinto como uma arma.

Peter pousou uma mão sobre meu ombro.

— Confio no dr. Tycast. Ele nunca deixaria ninguém nos usar. Seja lá o que o Noah e a Olive estiverem fazendo, nós logo vamos saber.

Era o bastante para me acalmar. Fiquei calma porque ele também estava. Mas duvidei que qualquer coisa pudesse apagar completamente a preocupação, que tanto arrepiava a minha pele.

Voltamos para a rodovia. Pouco depois, Indianápolis já estava à vista.

Assim que chegamos à cidade, Peter ficou mais rígido com as leis de trânsito. Obedecemos aos limites de velocidade.

Rodamos em volta de uma construção. O policial encarregado do trânsito ficou de olho na gente o tempo todo. Ergui o visor e sorri. Depois de um segundo, ele devolveu o sorriso e voltou a atenção aos carros.

Peter ergueu o visor dele só para revirar os olhos.

O sinal do chip nos levou a um hotel no centro da cidade. Eu diria que o prédio de quatro andares, de tijolo claro entediante, era o lugar perfeito para se esconder.

Nem muito barato, nem muito caro.

Duas motos idênticas às nossas estavam estacionadas no fundo. Paramos em vagas próximas, mas atrás de uma van, caso Noah e Olive estivessem vigiando as motos pela janela. Peter levantou o assento e tirou dele duas semiautomáticas pequenas. Ele jogou uma para mim; agarrei-a no ar, então a acomodei nas costas, sob a camisa.

— Elas estão carregadas — ele disse. — Espero que você se lembre de como atirar.

— Eu também — a confiança não estava ali, pelo menos não ainda. Sempre vinha no segundo em que eu descobria que conseguia fazer alguma coisa.

Entramos no hotel com a maior naturalidade, sem nos apresentarmos no balcão. Eu estava apenas seguindo os passos de Peter; só conseguia pensar no troço de metal contra a minha espinha. Eu esperava, cheia de receio, não ter que usá-lo.

No elevador, Peter checkou o relógio de novo, o dispositivo que usava

para rastreá-los. Minhas mãos tremiam. Eu não saberia dizer se estava com medo ou nervosa por encontrar com Noah e Olive. Mas raiva era algo que sabia que estava sentindo, graças a Noah. Eu ainda não conseguia acreditar que o menino que beijei no vídeo era o mesmo que roubara as minhas lembranças.

Peter me levou até o quarto 496 e checkou o relógio uma última vez. Esgueirou-se de lado, com a arma apoiada na coxa, então acenou para mim, do outro lado.

Assumi uma posição similar, atenta a qualquer sinal de vida além da minha pulsação latejante.

Ele bateu três vezes na porta.



NADA, NENHUMA RESPOSTA.

Peter bateu mais três vezes.

— Serviço de quarto — ele disse. Nós sorrimos um para o outro, apesar da situação. — Vamos, Noah, Olive, abram a porta — depois de alguns segundos, Peter suspirou. — Muito bem, estou entrando. Não atirem.

Nenhum de nós tinha um cartão magnético, então ele ergueu o pé e deu um chute acima da maçaneta. O som parecia o de um tiro. A porta se abriu, escancarada. Ela ia bater e se fechar, mas Peter interpôs o ombro e abriu caminho, de arma em riste e com os músculos tensos.

Eu o segui um segundo depois e vasculhei o quarto com o olhar.

Cama. Escrivaninha. TV de tubo com tela grande.

Armário de madeira na parede mais distante. Janela com vista para uma parte do centro da cidade. Um corredor escuro à minha esquerda, levando ao banheiro.

Peter paralisado com uma arma na têmpora esquerda.

— Largue — ordenou a pessoa empunhando a arma.

Eu o reconheci imediatamente como sendo o do vídeo. Noah. O menino que beijei.

Seus olhos me encontraram.

— Miranda?

Como esperado, quando fizemos contato visual pela primeira vez a raiva se alastrou por dentro de mim.

Peter resolveu agir. Tentou afastar a arma com a mão esquerda e dar um soco com a direita, mas Noah foi mais rápido. Ele deu uma coronhada na testa de Peter, que deu alguns passos tropeçando e bateu o quadril na escrivaninha, com a mão acima da sobrancelha. O sangue escorria por sua bochecha e pingava da ponta do queixo.

— Nem tente — Noah disse a Peter.

— Obrigado pelo conselho — Peter disse, tentando se apoiar na parede.

Eu ainda estava com a arma na mão por pura força de vontade e apontei-

a para Noah. Não que ela fosse pesada, mas é que eu sabia que não deveria apontá-la para ele. Aquilo era errado, de qualquer ponto de vista.

Nós deveríamos ser uma equipe. Os olhos dele se arregalaram; eu sabia que ele queria tirar Peter da sua mira e apontá-la para mim.

Mas ele não fez isso. E eu sabia por quê. Pressenti movimento no banheiro escuro à minha esquerda. Antes que eu pudesse processar e decidir mudar o alvo, um cano de revólver se alojou em meu cabelo.

— Largue a arma — comandou a voz de uma garota.

Atrás de mim, a porta principal foi fechada.

— Você só pode estar de brincadeira — eu disse.

— Não solte — Peter disse para mim. — Ela não vai atirar.

— Cale a boca — Noah e a garota disseram.

Só podia ser a Olive. Eu a vi vagamente pela minha visão periférica, emergindo da escuridão. O único detalhe que consegui reconhecer foi o cabelo preto e comprido.

Ficamos assim por 30 segundos — eu apontando para Noah, Olive apontando para mim, Noah apontando para Peter e Peter apenas segurando a cabeça. De repente, Peter piscou algumas vezes e ergueu a arma na direção de Olive.

— Acho que fiz o desenho de um oito.

— Abaixе a arma — Noah falou calmamente.

Peter balançou a cabeça.

— Pessoal, apenas escutem. Só um minuto.

Ele esperou. Ninguém se moveu. Olhei com atenção para Noah. Ele era mais alto do que parecia no vídeo, tão alto quanto Peter. Pingava suor de sua testa e ele estampava aquele olhar. Percebi o que era.

Suspeita.

Ele achava que nós estávamos com más intenções.

Então me esforcei muito para não começar a rir como uma idiota. E não uma risadinha qualquer. Uma gargalhada do tipo “ok, me tranquem num hospício”. Eu olhava para aquele garoto que já fora meu namorado e senti que havia alguma coisa ali. Talvez fosse o fantasma dos sentimentos do passado. Mas era tão ridícula a ideia de que ele suspeitasse de nós quando, na verdade, fora ele que escapara daquele jeito, que duvidei de tudo que fora contado para mim até então. Acreditava que tínhamos sido namorados, só não conseguia entender como. Para piorar, toda aquela situação, em que eu apontava uma arma para ele, não ajudava a esclarecer nada.

— Se tiver alguma coisa pra contar, por favor, conte — Noah disse. Os olhos dele continuavam se alternando entre Peter e eu, como que pedindo

alguma coisa.

Compreensão? Isso ele não teria. Talvez se não tivesse adulterado minhas seringas... A raiva que eu sentia foi diminuindo um pouco, como se alguém desligasse a chama de um fogão. Não dava para comparar com o vazio em meu peito, que parecia engolir tudo.

Peter respirou fundo.

— Até alguns dias atrás, a gente dormia no mesmo quarto, dividia as refeições, revezava pra usar os chuveiros, treinava, estudava. Tudo junto. Vocês não se lembram? Quero dizer, com exceção da Miranda.

Ele sorriu para mim — o sorriso brilhante, que era sua marca registrada. Noah pareceu enojado, mas não ficou muito claro por quê.

— Eu me lembro — Noah disse.

— Eu também — disse Olive, do meio das sombras.

— Muito bem, então — Peter continuou —, será que é pedir muito que a gente converse sem as armas?

— Tudo bem — Olive concordou.

— Cale a boca — Noah disse.

— Cale a boca você — ela respondeu. — Quem disse que você é o chefe?

— Você mesma, quando veio comigo.

No corredor, alguém abriu uma porta, depois fechou-a. Derrubar aquela porta com um pontapé não fora algo muito silencioso e eu me perguntava se não teríamos companhia em breve.

Ninguém queria dar o primeiro passo. Ótimo. Vamos deixar a menina que tem menos motivos para confiar em qualquer um deles mostrar que pretende conversar.

— Está bem — eu disse. Lentamente, abaixei a arma até a altura da coxa. A empunhadura estava escorregadia por causa do suor.

— Essa é minha garota — Noah disse.

— Primeiro item: eu não sou sua garota.

Ele tinha começado a sorrir, mas o sorriso desapareceu, como se nunca tivesse existido. Ele manteve a arma contra Peter, que mantinha a arma contra Olive, que mantinha a dela contra mim.

— Pessoal, eu abaixei a arma. Um pouco de boa vontade, alguém?

Peter também abaixou a dele, lentamente. Noah e Olive não se moveram.

— Vocês dois estão com as armas. Por que não nos contam por que fugiram? Por que vocês — e nessa hora eu me dirigi a Noah — não me contam por que eu não consigo me lembrar de porcarias nenhuma?

Noah engoliu em seco.

— Eu vi uma coisa — ele disse, mantendo a arma apontada para Peter.

— O quê? — Peter perguntou.

— Não se faça de idiota, você sabe do que estou falando.

Peter apertou a mandíbula. Ele olhava tenso para Noah. O Noah apontou a arma, difícil explicar, com mais firmeza. Antes de pensar duas vezes, andei para a frente.

Se Noah não queria deixar de apontar a arma para Peter, talvez agora ele a apontasse na minha direção. Assim eu esperava.

Guardei a arma na cintura, então me aproximei e coloquei a palma das mãos no peito de cada um. Ambos estavam quentes. Senti as escamas dos trajes à prova de balas por baixo do tecido. Não deveria ser possível sentir através daquilo, mas eu sentia o coração deles batendo rápido.

Tentei parecer o mais calma possível: — Ou vamos conversar uns com os outros, ou vamos atirar uns nos outros. Escolham.

Eu deveria ter feito aquilo desde o início.



NOAH NOS CONTOU UMA HISTÓRIA.

Ele estivera bisbilhotando o escritório do dr. Tycast na semana anterior, à procura de analgésicos. Ele estava com as costas doloridas depois de uma missão de treinamento. Aparentemente, a culpa fora minha. Ele recebera alguns comprimidos, mas a dor não passava, então decidiu ver o que o doutor guardava na escrivaninha.

Pedimos que ele contasse logo a parte que interessava.

Ele fechou os olhos e pareceu entrar em transe.

— Apenas... prestem atenção — ele disse. — Eis o que aconteceu.

Dois segundos depois de encontrar as pílulas, ele ouviu o dr. Tycast no corredor e se escondeu no armário onde ele guardava coisas pessoais. Já era tarde e ele achou que o doutor só daria uma passada rápida e sairia.

Em vez disso, o dr. Tycast se sentou e alguma coisa vibrou na escrivaninha, como um celular.

O dr. Tycast falou: “na tela”. Então, um vídeo apareceu na parede oposta, como na sala onde eu fora interrogada.

Noah não viu quem estava na tela — a porta do armário estava fechada, apenas uma fresta de luz atravessava-a. Mas ele podia ouvir a voz muito bem.

— Você está sozinho? — a voz disse, uma voz feminina e conhecida.

— Não estou sempre? — o dr. Tycast brincou.

— Eu quero dizer fisicamente, Brett.

— Sim. Continue.

— Estamos nos preparando para o ensaio geral.

— Eu sei.

— Agora é pra valer. Duas semanas.

— Você disse que eu tinha mais um ano com eles.

— Eu disse.

— Eu avisei que eles não estarão no auge de seu potencial até lá.

— Você avisou, eu sei.

— E já quer testá-los agora por quê?

- Nossos clientes estão cobrando um teste agora.
- Quem são esses clientes?
- Eu não tenho liberdade para dizer.
- Por que eu tenho o pressentimento de que não é o nosso governo?
- Porque não é o nosso governo, Brett.
- Eles recusaram mais uma vez.
- Sim, recusaram.
- Eles sabem sobre as crianças?
- Não, eles não sabem.

Houve um longo silêncio nessa hora, como se Tycast estivesse queimando os neurônios.

- Quando você diz ensaio geral, quer dizer...
- O que nós discutimos antes, doutor. Você disse que concordava.
- Eu disse que podíamos conversar a respeito. Nós tínhamos um ano para isso.

— Mas agora não temos um ano. A equipe Beta vai se mudar para o alojamento e você vai poder ter o ano extra com eles. Ela vai participar do ensaio geral para compensar o poder que falta à equipe Alfa. Quanto mais tempo esperarmos, maiores os riscos de nunca recuperarmos um centavo que investimos nesse projeto.

Outra vez silêncio.

Por fim, o dr. Tycast disse: — Centenas poderiam morrer. Milhares. Não sabemos até onde isso poderia chegar.

- Esse é o teste, Brett.
- Nós podemos fazer entre quatro paredes. Podemos simular.
- Já temos um cliente interessado. Um depósito já foi feito. Mas requisitaram uma demonstração no mundo real. Votamos a favor hoje, por unanimidade.

— Eles são bons garotos. Não vão aceitar uma coisa dessas. Você sabe.

— Nós temos maneiras de convencê-los. Sabe que não vamos entregá-los aos clientes sem medidas de segurança.

— Medidas de segurança — o dr. Tycast repetiu. — As tatuagens.

— Sim, as tatuagens. Você está conosco, doutor.

— Está me convidando ou me avisando?

— Convidando. Vamos lá, Brett.

— Eu quero saber aonde eles vão. Depois do ensaio geral. Quero saber.

— É claro. Eles são seus garotos tanto quanto são meus.

— Certo.

Noah fez uma pausa nesse ponto. Pôs a palma das mãos estendidas nos

dois lados da cabeça. Disse que queria se lembrar das palavras certas. Era importante.

Era por isso que estava ali. Por isso que fez o que fez.

— Tem mais uma coisa, doutor — a mulher disse.

— Sim?

— O rebelde.

— Você o encontrou.

— Não. Ainda não. Nós o rastreamos até Indianápolis, mas o perdemos de vista. Ele deve estar escondido ali. Ou pode ter voltado pra cidade.

— Então você acha que o Rhys vai repetir aquelas ações?

— Eu não vejo motivo para não fazê-lo. Você viu o resultado da fuga. Quatro Rosas mortos em questão de minutos.

— Você deveria se esquecer do Rhys! Você sabia que ele era mais forte que os outros.

— Sim, bem, nós estamos tentando mantê-lo longe das equipes. Ele vai ou matá-los, ou tentar usá-los contra nós. Nesse caso, espero que ele escolha a primeira opção. Se é que você me entende.

— Ele não vai conseguir entrar aqui.

— Espero que você esteja certo.

— Eu estou.

— Então boa noite, doutor.

— Boa noite.

A luz da tela se apagou. O dr. Tycast bateu o punho na mesa e soltou um palavrão leve, como se tivesse se machucado. Depois de um minuto, Noah ouviu o choro.

Ele soluçou durante cinco minutos antes de se recompor, fungando um pouco. Enfim, saiu. Noah foi até a escrivaninha e tentou encontrar o vídeo da conversa nos arquivos, mas ele desaparecera.

Ele não sabia exatamente o que estava havendo, mas sabia o suficiente. Eles iriam nos vender para machucar pessoas. Um monte de pessoas.

— Eu queria poupar você — Noah falou. — Sabotei suas injeções de memória até que seu corpo estivesse limpo.

Ele queria me poupar. Aquelas pessoas no shopping estavam mortas porque ele quis me poupar.

— Eu levei você embora e... Não tem desculpa, eu sei. Eu só precisava te poupar.

Todos olharam para mim.

Ele esfregou uma mão em seus cabelos curtos.

— Então fui encontrar o rebelde, o tal Rhys. Ele pode mudar tudo. Pode

nos ajudar.

— Ou nos matar — Peter disse. — Parece que ele mata Rosas.

Noah ergueu as mãos e as estendeu.

— Sim. Rosas. No plural. Mais gente como nós. Eu preciso saber se isso é verdade. E eu sabia que se encontrasse o rebelde havia uma boa chance de ele me matar imediatamente, e também a Miranda, se ela viesse comigo.

Se me deixasse em casa, eu seria vendida como uma arma. Se me levasse com ele, arriscaria minha vida nas mãos de alguém que já matara quatro Rosas. Sim, finalmente entendi. Mas isso estava muito longe de ser a coisa certa. Ele não me deu a chance de escolher.

Ah, e tinha mais uma falha nesse argumento.

— E tudo bem arriscar a vida da Olive?

Olive sustentou o meu olhar.

— Eu não concordei com o que ele fez, mas ninguém me obrigou a nada. Vim porque nós temos que fazer alguma coisa — ela lambeu os lábios e suspirou. — Quando eu soube quais eram os planos do Noah, já era tarde demais para impedir.

— E vocês descobriram a respeito do rebelde? — perguntei ao Noah.

Ele abriu a boca para falar, depois fechou-a.

Balançou a cabeça lentamente.

— Você não tinha o direito — eu disse, sentindo-me mais vazia do que brava novamente. Era cansativo tentar compreender. — Por que você me largou no centro da cidade se queria que eu ficasse segura? — eu nem tinha começado a assimilar a traição do dr. Tycast. Se ele estava planejando alguma coisa, eu não podia confiar em nada do que dissera um dia antes.

Olive e eu nos sentamos ao pé da cama. Peter se recostou na parede com o braço dobrado, olhando pela janela e segurando na testa uma toalha salpicada de vermelho. Noah caminhava, torcendo os dedos atrás da cabeça de vez em quando.

— Não te larguei no centro da cidade. Deixei você em Columbus.

— Eu acordei em Cleveland — devo ter viajado, mas esquecido no meio do caminho. Estava indo em direção à casa, mesmo sem saber conscientemente. De qualquer jeito, ainda havia muita coisa inexplicada. — Você é um cretino.

Ele parou de andar.

— Eu sei, Miranda, eu fiz isso porque eu...

— Pare! Não fale mais nada. Não quero ouvir o que você tem pra dizer.

— Eu preciso dizer.

— Não, não precisa — se eu o ouvisse dizer a palavra amo, não saberia o que fazer. Eu ainda estava com minha arma. Talvez algum dia pudesse perdô-lo,

mas todas as chances dele desapareceriam se alegasse que fizera aquilo por amor. Se você ama alguém, a ideia é respeitar essa pessoa o suficiente para confiar nela. E não roubar a liberdade dela. A vida dela.

E se ele dissesse, abriria toda uma série de perguntas. Por exemplo: “Por que você está em um quarto de hotel com essa garota e não comigo?”.

Noah balançou a cabeça uma vez, sem encarar meu olhar.

— Foi errado, eu sei. Eu estava errado. Não sei mais o que dizer. Poderia pedir desculpas um milhão de vezes.

— Então você estava errado — eu disse. — Por que não me deixou ajudar? Acha que sou uma imbecil?

— Não, é claro que não! Eu só não podia arriscar a sua segurança. Por mais patético que pareça, era disso que se tratava. Assim que a gente desvendasse mais, assim que descobrisse em quem confiar, eu iria... eu iria atrás de você.

— Então eu era só um contratempo que você tinha que esconder até ter tempo pra lidar comigo.

Ele não disse nada porque não tinha mais nada que ele pudesse dizer.

— Você poderia ter feito qualquer outra coisa, tudo menos tirar as minhas lembranças — senti o sangue bombear mais rápido, me fazendo vibrar. Senti um calor entorpecente sob a pele.

O quarto ficou bem quieto. Eu podia ouvir o ar circulando e o zumbido que a TV faz mesmo quando está desligada.

— Eu não espero que você entenda agora. E sei que dizer “desculpa” não é o bastante.

— E por que deixar o Peter pra trás?

Noah parou de andar pelo quarto e virou para o outro garoto, que levantava as sobrancelhas como quem pergunta “e aí?”.

— Eu não tinha certeza. Ele sempre foi o favorito do Tycast, pra não dizer nosso líder. Se ele já soubesse, ou se estivesse envolvido, chamá-lo pra vir junto iria me entregar.

— Eu entendo — Peter disse. — Eu estava envolvido desde o começo.

Nesse breve momento, o quarto inteiro parecia se mover sob meus pés. Noah levou um segundo para entender a ironia. Ele sacudiu a cabeça lentamente.

— Piada de mau gosto — reclamei, sabendo que Peter não queria nos aborrecer. Qualquer irritação que ele me provocasse era eclipsada por Noah e suas atitudes.

Peter riu da careta de Noah.

— Tô brincando, seu besta. Mas, sim, eu entendo mesmo. O que não posso perdoar é o que você fez com a Miranda — nossos olhares se

encontraram. Pela primeira vez desde o episódio do shopping eu sentia que não estava sozinha.

Todo mundo olhou para mim de novo, provavelmente esperando alguma reação. Nenhuma. Eu podia estar um caos completo por dentro, mas por fora meu rosto estava plácido. Não demonstrei nada para Noah, porque era isso o que ele merecia.

— Sinto muito — Noah disse a Peter. — Eu devia ter confiado em você. Só não sabia o que eu iria encontrar, o que Rhys iria fazer. Eu não estava pensando direito, eu...

Peter ergueu a mão.

— Não se preocupe — então apontou para Olive. — Agora, de você eu esperava mais.

Ele riu e Olive também. Noah esboçou um sorriso cauteloso, olhando para o chão. Era como se eu estivesse vendo a reconciliação de todos nós, mas não sabia muito bem onde me encaixava. De repente, Olive virou para mim e me deu um abraço apertado. Depois do choque inicial, eu a abracei de volta. Uma ideia me percorreu, queimando-me por dentro: eu estava abraçando uma estranha.

— Eu não queria que ele fizesse isso — ela disse. — Não sabia de nada até a hora em que já estava feito.

Atrás de mim, Noah falou: — Ah, por favor, Olive. A Miranda não precisa me detestar ainda mais.

Olive recuou, e eu vi seu rosto marcado por lágrimas.

— É verdade. Eu só segui porque...

— Por que o quê? — Noah quis saber.

Olive balançou a cabeça e virou para o lado. Eu não conseguia olhar para Noah sem demonstrar rancor. Acho que era fisicamente impossível.

Nós... juntos? E, ainda por cima, apaixonados?

Talvez em uma vida diferente. Antes que eu pudesse descobrir o que dizer em seguida, alguém bateu na porta.

— Polícia! Tudo bem aí dentro?

10



— Tudo ótimo — respondi automaticamente. enquanto Noah contava a história, eu encaixara a porta quebrada de volta. O policial só precisava empurrá-la com um pouco mais de força. Do lado de fora, não devia parecer quebrada.

A voz do policial soava abafada por trás da porta: — Senhorita? Por favor, abra a porta.

— Não estou vestida. Pode me dar um minuto?

— Não vamos machucar o policial — Peter sussurrou.

— E se eu usar só um pouquinho do poder nele? — Olive sugeriu.

Noah foi até a janela; alto demais para pular, e não havia uma varanda onde pudéssemos nos apoiar para descer.

Era a oportunidade perfeita para testar o que acontecia quando eu tinha a intenção de provocar medo em alguém. Se o medo não estava sob meu controle completo, naquela hora precisava estar. Eu não podia deixá-lo me dominar novamente.

O policial iria preferir um disparo de medo do que ser estrangulado por um de nós até desmaiar.

— Deixa comigo — eu disse. A ideia me fazia suar frio, mas era a melhor saída. Assim eu esperava.

Noah balançou a cabeça.

— Espere.

Eu não esperei. Era o medo provocado por um de nós, ou o risco de termos que machucá-lo fisicamente.

Chequei pelo olho mágico da porta e vi um homem distorcido — uniforme azul, distintivo, arma, porrete —, mas podia haver mais alguém na cobertura, escondido à esquerda ou à direita.

Olive me deu um sinal positivo, então fechei os olhos, encostada contra a porta.

O calor surgiu de imediato, irradiando do interior do crânio. A energia se concentrava, conforme a pressão crescia atrás dos meus olhos, até eu soltá-la. Não me pergunte como. Era como tampar uma mangueira com o dedão e deixar

só um filete de água escapar. Depois de respirar profundamente, a pressão na cabeça parecia diminuir, mas não completamente.

Através da porta, eu escutava o policial soltar um choro engasgado. Os outros estavam tensos atrás de mim, eu podia sentir. Com a energia nadando em minha cabeça, meus sentidos pareciam mais afiados. Podia jurar que escutava o carpete se comprimir com os passos de Noah caminhando até mim. Ou era a minha imaginação, e a dor de cabeça habitual estava bagunçando minha mente.

Abafados pela porta, passos erráticos se afastaram de nós, para a esquerda. Ele parecia estar sozinho.

— Qual o tamanho da onda? — Noah perguntou, preocupado.

Eu mordida o interior de minha bochecha, nervosa ao pensar que a onda poderia ter sido poderosa o suficiente para afetar outros hóspedes do hotel.

— Não foi grande.

Foi por isso que ele queria que eu ficasse para trás?

Porque eu era descuidada? Eu sou descuidada?

Ele balançou a cabeça e tentou passar por mim, mas eu abri a porta antes. O policial se fora. O rádio estava no chão.

Peter percorreu o corredor de cima a baixo.

Estávamos a sós.

— É hora de ir — Olive disse, jogando os cabelos sobre os ombros.

Nós quatro nos movemos pelo corredor e chegamos ao elevador.

— Aonde estamos indo? — Noah perguntou, dando um jeito de andar pra lá e pra cá no elevador, mesmo com todos nós espremidos lá dentro. — A gente ainda pode procurar esse tal de Rhys. Agora mesmo. Ele deve saber a verdade. Ele pode nos ajudar.

Peter suspirou assim que a porta se fechou.

— Nós vamos voltar para a base. Eu tenho quase certeza de que o Tycast quer açoitá-lo. Quando a gente chegar lá, podemos falar sobre o que você ouviu.

Se não gostarmos do que ele tiver a dizer, vamos embora juntos — Peter olhou para cada um de nós. — Juntos.

— Açoitá-lo?

— Sim, chicotear. Ele é louco a esse ponto.

Olive fungou e cobriu a boca. Sorri involuntariamente e ela riu mais alto. Ela era linda, olhos amendoados e pele bronzeada. Então Peter riu e Noah sobrou, tentando fazer uma cara feia. Antes de chegarmos ao térreo, estávamos todos gargalhando. Eu podia não me lembrar de meus amigos, mas naquela hora eu parecia de volta aos nossos velhos tempos.

O elevador tinha mudado. Eu estava em um quarto branco com

respiradouros no teto. Ventiladores enormes se agitavam dentro deles, fazendo o ar circular. Olive, Noah e Peter estavam na sala comigo. Eles pareciam mais jovens, com 14 ou 15 anos.

O dr. Tycast estava nos contando como controlar o medo. Ele ficava de lado com a faixa na cabeça, observando.

— Quando vocês viram para dentro, o que veem?

Noah ergueu a mão.

— Eu consigo ver meu cérebro.

Tycast ergueu as sobrancelhas; era o suficiente para nos fazer ficar em silêncio.

— Imaginem que há uma chama bem no centro de seu cérebro. Como um fogão, podem girar o botão para aumentar ou diminuir a intensidade. Vocês têm o controle.

Nós passamos alguns minutos tentando focar no calor. O quarto foi tomado pelo cheiro forte de rosas.

— Esse cheiro de flores está apenas em suas cabeças.

Ignorem — o dr. Tycast disse. Ele estava suando e ficava ajustando a faixa na cabeça. — Ignorem a dor também. A sensação é de pressão, mas as injeções protegem. Não estão em perigo.

E, depois de um tempo, completou: — Muito bem, é o suficiente.

Deixei a pressão desaparecer atrás de meus olhos, relaxando enquanto ela se esvaía do meu corpo.

O dr. Tycast franziu o cenho ao falar conosco: — Lembrem-se de controlar. O poder de vocês é perigoso. Não podem sair incitando medo ou pânico à toa. Com exposição em excesso, uma pessoa pode ficar louca. A fúria vem à tona. Insanidade. Então não é para brincar, entendem? Isso é mais do que um revólver carregado.

Ergui a mão. Tycast acenou para mim.

— Sim, Miranda.

— Por que nós conseguimos fazer isso?

Ele molhou os lábios.

— Simplesmente conseguem. E por enquanto isso é o que importa, está bem?

Peter acenou com a cabeça.

— Sim, senhor. Equipe Alfa, em posição — nós nos alinhamos e descansamos.

A sensação de reunir em formação era boa. Nós quatro, partes de um todo. Uma unidade. Juntos, invencíveis. Claro, os adultos eram vagos a respeito de nossa função, mas nos faziam sentir especiais.

Importantes. E eles nunca nos separavam.
Mas as palavras de Tycast ecoaram em minha mente.
O poder de vocês é perigoso.
A fúria vem à tona.
Isso é mais do que um revólver carregado.

A sala branca se metamorfoseou de volta para o elevador.

— Tycast vai ficar ainda mais furioso quando nós o confrontarmos —
Noah disse. — Deveríamos fazer o doutor vir até nós. Ele não vai nos deixar sair da base, não depois de contarmos o que sabemos sobre o ensaio geral e da intenção dele de nos vender. É óbvio que não.

Meu espírito parecia escapar pela sola de minhas botas. Foram as lembranças que fizeram isso comigo, risadas como aquelas, um momento tenso guinando de repente para algo divertido e alegre. E eu nunca teria nada igual novamente. Porque mesmo que criasse novas lembranças, não seriam as mesmas de antes. Eu era a garota nova na equipe, não adiantava fingir que não. Isso não poderia ser desfeito.

De repente, o calor em meu cérebro era de raiva, não mais da energia. Difícil dizer o que era pior.

Quando dei por mim, eu estava socando Noah na boca e Peter e Olive me seguravam. Então eu chutei.

Mas ele não era uma vítima indefesa. Ergueu o punho como estivesse pronto para dar um soco em mim, mas hesitou.

— Vamos — eu disse. — Pode acertar.

— Qual é o seu problema? — Noah me interrogou.

Peter ainda estava segurando meu braço direito e Olive bloqueava minhas pernas com as dela.

— Eu não sei quem sou! — gritei, e foi bom. O aperto no peito ainda estava lá, mas ao menos coloquei pra fora.

A porta do elevador abriu, revelando um policial. Ele estava com um rádio junto aos lábios. Ele me viu de rosto vermelho e bufando, enquanto os outros seguravam meus braços, e então abaixou o rádio.

— O que está acontecendo aqui?

Apenas uma pequena briga de família. Da última vez que eu dissera a um homem de uniforme que não me lembrava de quem eu era, acidentalmente incitei pânico em massa e pessoas se machucaram. Morreram.

Estava pensando no que dizer quando Peter saiu em disparada de trás de mim e agarrou o ombro do policial.

Ele tentou se soltar, mas ficou paralisado. O aroma de rosas voltou.

— Venha, não vai durar muito — Peter disse.

Noah ainda estava irritado. Olive parecia cansada.

Peter nos levou até onde as motos estavam.

Noah pegou a dele e puxou-a para fora da vaga, fazendo o motor vibrar.

— Sinto saudade de vocês, pessoal. Sinto mesmo. E talvez vocês estejam certos — ele abaixou o pé esquerdo, injetando gasolina. — Mas eu não vou voltar agora. Não até encontrar o rebelde — ele girou o acelerador, acionou a embreagem e saiu do estacionamento como um foguete, com o pneu da frente empinando um pouco.

— Filho da mãe... — Peter xingou enquanto eu ligava a moto.

Acionei o motor, sentindo o sangue nos olhos. Se o Noah achava que podia fazer o que fizera e continuar fugindo, estava enganado. Arranquei atrás, com o vento puxando o cabelo e soprando nos ouvidos. Voei para a rua e me inclinei para a direita, quase tocando o joelho no asfalto. Um carro buzinou, mas eu mal escutei. Noah estava à minha frente. Ele me viu por cima do ombro e virou à esquerda para um beco, cortando na frente de alguns carros que iam na direção oposta.

Os carros passaram e mais buzinas soaram. Virei no mesmo beco, torcendo o acelerador até o motor gritar debaixo de mim, provocando um eco ensurdecedor nas paredes sufocantes do beco. Achei que deveria ficar surpresa por estar tão acostumada e destemida na moto, mas tudo aquilo soava simplesmente... natural. Os pneus esmagavam papelão molhado e jornais. Zunindo ao passar por uma lixeira, consegui alcançar Noah, que teve que desacelerar antes da rua seguinte.

Forcei ainda mais o acelerador e saltei para a frente, batendo o pneu dianteiro na roda traseira da moto de Noah, que bamboleou, com os pneus desgovernados enquanto lutavam por tração. Ele se chocou na parede da esquerda, indo ao chão. A moto escorregou para longe, por uns bons três metros, espalhando uma trilha de cascas de laranja.

O pneu traseiro empinou quando apertei o freio, o que me empurrou para a frente. Vi o chão escuro e pedregoso passar velozmente debaixo da moto. O pneu traseiro caiu com um estrondo. Abaixei o pezinho de apoio, descí da moto e corri até Noah, que estava começando a se levantar. Ele estava apoiado em uma perna, mas eu o fiz voltar ao chão com um soco no rosto. Ele caiu contra o muro do beco, com a mão na bochecha, olhando para mim com olhos magoados. No outro extremo do beco, ouvi o ruído duplo de Peter e Olive nos alcançando.

— Meu Deus, Miranda...

Eu o peguei pela camisa e ajudei-o a se levantar, encarando-o bem nos olhos. As palavras saíram como um sussurro sibilante: — Você fez isso comigo, com nós dois. E agora vai ter de pagar. Vai voltar conosco, fim de papo. Talvez

esteja certo sobre encontrar o rebelde, talvez esteja certo sobre tudo, não sei. Mas o que sei é que Tycast tem as respostas e nós sabemos onde encontrá-lo. Então não vamos perder mais tempo e vamos até lá.

— Tycast não vai nos deixar escapar — ele afirmou, sem expressão.

— Como se alguma coisa pudesse nos impedir — respondi com mais verve do que convicção. Eu não tinha tanta confiança por conta própria, mas apostava que, juntos, nós quatro faríamos a diferença. Se quiséssemos sair, daríamos um jeito. Eu tinha que acreditar nisso, do contrário Noah estaria certo e nós seríamos os otários.

Peter e Olive pararam atrás de onde eu deixara a moto. Talvez nós três juntos pudéssemos convencer Noah a cooperar, ou ao menos a não escapar. Ele sorriu, apesar do machucado que inchava a bochecha.

— Bem, se você tá falando... — então ele fez a última coisa que eu poderia esperar. Ergueu-se e apertou os lábios contra os meus. Senti o beijo por um segundo antes de afastá-lo e lhe dar um tapa na cara. Ele caiu e bateu no muro de novo, mas o sorriso transpareceu por baixo da dor.

Tentei pensar em algo humilhante e sarcástico para dizer, mas não me ocorreu nada. Apenas uma corrente doentia me atravessava, como se eu não soubesse o que deveria estar sentindo. Raiva? Não exatamente.

Incômodo? Sem dúvida. Mas havia alguma coisa familiar nos lábios dele, alguma coisa que se encaixava.

Que desapareceu no segundo em que me lembrei de tudo o que ele fizera comigo. Fiz questão de não mostrar qualquer brecha, nada que o encorajasse a pensar que quebraria o gelo. Com sorte, ele não teria notado a parte do “algo que se encaixava”.

Peter e Olive estavam ao nosso lado, olhando para baixo, para Noah, que por sua vez analisava os nossos rostos. Uma criança pensando em qual dos pais iria pegar mais leve com ele.

— O que foi? — ele quis saber.

Peter desistiu de conversar e voltou para a moto, com um gesto de desgosto. Olive suspirou e pediu: — Volte conosco, Noah. Procurar pelo rebelde foi uma ideia, mas não sabemos exatamente como fazer isso. Vamos pra casa, achar as respostas que já deveríamos ter. Vamos voltar a ser uma equipe.

Ela tinha uma maneira mais delicada de lidar com problemas.

Olive e eu nos abaixamos ao mesmo tempo; Noah pegou em nossas mãos e nós o puxamos para se levantar.

Na primeira parada para abastecer, Noah quis discutir os prós e contras. Paramos na mesma bomba e conversamos sentados nas motos.

— Eu me senti um pouco obrigado — Noah disse, enquanto completava o tanque arranhado. — A gente pode estar deixando nossa melhor oportunidade pra trás.

— Vocês não querem descobrir a verdade? — Peter perguntou.

— É claro que queremos — Olive respondeu. — O que o Noah tá tentando dizer é que ele tá preocupado quanto a voltar pra casa como se a gente nunca tivesse saído.

— Quem disse que vamos fazer isso? — Peter continuou. — Vamos pra casa, com cuidado, e vamos descobrir a verdade com o próprio Tycast. Como deveria ter sido feito desde o início.

Noah tocou no ferimento da bochecha, então rapidamente baixou a mão. Ele estava bem interessado nos medidores acima do guidão.

— Tô só dizendo: e se tivermos cometendo um erro?

— Muito bem — eu disse. — Ficou claro que Tycast estava triste com a situação. É possível que ele nos ajude. E, afinal, como você ia encontrar o rebelde?

Olive sacudiu as últimas gotas no tanque e passou a mangueira para Peter.

— Estávamos começando — ela explicou. — A ideia era checar os lugares em que nós mesmos nos esconderíamos. Se ele é um Rosa, deve pensar como a gente.

— Parece promissor — eu disse. — Sair em busca de um cara que mata Rosas, apostando na pequena chance de que ele possa nos ajudar — ao mesmo tempo, eu não conseguia evitar a preocupação de que Noah estivesse certo. Talvez Peter confiasse demais em Tycast.

Peter levantou as mãos.

— Eis o que vamos fazer: voltamos e explicamos que vocês nunca se rebelaram. Explicamos para o Tycast e ele não vai ter outra opção, a não ser esclarecer tudo.

Nem precisamos ir até a base, assim ninguém vai nos obrigar a ficar. E a primeira coisa que vamos perguntar será do que se trata esse ensaio geral. Não está bom assim?

Noah ligou a moto. Todos nós fizemos o mesmo. O rosnado das motos ecoou pelo ambiente todo. Então ele falou: — Se Tycast sacanear com a gente, caio fora. Vou encontrar o rebelde por conta própria se for preciso.

Peter concordou com a cabeça.

— Se Tycast sacanear com a gente, vamos todos com você — ele fez uma pausa, então quase sorriu. — Quantas doses de remédio pra memória você trouxe, exatamente?

As bochechas de Noah ficaram coradas. Mesmo que tivessem levado uma tonelada, não daria para reabastecer em qualquer lugar.

Um canto da boca de Olive subiu.

— Nós temos... pouca. Precisamos voltar pra pegar mais em breve, de qualquer jeito.

Peter riu.

— Então tá resolvido.

Noah concordou: — Por enquanto.

Coloquei em primeira marcha e levei a moto para a rua; os outros seguiram, em uma orquestra harmoniosa de motores.

Falamos poucas palavras durante toda a viagem de volta. Acho que estávamos com medo do que iríamos encontrar em nossa casa.

11



A CASA NÃO ERA MAIS A MESMA DE QUANDO SAÍMOS DE lá. Senti cheiro de fumaça a mais de um quilômetro de distância. E também não era fumaça normal. Tinha um odor químico. Peter sinalizou e paramos na beira da rodovia, ainda distantes da entrada da floresta.

— Isso é o que tô pensando que é? — Noah perguntou.

Peter cheirou o ar.

— Parece H9. Um monte de H9.

— H9? — repeti. Então vi num flash: um muro branco, derretendo diante de meus olhos, borbulhando e estourando, com um brilho laranja. O fogo se espalhava e consumia tudo.

Peter inalou mais uma vez.

— Você lembra?

— Sim. É um tipo de explosivo plástico que... — vi a imagem mais uma vez, outro lampejo de laranja. — Que atravessa tudo queimando.

Peter fez que sim. Ele parecia contente por eu me lembrar de alguma coisa, por mais que fosse algo tão horrível quanto H9.

Noah desceu da moto e entrelaçou os dedos atrás da nuca.

— Eu não tô gostando disso.

Olive balançou a cabeça.

— Você acha que algum de nós está?

Noah chutou uma pedra na direção das árvores, mas não falou nada.

Peter ligou a moto, virando o acelerador algumas vezes. Meu sangue corria veloz. A pequena pílula de espanto chegou ao estômago quando senti o cheiro de fumaça pela primeira vez; eu me sentia drogada. Como se a vida estivesse prestes a virar de ponta-cabeça outra vez.

— Precisamos de mais remédio — Olive afirmou. — Precisamos ir pra casa de qualquer jeito.

— Sem dúvida, isso é H9 — Peter disse. — Vamos entrar e sair logo. Se encontrarmos o Tycast, ótimo, se não, azar. Concordam?

— Sim — Olive e eu dissemos juntas.

— Até que enfim um plano decente — Noah disse, jogando uma perna por cima da moto.

Peter manobrou a dele e nós o seguimos, com Noah se apressando para alcançá-lo.

Chegamos à estradinha estreita na floresta. O odor ficou mais encorpado. Eu via a tensão no corpo de Peter; ele estava com medo, o que fazia com que eu também ficasse. Paramos um pouco antes da clareira, descemos da moto e nos agachamos.

Havia um incêndio onde costumava ser a garagem.

Mas estava queimando debaixo do solo, com as chamas subindo um pouco. Como se a garagem tivesse desaparecido. Nós nos aproximamos e vimos o metal derretido e o concreto no buraco.

— Falem pra mim que há outra saída — eu disse.

Peter soltou um suspiro pesado.

— Não há — ele encostou a mão na testa. Noah disparou para a clareira com Olive. Peter e eu os seguimos, andando sobre o enorme retângulo em ruínas.

O fogo assou meu rosto até eu ter que dar um passo para trás.

Noah juntou as mãos em concha em volta da boca: — TYCAST!

Peter se lançou contra ele, mas não antes que Noah gritasse mais uma vez: “DR. TYCAST!”. Noah o empurrou e os pés de Peter escorregaram na lama. Olive agarrou o braço de Peter para contê-lo.

— Deixe-o gritar, Pete. Todo mundo tá morto — os olhos dela brilhavam com lágrimas.

— Quem disse que você se importa? — Peter questionou.

— Peter, não é hora de apontar o dedo pra ninguém.

Isso muda tudo — falei.

Ele balançou a cabeça.

— Desculpe, falei sem querer.

— Eu sei — Olive disse.

Noah gritou mais uma vez, dessa vez chamando por Phil. Ele tomou bastante fôlego e berrou: — SIFU PHIL! PHILLIP!

Olive ficou em silêncio, com a cabeça baixa. Eu não sabia dizer se ela estava chorando. Não sabia dizer se eu deveria estar chorando.

O momento em família se fora. Por melhor que tivesse sido meu treinamento, ele não incluía o jeito certo de lidar com aquilo. O perigo ainda podia estar por perto.

Não conseguia tirar os olhos das chamas. O buraco parecia levar direto ao inferno.

— Ninguém achou estranho isso acontecer logo agora?

Noah se virou para nós.

— Como assim?

Engoli em seco e levei os dedos até a bochecha para limpar uma lágrima fria. Eu estava chorando. Sentir alguma coisa além de vazio e raiva era bom.

— Por que aconteceu bem quando a gente estava fora? Sei que sou nova na equipe, mas ninguém acha estranho? Poderíamos estar ali dentro.

Peter olhou para Olive.

— Nós temos armas?

Olive fez que sim e se retirou para o meio das árvores.

Tentei imaginar um motivo para alguém agir assim e só consegui pensar em um.

— Não percebem? — Peter estava olhando fixamente para mim. — E se o dr. Tycast decidiu não prosseguir com o que a voz no escritório queria? Ele parecia triste, não é?

— Ele estava chorando — Noah confirmou.

— Os homens eram leais ao Tycast? — perguntei aos dois.

— Eram — eles responderam ao mesmo tempo.

Peter perscrutava as árvores atrás de mim.

— Não sabemos se há alguém morto. Talvez quem fez isso tenha apenas incendiado o lugar e dado o fora.

Balancei a cabeça.

— Nós falamos com o Tycast hoje de manhã. Por que alguém iria querer fazer isso?

— Vamos ser mais claros quanto a esse alguém — Noah disse.

— A pessoa com quem Tycast estava falando. É óbvio que ela não está sozinha.

— Nada aqui é óbvio — Noah retrucou. — O Tycast pode ter agido sozinho, ou ajudado a eles.

Eu queria responder alguma coisa, mas ele estava certo. Não podíamos ter certeza de nada.

O fogo estava baixando, reduzindo-se a um brilho laranja refletido nas paredes sujas. O chão sob meus pés me queimava através das botas. Agachei-me e coloquei a palma sobre a grama. Quando olhei para cima, Peter estava ao meu lado.

— Tire a bota — ele mandou. Seus olhos estavam borrados de lágrimas, mas talvez fosse por causa da coluna de fumaça.

— Por quê?

Ele se ajoelhou. Pegou no cadarço e puxou.

— O que foi? — continuei a perguntar.

— Você tá certa sobre o que aconteceu aqui — ele respondeu. — Não estamos seguros. E não vamos estar enquanto pudermos rastrear.

Noah estava ao lado.

— O que você tá fazendo?

— Removendo o rastreador dela.

— Que rastreador?

Peter tirou a minha meia e encontrou a costura do meu traje com o dedão. Separou o tecido na ponta de meu pé e enrolou-o até a metade da canela, segurando meu pé em sua mão. As unhas estavam pintadas em um tom vermelho acobreado, parecido com meu cabelo.

Não me lembrava de tê-las pintado; não parecia com algo que eu me importasse em fazer. Meu pé nu na mão dele me fazia sentir um pouco exposta, mas eu não sabia por quê.

Então Peter puxou uma faca.

Eu vi alguma coisa nos olhos dele. Dor. Mas não por causa de nossa casa em chamas. Seria porque ele estava prestes a me machucar? Mordi o lábio.

— Isso não vai ser agradável — Peter avisou.

Noah se aproximou e agarrou o pulso que segurava a faca, mas Peter deu uma cotovelada em seu peito.

— Saia de perto. Estou salvando nossa vida. — ele disse, e em seguida se virou para mim — Aqui foi onde eu coloquei o rastreador. Eu achava que era o único que poderia usá-lo, mas não tenho mais certeza.

Balancei a cabeça em gesto afirmativo. A faca entrou bem atrás do tornozelo. Mordi o lábio com mais força para conter os gritos. Ele virou a lâmina e uma pequena pílula vermelha pulou para fora e caiu na grama. Senti gosto de sangue e pisquei até voltar a enxergar direito.

— Acho que você vai conseguir andar — ele disse.

Olive voltou trazendo quatro bastões compridos nos braços. Bastões de combate. Senti o cheiro de tatame, ouvi o estalo de um bastão atingindo a pele. Mais um momento fantasmagórico do passado, dessa vez sem imagens. Chacoalhei a cabeça para espantar as sensações.

— Nenhuma arma de fogo? — Noah perguntou.

Peter acomodara duas pistolas Walthers em um bueiro antes de deixar Indiana. Ele não quis arriscar ser parado na estrada com elas. Depois de discutir um pouco, Noah e Olive haviam feito a mesma coisa.

Olive balançou a cabeça. Ela esfregara lama nas bochechas e na testa. Com o cabelo escuro e o traje preto, ela se camuflava perfeitamente em meio às sombras das árvores. Em comparação, eu me sentia como uma placa de néon,

com o cabelo ruivo e a pele pálida.

Peter limpou a faca na camisa, lambuzando-a de sangue.

— Quem é o próximo? — ele perguntou. Enrolou o traje novamente sobre minha perna e juntou a costura. A dor desapareceu um momento depois, como se meu traje servisse de bandagem.

Coloquei a meia e a bota enquanto Peter removia os rastreadores de Noah e de Olive. Noah xingou-o por controlá-lo à distância sem seu conhecimento, mas Olive apenas encolheu os ombros, como se tudo fizesse sentido. Eu sabia por que ele fizera aquilo — caso contrário, nós não estaríamos juntos —, mas não sabia se gostava do fato de ele não ter pedido. Ainda assim, pelo pouco que eu o conhecia, parecia que a ideia era por bons motivos, não para nos espionar. Nossa situação era a prova.

Tentei caminhar. O tornozelo estava frágil, mas parecia já estar curando, caso isso fosse possível. O fogo do H9 diminuía ainda mais. Nesse momento, era apenas um buraco esfumaçado no meio da clareira, e nenhum de nós olhava para lá. Sabíamos que não deveríamos ficar parados ali, mas acho que estávamos com medo de deixar aquele buraco para trás. Era o nosso lar. Não me lembrar disso não alterava o fato.

Olive me ofereceu um bastão e experimentei alguns giros. Ele rodava em minha mão como se eu tivesse praticado isso a vida toda, o que eu provavelmente fizera. Quando Olive se virou, dei uma cutucada em suas costas com o bastão.

— Eu era boa com isso aqui?

— Quase tanto quanto eu.

Os olhos dela estavam avermelhados e úmidos, como os de Peter e Noah. Tentei resgatar mais lembranças de casa, algum fantasma, mas não vinha nada. Não me lembrava do que perdera, não do jeito deles. Isso era quase o suficiente para provocar mais lágrimas. Eu estava olhando para Noah mais uma vez e ele notou.

Ele abriu a boca para dizer alguma coisa, mas, nesse momento, ouvimos o helicóptero.

12



TODOS NÓS PARALISAMOS, MAS APENAS POR UM SEGUNDO. Demos o fora dali, correndo em direção às árvores. Peter ia na frente, seguido por Olive, Noah e, logo atrás, por mim. Eu olhava várias vezes sobre o ombro para a coluna de fumaça que se curvava acima das árvores. As folhas farfalhavam enquanto o helicóptero passava sobre nossas cabeças.

Continuamos correndo. O matagal foi ficando mais fechado, estávamos passando por um trecho com muita lama e raízes.

Eu brequei, deslizando um pouco. Os outros continuaram correndo silenciosamente, diminuindo à minha vista. Noah foi o primeiro a perceber que eu tinha ficado para trás e gritou: — Esperem!

Peter e Olive pararam um pouco adiante. Correram de volta até mim, mas eu não estava olhando para eles.

Eu estava olhando para o dr. Tycast escorado em uma árvore.

A frente do jaleco dele estava ensanguentada e rasgada. As lentes dos óculos, rachadas. Lábios e nariz cobertos de sangue seco.

— Miranda... — ele disse. Agachei-me ao seu lado e toquei seu rosto de leve, com medo de causar ainda mais dor. Ele se esforçou para dar um sorriso frágil e trêmulo, mostrando um pouco de sangue nos dentes.

— O que aconteceu? — perguntei.

— Você tem que ir. A equipe Beta, eles ainda estão aqui. Eles... não são nossos amigos — a voz dele estava muito baixa e anasalada.

Às minhas costas, ouvi os outros chegando. Peter se agachou e se equilibrou com uma mão em meu ombro.

Ele disse:

— Temos que tirá-lo daqui. Podemos carregá-lo.

Doutor, alguém mais escapou com você?

Tycast balançou a cabeça.

— Eu estava na garagem quando eles soltaram o H9.

A base desmoronou, quase não consegui escapar — ele olhou para Noah, em pé atrás de mim e de Peter. — Você tinha razão em fugir. Você estava certo

— o rosto dele se contraiu. Ele tossiu por alguns segundos. — Como soube?

Noah falou em voz baixa: — Eu estava no seu escritório. Você recebeu a chamada de uma mulher. Você... ela falou sobre clientes e testes.

— Eu acredito que isso te deixou... um pouco confuso.

— Sim, senhor — Noah respondeu.

— Quem é ela? — perguntei.

— Uma das pessoas que estão por trás disso. Tudo.

Os criadores do projeto.

Os olhos de Tycast passearam por nós e ele sorriu de novo, dessa vez mais calorosamente. O pedaço que estava faltando dentro de mim era preenchido, talvez temporariamente, mas o bastante para deixar meus olhos doendo.

Um outro helicóptero — ou será que era o mesmo? — passou zunindo sobre nossas cabeças. Os galhos e as folhas verdes no caminho rodopiavam ao cair no solo da floresta.

Tycast respirou bem fundo.

— Vocês pertencem uns aos outros agora. Mas eles vão caçar vocês. Vocês precisam... estar preparados.

Precisam... ficar juntos. Eles os criaram com um objetivo. Todos vocês.

Tycast começou a escorregar do tronco de árvore.

O Peter segurou-o para mantê-lo em pé.

— Que objetivo? — ele perguntou.

— Vocês conhecem o poder que têm — Tycast respondeu. — Existe gente nesse mundo... que faria qualquer coisa para tomar posse de vocês. Controlá-los.

As pessoas que fizeram vocês da maneira que são, elas querem, querem...

— O quê? — Noah incentivou.

— Testar vocês. Na cidade. Um ensaio geral para provar o seu valor. Eles vão usá-los para aterrorizar a cidade até deixá-la disfuncional, até que as pessoas fujam e não reste nada além de ruas e prédios vazios.

— E os corpos dos que morrerem tentando escapar do tumulto — completei.

Ele concordou com a cabeça.

— Sinto muito. Mesmo. Achei que poderia fazê-los mudar de ideia. Mesmo que consigam evitar a captura, eles vão usar outros Rosas.

Peter disse: — Você sabia o tempo todo que nós seríamos vendidos... Você sabia.

Sua mandíbula estava tensa. Parecia que ele estava contendo a raiva de se sentir traído. Todos nós estávamos. Mas havia amor no rosto de Tycast, mesmo

que eu não pudesse me lembrar de muita coisa.

Ele resistia à dor com os olhos secos.

— Eu sabia. Sim. Mas não queria deixar vocês irem.

E agora está acontecendo mesmo sem mim...

Noah interrompeu: — Foi isso o que eu ouvi. Foi por isso que fugimos.

Tycast disse: — Eu deveria ter deixado vocês irem. Fui um covarde.

— Até agora — Olive disse atrás de mim.

— É tarde demais, minha querida — Tycast falou. — Eu disse que não iria participar de nada daquilo, então eles destruíram todo o meu trabalho... o nosso lar. Eles provavelmente sabiam que vocês quatro estavam fora.

Ainda querem usá-los. Vocês valem bastante.

Peter balançou a cabeça.

— Mesmo que eles nos capturem, não vão conseguir nossa cooperação. Eles não podem nos obrigar.

As sobrancelhas brancas de Tycast se ergueram.

— Tudo o que eles precisam fazer é se recusar a dar as injeções de memória. Então vocês não vão mais se lembrar de qual lado defendem. E há outras maneiras também.

Uma mão congelante parecia apertar meu estômago.

Olive engasgou. Acho que ninguém estava pensando no futuro das injeções até aquele momento, inclusive eu.

Noah se enfiou entre o Peter e eu.

— Onde podemos conseguir mais injeções, doutor?

— Há um lugar — Tycast respondeu. — Eu fiz um esconderijo para emergências. Enterrei... no lago. No terceiro píer, no centro da cidade. Tinta vermelha.

Terceiro píer. Sinto muito. Eu falhei com vocês. Ali tem o bastante para durar. Peguem ali e escondam. Não lutem com eles. Não...

Ele estava apagando. Apertei seu ombro, tentando manter sua atenção. Talvez ele pudesse aguentar. Mas mesmo querendo me convencer do contrário, eu sabia que aqueles eram seus últimos momentos.

— Essa equipe Beta — continuei. — Quem são eles?

Tycast fez uma careta, mas não de dor. Parecia mais desgosto ou vergonha.

— Eles são como vocês.

Como nós.

— Rhys — Noah disse. — O rebelde. Quem é ele? Ele pode nos ajudar?

Noah perguntou mais alguma coisa, mas eu não ouvi. Estava ocupada demais olhando para a luz que foi desaparecendo dos olhos do doutor. As

pálpebras desceram, mas os olhos continuavam entreabertos, como quem estivesse acordando lentamente de uma soneca e se acostumando com a luz.

Por alguns momentos, nenhum de nós se moveu ou falou. Eu não podia ler a mente deles, mas supunha que estávamos ponderando as mesmas questões. Tycast nos traíra? Ele sabia o que estava por vir, mas isso não significava que não tivesse poder para impedir. Eu queria acreditar no que ele dissera, que ele não nos abandonaria nem nos usaria. Sei que os outros também. Mas, como de costume, eu não sabia o que pensar.

Então Peter se levantou e deu alguns passos sozinho, apertando a testa. O resto de nós o observava, esperando por ordens, acho. Nós deveríamos sair de lá. Ficar ali me causava coceira na sola dos pés. Ou talvez ainda fosse o sangue vazando de meu tornozelo.

Noah pôs as mãos na cintura. O suor reluzia em seu cabelo castanho e curto.

— Precisamos achar aquela provisão de remédio — ele disse a Peter.

Peter não olhou para nós.

— Vocês acham que eu não sei disso?

— Então o que estamos fazendo aqui parados? — Olive quis saber.

Ela era tão quieta, mas sua presença era reconfortante, talvez por não ser espalhafatosa. Era o oposto de Noah. Especialmente com lama no rosto e com a maneira com que dava alguns passos para trás, observando-nos em vez de se misturar. Mas havia algo de selvagem nela. Uma luz estranha em seus olhos, que parecia mais que humana. Eu queria conhecê-la. Eu me perguntava do que me esquecera.

Peter finalmente se voltou para nós. Atrás dele, um esquilo correu ligeiro pelo solo e subiu em uma árvore.

Os helicópteros ainda flutuavam ao longe.

— Precisamos impedir esse ensaio geral — Peter disse.

— Se o que ele disse é verdade...

Todos nós sabíamos que era. Rodopiei o bastão e agarrei-o de costas.

— Essa não é a prioridade agora — Noah retrucou. — A prioridade é garantir que a gente não perca a memória.

— Do jeito que eu perdi? — falei à queima-roupa.

Aquilo pairou no ar entre nós, o lembrete constante de que eu ainda destoava do grupo.

— Miranda... — Noah começou.

Balancei a cabeça.

— O ensaio geral precisa ser tão importante quanto.

Sabe do que somos capazes, então imagine o que pode acontecer em uma

cidade. Você não estava lá no shopping comigo. Com as pessoas que não conseguiam sair da frente rápido o bastante — engoli seco, desejando que aquela cena fosse parte de minhas lembranças esquecidas. — Todos vamos receber a medicação, mas temos que impedir que eles causem uma catástrofe.

Eles. Gostaria que houvesse um pouco mais de clareza quanto a quem eram os inimigos. É difícil combater o que não se conhece.

Mordi o interior de minha bochecha mais uma vez, sentindo na língua a carne ferida. Mais folhas caíam ao chão enquanto um helicóptero passava sobre nossas cabeças. Foquei no gosto de sangue, apenas para ter algo em que me concentrar.

Peter esfregou a ferida na testa.

— Tycast uma vez me contou que só podemos criar ondas de medo durante a adolescência. Depois de um tempo, a densidade do cérebro vai diminuir até parecer com a de pessoas normais. É por isso que treinamos desde crianças.

Olive disse: — Ele contou isso pra mim também. Então eles precisam nos usar logo, ou nunca vão poder.

— Exatamente — Peter concordou.

— Ainda vamos precisar das injeções de memória? — perguntei. — Depois que os poderes desaparecerem?

Peter encolheu os ombros.

— Acho que não, mas não tenho certeza. Tycast só me contou isso.

Noah levantou as mãos e se colocou entre Peter e eu.

— Planejar o futuro é ótimo, mas precisamos lidar com o agora. Vamos pegar a provisão antes que seja tarde demais.

Ele ia falar mais alguma coisa, mas estava olhando de um jeito esquisito para Peter. Então eu vi: alguma coisa estava espetada no pescoço de Peter. Ele pôs a mão ali para checar, então seus olhos rolaram até ficarem brancos e ele tombou. Sua cabeça bateu na terra.

— Protejam-se! — Noah gritou.

Eu reagi instantaneamente, recuando e me curvando atrás de uma árvore, onde me agachei, com o bastão ao lado. Noah e Olive desapareceram. Tentei respirar lentamente pelo nariz enquanto meus olhos rastreavam as árvores, procurando por uma ameaça. Eu ainda via o corpo do dr. Tycast no tronco, a alguns metros de distância.

E o Peter — meu Deus. Meu reflexo inicial sumira e eu o vi com o dardo no pescoço. Podia ser veneno. Ele podia estar morto. Eu me esforçava para manter a respiração constante. Não podia perder o controle naquela hora, não naquele lugar, sob ataque. Meus olhos perscrutaram as árvores, mas só

enxergavam folhas e mais folhas.

Noah grunhiu. Então ouvi o som brusco de madeira contra madeira. Saí do esconderijo e avancei pela terra, segurando firme o bastão. Noah estava a uns três metros dali. Na frente dele, entre nós, havia alguém usando um traje à prova de balas idêntico ao nosso. Um capuz cobria a cabeça dela. Percebi que era uma mulher por causa da forma do corpo.



Atrás de Noah, um clone exato da primeira pessoa em traje preto, um homem. Seu traje cobria-o até o rosto e, mesmo me encarando, não me deixava ver nenhum traço marcante, a não ser as lentes escuras que cobriam seus olhos. Os dois de preto estavam com bastões como os de Noah, com a diferença de que os deles tinham facas na ponta. Por que o nosso modelo era pior?

Noah bloqueou um ataque frontal da garota, mas sofreu um golpe indefensável do homem. Ele gemeu, tropeçando para a frente. Olive veio correndo das árvores, o bastão dela era como uma mancha rodopiante.

Eu parti para cima da garota, que estava de costas para mim. Meu bastão acertou o topo de sua cabeça e ela gritou de dentro da máscara.

Meu golpe baixo não a fez parar. Ela deu a volta ao meu redor e desceu seu bastão rente ao chão para me pegar em uma rasteira. Eu pulei antes e, como já estava no ar, projetei um chute razoável no peito dela. Ela bamboleou para trás, chocando-se em Noah, que lidava com o outro de preto, junto a Olive. As estocadas contínuas dos bastões de madeira soavam como repique de tambor. A garota tropeçou na perna de Noah e caiu com uma cambalhota desengonçada.

Se aquela era a equipe Beta, por que só havia dois?

Vi Olive golpear o peito do homem com a ponta do bastão; ele caiu com um grunhido violento. A mulher levou um segundo para se levantar depois da queda.

Contra nós três lutando juntos, ela não tinha nenhuma chance.

Eu queria rir, mas alguma coisa não estava certa.

Não deveria ser tão fácil. Olhei rapidamente sobre o ombro para checar Peter e vi que não era tão simples.

Mais dois estavam ao lado dele, um rapaz e uma garota. Pude ver de relance um par de olhos antes que as lentes do rapaz escurecessem. Eu me lembrei daqueles olhos. Azul-claros, azuis demais — quase falsos. Antes de me lembrar de qualquer coisa mais, os dois estavam bem na minha frente. Meu bastão zunia de lado a lado, bloqueando as investidas e os golpes cegos, mas os dois eram tão rápidos quanto eu. Um deles pegou um dardo idêntico ao que estava no pescoço de Peter. Torci meu pescoço para trás antes que ele

conseguisse espetá-lo, mas o movimento me tirou o equilíbrio. Uma lâmina cortou minha calça jeans, arranhando o joelho.

Eu estava caindo.

Noah me segurou. Ele não me sustentou por muito tempo, apenas o suficiente para impedir a queda. Então ele voltou a golpear para trás e para a frente, afastando-os. Olive se esgueirou por trás deles e ergueu Peter. Ela o ajeitou sobre os ombros e desapareceu no meio do mato. Atrás de mim, os dois primeiros cambaleavam, atordoados. A garota apertava a cabeça.

— Noah, vamos!

Não esperei, simplesmente acelerei no meio das árvores e corri e corri e corri. Os pés de Noah marcavam a terra logo atrás. Nossa única chance era despistá-los. Um dardo perfurou um tronco de árvore um metro e meio à minha frente. Contornei a árvore sem perder velocidade. A floresta era um borrão verde e o único som era o de meus pés aterrissando rapidamente em folhas mortas e terra. Eu ia em zigue-zague e Noah mantinha o ritmo. Eu sabia que tínhamos que escapar juntos. Senti que estávamos despistando-os. Mais algumas curvas. Não sabia onde estávamos, mas aquilo não iria acabar naquela floresta. Não podia.

Ouvi o rumor do rio pouco adiante e convenci os músculos a darem uma energia extra. Eu não estava nem ofegando. Parte de mim parecia alheia a mim mesma, afinal, não sabia do que exatamente era capaz. Meu corpo parecia ter memória própria, ainda intacta.

A corrida me levou para um entrelaçamento de galhos e, assim que atravessei-o, o campo se abriu.

Embaixo, da direita para a esquerda, fluía um rio verde amarronzado. Saltei da ribanceira e planei sobre o rio, ajeitando o corpo para o mergulho, com as mãos à frente para o caso de a água escura ser rasa. Perfurei a água corrente. Tive sorte — não atingi o fundo. A corrente tentou me empurrar para a superfície, mas eu empurrava com braços e pernas, lutando para continuar embaixo. A água gelada pinicava meus olhos e meu nariz, mas eu não conseguia ver nada além de barro.

Uma mão se aproximou de minha cintura. Tentei afastá-la, então vi uma camiseta no meio da escuridão.

Noah.

Esvaziei o ar dos pulmões para não voltar à superfície e revelar nossa localização. Noah mantinha a mão firme em minha cintura. Bolhas surgiam ao meu redor. Meu peito se apertava. É bem mais difícil segurar o fôlego quando não há mais fôlego para segurar.

Noah fez pressão sobre mim e nós dois chegamos ao fundo. Abri meus olhos e o vi através da água suja.

Eu precisava subir.

Eu tinha que subir para a superfície e encher os pulmões.

Mas não sabia o quanto a gente andara. Talvez não estivesse tão longe. Se eu subisse à tona naquela hora, eles poderiam ver que não atravessáramos o rio. Devia ter continuado correndo.

Eu me debatia nos braços de Noah. Estava me afogando. Eu sabia. Não podia mais segurar o fôlego.

Lutava e arranhava-o para me libertar, qualquer coisa para que ele me deixasse ir. Eu tinha que chegar à superfície. Mas as mãos dele me seguravam firme e, por um momento doentio, pensei que ele estivesse tentando me matar. Uma pedra no fundo arranhou com força meu pescoço; meus lábios se abriram, ofegantes. Noah pôs a boca na minha. Ele soprou seu hálito quente para eu inalar. Bem a tempo. Os pulmões ainda ardiam, mas já nem tanto, e eu conseguia suportar. Ali, tocando o fundo do rio, com os lábios em meu ex-namorado que me dava seu ar, percebi que não iria afogar, não ainda. Nossos lábios continuaram selados, permitindo-me alguma reserva. De repente, a boca dele não estava apenas colada à minha, estava se movendo. Ele estava me beijando. E eu beijava-o de volta. Nós nos esquecemos de respirar.

Uma memória fantasma surgiu.

Eu desamarrava os sapatos, sentada em meu beliche.

Acabáramos de nos exercitar, uma corrida e trinta minutos de luta. Uma camada de suor gelado me cobria.

Noah se alongava no chão na minha frente, sem camisa.

Sua musculatura era esbelta e rígida, mais compacta que a de Peter. Os vincos no abdômen faziam sombras retas.

Eu estava puxando os cadarços quando Noah agarrou minha perna e me puxou para fora do beliche.

Eu me vi nas mãos dele antes que alcançasse o chão. Ele me colocou em seu colo.

— Você tá todo suado — reclamei.

Ele estava com uma ferida na bochecha, onde sem querer eu acertara um soco em cheio durante o treinamento. Peter e Olive voltariam logo. Nosso namoro ainda era um segredo. Nos escondíamos porque tudo o que nós quatro fazíamos, fazíamos juntos. Ainda não estávamos prontos para mudar nada. Noah era paciente.

A tensão mexia conosco porque Peter e Olive podiam chegar a qualquer segundo. Ele me colocou no chão e me beijou, e eu senti o suor em seu lábio superior.

— Eu queria contar uma coisa — ele disse.

— Ah, é? O quê?

— Estou apaixonado por você. Eu te amo.

Fiquei olhando fixamente para ele por um momento, para aquele menino com quem cresci como se fosse meu irmão. Nós acompanhamos um ao outro enquanto nos tornávamos armas, ou algo tão aprimorado que tínhamos o que nossos corpos seriam capazes de fazer.

Cada momento que merecia ser lembrado acontecera ao lado dele.

E naquela hora ele dizia que me amava, e eu sabia que o amava também. Então falei: — Eu também te amo.

A lembrança se apagou mais rápido do que surgiu. Nós ainda estávamos submersos. Mesmo quando o pânico ameaçava me dominar completamente, eu tinha tempo para sentir a perda. O amor que eu senti na lembrança continuava comigo. Era real. Mas...

Ele arrancara fora. Ele jogara fora.

Então por que eu não conseguia deixar o sentimento para trás?

Essa era a primeira lembrança da qual eu podia me sentir dona. Eu aceitara os outros momentos fantasmagóricos como verdadeiros, mas esse era diferente. Mais denso.

O ar enfim acabara, depois que deixamos escapar um monte enquanto nos agarrávamos, prestes a nos afogar. Um pânico irracional me assolou. Eu tinha que sair. Eu me soltei, dessa vez ele me deixou ir, e me lancei à superfície. O ar frio castigou minhas bochechas quando Noah apareceu esguichando ao meu lado. Dei a volta, resfolegando enquanto flutuávamos rio abaixo, engolindo grande quantidade de ar, que nunca me pareceu tão agradável. As margens pareciam limpas, nenhum traje preto à vista. Mas nada de Peter e tampouco de Olive.

Afundi-me mais na água, escondendo as partes que não respiram. Sentia o gosto do barro na água, e o hálito e o beijo de Noah. Estava com medo de olhar para ele.

Deixamos a correnteza nos levar. Nenhum de nós disse mais nada.

Fingíamos que era para evitar que algum dos trajes pretos pudesse nos ouvir.



NÓS NÃO FALAMOS DEPOIS QUE SAÍMOS DA ÁGUA, NÃO imediatamente. Estávamos na margem, escondidos por uma elevação rochosa.

Uma espécie de caverna que se abria para o céu. Tirei a camisa de manga comprida e a torci, tremendo, até que o sol me aquecesse através do traje. A água formava contas nas escamas, como pérolas brilhantes.

Noah estava na ponta da formação rochosa, fingindo avaliar as margens rio acima.

Sem refletir, eu falei: — Sabe, se você não tivesse roubado tudo o que eu sou, nós ainda estaríamos juntos.

Noah ficou tenso, mas não disse nada. Olhei para sua mandíbula contraída. Eu não sabia bem por que tinha dito aquilo; não precisava puni-lo. Ao mesmo tempo, era bom ver o arrependimento. A dúvida. Ele não podia voltar atrás. Então, o que era um pequeno remorso perto da perda de minha memória?

— Você ainda é você — ele disse, agora olhando para o lado oposto, rio abaixo. — A mesma velha Miranda. Suas lembranças não te fazem ser quem você é.

Tentei pensar em uma réplica, mas fiquei apenas sentada com os joelhos encostados no peito. Estiquei a mão e espremi a água do cabelo. Estava arenoso e pegajoso por causa do rio barrento.

Minha mente continuava voltando para o quanto os lábios dele me pareceram familiares, como eu reconheci o beijo. E eu não podia deixar de me perguntar o quão exatamente familiar ele era para mim. Não sabia como era estar com ele o tempo todo, ou o que fizéramos juntos. O beijo não remexeu em lembranças esquecidas para ele; de acordo com todo mundo, nós estávamos juntos uma semana antes. Provavelmente era normal para ele. Eu estava com ciúme; ele causava isso em mim. Ele podia saber tudo sobre meu passado e eu só tinha lampejos.

Então perguntei logo, antes de desistir: — A gente transou?

Senti que estava ficando corada conforme os segundos passavam.

Finalmente ele soltou um sorriso malicioso. Não era exatamente o que eu

queria ver naquele momento.

— Não. O Phil dizia que era proibido.

De repente, eu me lembrei do sonho-lembrança de Noah em minha cama. Falei não para ele, mas não podia lembrar por quê.

Noah pareceu atordoado por um instante, como Peter antes de tirar meu rastreador. Peter. Ali estávamos nós, trocando farpas em vez de procurar por Peter e Olive.

Ele se agachou, mantendo os olhos no arvoredo rio acima. A voz dele estava baixa: — Phil nos ensinou a maior parte das nossas habilidades de combate corpo a corpo, além de um pouco de esgrima. Ele disse que nosso poder vem do interior, e que o sexo iria diminuí-lo, além de arruinar a relação da equipe. Os monges shaolins descobriram essa coisa de poder muito tempo atrás. Ele provavelmente só estava dizendo para nos mantermos na linha, mas éramos muito competitivos um com o outro para arriscar — ele fez uma pausa e olhou para os pés, mas me contemplando de soslaio. — Não que você não quisesse.

Meu pescoço pinicava com o suor. Olhei para o lado.

— Bem, agora eu não quero.

— Você lembrou — ele disse. — Quando eu beijei você debaixo da água, você se lembrou um pouco. Eu pude sentir nos seus lábios.

— Não sei o que eu sentia antes, mas não importa mais agora.

— Importa, sim.

— Não, porque tudo o que aconteceu entre nós voltou à estaca zero. Eu não te conheço — eu me levantei, fazendo força para manter a voz baixa. — Por que você fez aquilo, Noah? Por que achou que tinha o direito? Nós crescemos juntos. Você sabia que eu cuidaria de mim mesma. Sabia que eu ia querer estar ao lado de vocês e que descobríssimos as coisas juntos — eu só podia presumir que a última parte era verdade. Se era como eu me sentia naquela hora, devia ser como me sentira antes.

Gostaria de ter tido aquela oportunidade, a escolha de lutar ao lado dele.

Ele encarou a rocha sob nossos pés, o olhar vago, como se tentasse decidir alguma coisa. Levantou-se e caminhou até mim.

— O que foi?

— E se eu dissesse... que você me deu permissão?

Que eu perguntei e você disse que sim?

— Dizer sim pra perder a memória?

Não. Sem chance. Ele estava mentindo.

Ele pegou minhas mãos e esfregou os polegares nos nós dos meus dedos. Eu queria afastá-lo, mas não conseguia. Ele estava mais perto, os nossos rostos a poucos centímetros.

— Não se lembra? — ele continua. — Você precisa.

Tente se lembrar. Nós estávamos no trem. Você se lembra do trem?

Eu tinha o trem na minha mente, aquele em que surfáramos naquela noite. Não vinha mais nada, eu queria que ele estivesse certo, mas não conseguia ver.

— Eu fiz uma pergunta. Se eu tivesse que fazer alguma coisa, alguma coisa de que você não gostasse, alguma coisa da qual discordaria, mas que eu acreditava que iria nos manter seguros, você e eu seguros, para que a gente pudesse ficar juntos. Eu perguntei: você confiaria em mim?

Finalmente, olhando profundamente nos olhos dele, a lembrança surgiu.

○ ○ ○

Estávamos no pátio da ferrovia, no topo de um velho vagão enferrujado fora do trilho. Estávamos ali escondidos, mais uma vez. À minha direita, um trem corria com um estrondo, as rodas arranhando os trilhos.

O metal vibrava. Eu estava aninhada na dobra do braço de Noah, de costas, enquanto olhávamos para as estrelas. Ele estava distante naquela noite, distraído.

Aconcheguei-me nele ainda mais, jogando o braço sobre seu peito. As mãos dele roçavam o meu cabelo, traçando uma linha em volta da minha orelha.

— O que foi? — eu perguntei, por fim.

— Nada.

— Noah.

Depois de um tempo, ele suspirou.

— Tem uma coisa que eu preciso fazer.

— O que é? — Minha orelha direita estava sobre o coração dele. Eu o ouvi batendo mais rápido.

— É uma coisa horrível, injusta, egoísta. Mas acho que pode ser a coisa certa. Pra nós.

— Certo. Então me conte.

— Não posso contar. Não posso.

Eu me levantei, apoiada no cotovelo, e olhei para o rosto dele. Ele virou a cabeça na minha direção. Inclinei-me e dei-lhe três beijos demorados.

— Você pode me contar qualquer coisa.

— Não posso. Mas preciso que você confie em mim.

Preciso saber se você confia em mim, numa decisão minha. Uma bem difícil. O que estou perguntando é: você confia em mim?

Eu o beijei mais uma vez. O trem desapareceu pelos trilhos. O barulho sumiu junto.

— Eu confio em você.

De volta à beira do rio, lágrimas escorreram por minhas bochechas.

— Se eu soubesse...

A lembrança terminou abruptamente. Eu não tinha ideia do que acontecera depois. Se eu simplesmente concordara, ou buscara mais informações...

Ou se apenas confiara nele, exatamente como ele estava dizendo.

— Você confiou em mim — Noah disse. Ele queria algum sinal de perdão ou de compreensão. E parte de mim queria ceder. Eu só não achava que já poderia fazê-lo, ou o que significaria quando eu finalmente o fizesse.

Enxuguei as lágrimas. Não era hora para aquilo.

Nossos amigos estavam em algum lugar, nem sabíamos onde, e precisavam de nós. Uma viagem pelo passado não faria os problemas desaparecerem.

— Você fez a sua escolha — eu disse com todo o tom de fatalismo que consegui transmitir. E era verdade.

Confiando ou não, eu nunca teria concordado com a perda da minha identidade. Mas ao me lembrar do que acontecera, ficava difícil continuar zangada.

Ele olhou rio acima mais uma vez. A barra parecia limpa e eu estava cansada de me esconder. Corri para a beira da rocha e pisei na terra, com a camisa úmida sobre o ombro. Continuei com a calça jeans, para o caso de voltarmos à civilização.

As pedras se deslocavam e estalavam sob meus pés, barulhentas demais. Segui ao longo da margem, esperando encontrar meus amigos antes do pôr do sol.

— É isso que as pessoas fazem quando estão apaixonadas — Noah disse. — Elas tomam decisões malucas. Fazem o que acham que é melhor e às vezes acaba sendo um erro, Miranda.

Eu parei. E me virei. Ele continuava na rocha, logo acima.

— Só me diga que não vai me odiar pra sempre. Diga que não terminamos.

Eu queria dizer a palavra, até pensei nela.

Terminamos. Como poderia ser diferente? Mas tudo o que pude dizer foi: — Não sei. Por favor — e voltei a caminhar pela margem. A tristeza estava em meu peito e a única coisa que eu podia fazer era andar. Enfiei-me no meio das árvores para ter cobertura. Logo depois, Noah me alcançou e andamos lado a lado em silêncio.

Ele encontrou mais um assunto para conversar. Uma coisa óbvia, outro

assunto para evitar as discussões ou declarações de confiança.

— Você sabe, não temos muito tempo de sobra com a medicação.

— É o que dizem. Você não conseguiu pegar algumas doses quando escapou pela primeira vez? Porque isso seria realmente muito bom.

— Consegui...

Demos mais uns dez passos antes que ele completasse a frase. Eu me agachei para não bater em um galho baixo.

— Mas... — incentivei.

— Mas as perdi na fuga. Tivemos que lutar com um segurança do Tycast. Minha mochila... Então, o remédio derramou, e...

Meu queixo caiu.

— Então, se o Peter não tivesse encontrado vocês, também perderiam a memória.

A mão de Noah esbarrou na minha enquanto dávamos a volta em uma árvore, mas eu não soube dizer se foi intencional.

— A gente voltaria pra buscar mais. Mas as doses que tomamos nos deu algum tempo.

— E você não convidou o Peter porque...

— Já contei o motivo.

— Mas você confia nele agora?

Parecia que estávamos andando a esmo, mas não.

Estávamos fazendo desvio, voltando ao lugar de onde viéramos; considerando o tempo que ficamos na água, sabíamos que Olive e Peter tinham de estar naquela direção. Esperei pela resposta enquanto meus olhos perscrutavam a mata. Folhas mortas cobriam o solo da floresta e estalavam sob os pés.

— Noah.

— Claro. Eu confio nele.

Olhei para ele. Ele parou e eu parei. O canto de sua boca virou para cima em um sorriso forçado, desconfortável. Então os olhos dele se estreitaram e eu também senti.

Uma onda de medo. Estava fraca, mas tinha a essência de rosas que já me era familiar. E aparentemente eu podia sentir de que direção vinha.

— Eles estão perto — eu disse, acelerando os passos.

— Como sabemos que não é a outra equipe?

— Não sabemos.

— Eles podem estar tentando nos atrair pra uma armadilha.

— Então vamos tomar cuidado.

Engatei uma corrida, tentando não esmagar muitas folhas. A essência

parecia aumentar. Ou estava ficando mais forte, ou estávamos chegando perto. Galhos açoitavam meu rosto, arranhando meu traje e puxando meu cabelo. Eu sabia que eram Peter e Olive. Eu podia sentir.

— Devagar! — Noah sussurrou às minhas costas.

Uma raiz estourou sob seu pé, com um barulho alto. Eu pude ver por uma fresta no meio do matagal. Uma pessoa de cabelos longos, amarrados em um rabo de cavalo. Passei pelo mato e parei. Ergui as mãos.

Olive apontou a extremidade do bastão dela para a minha cara. Noah pisou firme ao parar logo atrás de mim.

— Olive, o que você tá fazendo? — ele perguntou. Ao lado dos pés de Olive estava Peter, ainda inconsciente.

Ela ofegava bastante pelos dentes trincados e não tirava os olhos de mim, a não ser para checar Noah. A madeira na frente de meus olhos me tirava o foco.

— Prove que é você — Olive ordenou. Eu estava tão confusa que dei um passo adiante. Ela me golpeou forte no peito. Meu traje absorveu a maior parte do impacto, mas ainda assim perdi o equilíbrio. Noah me ajudou com uma mão a ficar em pé.

— Eu disse: prove que é você.

— Olhe para as nossas roupas — eu falei. — As deles eram diferentes.

— Vocês podem ter trocado — Olive disse, mas eu percebia a dúvida na voz. Um arranhão vermelho e brilhante dividia a lama seca em sua bochecha direita.

— Olive, somos nós — Noah disse. — Do que você tá falando?

Eu vi Olive avaliá-lo enquanto ele falava. Ela baixou lentamente o bastão, tirando-o da minha cara e deixando-o ao lado dela.

— O que aconteceu? — perguntei.

Olive olhou para Peter, que se remexia dormindo. A pequena ferida no pescoço dele era de um vermelho vibrante.

— Uma garota deles nos alcançou. Ela estava sozinha, eu... Eu lutei com ela. Soltei o Peter, lutei com ela e ganhei. Nocaute. Ela caiu perto de uma árvore e eu ia pegar o Peter e sair correndo, mas eu tinha que saber quem ela era. Eles usam os mesmos trajes que a gente.

Exatamente os mesmos. E eu estava pensando no que o Tycast disse...

— ...Sobre a equipe Beta ser como nós — completei, sentindo o gosto do rio em minha garganta.

Os olhos de Olive se fixaram nos meus, um pouco arregalados.

— Eles são nós — ela disse. — A garota era eu.

Exatamente como eu, como uma gêmea, ou um clone, ou seja lá o que for. Eles são nós.

— Impossível — o Noah retrucou. Ele estava bem ao meu lado, com o ombro encostando no meu, que ficava só um pouco abaixo do dele.

— Tem certeza? — Olive continuou. Sua voz se esganiçou; ela estava tentando ao máximo ficar calma, e eu também. — Porque eu sei o que vi. Até levantei as pálpebras dela e ela tinha olhos iguais. Dentes iguais.

Noah. Deus. Eles também são quatro, não é? Quatro de nós. Duas equipes.

Pensei mais uma vez no shopping. O caos que eu mesma provoquei. Imaginei o que seria acrescentar mais sete e repetir em uma cidade.

Nós não podíamos ser pegos.

Aproximei-me lentamente de Peter, temendo que Olive se animasse com o bastão novamente, então me agachei e senti o pulso forte dele entre meus dedos. Sua pele estava queimando. O vento passava cortando pelas árvores, derrubando folhas. Nós congelamos, escutando.

Nenhum helicóptero dessa vez.

Olive deixou o bastão cair no chão.

— Então você soltou uma onda para que nós pudéssemos encontrar você — eu disse.

Ela concordou com a cabeça e tentou sorrir.

— Foi um risco que tive de correr. Nós tínhamos que continuar juntos, como o doutor disse. Como Peter disse.

Noah girou em um círculo completo, observando as árvores.

— Então precisamos ir andando. Se a gente conseguiu achar seu rastro, o que impede a outra equipe de fazer o mesmo?

Olive balançou a cabeça.

— A distância. Carreguei o Peter por quase um quilômetro e os Beta estavam vasculhando a floresta na direção oposta. Eu pude ouvi-los se afastando quando nocauteei a... garota.

— Você apostaria sua vida nisso?

A onda que sentimos foi sutil. Possivelmente de curta distância. Ainda assim, não deveríamos nos demorar ali.

Levantei-me e pus a mão no ombro de Olive, com cuidado, como eu faria com um animal assustado. Ela relaxou ao meu toque. Lentamente eu a puxei para um abraço e ela envolveu os braços à minha volta. A sensação foi estranha porque eu não conhecia bem aquela garota. Apenas tinha que confiar que no passado fomos próximas. Quando ela me vira no hotel, parecera aliviada, mas aquilo não significava que sempre havíamos sido amigas. Colegas de equipe com certeza, mas existe uma diferença.

“Eu queria conhecer você”, pensei. “Queria que fosse como antes,

quando éramos uma família e não existiam problemas externos, quando não tínhamos que fugir de nós mesmos. Literalmente.” A outra Miranda, os outros Peter e Noah. Eu me perguntei se eles tinham os mesmos nomes. Se eram como nós, ou os nossos opostos, ou algo no meio-termo.

— Eu estou bem, de verdade — Olive se afastou com um olhar esquisito no rosto, como se estivesse surpresa por eu tê-la abraçado. Eu precisava admitir que não parecia ser do tipo que abraça. Acenei e não disse mais nada.

Agachei-me mais uma vez e pendurei o braço adormecido de Peter sobre meu ombro.

— Vocês não querem me dar uma ajuda? — sorri para eles. Eu tinha um pequeno motivo para sorrir: nós estávamos vivos.

Olive sorriu de volta e limpou o nariz. Depois de um momento, Noah sorriu com a boca, mas não com os olhos. Cada um de nós segurou uma parte de Peter para carregá-lo pela floresta.



PERCORREMOS ALGUNS QUILÔMETROS NO SENTIDO SUL, até que a paisagem de floresta foi substituída por uma estrada. Carros e um caminhão ou outro passavam, mas precisávamos de algo que pudesse nos transportar e, ao mesmo tempo, nos manter escondidos de olhares perigosos.

Levamos uma hora.

Uma van branca passou por uma curva e eu saí do meio das árvores sacudindo os braços, mantendo-me atenta para os Beta, apesar de ser improvável que tivessem nos rastreado até ali. Eu estava usando de novo minha camisa preta de manga longa. Estava úmida, mas era menos chamativa que o traje com escamas. A van diminuiu a velocidade e forcei um sorriso. A princípio, com Peter ainda inconsciente, eu me preocupei quanto a confiar em qualquer um que parasse, mas com os três agindo juntos? Não poderia dar errado.

A van parou no acostamento. Um decalque na lateral do carro dizia: MORTON PINTURA. O motorista abaixou o vidro do passageiro. Eu me inclinei com as mãos sobre a janela e sorri.

— Oi!

— Oi — ele disse, sorrindo em resposta. — E aí?

Olhei por cima do ombro, depois de volta para ele.

— Eu e meus amigos estávamos fazendo trilha e um deles caiu. Ele tá bem, não está sangrando nem nada, mas desmaiou. Nós só precisamos de uma carona. Você pode nos ajudar?

Aquele barulho era de helicóptero ou era só o vento?

Dei um passo para trás para checar a estreita faixa de céu acima da estrada. O dia estava começando a escurecer; a faixa de céu estava de um azul arroxado à direita e de um vermelho alaranjado à esquerda. Minha barriga roncou e percebi como estava faminta. Toda aquela luta e corrida e natação acabaram com minha energia.

— Você tá bem? — o homem na van perguntou. O crachá no uniforme salpicado de tinta dizia MICHAEL.

— Tô, sim. Pode nos dar uma carona? Nós podemos pagar — eu não

tinha a menor ideia se podíamos pagar a ele.

Noah apareceu à minha esquerda; eu nem o percebi chegando.

— Oi! — ele cumprimentou, animado. — Somos só quatro. E o quarto está dormindo. Ele acabou bebendo demais.

No início fiquei irritada, pensando que ele era um idiota por mudar a história de repente, mas então percebi que era perfeito. Parecia que eu estava tentando disfarçar o apagão de Peter e Noah não estava com medo de dizer que ele tinha passado mal bebendo. Apenas alguns garotos aprontando um pouco. As duas explicações eram melhores do que “ele foi atingido por um dardo envenenado.”

Michael enrugou a testa enquanto nos examinava, mas deve ter decidido que gostava do que via. Tomou um gole de uma garrafa de chá de framboesa.

— Espero que vocês não se importem com o cheiro de tinta dentro do carro.

Deixamos Peter meio caído no chão e Noah passou a Michael um endereço que eu não reconheci. O que não era nenhuma surpresa. Não sabia se era algum lugar onde eu estivera antes ou não. Michael nos fazia perguntas, olhando de vez em quando pelo retrovisor.

Estávamos desajeitados no meio de escadas e outros equipamentos de pintura. Eu respondia o melhor que podia, tentando ser amigável, mas vaga.

O sol estava quase no horizonte quando a van parou no endereço. Noah passou por mim com um pouco de dinheiro. Michael recusou com um gesto, mas Noah deixou as notas com um aperto de mão.

— Você salvou a nossa vida — Noah disse. Eu sorri para Michael antes de sairmos.

A van desapareceu sacolejando pela esquina. A casa tinha dois andares de tijolo cinzento e uma Mercedes na vaga da frente. A vizinhança era de classe alta, com muito espaço entre uma casa e outra, gramados enormes e agradáveis, e muitas árvores frondosas para se esconder caso os helicópteros voltassem.

— Onde estamos? — perguntei, enquanto carregávamos Peter até a entrada. Seu braço estava em volta do meu pescoço, e sua cabeça desabava sobre a minha. Eu estremecia. Só queria resolver aquilo logo.

— Deixem que eu falo — Noah pediu. — O dr. Tycast estabeleceu contatos para nós na cidade, lugares onde poderíamos nos abrigar. Talvez ele soubesse que algum dia a gente fosse precisar. Nessa casa mora uma menina que não vai fazer muitas perguntas, e os pais dela estão sempre fora.

— Uma menina? — repeti, ignorando o motivo para meu estômago se revirar. Ignorando completamente.

Noah olhou sobre o ombro. Seu braço esquerdo estava sustentando as

pernas de Peter.

— É.

Não fiz mais perguntas. Fomos até a porta da frente e Noah tocou a campainha. contei até dez antes que a porta se abrisse. Uma garota loira deslumbrante apareceu na entrada. Ou talvez nem fosse mesmo uma garota; ela era sem dúvida mais velha que nós, talvez de vinte e poucos. Ela estava usando uma blusa branca e shorts cor de pêssego que mal cobriam as pernas longas e bronzeadas.

Alguma coisa se revirava atrás de meu tórax; era uma pontada de ciúme. Meu queixo caiu. Eu nem sabia bem do que eu estava sentindo ciúme. Ela era alguma garota que Noah conhecia. Grande coisa.

— Noah East — ela falou. — O que você está fazendo aqui?

Noah East? De repente me toquei de que eu não sabia o sobrenome de ninguém. Nem o de Peter e o de Olive. Mas deixei para pensar no assunto em um momento menos esquisito.

— Oi, Elena. Bom te ver também.

— O que você está fazendo aqui? — ela repetiu.

— Eu preciso da sua ajuda — ele disse. Virou-se para nós, deixando a equipe esfarrapada entrar na roda. — Nós precisamos da sua ajuda. É óbvio.

Ela não chegou a abrir completamente a porta. Seus olhos passavam de Noah para Peter, depois para a Olive, que estava com uma expressão apavorada. Eu tentei imaginar a situação de Olive — ver e lutar com outra versão de mim mesma, mas não consegui.

— Ele tá bem? — Elena perguntou, erguendo o queixo para observar Peter.

— Vai ficar — Noah respondeu. — Mas nos deixe entrar logo antes que alguém nos veja.

Elena deu um passo para trás e levamos Peter para dentro. A casa parecia artificial, como se ninguém morasse ali, como se o único propósito fosse parecer perfeita, como em um catálogo.

Noah apontou para os degraus.

— Há um quarto para hóspedes no andar de cima.

Ponham o Peter ali. Eu preciso conversar com a Elena — ele tentou fazer contato visual, mas virei o rosto e ajudei Olive a levar Peter pelos degraus.

— Cuidado com a lama — Elena avisou. Peter estava todo sujo. Eu ignorei.

O quarto era como o resto da casa — conservado.

Pusemos Peter na cama e o acomodamos sob o edredom. Puxei a camisa dele por cima da cabeça, com cuidado ao passar pelas orelhas.

— Você tá bem? — eu perguntei a Olive, enquanto jogava a camisa imunda no banheiro da suíte.

— Não — ela respondeu.

Não coloquei o cobertor. Um pedaço úmido do cabelo preto meio comprido de Peter grudou na bochecha dele e eu o ajeitei com a ponta do polegar. Seu rosto ardia sob meu dedo. Imaginei um futuro no qual ele não melhorasse. Nós provavelmente conseguiríamos as injeções por conta própria, mas precisávamos do Peter para impedir o ensaio geral. Ele traçaria algum plano. Eu desconhecia a opinião da Olive, mas Peter sabia que aquilo era responsabilidade nossa. Noah dizia que queria encontrar o rebelde, ou ao menos encontrar o medicamento para memória, mas eu duvidava que estivesse muito disposto a lutar diretamente com os Beta.

Afinal, se fôssemos pegos, tudo estaria acabado. Antes de eles nos deixar sem memória, nós iríamos desejar que tivéssemos fugido.

Qual era a escolha certa, eu não saberia dizer. Mas não podíamos ficar sem fazer nada. Lembrei-me mais uma vez do shopping, do pânico generalizado, uma amostra do ensaio geral. As pessoas pensaram apenas em fugir dali, não em quem poderiam ferir no meio do processo. Mais pessoas morreriam se não fizéssemos nada.

Olive caminhava pelo quarto, com os braços cruzados, abraçando a si mesma, os dedos firmes em volta dos bíceps. Sentei-me na cama com Peter e observei-a. Ela estava agitada, com a boca contraída, apesar de estarmos em segurança. A lama craquelara em seu rosto. A cicatriz na bochecha começava a formar uma crosta.

— Você tá bem? — perguntei mais uma vez, antes que o incômodo dela me contaminasse.

— Eu não sei quem nós somos — ela explicou. — Desde quando a gente era criança, nenhum de nós pensou em perguntar. Nós aceitamos nosso modo de vida porque era o que a gente conhecia, não? Estávamos juntos, todos nós, com os nossos pais...

— Nossos pais? — repeti.

— Sim — ela disse. — Eu me lembro disso, acho. Sua mãe estava lá, e o pai do Peter também.

Eu me levantei.

— Estavam onde, Olive? Onde?

Ela ficou pálida por um momento, então balançou a cabeça.

— Não sei. Não me lembro.

— Então talvez essa lembrança dos nossos pais não seja real. Como você pode ter certeza?

— Eu não tenho — ela balançou a cabeça de novo e apertou os dedos na testa. — Agora preciso me deitar.

Ela ia dizer mais alguma coisa, mas hesitou.

— O que foi? — incentivei.

— É só que é bom ver você, Mi. O que o Noah... O que nós fizemos foi errado. Eu não sabia o que ele estava fazendo, até que já era tarde demais.

— Por que você não confiou no Peter?

Olive refletiu a respeito. Depois de um tempo, encolheu os ombros.

— Eu não sei. Noah me convenceu de que não podíamos arriscar. Nosso plano era contatar o Peter quando a gente estivesse longe e em segurança, porque se ele fosse inimigo não teria muito o que pudesse fazer.

Ao menos foi o que pensamos — ela tocou no tornozelo de onde o rastreador fora retirado.

— Ei, quando chegamos aqui, a garota disse “Noah East”. Esse é o sobrenome dele?

Olive concordou lentamente com a cabeça.

— Qual é o seu?

— Eu sou a Olive South.

Eu não entendi. Aqueles não eram os nossos nomes de verdade. Não notavam que eram exatamente nomes de pontos cardeais? Eles tinham que saber disso.

— E o Peter... — Olive começou.

— É Peter West — completei.

Ela concordou mais uma vez.

— Ninguém achou isso esquisito?

— Acho que sim. Nós nunca pensamos muito no assunto. Era mais uma coisa normal — ela deu as costas para sair.

— Espere.

Ela parou à porta, como se fosse pega no flagra.

Fazendo o quê, eu não sei.

Talvez fosse porque eu não me convencia de que Noah a teria influenciado a respeito de Peter. Ou talvez fosse outra coisa, uma velha lembrança ou uma intuição, mas fiz uma pergunta que me surpreendeu: — Rolava alguma coisa entre você e o Noah? Foi por isso que fugiu com ele?

Ela olhou para o chão por longos instantes.

— O Noah sempre foi seu. Eu nunca me meti nisso, nem o Peter — quando ela ergueu os olhos, eles estavam apertados de tanta dor.

— Você fugiu com o Noah porque quis ficar com ele.

Os olhos dela mais uma vez no chão. Os segundos se passavam.

— Você ama o Noah?

Finalmente ela me olhou nos olhos.

— Sim.

Eu senti como se alguém enfiasse um machado em meu peito. Abri a boca, mas não emití som algum.

Ela suspirou.

— Eu não te culpo, nem te odeio, Mi. Não consigo.

Você é como uma irmã. Mas quando o Noah veio até mim e me contou o que sabia, eu tinha que ir com ele.

— Ele roubou minha memória — eu disse, como se ela ainda não soubesse. Não mencionei a lembrança do trem, quando eu dissera que confiava nele para fazer o que achasse melhor.

A luz flagrou uma lágrima nos cílios dela. Ela a enxugou.

— Eu sei. Foi egoísta da parte dele. E da minha também, porque ainda assim fui com ele. Mas eu confiei nele e ainda confio — os olhos dela pousaram em Peter sobre a cama. — O Peter é o nosso líder, desde que a gente era criança. Isso sempre tornou as coisas diferentes entre nós. Você, inclusive — ela olhou para mim mais uma vez. — Ele não podia agir da maneira que o Noah agia conosco. O Tycast e o Sifu Phil não deixariam. Sei que eles martelaram na cabeça dele que a equipe vem antes do indivíduo. O Peter é um de nós, não me entenda mal, mas... Eu sempre vou dar prioridade para o Noah. E para você.

— Entendo.

Ela juntou as mãos.

— Você me perdoa?

Eu fiz que sim com a cabeça, incapaz de falar.

— Você não vai falar nada para o Noah, certo?

Balancei a cabeça, embora uma parte de mim quisesse. Eu não sentia raiva dela. Era outra coisa. Ela estava triste com Noah e toda a situação, mas ela ainda se lembrava de quem era. Então, eu tinha ciúme. Ciúme porque ela tinha identidade e eu era apenas um amontoado de rascunhos do que um dia já fora.

— Eu sei o que você tá pensando — ela disse. Aquilo era até engraçado, porque nem mesmo eu sabia. — Você acha que fiquei feliz por Noah ter te deixado pra trás.

Tentei rir, mas soou mais como um choro engasgado.

— E ficou?

Ela não desviou os olhos.

— Não. Porque mesmo depois do que ele fez, eu sabia que o coração dele permaneceria seu. Ele achou que era a melhor saída, mesmo que agora ele se arrependa pra sempre.

— Eu preferia que você o tivesse impedido — eu disse, de repente me sentindo muito cansada.

— Eu também — ela disse, e eu acreditei.

Ela saiu do quarto antes que eu pudesse dizer mais alguma coisa. Sentei-me na cama, ao lado de Peter. Um pedaço do cabelo escuro se enrolou na nuca dele. Eu pus a mão para sentir, com a esperança de acordá-lo, mas também só por querer tocá-lo. Sua respiração estava lenta e regular, e a pele, mais fresca do que antes. Havia lama no rosto e no pescoço dele. Eu o observei por um bom tempo, tentando processar tudo. Olive e Noah. Eu me perguntava se Noah sabia, se ele sentia do mesmo jeito.

Eu me perguntava se me importava.

Pus a mão na maçã do rosto de Peter. Seus lábios estavam levemente separados. Lembrei-me da sensação dos lábios de Noah, mas também do gosto do rio, da dor em meu peito enquanto eu debatia por ar durante aquele último segundo sob a água. Tudo isso parecia ficar para trás ao olhar para Peter. Esfreguei o polegar sobre a cicatriz em seu queixo.

Os olhos dele se abriram estatelados. Ele se levantou de repente, fechando a mão em punho cerrado. Ergui meu braço para bloquear o soco. Ele tentou mais uma vez, então segurei seu pulso. Ele piscou até os olhos focarem em meu rosto.

— Miranda — ele disse. E sua expressão dividiu-se entre horror e alívio. — Você tá bem? Eu não queria...

— Não foi nada — relaxei meu aperto no pulso dele para não machucá-lo, mas ainda segurando-o. Meu rosto estava perto do dele, nosso peito quase se tocando.

— O Noah e a Olive...

— Eles estão bem, todos estão bem — Meu cabelo deslizou por trás do pescoço e despencou sobre sua bochecha. Ele girou o punho esquerdo e, de repente, se libertou de minha mão. Os dedos quentes deslizaram pelo meu pescoço e se enterraram em meu cabelo, fazendo-me engasgar. Todo esse movimento levou meio segundo.

Sem perceber, eu me aproximei; ele não estava me puxando, apenas guiando. Um pouco antes de fechar meus olhos, vi que os dele se arregalaram. Eu me afastei.

— O que foi? — perguntei.

— Eu tô passando mal — ele soltou minha nuca e a sensação quente dos dedos desapareceu. Um arrepio percorreu meus ombros. Não entendi o que ele quis dizer, porque ainda estava pensando na forma de seus lábios e me perguntando se eu já olhara para ele assim antes, quando eu ainda era eu. Então

ele rolou para fora da cama e correu para o banheiro, batendo a porta depois de entrar. Ah. “Passar mal” mesmo.

Sentei-me na beira da cama e quase ri. Eu estava prestes a beijá-lo. Sim, eu estava. Talvez ele tenha nos salvado. Esfreguei as mãos cheias de areia no rosto.

— Tome jeito, Miranda — eu disse.

Especialmente depois de ter beijado Noah apenas algumas horas antes. Sim, eu não o beijara de propósito, mas acabou virando um beijo. E sim, eu tinha quase certeza de que estava prestes a beijar Peter voluntariamente. A última coisa que queria era confundir os dois; eu já estava confusa o suficiente. Mas não era minha culpa — foi o Peter que me agarrou pela nuca. Eu só estava mantendo-o parado, sem planos de contatos labiais. Culpa dele.

O que, evidentemente, não explica por que eu tinha que me esforçar tanto para não sorrir.

Peter abriu a porta, interrompendo os meus pensamentos, com cara de quem viu um fantasma. Ele parou à porta do banheiro.

— Nunca deixe ninguém acertar você com seja lá o que for aquilo, está bem?

— Sim, senhor — eu bati uma continência engraçada.

— Não me chame assim — ele pediu e rastejou de volta para a cama, se cobrindo e se lamentando. — Parece que tô de ressaca.

Flash.

Nós quatro na mesa do quarto. Uma garrafa quase vazia de alguma bebida chamada Jameson. Aquilo queimava a garganta, mas estávamos bêbados demais para achar ruim. Estávamos jogando Banco Imobiliário, mas apenas porque não estávamos no clima de fugir de novo. Olive tinha um monte de hotéis. Noah estava falido. Nós rimos e rimos, e então nos levantamos e, de repente, corri para o banheiro. Levantei a tampa bem a tempo de vomitar.

Voltei cambaleando para o quarto e me inclinei no batente da porta.

Olive disse, sorrindo: — Você devia ter ficado só no suquinho.

Peter riu.

— Ou talvez só na cerveja sem álcool.

Mostrei o dedo médio para os dois e cambaleei de volta para o beliche. Caí na cama.

Era só uma amostra da ressaca que me esperava...

— É — eu disse, de volta àquele quarto com Peter. — Ressaca.

No banheiro, joguei um pouco de água no rosto.

Depois de quase morrer no rio, eu já vira água o bastante para o resto da vida, mas a banheira bem que parecia convidativa. Havia todo tipo de óleos

caros e sabonetes na prateleira de cima. Quem eram aquelas pessoas?

Lembrei-me rapidamente dos boxes de metal que costumávamos usar na base. Era como se eu nunca tivesse tomado um banho.

Peguei uma toalha de rosto e molhei-a na pia, então a torci. Olhando no espelho, passei-a no pescoço. Os lábios estavam secos, quase rachando. A pele logo abaixo de meu olho direito estava roxa. Deixei correr água nas mãos, tentei suavizar o emaranhado cheio de terra dos cabelos, então amarrei-os em um rabo de cavalo. Nada tiraria o cheiro de rio do corpo. Meus olhos pareciam mais brilhantes no espelho. Antes de eles...

Não sei como eram antes, mas naquela hora eles estavam... cor-de-rosa? Inclinei-me para a frente. O branco estava perfeitamente branco, mas a íris estava rosada. Virei a cabeça e o efeito mudou, revelando um toque de verde. Devia ser a luz.

Olhei para o lado, ainda não reconhecendo meu rosto ou meu cabelo arruivado e liso. Umedeci outra toalha para Peter e levei-a para o quarto. Os olhos dele estavam fechados, mas ele os abriu quando eu sentei na cama.

— Como nós escapamos?

— A Olive carregou você. Foi ela.

— Certo. O que aconteceu?

Contei quase tudo. Sobre o encontro de Olive com a outra Olive. Ele não conseguiu pensar em nada para dizer. Pulei a parte em que eu e Noah trocamos ar debaixo da água. Ele escutou tudo enquanto eu passava a toalha úmida em seu rosto e no pescoço, limpando toda a lama. Ele pegou minha mão e cruzou os dedos nos meus. Olhamos para as mãos entrelaçadas.

— Peter... — eu comecei, mesmo sem ter ideia do que iria dizer a seguir.

Vi movimento à minha esquerda. Sabia que estava segura naquela casa, mas isso não impediu meu coração de acelerar. Noah estava no limiar da porta, inclinado para a frente, com as mãos segurando o batente dos dois lados. Ele não estava olhando para nós; estava olhando para a minha mão envolvida na de Peter.

— Oi, pessoal.

— Oi — Peter disse.

Noah entrou no quarto, ergueu o punho e deu um tapinha nele como se estivesse usando um relógio.

— Vocês estão prontos pra recuperar aquelas injeções de memória? Não quero apressar ninguém, mas o tempo tá passando.



A MESA DA COZINHA ESTAVA COBERTA COM SACOLAS DE fast-food mexicano. Nós nos sentamos e avançamos na comida que a Elena teve a gentileza de comprar. Noah e eu devoramos vários tacos, mas o Peter só conseguiu pôr um no estômago, e a Olive parecia transtornada. Fiquei curiosa para saber como ela se sentia a respeito da misteriosa garota loira do Noah.

Como o Peter ainda estava se recuperando, Noah foi assumindo a liderança. Eu me perguntava se era sempre assim, o Peter e o Noah dando as ordens enquanto a Olive e eu ficávamos para trás. Parecia ser o normal.

Noah circulava perto da mesa, com um taco na mão.

Elena estava fora do campo de visão, o que significava que provavelmente o Noah pedira a ela que sumisse. O quanto eles se conheciam ainda era um mistério.

— Isso deve ser bem fácil — Noah disse. — O Tycast não deu nenhum indício de que a outra equipe saiba do esconderijo. Então vamos conferir o pír. Se pudermos garantir que não estamos sendo vigiados, vamos pegar aquelas injeções.

— E o que vai acontecer quando precisarmos de mais? — eu quis saber.

Noah coçou a cabeça.

— Vamos nos preocupar com isso depois que sobrevivermos aos próximos dias. Mas deve haver o suficiente para um bom tempo. Por que o Tycast se daria ao trabalho de esconder uma provisão pequena?

— E quando nossos poderes desaparecerem, daqui a alguns anos, o problema com a memória também deve ir embora — Olive completou.

Lembrei-me deles falando disso antes, mas dessa vez me trouxe mais um fantasma. A maneira como minha visão se turvava diante de alguma novidade já estava ficando familiar.

Mas era estranho. Para alguém que deveria ter perdido a memória, eu estava me lembrando de muita coisa.

Se ao menos eu pudesse escolher que lembrança resgatar...

Meu coração acelerava em antecipação por mais lembranças sobre os

outros, mas tudo o que eu via era um quarto branco e frio. O dr. Tycast estava ao meu lado. Ele segurava uma seringa cheia do líquido amarelado.

— Por quanto tempo ainda tenho que tomar isso? — perguntei. Eu não gostava das injeções. Não por causa da picada, mas sim pela frequência. Elas deixavam a dobra do meu braço dolorida. Às vezes, Noah misturava o remédio com uma bebida para evitar a injeção, mas não tinha a mesma eficiência.

Tycast ergueu a seringa contra a luz e deu uma pancadinha com o dedo.

— Não muito tempo — ele sorriu para mim, pegou meu braço gentilmente com as mãos quentes e secas. — Quando você estiver totalmente madura, seu cérebro vai se atrofiar para um nível normal. Talvez atrofiar seja a palavra errada. Ele vai emagrecer. Então, quando isso acontecer, o estresse nele vai terminar e você vai começar a se curar. Você vai, em todos os sentidos, ser uma mulher comum.

— Então o que vai acontecer conosco? — eu não queria que meu cérebro emagrecesse.

Ele estava avaliando o braço, procurando uma veia boa com o polegar. Eu olhei para ele, mas ele nunca me respondeu.

— Você tá bem? — Peter perguntou. O rosto dele já estava com um pouco mais de cor.

Pisquei algumas vezes, balançando a cabeça para voltar a mim.

— Tô bem. — ele não pareceu convencido, então ensaiei meu melhor sorriso. Acabou parecendo uma careta.

Olive devorava outro taco.

— Quanto tempo a gente ainda tem? Antes que a perda de memória comece?

Noah se virou para mim e abriu a boca, depois fechou-a.

— Vá em frente — eu disse, dessa vez totalmente presente. — Pode falar.

Ele esfregou o nariz.

— Com base no que aconteceu com a Miranda, nós devemos ter mais umas oito horas antes de percebermos que alguma coisa tá errada. Ao menos eu e você, Olive.

Não sei quando o Peter e a Mi tomaram a última dose.

Peter agarrou o último taco.

— É melhor a gente ir.

Checamos a casa em busca de alguma coisa que pudéssemos usar. Olive encontrou um binóculo. Assim que Elena voltou de onde quer que estivesse, Noah conseguiu que ela nos emprestasse o carro.

Durante a busca pela casa, lancei uma pergunta: — Sobre esse ensaio

geral... Por que não nos testar em um ambiente controlado, em uma ou duas pessoas por vez? Por que nos revelar ao mundo?

Olive parou diante das prateleiras de cima de um closet, no meio do seu inventário.

— Lembra-se do que a mulher disse no escritório do Tycast? Sobre um cliente interessado? Eu aposto que eles querem conhecer toda a nossa capacidade. É como disparar uma arma em um alvo depois dispará-la em combate.

Noah estava na passagem para a garagem, depois de checar a Mercedes.

— Boa pergunta. Se for mesmo tanto dinheiro quanto o Tycast disse que é, os clientes vão querer uma garantia de que funcione.

— Não podemos deixá-los vencer — Olive disse.

Noah sorriu com mais confiança do que eu.

— Não vamos deixar.

Alguma coisa se passava entre os dois, mas eu não sabia bem o quê. Algo íntimo o bastante para deixar minhas bochechas ardendo. Mas eu não tinha o direito de sentir ciúme se meia hora antes quase beijara o Peter.

Noah enfim desviou o olhar da Olive e voltou à garagem. Dei as costas antes que ela percebesse que eu notara. E encontrei duas katanas polidas suspensas sobre a lareira. Meus olhos percorreram a curva daquelas espadas, e algo primitivo se revolveu dentro de mim. Eu queria sentir a empunhadura na mão. Chamei a Elena e apontei para as espadas.

— São de verdade?

Ela olhou para mim.

— Sim. Meu pai gosta de colecionar coisas japonesas.

— Você se importa se eu pegá-las emprestadas?

— Hum...

— Ótimo. Prometo devolver — fui até a lareira e retirei as espadas. Ouvi a Elena soltar um suspiro e se afastar.

Quando me virei, Noah estava na minha frente.

— Você me assustou — eu disse.

— Não assustei, não.

Entreguei uma espada a ele.

— Você sabe usar uma dessas aqui?

— Não tão bem quanto você.

Para experimentar, ergui a espada sobre o ombro e a deixei inclinar-se às minhas costas. Ela se prendeu ao meu traje à prova de balas, através da minha camisa. A camada de escamas nas costas era magnética.

— É uma beleza, não? — Noah disse. Ele estava tentando ser simpático,

ou algo assim. — Então, quanto à Elena...

— Não tem importância, Noah — a resposta saiu automática e talvez não muito verdadeira.

— O quê?

Puxei a espada da minha coluna, testando o peso com um balanço rápido, então eu a abaixei.

— Não tem importância como você a conheceu.

— Tem, sim. Ela é uma amiga, isso é tudo. Fiz esses contatos antes de a gente namorar.

— Não tem importância. Ela tá ajudando bastante.

Ele estava com as chaves da Mercedes dela.

— Sim, é verdade.

Fomos para o centro da cidade às dez da noite. A ameaça da perda de memória estava presente. Eu achava que não tinha muito a perder. Dois dias de memória? Mas, assim que pensei a respeito, percebi que estava errada.

Eu tinha tudo a perder.

Eu estava de volta aos meus amigos, à minha família, e nós tínhamos um objetivo. Estava a cada segundo mais perto de descobrir quem eu era.

Mas os outros teriam que passar pela mesma confusão e pelo mesmo desespero que eu. No início, não parece tão ruim, até você perceber o que está faltando. A pior parte, se todos nós perdêssemos a memória juntos, seria não ter ninguém para explicar.

Discutimos no carro os detalhes do plano, enquanto o Noah dirigia. Peter e eu iríamos vigiar o píer. Quando disséssemos que estava tudo em ordem, o Noah e a Olive iriam até lá fazer a busca no lago. Era bem simples.

Dirigimos até o centro de Cleveland, recostei-me contra a janela e observei as pessoas, as luzes e os carros. Imaginei-as mergulhadas em terror invisível, correndo das imagens horripilantes que suas mentes produziam. Imaginei carros capotados com pessoas presas dentro. Incêndio se alastrando. Ouvi uma sirene e achei que fosse dentro da minha cabeça, mas era uma ambulância passando na direção oposta.

Noah parou em frente a um prédio de tijolos desgastados e janelas quebradas. Ao longe, vi a escuridão do lago. Eu me forcei a deixar para trás a destruição imaginada; estávamos onde tínhamos que estar, e sem nossas injeções não conseguiríamos ajudar ninguém.

Noah me deu um comunicador que ele devia ter arranjado na casa da Elena. Tentei pegá-lo, mas ele continuou segurando-o até nossos olhos se encontrarem.

— Nós vamos ficar escondidos — ele disse. — Quando virem que a

barra está limpa, avisem com isso. Canal dois.

Peguei o comunicador e ele segurou meu pulso.

Peter já estava fora do carro. A luz tênue deixava o rosto do Noah pálido, fantasmagórico.

— Tome cuidado — ele disse. — Inclusive com o Rhys. Ele pode estar em qualquer lugar.

O nome do rebelde me fez estremecer. Ele poderia ser um bom reforço, se fosse um aliado. Mas até sabermos mais, ele definitivamente tinha de ser classificado como perigoso.

Do banco de trás, Olive falou: — Noah, ela vai ficar bem. Todos nós vamos.

Ele soltou meu pulso.

— Desculpe por agarrar assim.

— Não se preocupe — eu ainda podia sentir os dedos dele por cima do meu traje. Não fora exatamente uma pegada suave, mas eu preferia que ele nem tivesse encostado; eu não precisava ficar ainda mais confusa quanto ao que existira entre nós e o que ainda existia.

Noah abriu o porta-malas e eu me certifiquei de que estávamos sozinhos antes de tirar a espada. A brisa carregava o cheiro de peixe morto do lago. No fim da rua, o píer se projetava na água. Perto da margem era bem tranquilo, mais escuro e silencioso. Noah saiu com o carro para escondê-lo em algum lugar antes de ir até o píer.

Atrás de mim, Peter pôs uma mão no meu ombro.

Dei um pulo.

— Calma — ele disse.

— Tô calma.

Ele sorriu para mim no escuro e virou a cabeça para trás, em direção ao prédio.

— Você acha que o elevador ainda funciona?



Subimos toda a escadaria do prédio de sete andares que um dia fora um depósito. As botas pisavam na imundície e no entulho deixado por quem um dia ocupara aquele lugar. Estava escuro, quase um breu — a única luz era filtrada pelas janelas, que estavam quebradas e lacradas com tábuas. No topo da escadaria, joguei o ombro contra a porta enferrujada e a abri com um rangido. O céu sobre o lago estava negro. Dali, eu via o píer com perfeição. O terceiro, aquele de que o Tycast falara, era o mais próximo. Estava marcado com tinta vermelha, como ele dissera. Um pequeno barco estava atracado ali.

Peter se curvou na mureta do telhado e eu me acomodei ao lado. Um pouco mais perto do que era minha intenção. Pelo binóculo, pude ver as imperfeições de cada tábuia de madeira do píer.

Peter ativou o comunicador.

— Barra limpa. Quanto tempo você quer esperar?

A voz do Noah surgiu cheia de ruído pelo alto-falante minúsculo: — Não muito. Ou os vilões sabem a respeito desse lugar, ou não sabem e pronto.

Ficamos em um silêncio estranho, tenso. Nossos olhos estavam voltados para o píer, mas eu não podia ignorar o ombro do Peter tocando o meu. Seria estranho retirá-lo bruscamente, mas não me mover também significava algo. Era como se minha mente estivesse partida em duas quando eu mais precisava estar inteira.

Peter limpou a garganta.

— Então você e o Noah voltaram a se dar bem como antes?

— Eu não sei o que você tá querendo dizer.

— Você sabe — ele disse, tirando o binóculo das minhas mãos. — Voltaram como casal. Algo assim.

— Não — respondi.

— Não?

— Não, por quê? — apoiei o queixo na mureta do telhado e olhei para baixo. Eu me lembrei de correr com Peter pelos telhados, saltando sem medo no espaço.

Minha pulsação acelerava só de pensar. Virei para o lado para olhar fixamente para Peter. A luz tênue da cidade se refletia em seus olhos azuis, fazendo parecer que se iluminavam de dentro. Ele também me olhava fixamente, afastando o binóculo do rosto.

— Não, por quê? — eu repeti.

O rádio na minha mão chiou.

— Pessoal, pessoal, ele tá indo pra lá — Olive avisou.

No píer, Noah olhou em volta com as mãos na cintura. Do outro lado da rua, Olive estava com o rádio e a espada. Ela cruzou e parou na frente dele. Eles discutiram, mas as vozes não chegavam até nós.

— Idiota — Peter murmurou.

— Ele tá se exibindo — eu disse. Mas a barra parecia limpa e eu queria terminar logo aquilo para poder dormir.

Noah deu as costas para a Olive e foi até o final do píer. Ela vigiava a rua com a espada escondida às costas.

Levou o rádio até os lábios e nós ouvimos: — Que idiota.

Noah mergulhou na ponta do cais e se deslocou na água quase sem fazer

onda.

Peter pôs a mão na minha e apertou o rádio com os dedos, inclinando-se para perto de mim: — Talvez você precise ajudá-lo, se for bastante.

— Espero que seja — Olive respondeu.

O tempo passava. Olive percorria todo o píer, de um lado ao outro. De repente, ela se virou e congelou, olhando para o barco.

— O que aconteceu? — perguntei pelo rádio.

Olive levou o comunicador à boca depois de alguns segundos.

— Acho que ouvi alguma coisa.

Meus pensamentos se voltaram para o rebelde, mas podia ser qualquer coisa.

Peguei o binóculo das mãos do Peter e olhei para a água.

— Ele já deveria ter voltado.

— A gente competia quando era criança — Peter disse.

— Ah, é?

— Sim. Ele era o que conseguia segurar o fôlego por mais tempo. O Noah sempre vencía. Uma vez eu até passei mal tentando ganhar. Ele tá bem.

Mas não parecia. Olive continuava olhando para o barco. E o fato de o Noah estar vasculhando fundo não significava que ele não podia subir para pegar ar antes de continuar. A não ser que ele estivesse tentando nos impressionar. Meus olhos tremiam. Respirei fundo e preendi o ar.

Olive ergueu a espada. Daquela distância, pude ouvi-la gritando para o barco escuro.

— Saia já daí! Mostre quem você é!

Na água, bolhas subiam à superfície.

Merda.

Peter e eu nos levantamos ao mesmo tempo.

Viramos e nos preparamos para sair correndo pela porta.

A porta estava fechada. Duas pessoas com trajes de escamas pretas estavam na frente.

Os outros Peter e Miranda.



OS DOIS ESTAVAM COM BASTÕES PRATEADOS RELUZENTES. Reluzentes porque filamentos elétricos minúsculos subiam e desciam por todo o comprimento. De repente, senti falta da versão com faca na ponta. Por outro lado, ver tanta eletricidade fazia meu cérebro gritar PERIGO, o que me ajudava a manter o foco, bloqueando o assombro de olhar para mim mesma. Era algo de que eu definitivamente precisava naquela hora.

A minha outra versão se inclinou um pouco com o bastão, sorrindo. Era um sorriso que você dá quando está contente por ver alguém, talvez alguém que não via há muito tempo. Até mesmo os cabelos deles eram idênticos aos nossos; o menino tinha as mechas encaracoladas e compridas como as do Peter, e a garota tinha cabelo castanho-arruivado, do mesmo comprimento que o meu.

— Eu sou a Grace — ela se apresentou. Ela pôs uma mão no outro Peter. — E esse é o Tobias, meu parceiro de equipe.

Grace e Tobias. Eu achava que eles teriam os mesmos nomes que nós — mas, pensando bem, não faria sentido. Quase sorri ao imaginar aquilo; não me vinha nenhuma palavra, pois eu não conseguia falar. Era como andar até o banheiro no shopping e ver meu rosto pela primeira vez. Eu provavelmente tinha as mesmas expressões faciais que ela. Minha voz devia soar como a dela.

— Qual é a graça? — Grace quis saber. Ela deu um passo para a esquerda e o Tobias para a direita. O espaço entre os dois aumentou, mas não havia jeito de passarmos entre eles. Mais um passo, ampliando a circunferência. Ergui a mão e envolvi os dedos no cabo que me espetava sobre o ombro direito. A katana saiu facilmente da bainha. Girei-a uma vez antes de empunhá-la à minha frente.

— Me dê essa espada, Miranda — Peter pediu ao meu lado. Eu não tinha tirado os olhos dos nossos gêmeos.

— Você não precisa me proteger, Peter.

— Não é isso. Quero tentar primeiro.

Tobias e Grace continuavam fechando o círculo.

— Você é melhor que eu com a espada?

— Bem. Não, mas...

— Então ela fica comigo — ergui um pouco a voz para que a Grace e o Tobias pudessem escutar: — Vocês não parecem surpresos. Mas nós ainda estamos aprendendo sobre vocês.

Eles trocaram um olhar. Tobias, que tinha uma aura de ameaça que não existia no Peter, estava com uma pistola estranha presa na cintura. Uma pistola conectada a um cabo enrolado em um carretel.

— Você sabe o que eles estão querendo que a gente faça? — perguntei.

Peter moveu o pé no cascalho ao meu lado. Eles avançaram alguns passos, oferecendo um vão para que escapássemos. Não havia dúvida de que eles esperavam que nós corrêssemos por ali, e, afinal, por que não tentaríamos, se eles tinham bastões elétricos e estávamos com uma espada entre nós? A porta atrás deles estava fechada. Eu sabia do esforço para empurrá-la de dentro, então calculei que também seria duro puxá-la para abrir. Sentia-me tentada a correr, mas não podia garantir que o Peter me seguiria.

— Muitas pessoas vão morrer — eu disse. — Vocês já sabem disso?

Grace sacudiu a cabeça, parecendo um pouco confusa.

— Não devemos questionar.

Foi quando percebi que tinha alguma coisa errada com eles. Apontei a katana para trás, em direção à cidade.

— Olhem para aquelas pessoas lá embaixo. Olhem para os prédios cheios de gente. Imaginem todos correndo em pânico, pisoteando uns aos outros, o caos.

Tudo pra provar o nosso valor. Pra que possamos ser vendidos pro vencedor de um leilão.

Os cílios da Grace piscaram. Seus olhos eram verde-claros, ao contrário dos meus, de um castanho meio rosado.

— Isso não importa — ela disse.

Soava como uma resposta automática. Como se ela não compreendesse totalmente. Como se o único objetivo fosse nos capturar.

Tobias ergueu o queixo dele para o Peter, agachando lentamente até ficar de cócoras, segurando o bastão elétrico como se fosse um cajado.

— Como está o seu pescoço? — ele perguntou.

— Bom — Peter respondeu. — Obrigado pela preocupação. — Com a visão periférica, vi a cabeça dele virar para mim. — Não estou com nenhuma arma, Mi.

— Eu sei disso — sussurrei. — Melhor correr. Vamos checar se o Noah e a Olive estão bem.

— Acho melhor não — ele respondeu em voz baixa.

“Isso não importa”, Grace dissera. Aqueles dois não deviam acreditar no que eu estava dizendo. Se tinham alguma parte de nós dentro deles, não seguiriam com o plano. Era quase como se fossem robôs... programados.

Se éramos duas partes da mesma equipe — Alfa e Beta —, como podíamos ser tão diferentes? Então me lembrei do nosso objetivo, e a questão evidente era: como alguém poderia nos comprar e realmente nos controlar? Deveria haver algum mecanismo, ou lavagem cerebral, ou alguma coisa que mantivesse um Rosa sob rédea curta.

Alguma coisa que nos obrigasse a seguir ordens. Caso contrário, ficaríamos descontrolados.

— Nós somos gêmeos? — perguntei a Grace.

Ela encolheu os ombros. Eu não sabia com quem estava lidando, mas não era comigo. E não estava mais com medo. O meu único problema era não conseguir olhar para o píer e ver se a Olive e o Noah estavam bem.

Grace se aproximou.

Havia duas pontas no bastão dela e só uma lâmina na minha espada. Eu a bloqueei o mais rápido que pude, gingando para a esquerda e para a direita enquanto ela tentava me golpear com uma ponta e outra. Eu não estava com luvas como ela; os choques do bastão percorriam a espada e subiam pelo meu braço. A cada pancada, eu quase deixava a espada cair. Grace ia golpear com o bastão entre as minhas pernas, mas me atirei ao chão e impedi mais uma vez, gemendo pela dor no braço. Faíscas saíram quando a lâmina bateu no bastão. Grace girou e tentou vir por cima com a outra ponta. Virei de lado e o bastão, fervendo, acertou o cascalho do chão, lançando uma explosão de faíscas brancas. Não tive tempo para contra-atacar. Peter estava ao meu lado, de joelhos, depois de tomar um golpe em cheio no peito. Ele tentou bloquear com os antebraços.

— Corre! — Peter exclamou.



Talvez fosse a privação de sono, ou o choque, mas Grace corria mais rápido que eu. Ela me acertou três vezes nas costelas, com tanta agilidade que o bastão parecia apenas uma mancha branca eletrizada. Eu cambaleei, um passo, depois dois. Três. Estava bem perto da beira do telhado. Meus pés escorregaram e, para não perder o equilíbrio, Meus braços rodaram rapidamente, mantendo-me no lugar por um segundo extra. Grace chegou à minha frente e avançou para pegar meu pescoço. Para me segurar ou dar um empurrão final? Agarrei seu braço, mas seus pés não estavam firmes o suficiente no chão. Ela escorregou do cascalho e de repente eu estava olhando para o céu noturno. Um final estranho para uma vida, cair sete andares com seu clone. Imagens dispararam na minha

cabeça, mais memórias fantasmas, rápidas demais para eu decifrar.

Rostos: Noah, Peter, Olive, Tycast. E mais alguém.

Alguém que parecia comigo, porém mais velha. Ela devia ser a minha mãe.

Um último flash...

Eu era criança, minha cabeça não chegava à altura da cintura da minha mãe. Ela se ajoelhou e olhou para os meus olhos. Nós tínhamos o mesmo cabelo ruivo, o mesmo nariz, os mesmos lábios.

— Eu preciso ir agora, querida — há um homem atrás dela. Ele tinha um cavanhaque ruivo e olhos gentis. — Esse é o Philip. Ele vai ajudar a ensinar você, está bem?

— Aonde você vai? — perguntei.

Nunca obtive a resposta. Pisquei, e o rosto da mulher de repente era a Grace, agarrando-se a mim enquanto os andares ficavam para trás. Eu tentava contá-los, mas a queda era rápida demais. Meu corpo tensionou, convulsionando enquanto eu tentava me endireitar. Se ao menos conseguisse me orientar, deixar as pernas apontadas com o ângulo certo... A pequena esperança logo se desfez. Não havia como cair “bem” nessa hora.

O vento soprava nos ouvidos. Eu apertei os olhos e esperei pelo fim.

Então o vento parou.

Senti um impacto tão violento que, por um segundo horrível, pensei que meu pescoço tivesse se quebrado.

Alguma coisa apertava minha barriga com tanta força que eu não conseguia respirar. Estava de ponta-cabeça, pendurada, três metros acima da calçada. Balançando.

Olhei para cima e vi um cabo preto comprido conectado à perna da Grace. Ela estava com os braços envolvidos logo acima da minha cintura, com as mãos apertando os próprios cotovelos dela. Era por isso que eu não conseguia respirar.

Eu estava estranhamente calma. O cabo oscilou alguns centímetros para cima. Grace sorriu para mim, triunfante.

— Essa foi por pouco — ela disse.

— Sim — concordei. Então a soquei no rosto. Ela grunhiu, afrouxando a pegada por um instante. Dei um mortal de costas para sair dos braços dela. Meus pés giraram e aterrissei agachada na calçada abaixo.

Ela se curvou para cima, como se estivesse se sentando na vertical. Tobias não estava na beirada; ele estava usando o teto como ponto de apoio.

— Quero descer! — Grace gritou.

Dei uma olhada para o pór. Olive e Noah sumiram, e Peter estava lá em

cima, sozinho. Corri para a porta pela qual o Peter e eu entráramos. A vista escureceu quando o sangue desceu da cabeça para os pés, mas me segurei, subindo dois degraus por vez. Cheguei ao topo e atravessei a porta fechada.

Então deslizei e parei, cavando sulcos no cascalho.

Peter estava de joelhos. Escorria sangue de um corte em sua testa, caindo até a ponta do nariz. Tobias estava ao lado, com o bastão em uma mão e a katana na outra.

A ponta da espada repousava sob o queixo do Peter.

— Você devia ter corrido — Peter disse. O ombro dele estava curvado.

— Nós só precisamos de três de vocês para o ensaio geral — Tobias explicou. — Eu poderia matá-lo e não desrespeitaria as ordens — foi por isso que a Grace me segurou, para o caso de o Tobias já ter matado o Peter.

Ouvi a Grace atravessar a porta atrás de mim, mas não me virei para ela. Ela me chutou na dobra da perna e tropecei para a frente e caí, cortando as palmas nos pedregulhos. Fiquei ajoelhada e pus as mãos atrás da cabeça. Peter olhou para mim como se estivesse furioso por eu não ter me salvado. Sacudi os ombros para ele.

Tentei parecer corajosa, mas por dentro estava apavorada. Nós havíamos falhado. Eu não tinha ideia do que iria acontecer conosco, ou se o Noah e a Olive haviam conseguido escapar.

E como não havia maneira de cooperarmos, eles iriam se negar a nos dar as injeções de memória, apagando todas as novas lembranças. Era a única possibilidade.

Peter sorriu para mim, sacudindo a cabeça. Por trás do sorriso, podia ver que ele estava tão assustado quanto eu. Sangue escorria dos seus lábios.

— Você nunca seguia as minhas ordens — ele falou.

Eu sorri de volta.

— Você não está contente por ter a minha companhia?



ELES NOS ALGEMARAM. EU NÃO CONSEGUIA SENTIR MEUS dedos desde que sobrevivera à queda. Não parecia real. Nós não havíamos percorrido toda aquela trajetória para sermos capturados por cópias baratas. Chegamos a uma van que estava com as portas traseiras abertas. Meu ombro roçava no de Peter enquanto eles nos levavam para a van.

— Eles vão nos forçar a gostar deles, Miranda — Peter disse. Ele não olhava para mim. Dentro da van, vi o Noah e a Olive, também algemados, e respirei novamente. Estava dividida entre alívio por ver que estavam vivos e terror por também terem sido capturados.

— O que você quer dizer com isso? — perguntei.

Mas eu sabia. A mesma coisa, qualquer que fosse, que fizeram com a Grace e o Tobias. A ideia de ser ainda mais alterada me deu um nó na garganta.

Fechei os olhos e tentei imaginar. Drogas? Lavagem cerebral?

— Quer dizer que eles vão fazer alguma coisa pra nos obrigar a colaborar. Pra que a gente não pense por conta própria. Não vamos mais ser nós mesmos — ele olhou nos meus olhos com relutância. — Se isso acontecer, eu quero...

— Quer o quê?

Nós estávamos logo atrás da van e ele balançou a cabeça. Entrei e me sentei em um banco ao lado da Olive. Ela deu um sorriso amarelo para mim. Peter se sentou ao lado do Noah, na nossa frente. Noah estava encharcado, cheio de gotas de água brilhando no cabelo curto. Grace fechou a porta, e então a única luz era a que vinha de uma pequena lâmpada no teto.

— Ei — Noah disse para mim. — Ela é você. — Ele parecia tão mal quanto o Peter, tão mal quanto eu. Ele sabia que nós tínhamos falhado e que não havia nada para proteger a cidade. Nem a nós mesmos.

— Percebi.

Havia uma divisória entre nós e a parte da frente da van. Ouvi as portas se abrirem e fecharem. O motor foi ligado. Sacudimos nos assentos quando a van deu a partida e saiu da frente do prédio.

— Então, o que aconteceu ali? — Noah perguntou, com os olhos no teto. Sua fala estava estranha, como se a língua estivesse inchada. Talvez alguém o tivesse socado na boca.

— Eles tinham armas melhores — Peter disse, lacônico.

Noah concordou com a cabeça.

— Sim, isso é verdade, mas... caramba.

— Caramba o quê, Noah? — retruquei.

Ele se inclinou para a frente: — Caramba, Mi. Como. Que isso. Aconteceu?

Olive chutou o joelho dele.

— Você mergulhou antes de nós dizermos que a barra estava limpa.

— Sim — concordei. — Sua culpa.

Noah riu.

— Eles estavam esperando por mim lá embaixo. Mas eu encontrei o esconderijo, então o Tycast não estava mentindo — a luz fraca me permitia vê-lo mexendo em alguma coisa na bochecha.

— É claro que não — Peter disse.

— E se eles se recusarem a nos dar as injeções? — Olive quis saber.

— Nesse caso — Noah disse –, foi bom conhecer vocês — ele não parecia preocupado. Minha pele ardia, o que achei bom, porque eu preferia me sentir furiosa do que deprimida...

Então percebi que Noah estava falando a palavra silêncio, sem emitir som. Ele abriu a boca. Vi quatro frascos dentro dela, bem pequenos, sob a língua, cada um cheio de um líquido amarelado.

Enquanto falávamos sem realmente falar, prestei atenção no caminho que a van fazia. Conte as curvas e as paradas, tentando gravá-las na cabeça. Por fim, perdi o senso de direção, assim como os outros. Parecia que rodávamos pela estrada há um bom tempo. Nós viramos e a van desceu, como se entrássemos em um estacionamento subterrâneo. Trocamos olhares, tentando inspirar coragem para o que viesse pela frente.

A van parou e as portas da frente se abriram. Um segundo depois, Grace abriu as portas traseiras e eu pisquei por causa da luz forte. Estávamos em uma garagem subterrânea, vazia, mas bem iluminada.

— Vamos saindo — Grace ordenou, acenando.

— Então, quem são vocês? — Noah perguntou, sorrindo como um idiota para a Grace. — Miranda 2.0?

São versões atualizadas?

Grace socou o Noah na barriga e ele se dobrou, gemendo. Ele não podia se apoiar porque as mãos estavam algemadas pelas costas, então inclinou um

ombro e rolou de lado.

— O mesmo senso de humor — Noah disse quando recobrou o fôlego.

Puseram sacos sobre nossas cabeças, o que era bem inútil, já que podíamos encontrar o caminho de volta, não importasse aonde estávamos indo. Um veículo em movimento era uma coisa, mas a pé eu tinha confiança.

O saco era áspero e deixava o ar quente e úmido.

— O time Alfa tem sacos melhores pra pôr no rosto das pessoas — Noah zombou. Eu ouvi a Grace, ou outra pessoa, bater nele mais uma vez.

Nós quatro nos sentamos no chão de concreto de uma cela sem porta. Uma parede era uma janela de vidro fumê, as outras três eram brancas. Eles não retiraram os sacos até entrarmos ali. Havia um elevador, que subira muitos andares, e alguns corredores curtos. Exceto por isso, eu não tinha ideia de onde estávamos.

A primeira coisa que fizemos foi sentar, encolher as pernas e deslizar as algemas por cima dos pés, para deixar as mãos na frente.

— Ao menos estamos juntos — Olive comentou, arranhando o chão esburacado com a unha. Ela estava sentada à minha frente, ao lado do Noah. Não havia muito espaço, então a perna dela acabou ficando em cima da minha.

Noah esticou os braços por cima da cabeça.

— Não sabemos por quanto tempo — ele devia estar com os frascos espalhados pela boca, porque eu quase não percebia que sua voz estava diferente.

— Você é sempre tão pessimista — Peter disse.

— Ei, vamos lá, líder. Diga como vamos sair daqui.

— Noah — eu disse.

Noah ergueu as mãos algemadas.

— Você tá certa. Sinto muito.

Ele colocou um dedo nos lábios, então fingiu que coçou o nariz. Ele estava com medo de que nos observassem, o que sem dúvida estavam fazendo. Noah abriu a boca como se estivesse bocejando, e Peter viu os frascos. Olive devia saber, porque ela me deu um sorriso furtivo.

A janela de vidro fumê deslizou e se abriu. Quatro soldados em trajes pretos à prova de balas apontaram rifles para nós. Eles estavam usando os mesmos capacetes pequenos de metal usados pelos soldados na nossa base, com os mesmos macabros visores estreitos.

Dois deles vieram e me levantaram do chão. Eu não resisti. Peter, sim. Ele tentou se levantar, mas um soldado o chutou no peito.

— Eu sou o líder. Levem-me em vez dela — Peter disse. Eles o ignoraram.

— Tudo bem. Vejo vocês em um minuto. — eu gostaria de acreditar nisso, apesar de sentir que nunca mais iria vê-los.

Meus parceiros olhavam para mim sem saber o que dizer. A parede de vidro se fechou.

Os soldados me levaram marchando por um corredor. Cogitei criar uma onda de medo, mas aquilo não serviria para nada, a não ser para me causar dor de cabeça. Ou acelerar a amnésia, já que estava há algum tempo sem injeções. Já devia ter passado da meia-noite, e eu tomara a última dose na manhã do dia anterior, antes de partir de moto com o Peter. Não havia maneira de dizer quanto tempo mais iria durar, porque eu já usara o medo depois da dose, aquecendo o cérebro.

A primeira porta à direita abriu para um pequeno escritório, com escrivaninha e prateleiras. Grace estava sentada atrás da escrivaninha, e ver seu rosto mexeu mais uma vez comigo. Ela apontou para uma cadeira diante da escrivaninha e os soldados me fizeram sentar.

Ao menos era confortável. Acenou para os soldados e eles nos deixaram a sós, fechando a porta ao sair.

Nós olhamos uma para a outra.

— Essas algemas estão um pouco apertadas — reclamei. Eu estava tentando mascarar o desconforto maior, a sensação horripilante que subia pela garganta.

Qualquer um podia botar banca na hora de falar, mas eu não achava que nós quatro tínhamos muita esperança de sair daquele lugar do mesmo modo que entramos.

Naquela hora, fingia estar com moral alta, apesar de quase não conseguir manter a cabeça erguida. Eu tinha que mostrar para a Grace que não sentia medo.

— Você sabe que é impossível escapar daqui — Grace disse. — São muitas portas, com muitas armas pelas quais passar.

— A minha casa também era mais ou menos assim.

Grace se aproximou e tirou as algemas. Ela as jogou na escrivaninha e se sentou novamente.

— Quem é que dá as cartas por aqui? — perguntei.

— Eu — ela respondeu.

— Quero dizer, quem é o seu dr. Tycast?

Grace sorriu.

— Dra. Conlin. Janet Conlin.

Eu esfreguei os pulsos avermelhados.

— Então por que é que estou falando com você?

— Porque a Conlin achou que eu me sairia melhor com você, já que temos o mesmo DNA.

Tirei os olhos dos pulsos.

— Sim, eu queria saber mais quanto a isso. Então você é o meu... clone?

— Quem disse que você não é o meu?

— Ninguém — eu disse.

— Não é bem assim.

Engoli em seco, perguntando-me se deveria acreditar em qualquer coisa que ela dissesse. Se deveria assimilar as palavras como fatos, ou se deveria continuar resistindo.

— E então, como é?

— Eu sei que no início é difícil aceitar — Grace disse, ignorando-me. E o que era aquilo que eu via em sua expressão? Compaixão e compreensão, parecia. — Eu era como você, no começo. Não queria aceitar a verdade. E não aceitei. Mas eles me ajudaram.

— Como?

As sobrancelhas dela se aproximaram uma da outra.

Ela olhava fixamente para um ponto acima do meu ombro.

— Eu não me lembro.

— Lembra, sim. O que eles fizeram com você?

Grace balançou a cabeça.

— Como eles estão controlando você?

— Isso não importa — Grace disse, e por um único segundo insano, pensei que ela iria chorar. — Eles simplesmente controlam.

— Quem é Rhys? — se ela estava desequilibrada, talvez eu devesse continuar martelando. Levá-la ao limite até que me contasse alguma coisa útil.

— Eu não conheço esse nome — ela respondeu.

— Você gosta de ser controlada?

Vi o rosto dela mudar, assumindo um olhar frio e calculista. Como um robô. Era isso que iriam fazer comigo. Fazer com que eu não pudesse sentir ou pensar por mim mesma. Teriam que fazer aquilo, se quisessem me testar na cidade.

Lembrei-me dos frascos na boca do Noah. Ainda existia esperança, apesar de pequena.

Grace pôs as palmas dela abertas sobre a mesa.

— Eu não me importo — ela disse. — Isso torna o trabalho mais fácil. E vai tornar o seu trabalho mais fácil também. Há um computador na minha pele, Miranda.

Cada vez que tenho um pensamento ou desejo proibido, a tatuagem

impede. Com o tempo, você para de resistir.

Tatuagem... Eu me lembrei do Noah dizendo essa palavra enquanto se recordava da conversa que ouvira no escritório do Tycast. Antes que eu pudesse perguntar o que ela queria dizer com aquilo, Grace agarrou o próprio cabelo e o puxou para o lado, virando de maneira que eu pudesse ver todo o circuito infiltrado na base de seu crânio. Parecia uma tatuagem meio enrugada de uma placa de circuito, mas debaixo da pele.

Então era por isso que a equipe Beta era tão diferente de nós. E em breve seríamos como eles.

Minha garganta estava seca demais para engolir.

— E vocês querem fazer isso conosco?

— Sim. A Conlin trabalhou pessoalmente na tatuagem e nós fomos os primeiros a recebê-las. Não tenho vergonha de admitir que a equipe Beta foi a primeira a recebê-la para garantir que ela não mataria você.

— Eu?

— A equipe Alfa. Os queridinhos do Projeto Rosa.

Sua equipe sempre foi a favorita dos nossos criadores, todos sabem disso.

Eu me inclinei para a frente, o corpo da Grace ficou tenso.

— Criadores? Mais de um? — no fundo, eu já sabia disso. A voz do Tycast no escritório dissera: “Nós estamos nos preparando para o ensaio geral”. Plural.

Quando ela viu que não cheguei mais perto, seus ombros relaxaram.

— Alguém tinha que nos criar, não é? E, sim, eles são mais que um.

“Nos criar.” Eu a encarava sem saber o que dizer.

— Nós fomos produzidos, Miranda.

— Produzidos.

— Sim. Por Deus! Nem posso acreditar que somos parentes. Nós somos clones, Miranda. Clones. De uma pessoa. Cópias. Sem mãe. Sem pai. Você entendeu?

Entendi. Bem lá no fundo, nas profundezas da mente, eu sabia que havia algo mais a nosso respeito do que terapia genética. Talvez fosse dali que meu vazio viesse. Não da perda da memória, mas porque eu já era vazia desde o início. Não era uma pessoa de verdade.

Mas, ao mesmo tempo, eu sabia que aquilo não era verdade, porque ninguém vem do nada. Os meus amigos eram de verdade. Eles importavam para mim.

Mas o que ela estava dizendo — e naquilo eu acreditava — significava que nunca havíamos nascido.

Nunca tivemos pais que depois nos entregaram para adoção. Nunca

deixamos vidas diferentes para trás.

Sempre fora assim, desde as primeiras batidas do coração.

Mas aquela não era hora de dissecar sentimentos. Eu tinha que me manter focada na pequena chance de o Noah passar aqueles frascos para nós. Talvez pudéssemos fingir.

— Por que você está me contando tudo isso? — perguntei. Um entorpecimento se espalhava pelos braços e pelas pernas, para as pontas dos dedos das mãos e dos pés. Eu sabia a resposta.

— Porque em poucas horas vocês não vão se lembrar de nada. A menos que concordem em se juntar a nós. A dra. Conlin recebeu ordens para proceder com o ensaio geral imediatamente. Com um número suficiente de Rosas, podemos providenciar uma demonstração no mundo real que nunca será esquecida. Oito Rosas é o ideal, mas conseguimos com sete.

— Você está preparada pra ser vendida como uma arma? — questionei.

— Eu aceito isso porque preciso. As tatuagens para a equipe Alfa ainda não estão prontas, e não ficarão por algum tempo. Então, ou nós tiramos as suas memórias, ou vocês aceitam sem as tatuagens. Forçar vocês a se esquecer é algo que a Conlin prefere evitar, já que a maior parte das suas experiências sumiriam com a memória. A perda de memória tornaria vocês menos valiosos.

— Isso nunca vai acontecer. Nós nunca vamos ajudar vocês com isso.

Grace assentiu.

— Nesse ponto, fui instruída para lhe persuadir.

A porta do escritório se abriu e eu girei na cadeira.

Dois soldados marcharam com o Peter e o Noah sob a mira das armas. Os soldados empurraram com força os seus ombros até eles se ajoelharem. Noah balançou um pouco para a frente, com a cabeça meio caída. Sua bochecha estava com um machucado recente.

Quando me virei, Grace estava sorrindo para mim.

— Por mais que você ache que somos diferentes, aposto que temos algumas semelhanças. Corrija-me se eu estiver errada, mas você sempre ficou na dúvida entre esses dois, não? — ela fez uma pausa, apreciando a expressão do meu rosto. — E agora você vai ter que escolher.



ESCOLHER.

A sala parecia girar, por mais que eu me segurasse nos braços da cadeira.

Em matéria de táticas de persuasão, aquela era bem horrível. Eu deixara claro que não iríamos ajudá-los, não importasse o que fizessem. Se quisessem cooperação, teriam que apagar nossas memórias ou aplicar as tatuagens. Mas se eu não acreditasse que a Grace pudesse realmente matar um deles, meu coração não dispararia. A boca não secaria e eu não sentiria como se fosse para a minha cabeça que a pistola estava apontada.

Grace disse que só precisavam de sete. Mas isso não significava que destruiriam algo tão valioso quanto um Rosa. Eu tinha que apostar naquilo.

Ela se ergueu e se inclinou para a frente, com as pontas dos dedos na escrivaninha.

— Concorde em nos ajudar. Não podemos ficar apenas com a sua palavra, não vamos tirar os olhos de você. Mas coopere e nós pouparemos os dois.

— Não concorde com nada — Peter disse.

Grace o ignorou.

— Levante-se, Miranda. Olhe para eles.

Sustentei o olhar da Grace por um momento mais longo, tão longo quanto podia ousar, então me ergui bruscamente da cadeira e me virei. Peter e Noah estavam ajoelhados, com rifles apontados para as suas nuças. Os dois davam um jeito de sorrir para mim. Isso me inspirava força... e algo mais... algo caloroso. Aquilo me mantinha em pé.

— Você deveria me escolher para morrer — Noah disse. — O Peter precisa nos liderar — ele disse sem comoção, como se eu estivesse escolhendo algo para beber em vez de alguém para matar.

— Ah, por favor — Peter disse, no mesmo tom de voz desapegado. — Você ama o Noah. Se você o escolher pra morrer, vai se arrepender pelo resto da vida.

Noah fungou.

— Você tá de brincadeira? Vi vocês dois de mãos dadas. Eu vi aquela merda. Ela me odeia por causa do que eu fiz.

— Eu não odeio você — eu disse. Não sabia bem o que sentia, mas não era ódio. Os dois soldados com capacetes atrás de mim pareciam estátuas. Eu me virei para eles — Vou me lembrar dos dois, mesmo sem ver o rosto de vocês. — O que estava atrás do Peter inclinou a cabeça, como um cachorro.

—Você tem cinco segundos — Grace disse.

Eu me virei para ela.

— Sei que tenho mais. Você não vai nos matar.

Peter e Noah esconderam o medo, então eu precisava fazer o mesmo. Eu tinha motivos para disfarçar a insegurança. Os criadores não iriam ganhar nada nos matando. Em vez disso, podiam ficar com as quatro peças ao seu dispor. Era o mais lógico. Eles não iriam jogar fora uma arma tão valiosa só para ganhar cooperação. Tinham outras maneiras.

No entanto...

Grace tinha um brilho maluco, uma faísca de loucura.

Eu estava errada. Ela iria fazê-lo.

Eles não se importavam com quem vivia ou morria, desde que tivessem sete Rosas para o ensaio geral.

O rosto do Peter e o do Noah não mostravam desespero, mas, àquela altura, já não me confortavam.

Me deem um sinal, pensei. Deixem-me saber que estou fazendo a coisa certa. Que tudo vai ficar bem. Não me façam escolher.

— Tudo bem, eu escolho — Grace disse, atrás de mim. — Matem o Peter.

Peter fechou os olhos. Noah baixou a cabeça mais uma vez. Eu me virei, pronta para saltar a qualquer momento sobre a escrivaninha da Grace, mas ela estava com uma arma apontada para a minha cara.

Atrás de mim, um soldado atirou.

No pequeno escritório, soou alto. Tudo dentro de mim morreu e apodreceu. Eu devia ter escolhido. Eu devia ter escolhido.

Quem eu teria escolhido?

— Eu gostaria que você pudesse se lembrar desse momento — Grace falou. Ela fez um gesto com o queixo para os homens atrás de mim. Eu me virei e vi Peter de olhos fechados. Fumaça esvoaçava em volta de sua cabeça. No chão, perto dos seus joelhos, havia um buraco de bala fumegante.

Eles não o mataram. Senti-me inundada de alívio, mas me manter em pé estava difícil como nunca. Usei o encosto da cadeira como apoio.

Peter abriu os olhos, firmes e sem lágrimas, revelando um vislumbre da

sua verdadeira essência.

Nunca houvera qualquer medo nele.

— Levem-nos de volta à cela — Grace ordenou. Os soldados obrigaram Peter e Noah a se levantar, depois os empurraram bruscamente pelo corredor.

Ela soltou um suspiro e desmoronou na cadeira.

— Agora nós esperamos.

Os soldados me tiraram do escritório alguns segundos depois, mas os meus olhos e os da Grace continuaram fixos uns nos outros. Ela se recostou na cadeira, sorrindo para mim. Sua loucura não desaparecera completamente. Não desviei o olhar até a porta se fechar.

Com tatuagem ou não, fiz um juramento silencioso de matá-la antes que tudo terminasse.

Eles nos arremessaram de volta para a cela. Fiquei no canto, longe dos outros, e ouvi minha pulsação desacelerar lentamente. O tiro ainda parecia ecoar em minha cabeça. Os ouvidos estavam doendo e pareciam tapados com concreto.

Noah veio por trás de mim. Agarrou meu ombro e me fez virar. Com o dedo, virou meu queixo para cima.

Abri os olhos.

— Você acertou — ele disse. — Eles nunca iriam nos matar — ele se inclinou até os nossos lábios quase se tocarem. Eu o beijei. Sabia que ele não me beijaria naquele momento por nenhum outro motivo. Minha boca se abriu e eu senti a língua dele escorregar sobre a minha, deixando cair dois dos pequenos frascos na minha boca. Ele fechou a dele e sorriu sem mostrar os dentes, usando o polegar para remover cabelo dos meus olhos.

Peter se ergueu do canto, observando-nos. Passei um dos frascos para baixo da língua e dei a ele um vislumbre do outro, mostrando rapidamente o líquido amarelado dentro. Abri meus braços como se pedisse um abraço. Alguém estava nos observando, ouvindo. Ficaria estranho beijar o Peter logo depois de beijar o Noah, mas era a única maneira de fazê-lo sem mostrar o frasco fora da boca. Melhor parecer estranho do que dar na vista.

Peter estava na minha frente. Seus ombros eram tão largos que eu não conseguia ver o Noah e a Olive atrás.

— Eu estou bem — ele disse.

Pus uma mão em seu peito.

— Eu sei. Venha aqui — Envolvi meus dedos em volta da nuca dele, puxando-o para mim. Ele me deu um beijo mais suave que o do Noah. Um arrepio se espalhou pelos meus braços e pelas costas. Ele abriu a boca e eu passei o frasco a ele, deslizando-o com minha língua. Ele se afastou no mesmo

segundo em que o obtive, mas eu ainda fiquei um pouco relutante, até fui um pouco para a frente para manter minha boca na dele. Enfim nos soltamos, com os lábios em chamas, o outro frasco em segurança sob a minha língua. Ele parecia tão confuso quanto eu.

Nós ainda tínhamos um trabalho a fazer. Mordi a cápsula do frasco e deixei o líquido amargo descer pela minha garganta. Então engoli o invólucro, do tamanho de uma pílula. A lembrança fantasma que tive do Tycast me veio à mente — de que o Noah às vezes tomava o remédio misturado com uma bebida, mas que isso era menos eficaz. Se ao menos tivéssemos acesso a uma seringa...

Vi Noah dar o beijo da entrega em Olive e não pude deixar de me perguntar o que teria se passado na cabeça dela. E na do Noah. Eu me perguntei se ele podia sentir o amor dela naquele beijo. Quando eles se soltaram, ele olhou fundo nos olhos dela por um longo momento. Em um brevíssimo segundo, a confusão se estampou no rosto dele. Confuso com o quê, eu não sabia. Ou por que ele sentira alguma coisa no beijo dela, ou por que sentira alguma coisa por ela. Pensei: “Pare. Você está especulando demais. Não dá pra sentir tanta coisa em um beijo.” Mas mesmo pensando aquilo, eu sabia que não era verdade.

Noah se afastou dela e se aproximou do Peter.

Olive tocou os lábios dela com a ponta dos dedos, sentindo o beijo. Percebeu que eu estava olhando e rapidamente baixou a mão. Eu queria de algum jeito dizer a ela que não tinha problema, mas não sabia como.

Peter abraçou Noah, mas vi que era para o Peter sussurrar no ouvido dele. Noah acenou com a cabeça quase imperceptivelmente e se virou na minha direção.

Quanto tempo os frascos iriam durar era um mistério, mas eu não podia só ficar na esperança de que seria o suficiente. Eu precisava fazer alguma coisa.

Noah pôs os braços em volta de mim e sussurrou no meu ouvido: — Vamos fingir que perdemos nossas memórias. Vá dormir. Se pudermos enganá-los de que estamos zerados, eles vão nos dar injeções novamente. Seja convincente. Agora comece a chorar.

Atrás do Noah, Peter sussurrou para Olive. Eu apertei os olhos com tanta força que se encheram de água, então pisquei algumas vezes para libertar as lágrimas. Eu estava ouvindo, mas era difícil manter o foco quando os braços dele me envolviam daquele jeito.

Depois de beijar o Peter, era demais. Eu não queria olhar para nenhum dos dois.

— Peça desculpas — Noah sussurrou.

— Me desculpa, Noah. Me desculpa.

— Tá bom, pare. Não foi culpa sua — ele disse, em um tom de voz

normal. Ele me soltou e esfregou os olhos também, mas estavam secos.

A porta da cela abriu. Tobias entrou, ao lado de dois soldados. Deu um tapa no ombro do Peter como se fossem velhos amigos.

— Abra a boca — Tobias ordenou. Peter obedeceu.

Tobias iluminou com uma lanterna, fazendo com que as bochechas do Peter adquirissem um brilho vermelho. Eu estava paralisada, esperando que todos tivessem se livrado dos frascos a tempo.

Ele apontou para mim.

— Abra.

Obedeci. Ele não encontrou nada. Fez o mesmo com a Olive e com o Noah, obrigando-os a levantar a língua.

Noah tossiu na cara dele. Tobias deu um tapa com as costas da mão sem emitir uma palavra e o Noah caiu batendo na parede. Ele riu, até que Tobias ergueu um punho. Noah se calou. Tobias se aproximou da porta e nos observou, um por um.

— Vocês são bem esquisitos — ele comentou.

— Você não faz nem ideia — Noah disse.

— Espero que isso mude quando perderem a memória.

— Eu duvido — Olive falou.

Tobias balançou a cabeça com desprezo e saiu da cela. A porta se fechou novamente e o vidro escureceu.

Nós esperamos.



O DESEJO DE FALAR COM ELES ME CORROÍÁ COMO A FOME. Não podíamos apenas ficar ali sentados esperando; tínhamos que adormecer e acordar transformados para convencer aquelas pessoas.

Foi assim que aconteceu comigo.

Peter esfregou as têmporas e exibiu um olhar triste.

Eu tinha que lembrar que estávamos atuando, que tínhamos um plano a executar.

— Desculpa — ele disse.

— Pelo quê? — Noah perguntou.

— Eu falhei com vocês.

— Parem — Olive reclamou. — A culpa não é sua. Você não precisa fazer isso.

Peter balançou a cabeça, com os olhos fora de foco.

— Eles vão mesmo apagar quem nós somos.

— Eles vão fazer tudo o que for preciso — eu disse.

Ficamos mais uma vez em silêncio.

Eu dei o primeiro passo.

— Escutem. Não temos que deixar isso se arrastar.

Não vai durar muito tempo, então vou dormir. Vou pegar no sono e, quando acordar, não vou mesmo me importar. Nós vamos criar novas memórias.

Noah se esforçou muito para evitar um sorriso no rosto. Eu me aproximei de cada um, do Peter, da Olive, do Noah, e dei um beijo na bochecha deles. Então fui até o canto oposto da cela. Deitei-me com o rosto para a parede e puxei os joelhos até o peito.

E quem diria? Eu realmente peguei no sono.

A porta da cela se abriu de repente e me acordou. Rolei e pisquei com as luzes fluorescentes, tão grogue quanto possível, apoiando-me em um cotovelo. Nem precisava atuar muito. Não havia janelas, mas devíamos estar no meio da noite. A porta da cela estava aberta, mas não havia ninguém ali.

Era hora de convencer a todos de que eu não me lembrava de nada.

Era difícil, considerando a quantidade de emoções que vinham me atropelando. Tantas coisas para considerar, com que se preocupar, e eu tinha que fingir que não me importava com nada neste mundo.

Lentamente, peça por peça, esvaziei a mente. Pensei em nós ali, presos atrás das linhas inimigas, e tirei isso tudo da cabeça. Pensei nas pessoas na cidade, no terror puro que elas experimentariam em breve, e tirei da cabeça. Pensei sobre o Peter e o Noah, no que eles sentiam por mim e no que eu sentia por eles. Tirei da cabeça. A minha amizade com a Olive, se algum dia eu poderia retomá-la. Também tirei da cabeça.

É claro que nada disso desaparecia mesmo. De que jeito? Tudo vibrava lá no fundo, zumbindo, ameaçando me atravessar e cortar minhas pernas, de baixo para cima. Mas eu estava pronta para atuar. Sabia como era não se lembrar.

Deixei o olhar vagar em volta da cela, olhando surpresa para os outros enquanto tentava fazer uma cara de interrogação. Para completar, enrugava a testa, como se estivesse tentando resolver um quebra-cabeça. O som de passos de saltos altos ecoou pelo corredor. Entrou uma mulher asiática baixinha, com cabelo preto em corte chanel e óculos de armação preta. Ela usava um jaleco como o do dr. Tycast.

Eu me sentei.

— Onde estou?

A mulher sorriu.

— Olá, Miranda. Meu nome é dra. Conlin. Todos vocês sofreram um acidente. Não se lembram?

— Que acidente?

Peter e Noah olharam para mim como se nunca tivessem me visto antes. Olive esfregava o olho, sonolenta.

— Como você sabe meu nome? — perguntei.

A dra. Conlin lambeu os lábios. Ela não estava acompanhada de nenhum soldado. Os outros faziam excelentes caras levemente-espantadas-e-confusas.

Noah usou a parede para se levantar.

— Onde estou?

Conlin estava com as mãos unidas.

— Relaxem. Eu vou explicar tudo em seu devido tempo. Comecem me contando do que vocês se lembram.

Fechei os olhos. Então os abri. E sacudi a cabeça.

— Nada.

Conlin acenou uma vez com a cabeça, depois estendeu a mão.

— Venha comigo.

Passei pelos outros com cuidado, como se tivesse medo de que pudessem

avançar em mim. A cela se fechou às minhas costas e o suor brotou por toda a minha pele. Eu me senti sozinha sem eles. Totalmente exposta.

— Aonde estamos indo? — tentei me lembrar daqueles sentimentos iniciais, quando acordei perto do shopping.

Havia confusão, mas também aceitação. Eu podia fingir estar da mesma maneira.

Conlin me levou de volta ao escritório, onde não muito tempo antes meus amigos estavam ajoelhados. O aroma tênue da pólvora ainda estava no ar. Conlin apontou para uma cadeira em frente à escrivaninha e eu me sentei ali, com as mãos apertadas sobre o colo. Então parei. Aquele gesto poderia ser muito clichê. Eu não queria parecer nervosa a ponto de chamar muita atenção.

Conlin se sentou atrás da escrivaninha e colocou as mãos unidas em cima do tampo.

— Você passou por um incidente traumático, Miranda. Você e os seus amigos.

— O que aconteceu?

— Vocês quatro estão neste instituto para tratamento especial. Vocês têm um problema raro de memória, que nós conseguimos curar com uma série de injeções que tomam diariamente. Tentamos aumentar a potência, mas isso falhou durante o processo. As memórias se foram, mas acreditamos que vão voltar em breve, assim que voltarmos a aplicar a antiga dose.

Certo, e eu estaria curiosa a respeito do que, em seguida? Olhei sobre o ombro, para a porta de onde eu viera.

— Eu conheço aquelas pessoas? Os dois caras e a garota?

Conlin concordou com a cabeça, com ênfase, tentando me convencer, assim como eu tentava convencê-la.

— Sim, eles são seus amigos. Mas quero que você fique calma. Tudo vai ser resolvido.

Fiquei impressionada com a facilidade com que ela mentia. Sem esforço, como se ela realmente acreditasse.

Era real o suficiente para me deixar levemente confusa.

A única coisa que faltava era um pouco de calor no olhar.

Respirei fundo. Pensei comigo “estou calma”. Certo, então aqueles eram meus amigos, mas por que meus pais não estavam por perto? Deixei os olhos abaixarem, depois fiz eles brilharem, como se uma ideia tivesse acabado de surgir na minha cabeça.

— Onde estão os meus pais?

A dra. Conlin suspirou.

— Sinto muito, mas creio que eles morreram quando você era criança.

Você desenvolveu o problema de memória logo depois. Sinto muito.

— Tudo bem... Não é nada de que eu me lembre — eu me remexi no assento, sentindo o traje à prova de balas por baixo de mim.

— Não. Ainda não.

Puxei a camiseta, expondo o traje por baixo.

— Que diabo é isso aqui? — bati com um punho na barriga. — É à prova de balas?

Conlin parecia preparada para isso também.

— Não exatamente. É um traje que produz uma carga elétrica mínima para estimular as funções cerebrais. É assim que o cérebro funciona, é como um computador orgânico que precisa de eletricidade. Em vez de usar algum capacete pesado, usamos o traje como condutor.

Pense nisso como algo para ajudar a memória.

Fiz cara de surpresa.

— Uau. Isso que é alta tecnologia.

— É, sim — ela disse, sorrindo por eu engolir outra mentira. — Nós queremos que você se lembre, tanto quanto você.

Deixei os olhos se distraírem pelas prateleiras de livros, depois sobre a plantinha verde em cima da escrivaninha.

— E agora?

Conlin bateu as mãos e se recostou de novo na cadeira.

— Agora vou falar com os seus amigos e explicar a situação a eles. Há outro teste que queremos fazer para avaliar se podemos recuperar logo suas memórias.

— Que tipo de teste? — era o ensaio geral. O que mais poderia ser? Naquela hora, eu não me importava em ser usada no testezinho deles; se nos pusessem perto da equipe Beta, poderíamos impedi-los antes que alguém se machucasse. Tentei não deixar transparecer a minha ansiedade, o ímpeto que eu sentia para deixar cair a máscara e partir para a briga.

Conlin pegou uma seringa na gaveta da escrivaninha.

Estava cheia do líquido amarelado. Eu nunca fiquei tão feliz por ver uma agulha na vida — foi essa a primeira coisa que me veio à mente. Então pensei que podia apenas parecer com uma injeção de memória. Podia ser o primeiro passo para nos mudar, para me transformar em outra Grace. Era possível que a Conlin não tivesse acreditado nem um pouco na minha atuação.

— O teste é complicado — ela disse. — Nós podemos discutir melhor pela manhã. Agora eu preciso lhe dar essa injeção.

— Pra quê? — até onde eu sabia, aquilo podia me pôr para dormir. O tempo suficiente para acordar com uma tatuagem na nuca. Mas eu tinha que

arriscar se quisesse continuar.

— É um agente contra rejeição para o composto que nós usamos. É um pouco técnico demais para explicar.

— Está bem.

Conlin deu a volta na mesa e passou um algodão no meu braço, depois enfiou a agulha. Eu sentia a picada e a pressão enquanto ela empurrava o líquido na minha veia.

Esperei, achando que fosse desmaiar, mas não desmaiei.

Ela tirou um chumaço de algodão do bolso do jaleco e falou para eu apertar sobre o ponto da injeção.

— Pronto — ela disse — Agora, vá para o corredor. É a última porta à direita. Nos vemos daqui a algumas horas, quando o sol nascer.

Eu me levantei e andei até a porta. Não me sentia diferente. Apenas as mesmas preocupações mexiam comigo, ameaçando tirar a minha máscara.

— Miranda? — Conlin chamou atrás de mim.

Eu me virei.

— O que foi?

Ela estava sentada na beira da mesa, segurando uma seringa vazia.

— Você se lembra do seu sobrenome?

— North — respondi.

Ela sorriu.

— Perfeito. Boa noite, Miranda.

Percorri o comprido corredor branco. Lentamente.

Talvez um pouco desequilibrada e confusa. Uma pessoa que tivesse acabado de perder a memória não andaria com objetividade e confiança. Passei por várias portas de ambos os lados. A vontade de ver o que havia por trás delas era forte, mas continuei andando. Ouvi a Conlin sair do escritório e abrir a porta da cela novamente, para retirar o próximo de lá. Não virei para trás, com medo de que alguma coisa no meu rosto pudesse entregar o disfarce.

Abri a última porta à direita com a expectativa de ver a Grace ou o Tobias, ou talvez uma versão alternativa do Noah e da Olive. Eu nem sabia como que o meu Noah e a minha Olive haviam sido capturados, ou como o Noah fizera para esconder aqueles frascos na boca. E eu não fazia ideia de quando estaríamos a sós novamente, longe de olhos e ouvidos que vigiavam tudo. Eles não nos dariam chance de fingir por muito tempo. Ficariam no nosso pé enquanto não estivéssemos livres.

Em vez da Grace e do Tobias, encontro um quarto idêntico ao que havia no lugar que eu chamara de lar.

Beliches dos dois lados, uma mesa no meio. Em vez de xadrez, um jogo

de damas sobre a mesa. Na parede dos fundos, uma geladeira e alguns armários alinhados. Se havia câmeras, estavam escondidas.

Senti-me estranha naquele quarto. O que era perfeito; se alguém estivesse assistindo, pensaria que eu estava confusa sobre qual cama era minha. A cama de baixo na esquerda tinha algumas cuecas, então descartei.

A cama de baixo à direita era a que eu tinha em casa.

Tirei os sapatos e me deitei nela.

Olhei para a porta, esperando a Grace chegar e gritar comigo por estar na cama dela. Ocorreu-me que eu não tinha a menor ideia de onde os outros clones estavam naquela hora. Talvez me observando. Esse pensamento causou um arrepio. Então preferi pensar na minha equipe, que estaria ouvindo a conversinha da Conlin.

Concordando com as mentiras dela e aceitando as palavras como fatos.

Molhei os lábios, o que me fez lembrar de ter beijado o Peter e o Noah. E do que eu senti. A verdade era que eu não tinha tempo para sentir, não até estarmos todos livres. Nós não havíamos impedido o ensaio geral.

Estávamos na agenda deles para sermos usados no ensaio geral.

Infelizmente, aqueles fatos não me impediam de tentar decodificar a maneira como o Peter e o Noah haviam olhado para mim.

Soltei o cabelo, rolei na cama e agarrei o travesseiro com tanta força que meus dedos doeram. O beijo do Noah. O beijo do Peter. Eu não deveria estar pensando nisso quando estávamos bem no meio do território inimigo.

“Foco, North.”

Respirei fundo várias vezes, para deixar minha mente relaxada. Assim que fiquei um pouco mais confortável, Noah abriu a porta. Ele parou na entrada, levando um tempo para se acostumar com o quarto, como eu.

— Isso é ótimo — ele disse. — Qual é a minha cama?

— Não sei. Talvez aquela ali — eu disse, apontando para a cama de cima no beliche oposto. Peter ficava embaixo e eu estava seguindo a teoria de que algumas coisas seriam parecidas.

Noah passou por mim, foi até os armários e começou a abrir as gavetas.

— Ei, olhe só pra isso aqui.

Rolei para fora da cama e fui até onde ele estava. Ele me mostrou algumas fotos. A primeira era da Grace jogando basquete com o Tobias, tentando arremessar por cima do bloqueio. Eu ri com nervosismo.

— Então eu gosto de basquete, é?

— Acho que sim — Noah respondeu.

A foto seguinte era do Outro Noah beijando a Outra Olive na boca. Eles se pareciam muito com o meu Noah e a minha Olive, exceto pelo fato de que o

Outro Noah tinha o cabelo um pouco mais comprido, em vez de bem aparado à máquina.

— Acho que você tem uma namorada.

Noah pegou a foto, olhou para ela, e fez “hum”.

Não havia como dizer se era falsa, ou se o outro Noah estava mesmo com a outra Olive.

A foto seguinte era dos quatro membros da equipe Beta de pé, lado a lado, com os braços pendurados nos ombros uns dos outros.

— Então nós somos amigos — Noah concluiu, e me entregou a foto.

— Parece que sim.

— Que bom. Estamos sorrindo. Isso é um bom sinal — ele riu e deu as costas, voltando para a cama dele. — Eu estava começando a me sentir como um prisioneiro.



PETER CHEGOU LOGO DEPOIS E OLIVE VEIO EM seguida. Eu estava impressionada em ver como todos atuavam muito bem, especialmente a Olive, que se sentou na cama com um olhar confuso, que eu não saberia imitar. Os olhos dela vagavam entre nós.

Noah estava com um braço sobre o lado dele do beliche.

— E agora, o que vamos fazer?

Peter encolheu os ombros.

— Não sei. O que fazemos todas as noites?

Noah apontou para o tabuleiro em cima da mesa.

— Alguém aqui deve gostar de damas. Quem topa?

— A gente podia se apresentar — sugeri. — Eu sou a Miranda North.

Noah riu.

— E sou o Noah East. Que coincidência!

Peter formou covinhas de sorriso.

— Peter West. Todos somos pontos cardeais? Não pode ser coincidência.

O rapaz olhou para a Olive na cama de cima.

— Eu me chamo... Olive South.

— Talvez sejam códigos — Peter disse. — Talvez não sejam os nossos sobrenomes reais. A dra. Conlin me disse que estamos em um instituto.

— Sei lá — Noah falou. — Mas, pra mim, por hoje chega.

— Concordo. Vou dormir — avisei. Conlin mencionara que faltavam algumas horas para o amanhecer. — Já é quase de manhã e nós vamos ter que fazer aquela experiência — referir-me a pânico massivo como um experimento qualquer me deu uma pontada no estômago.

Tirei a roupa de cima e fiquei só com o traje à prova de balas, que, segundo a Conlin, era para ajudar a memória.

— Mas é um prazer conhecer vocês de novo.

— Ninguém acha que tem alguma coisa estranha nisso tudo? — Olive perguntou. — Do nada, todo mundo acordou junto naquele quatinho apertado?

A princípio pensei que ela estava exagerando na atuação, mas depois percebi que estava melhor que todos. A testa enrugada entre as sobrancelhas... parecia que iria desabar em lágrimas.

O Noah deu uma pancadinha no traje com os nós dos dedos.

— Eu diria que sim, tudo muito estranho. Olhem o que tô vestindo.

Olive não respondeu nada; só encolheu as pernas, sentada na cama, e cobriu o rosto com as mãos.

— Você tá bem? — Peter perguntou. — A doutora disse que vamos recuperar a memória amanhã.

Ela acenou com a cabeça, ainda coberta com as mãos.

— Tô bem, só preciso de um minuto.

— A gente deveria dormir, sério — eu me intrometi.

Ela se deitou bruscamente e virou para a parede. Por um momento, pensei que estava brava por eu ter beijado o Noah. Mas não, a Olive era sensata. Ela sabia que era a única maneira de passar o frasco.

— Certo — Peter disse. — Dormir — ele também tirou as roupas, mas não falou nada sobre o traje. Supus que todos havíamos ouvido as mesmas explicações.

Noah me deu um olhar sutil que parecia perguntar se a Olive estava bem, mas não quis me arriscar a responder, então fingi não ter visto. Fui para a cama e puxei as cobertas até o pescoço.

Peter olhava para mim no beliche de baixo. Nos vinte minutos seguintes, vi seus olhos abertos no escuro. Eu me permiti mostrar um pouco de mim ao olhar para ele de volta — a verdadeira eu, não a que estava fingindo ter amnésia. Ele fez o mesmo, mas não era o suficiente.

Noah estava roncando na cama de cima. Não consegui ouvir a Olive. O silêncio e a espera estavam me matando; não queria ficar ali deitada.

Alguns minutos depois, fingi que estava acordando.

Pus o pé no chão, com cuidado, na ponta dos dedos, então andei até o banheiro com passos macios como os de um gato. Eu dizia a mim mesma que era para ficar sozinha, para beber água, para me alongar, mas sabia que era porque o Peter me seguiria. Falar com ele era um risco estúpido. Mas eu precisava.

Talvez ele me achasse muito descuidada. Talvez não me confortasse em nada. Eu não deveria precisar dele para isso, não se quisesse ser tão forte quanto eles. E eu deveria ser.

Havia várias portas de banheiro enfileiradas na parede da direita. Entrei na mais distante, um pouco antes dos chuveiros. Alguns minutos se passaram. Na penumbra, quase não conseguia ver a água do vaso.

Estava tão silencioso que eu podia ouvir minha pulsação.

Então me virei, e lá estava Peter no mesmo banheiro.

— O que você tá fazendo? — sussurrei. — Eles provavelmente viram

você vindo — mesmo assim eu fui, sabendo que ele me seguiria.

— Eu não me importo — ele retrucou.

Olhamos um para o outro. No escuro, ergui a mão e coloquei-a em seu ombro.

— Estou com medo, Peter. Medo de não conseguirmos impedir.

Ele não me ofereceu palavras de encorajamento. Em vez disso, me puxou para mais perto. Coloquei a cabeça em seu peito e envolvi meus braços nele, e ele repousou o queixo em minha cabeça. Ficamos abraçados por algum tempo.

— E se a gente falhar? — indaguei.

— Isso não vai acontecer — a voz dele vibrava de dentro do peito. Eu me inclinei e pude ver seu rosto, mas os braços ainda estavam apertados, fazendo com que as nossas pernas também ficassem enroscadas.

Aquela noite poderia ser o último momento que eu teria para falar com ele. Para ficarmos a sós. Não dava para saber o que aconteceria no dia seguinte, se estaríamos juntos. Nem sabíamos bem quem era o verdadeiro inimigo.

— Miranda — ele começou, mas eu o beijei antes que ele pudesse continuar.

A boca dele se abriu para o meu beijo, e o que eu disse antes sobre beijo suave não se aplicava mais naquela hora. Ele enterrou uma mão no meu cabelo e me puxou para mais perto, e com a outra apertou acima do meu quadril. Envolvi os braços no seu pescoço e o afastei por um segundo para recuperar o fôlego, mas a boca dele voltou para a minha.

Os dedos encontraram a abertura do meu traje; ele deslizou o fecho, percorrendo a espinha. Solto os lábios para beijar ao redor da minha boca e desceu até um ponto mais macio sob o queixo. Beijou meu pescoço.

Então, puxou uma parte do traje, expondo minha clavícula esquerda, e beijou-a até chegar ao ombro. Cada centímetro do meu corpo estava pegando fogo, como se eu tivesse engolido carvão e ele queimasse lentamente em meu estômago. Peter voltou aos meus lábios e dessa vez me beijou suavemente, um beijo demorado.

Uma onda de culpa me assolou, uma onda quase física, e dei um passo para trás. Culpa, por causa do Noah. O que era um absurdo. Eu o beijara no rio por necessidade. Isso não significava que eu ainda pertencia a ele.

Peter ficou olhando fixamente para mim.

— Você ainda ama o Noah.

— Não — eu sussurrei.

— Sim, ama. Eu percebo.

— Não, Peter. Como eu poderia? Não consigo perdoá-lo.

— Consegue. Estou vendo isso acontecer agora mesmo.

Pus as mãos nos ombros dele e envolvi seu pescoço de um lado ao outro.

— Peter, eu não me lembro. Seja lá o que tive com o Noah, já desapareceu — dizer as palavras não as tornava verdadeiras, como eu esperava. Não desaparecera, ficara diferente. A pergunta era: diferente o bastante para Peter... ou seria algo que iria pairar como um fantasma?

Ele esperou um instante para que as ideias assentassem.

— Vamos ver. O Tycast disse que dificilmente você iria se esquecer de tudo, não importando quanto tempo tivesse ficado sem injeção. Logo, as peças dessa Miranda que ainda ama o Noah vão se juntar outra vez.

Eu ia negar novamente, mas não pude. Apesar da raiva que sentia de Noah, ainda havia alguma coisa em mim que se acendia quando eu olhava para ele. Como olhar para uma fotografia velha e lembrar dos cheiros e dos sons, mesmo que a lembrança do momento estivesse enevoada.

Talvez fosse por isso que Peter dissera “não” quando perguntei pela primeira vez sobre a recuperação das minhas lembranças. Talvez não quisesse que eu me lembrasse de como me sentia com o Noah. Ele tinha dito que não queria me dar falsas esperanças, mas poderia haver algo mais. Ou talvez eu apenas estivesse pensando demais.

Sentia a pulsação dele correndo sob minhas palmas.

— E entre nós... alguma vez já rolou alguma coisa?

Ele balançou a cabeça.

— Só da minha parte. Você sempre foi do Noah.

— Eu não quero ser.

Ele não disse nada.

Inclinei-me de novo para perto do Peter e ele pôs os lábios na minha testa.

— Não deixe isso te distrair — ele disse. — Preciso que você esteja preparada amanhã.

— Eu estarei.

— Eu não devia ter vindo aqui.

— Não, Peter...

— O quê?

Mas não consegui pensar em mais nada para dizer.

— Nós temos que dormir — ele disse.

— Eu sei.

Então ele se foi. O espaço vazio à minha volta ainda estava com o cheiro dele. Eu ainda sentia os lábios no meu pescoço.

Sentei-me no vaso e tentei imaginar a garota que era alguns dias antes.

A dra. Conlin nos acordou algumas horas depois. Eu passara o resto

daquela noite sonhando e acordando, com sonhos lúcidos dos lábios do Noah sob a água. E as mãos do Peter percorrendo a minha pele. Sonhei com uma cidade em chamas, incêndio, pânico, tumulto.

Morte. Parte de mim se sentia envergonhada por me distrair tanto. Com perda de memória ou não, tinha sido mais bem treinada.

Conlin nos fez sentar à mesa enquanto piscávamos para afugentar o sono. Os outros estavam com caras péssimas, como se tivessem passado a noite lutando boxe em vez de dormir. Olive não parecia nada diferente do Peter e do Noah, talvez só um pouco mais triste.

Eu não sabia por quanto tempo ainda conseguiria atuar; aquilo me dava aflição, como formigas sob a pele.

Mas não podíamos arriscar até sair daquele prédio e saber onde a equipe Beta estava.

Conlin colocou os óculos.

— Agora eu gostaria de fazer um pequeno teste antes de seguirmos com o experimento. É provável que isso traga a memória de vocês de volta, e sei que estão ansiosos para isso, mas precisamos manter o foco.

Eu queria olhar feio quando ela se referia ao ensaio geral como um experimento, mas mantive a expressão plácida. Imagens do meu pesadelo retornavam, com o rosto e a postura reservada da Conlin ao fundo. As pessoas corriam e gritavam e morriam pisoteadas diante dela. As peças do teste estavam se encaixando enquanto falávamos, mas estávamos presos ali, desolados.

Esperando. Pisquei para afugentar aquelas imagens.

— Seria bom tomar um pouco de café – Noah pediu.

Conlin sorriu com polidez para ele.

— O café da manhã já vem. Mas antes quero que vocês se concentrem no espaço entre os seus olhos, bem atrás deles. Conseguem fazer isso?

Disfarcei a aflição o melhor que pude, mas quase a deixei aparecer no rosto. Conlin não estava usando uma faixa na cabeça nem um capacete. O que significava que ela adquirira uma tolerância ao nosso poder, como o Tycast. Peter e Noah estavam cuidadosamente sem expressão. Olive enrugou a testa, confusa.

— Focalizem nessa área – Conlin continuou – e imaginem esse local relaxando. Então imaginem que ele está aquecendo e se expandido. Conseguem? Agora imaginem uma expansão maior, por todo o quarto.

Podem ficar com dor de cabeça, mas isso é completamente normal, eu garanto.

Fiz o que ela pediu. As ondas foram criadas. A dor familiar voltou, então se estreitou, até atravessar meu crânio, expandindo-se. O cheiro de rosas

apareceu imediatamente. Conlin deu um sorriso contraído. Era óbvio que ela se sentia desconfortável. Mas aparentemente precisavam garantir que podíamos criar o medo antes de nos enviar ao campo.

Olive apertou os dedos nas têmporas.

— O que é isso? Tá doendo.— É o suficiente – Conlin avisou. – Peço desculpas.

Vocês já podem parar – ela piscou algumas vezes, lambendo os lábios. – Muito bem. Ótimo. Fiquem à vontade para se aprontar e comer, depois vamos sair para o experimento.

— Ah, doutora? – Noah chamou.— Sim, Noah? — Que diabos aconteceu agora? Por que esse cheiro de... flores?

Conlin olhou para a prancheta.

— Vocês têm sido bem pacientes. Entendo que é complicado. Mas, por favor, só mais um pouco de paciência. Podem fazer isso por mim?

Conlin só tinha que nos manter na linha por um dia.

Depois de nos demonstrar aos clientes, ela podia nos trancar até que as tatuagens ficassem prontas, e então nós passaríamos a ser como a equipe Beta. Prontos para a entrega. Usados para algum propósito nefasto.

Controlados.

— Mas é claro, doutora – Noah respondeu.

Ela deu um sorriso largo.

— Que bom. O experimento vai ser como esse, mas maior. Pensem grande. Quanto mais vocês se esforçarem, quanto mais deixarem fluir, mais chances terão de que as lembranças voltem. Então, quando for a hora, deixem rolar.

Pensem grande, ela disse. Deixem rolar.

Conlin saiu. Nós nos revezamos com os dois chuveiros. Enrolada na toalha, esperei no box até a Olive entrar.

— Ah, desculpe – ela disse.— Tudo bem – então eu só articulei com a boca, sem som: você tá bem?

Ela ficou paralisada. Sua boca se abriu, mas eu pus um dedo nos lábios.

Ela encolheu os ombros.

E continuou andando para o chuveiro.

Permaneci ali por um minuto, de toalha, me perguntando por que ela não me dera uma piscadinha ou um aceno.

Qualquer coisa. Então me vesti em um traje preto limpo que não ajudou em nada a tirar o calafrio na pele. Eu não sabia bem o que fizera para ela agir de maneira tão estranha, mas não havia nada que eu pudesse fazer naquele momento.

Tomei o café da manhã praticamente em silêncio, evitando arriscar dizer alguma coisa errada enquanto estivesse sob vigilância. Enquanto a Olive estava no banho, eu tentava fazer o Peter saber que alguma coisa estava errada com ela, mas não conseguia transmitir isso apenas com os olhos. E escrever um recado seria dar bandeira para quem estivesse vigiando. A tensão no ar aumentava. Queria gritar e acabar com a encenação. E ainda não podia acreditar que eu fora ao banheiro especificamente para atrair o Peter. Nós podíamos ter voltado para a cela, e dessa vez eles realmente negariam as injeções até garantir o serviço.

E nós ainda não tínhamos nenhum plano concreto para impedir o “experimento”, porque não havia jeito de saber mais detalhes do que tinham programado. Estavam nos usando, então o primeiro objetivo era ficarmos juntos. Era impossível saber a que distância iriam nos separar, porque eu não sabia o alcance real daquilo que produzíamos.

Então nos reunirmos também seria uma parte complicada. Uma vez juntos, poderíamos descobrir um jeito de rastrear a equipe Beta.

A menos que fosse tarde demais. As ondas de medo dos Beta poderiam dominar a cidade toda antes que conseguíssemos nos reagrupar. Lembrei-me de que o Tycast mencionara algo sobre loucura, sobre como a energia acabava deixando as pessoas insanas... Quanto tempo isso levava?

Mordi o interior da bochecha já machucada e senti gosto de sangue na língua. Peguei um lápis e rapidamente escrevi “arranjar um jeito de se reunir” em um pedaço de papel. Cutuquei com o dedo e o Noah viu.

Peter chegou perto e deu uma olhada. Noah pegou o lápis e...

Conlin voltou. Estava sem jaleco, com roupas mais casuais. Ela sorriu, da maneira mais genuína possível.

— Como vocês estão? – perguntou, enquanto eu tirava o papel de cima da mesa e fazia uma bolinha.

Como vocês estão? Por fora, impassíveis, mas por dentro...

Peter respondeu: – Bem.

— Ótimo. Prontos para começar? — Eu estou – Noah disse. A tristeza nos olhos dele me atravessou.

Parecíamos entrosados e a Conlin tomou a dianteira, saindo do quarto.



CONLIN NOS LEVOU PELO CORREDOR ATÉ UM ELEVADOR. Passamos pela cela, mas ninguém olhou lá dentro. As portas do elevador se abriram para a garagem. Duas vans nos esperavam sob luzes fluorescentes, com as portas traseiras abertas.

Conlin apontou para a van da esquerda.

— A Miranda e o Noah vão nessa — depois apontou para a da direita — O Peter e a Olive, nessa. Está bem?

Entreí na van e abanei a mão para o Peter e a Olive, fazendo uma promessa silenciosa de que iria vê-los antes do fim do dia.

Conlin fechou as portas e Noah sorriu para mim sob a luz fraca do bagageiro.

— E aí, Mi?

— Olá, Noah.

Foi tudo o que dissemos. A van começou a rodar e um motorista que não conseguimos ver nos tirou do prédio. Noah fechou os olhos e, depois de um tempo, fiz o mesmo, encontrando um lugar tranquilo dentro de mim. Poderia ser o último momento calmo da minha vida.

O tempo passou. A van parou e eu voltei à realidade, sentindo-me como uma bomba ativada. Não tinha armas, mas nem precisava. Noah parecia querer dizer alguma coisa, porém estava tão desorientado quanto eu.

— O que quer que aconteça... — ele começou a dizer. — Não fale. Deixe pra depois.

Ele franziu o cenho, mas depois sorriu. Eu sabia que ele sorriria. As portas traseiras se abriram e um sol brilhante pinicou meus olhos. Estávamos em algum lugar da cidade, com prédios e pessoas por toda parte. Dois homens usando roupas casuais acenaram para que Noah saísse da van. Eles fecharam as portas, deixando-me no escuro. Um segundo depois, eu continuava sendo levada para onde quer que haviam programado.

Não era longe. Tentei imaginar como nos posicionariam, mas não havia nenhuma pista. Entrei mais uma vez em uma pequena meditação, dissolvendo as

correntes pesadas da preocupação e da dúvida.

A van parou mais uma vez; mesmo procedimento.

Dois homens me esperavam do lado de fora.

— Pode descer — um deles falou. Os homens pareciam amigáveis o bastante, mas bem discretos. Vi que estava na laje de um estacionamento no centro de Cleveland, alguns metros perto do parapeito. Muitos prédios altos nos circundavam, ecoando o barulho do trânsito nas ruas lá embaixo. A Key Tower estava imponente ao leste. Ainda era manhã, talvez umas nove horas.— O que vamos fazer aqui? — perguntei.

Um deles estendeu a mão para eu cumprimentá-lo.

— Olá. Eu sou o Bill. Aqui é onde a dra. Conlin quer que você realize o experimento. Nós temos que gravar os resultados e depois levá-la para casa.

O homem que não era o Bill estava com um revólver debaixo da jaqueta. Ele não fazia nada para esconder o volume da arma.

Bill continuou: — Nós temos que voltar para a van para que você tenha privacidade — ele olhou para o relógio e perguntou para mim: — Está pronta?

— Sim, e vocês? — perguntei, enquanto soltava a menor onda de medo possível. Essa até que me deu uma sensação boa.

O efeito foi imediato. Bill e o outro cara se enrijeceram, com os olhos arregalados. Chutei o Bill no peito e ele cambaleou para trás, abanando os braços, com as mãos se agarrando ao ar. Bateu no parapeito com a coxa e caiu para trás. Atingiu o chão dois segundos depois, com o mesmo som que os corpos fizeram no shopping. Dessa vez não foi tão horrível, a sensação principal só podia ser a de liberdade. Finalmente, depois de horas fingindo estar à mercê deles, eu podia agir. Era como ganhar asas.

O outro cara tentava pegar o revólver, mas a onda de medo o deixava lento e desajeitado demais para eu me preocupar. Segurei o cano quando ele apontou, então girei a mão direita sob o braço dele, de maneira a torcer seu pulso. Os ossinhos se dobraram, depois quebraram, e ele soltou um grito agudo. Tirei a arma e a joguei por cima do meu ombro. O homem tentou me socar com a outra mão, mas me defendi e o chutei na dobra da perna.

Ele caiu com um gemido, agarrando a perna com as duas mãos.

Ele estava aos meus pés.

— Onde estão os outros?

Ele cuspiu na minha bota. Chutei-o na barriga, mais para limpar a saliva que por outro motivo.

— Onde eles estão? Não vou perguntar de novo.

Eu me agachei e vasculhei a jaqueta dele. Encontrei um pedaço de papel dobrado. Era um mapa do centro da cidade, com anotações em vários pedaços —

Peter, Noah, Grace, Tobias, Miranda, Olive, Joshua, Nicole. Imaginei que o Joshua devia ser a cópia do Noah, e a Nicole, da Olive.

Os nomes tinham flechas apontando para pontos específicos no mapa. Eu olhei onde estava, então vi Grace escrito a três quadras ao sul e uma a leste. Enfiei o papel no bolso.

O homem se encolhia todo, de bruços.

— Por favor, não me mate.

Eu estava prestes a responder, quando senti o aroma: rosas. O Rosa mais perto estava a algumas quadras de distância, e mesmo assim a energia era forte o bastante para afetar meu olfato. O teste já começara. Deixei o homem no telhado e fui até o volante da van. Dei a partida e desci a rampa, com as portas traseiras batendo porque eu me esquecera de fechá-las. Não importava; a Grace estava perto. Acelerei pela rua e virei à esquerda, os pneus cantaram e muitas buzinas soaram. As pessoas estavam inertes nas calçadas, confusas. Eu esperava que fossem poupadas do pior do medo, já que eu criava um pequeno lapso no octógono das ondas de medo.

Via rapidamente a multidão de rostos, todas aquelas pessoas tentando tocar a vida. Sem saber o que estava por vir à mente delas. Apertei o volante com mais firmeza.

Uma viatura de polícia passou correndo pelo cruzamento à minha frente, seguida de mais uma.

Desacelerei, mesmo vendo o sinal verde, e senti o aroma de rosas aumentar enquanto atravessava. Virei à esquerda, seguindo as viaturas para leste. Na esquina à direita havia uma área vazia, cheia de grama no meio do pavimento rachado, e um prédio com paredes descascando, muito parecido com aquele perto do píer, mas esse só tinha três andares. Muitas das janelas estavam quebradas, com um aviso meio apagado que eu não conseguia ler. Os amortecedores sofriam com o pavimento irregular, enquanto eu ia para o lado norte daquela área.



Vi Grace recostada contra os tijolos sujos. O cruzamento em sua frente estava vazio, exceto por dois carros abandonados, com as portas ainda abertas. Os motoristas deviam ter fugido à pé. Do outro lado da rua, um mendigo arranhava a parede, e todas as latas de alumínio que ele coletara estavam espalhadas aos seus pés, caídas de uma sacola rasgada. Ele não sabia como sair de perto do prédio.

Grace acenou para mim. Pisei no acelerador até o talo, sabendo que era uma ideia estúpida, mas sentindo necessidade de canalizar a raiva em algo físico.

A van disparou para a frente, apontada direto para Grace; ela riu e se desviou da parede. Apareceu de repente no meu para-brisa, agachada. No último instante, ela saltou para a frente, desaparecendo sobre a van enquanto eu arremessava o carro contra o canto nordeste do prédio e arrancava um pedaço de um tijolo desgastado. A van balançou para o lado e eu bati a cabeça na janela do motorista. O tijolo arrancado foi atirado para a rua vazia, quicando no asfalto. Ouvi um baque surdo quando Grace pousou no teto da van.

Abri a porta e lá estava ela. Ela agarrou a frente da minha camisa e me puxou para fora. Eu estava tonta demais para impedir. O puxão se transformou num arremesso. Tentei me orientar no meio do ar, mas aterrissei de lado e escorreguei até o cruzamento.

Talvez não tenha sido a melhor aproximação.

Com uma dor lancinante nas pernas, minha tentativa de me levantar não deu certo, e me curvei com as mãos nos joelhos. Sangue escorria da minha cabeça; eu podia estar com uma concussão, por conta da minha própria estupidez...

Mais ao leste, dúzias de carros eram esmagados, e uma multidão de pessoas saía às ruas, gritando. Muita gente apavorada por algo que não conseguiam ver. Eu nunca saberia como era estar na pele deles, sentir o que estavam sentindo. Mas ainda não poderia ajudá-los, pois a minha luta era ali, com a Grace. Eu só podia torcer para que eles escapassem em segurança, antes que o medo os enlouquecesse.

Grace estava em pé, bem à vontade, esperando por mim. Mesmo com a cidade gritando por atenção, eu me arrepiava ao olhar para o rosto dela, o meu rosto.

— Avisei a dra. Conlin que vocês provavelmente estavam fingindo. Eu disse que não era possível saber ao certo quando vocês haviam tomado as últimas injeções.

Como conseguiram?

Ignorei-a. Puxei a camisa sobre minha cabeça, revelando o traje preto escamado. Eu não precisava mais esconder o traje sob as roupas, e não queria dar a ela nenhum pano que ela pudesse puxar. As pequenas escamas brilhavam sob o sol. Desabotoei a calça e a deixei cair no chão. Na rua, ao norte, duas ambulâncias passaram com a sirene berrando. Uma delas esbarrou em um poste e inclinou sobre duas rodas. Um helicóptero passou correndo e nos deixou novamente em um silêncio relativo.

— Não vai me contar? — Grace insistiu.— O Noah — respondi, chutando as botas e a calça para o lado. — Ele estava com frascos na boca. Deve ter pegado no esconderijo antes que seus colegas chegassem.

O traje flexível cobria os pés e era fino o suficiente para eu sentir o asfalto tremer quando alguma coisa explodiu à distância. Atrás de mim, uma bola de fogo se erguia para o céu e se dissolvia em fumaça preta.

— Ele é adorável — Grace continuou. — Bem melhor do que o Joshua. Deu pra entender por que você gosta dele.

Eu queria ter uma arma. Qualquer coisa. Só porque ela parecia comigo não significava que ela não pudesse ser melhor, mais rápida, mais forte. Lutar contra ela podia ser algo suicida. Esquecer a arma no teto daquele estacionamento foi algo de que me arrependi amargamente.

Grace deu um passo atrás, recostando os ombros na van.

— Eu preciso lutar contra você agora — falei.

Ela parecia um pouco triste, como se não tivesse escolha. O que realmente não devia ter.

— Eu sei — ela disse.

Corri na sua direção quando ela entrou em posição de combate, com os pés bem espaçados e as mãos erguidas. Um pouco antes que eu encostasse nela, ela se apoiou na capota da van, curvou as pernas para cima, levantou-se e se agachou no teto. Corri em velocidade máxima, apoiei o pé na lateral da van e peguei impulso para um salto vertical. Chutei no meio da subida, mas ela bloqueou minha perna com os braços cruzados em x.

Meus pés tocaram o teto, com a perna formigando por causa do bloqueio; o metal dobrou e voltou estalando sob nossos pés.

Na rua ao lado, uma viatura vazia rodava com as portas abertas. As luzes se acendiam, mas não se ouvia a sirene.

Chutei Grace mais uma vez enquanto a viatura parava ao lado de um poste telefônico. Ela interceptou meu chute de novo, mas dessa vez prendeu a perna e me ergueu, atirando-me da van para o prédio.

Aquilo não era bom. Era a segunda vez que me derrubava em um minuto, dessa vez contra um muro.

Espremi os olhos e me preparei diante do impacto iminente...

E me choquei contra janelas quebradas, arrebatando-me em pedaços de vidro espalhados. O traje protegia o corpo, mas o vidro cortou meu rosto e meu pescoço. O ombro acertou primeiro a madeira e escorregou pelo chão empoeirado. Eu estava escorregando bastante ultimamente. Rolei para ficar em pé a tempo de ser socada no peito.

Aquilo me fez cambalear para a frente e para trás até meu calcanhar bater no final de uma escadaria. O lugar todo estava empoeirado e escuro, com as poucas janelas remanescentes encardidas demais para que entrasse mais luz. As janelas quebradas traçavam padrões de luz amarela no chão, iluminando grandes

nuvens de poeira, que circulavam enquanto passávamos por elas. Grace gritou e tentou dar uma cotovelada no meu rosto, mas coloquei o pé no peito dela para afastá-la. Eu a fiz cair de costas e me virei para a escada. Subi rapidamente.

O andar superior era mais escuro. Escrivatinhas velhas se alinhavam na parede com armários de arquivos que se amontoavam. Corri. Os cortes no meu rosto estavam sangrando. Mas era uma dor boa, quente, não uma dor que me deixasse aleijada, com força traumática total.

— Você não pode vencer! — ela gritou para mim. — A cidade já está perdida. Deixe-nos te tatuar, daí não vai mais se importar!

Ah, tá bom.

Chegamos aos últimos degraus do prédio. Grace agarrou minha perna no meio do passo e tentou me puxar para baixo. Eu me libertei com um chute e me arrastei pelo resto do caminho. A porta no topo estava com cadeado, mas a fechadura enferrujada já estava gasta havia séculos.

Chutei. A fechadura e a porta se abriram ao mesmo tempo. O sol brilhante inundou a escadaria, cegando-me por um instante. Grace me acertava como podia bem na minha espinha. Recuei com um joelho e o projetei para cima, desesperada para abrir espaço entre nós. Corri para a extremidade leste, mas ela me fez tropeçar. De joelhos novamente, a alguns poucos metros do espaço vazio sobre a rua. Mais um chute e eu caí. A mão arranhava a mureta, mas mesmo que eu a alcançasse, não saberia o que fazer. Estava alto demais para saltar sem quebrar os ossos.

Rolei para desviar, mas ela montou em mim. Meu rosto estava a poucos centímetros de distância do dela, e ela estava me enforcando, tirando meu ar. Tentei erguer o joelho, mas ela estava me prendendo.

Minha cabeça estava livre, então bati com a testa no nariz dela. Consegui quebrá-lo. Seu sangue salpicava meu rosto. Ela me socou na boca, ferindo meus lábios.

O sangue fluía entre os meus dentes e a língua. Mas ela estava desorientada. Encaixei o pé debaixo dela, levantei-a acima de mim, no alto, para trás, com cada migalha de energia que consegui reunir. As pernas dela passaram por cima de mim. Eu a rolei e a vi se agitar no espaço aberto, por três andares. Ela arqueou o corpo em uma descida suave em direção à rua. Mas o choque foi violento. Bateu de cabeça. Ela não se moveu, nem mesmo tremeu.

Lentamente, eu me recompus.

Levantei-me, pus as mãos na cintura, ofegante, e um pouco chocada por ter arremessado duas pessoas de telhados nos últimos minutos. À distância, vi dois caças zunindo acima do lago Erie, atravessando as nuvens.

Mais perto, ao sul, um caminhão de bombeiros estava virado de lado na

rua, metade dele em chamas. A ironia teria me feito rir, se eu fosse capaz.

As ruas à minha volta estavam vazias; os cidadãos haviam deixado o lugar. Já se eu olhasse para o leste, no centro da cidade, via pessoas correndo. Sirenes próximas encobriam a maior parte da gritaria. As pessoas pareciam se aglomerar, afunilando-se em uma espécie de cobra gigante e insana que deslizava pelas ruas.

Mentalizei o mapa. Peter a leste. Mas o Noah e o Jonah estavam bem perto, ao sul.

Grace não se movia e eu não podia perder mais tempo. Cuspi uma boa quantidade de sangue e pus a mão nos lábios latejantes. Foi só a adrenalina diminuir um pouco para o corpo decidir que era uma boa hora para se tornar um ferimento ambulante. Para relaxar um pouco, desci a escada até a van e me permiti recostar ali um pouco enquanto decidia para que direção seguir. Era uma questão de quem iria precisar mais de mim. Um pouco do meu cabelo se grudava no rosto ensanguentado, então eu o ajeitei e o amarrei em um rabo de cavalo improvisado. Sul. Eu iria para o sul.

— Miranda.

Eu me virei. Noah estava ali, sorrindo. Ele também tirara as roupas da camada de cima, ficando só com o traje preto com as escamas brilhando ao sol. O alívio inundou minhas veias, refrescando o sangue. Desde nosso reencontro, nunca estive tão feliz em vê-lo.

— Noah — eu disse, movendo-me até ele. Ele envolveu os braços em mim e me apertou. Eu o abracei de volta, deixando-o tirar um pouco da pressão que eu sentia.— Isso é horrível, Noah. Como vamos parar esse caos?

— Onde está a Grace? Eu a vi no mapa.

— Ela está morta — mantive o juramento de matá-la antes que tudo aquilo acabasse. Se ao menos eu me sentisse melhor... Nunca saberia o quanto da Grace era a tatuagem e o quanto era ela mesma. Durante a luta, nem sequer pensei em atingir o chip em seu pescoço. Talvez eu pudesse libertá-la e convertê-la ao nosso lado. Mesmo ao pensar nisso, sabia que reconsiderar minhas ações só me machucaria em um momento como aquele. E ela avançara contra mim com tanta força, tão rapidamente, que não dera chance para destruir a tatuagem. Sem mencionar que eu estava desarmada.

Senti alguma coisa que não ia embora desde que aquilo tudo começara, mas o aroma de rosas estava mais forte em volta do Noah.

E continuava aumentando.

Noah não dizia nada. Um braço dele estava se movendo. Tentei me afastar, mas ele estava me apertando firme.

— Noah — eu disse.

Ele foi rápido. Tentei me libertar, mas ele já estava com a faca em uma mão. Vi um brilho prateado voar ao meu lado.

A faca foi cravada nas minhas costas.

Dor pura disparou até o topo do meu crânio, pior do que qualquer coisa que eu sentira até então, e eu chorei.

Ele me soltou e cambaleei alguns passos. Levei a mão às costas e senti a empunhadura da faca. Ela não entrara até o fim; o traje amortecera um pouco. Meus dedos voltaram com sangue.

— Joshua — sussurrei, lembrando-me do mapa, do nome dele anotado.

Ele sorriu para mim, um lobo com dentes de gente.

— Ela está morta mesmo? Sua vaca estúpida. Ela está morta mesmo?

Meus joelhos enfraquecidos ameaçaram se dobrar.

As pernas estavam tremendo como gelatina. Senti a faca dentro de mim, o sangue batendo em volta da lâmina.

Mas não estava tão fundo. Não estava muito fundo.

— Eu a joguei de cima do telhado — contei. — Ali na esquina. Vá conferir — a voz estava fraca.

Os outros precisavam de mim. Eu precisava ficar firme. O traje deveria agir como uma bandagem, como quando Peter arrancou o rastreador do meu tornozelo. A menos que a faca tivesse arrebatado demais o traje.

— Você não devia ter feito isso — os olhos do Joshua se enchiam de lágrimas. — Grace sabia que vocês estavam fingindo. Nós não acreditamos nela.

Eu ainda tinha sangue na boca por causa do soco da Grace, então cuspi nos pés dele. Um helicóptero zunia sobre nossas cabeças. Enquanto eu estava lá me perguntando se veria Peter, Noah e Olive mais uma vez, Joshua continuava liberando sua energia na cidade. Eu podia sentir as ondas que passavam por mim.

Se impedi-lo fosse a última coisa que eu faria na vida, havia maneiras piores de se morrer.

Joshua tirou outra faca das costas.

— Eu sinto muito. Você não me deixa escolha.



HAVIA ALGUÉM ATRÁS DO JOSHUA.

Ele ergueu a faca.

— Foi um prazer conhecer você, Miranda.

A pessoa se aproximava. Eu não olhei diretamente, por medo de chamar atenção. Mas, na parte desfocada do meu campo de visão, vi Noah, meu Noah, pondo um dedo nos lábios.

Tentei tirar a faca das minhas costas, decidindo arriscar o aumento de perda de sangue, mas uma dor maior do que eu esperava me deixou paralisada. As mãos caíram para o lado. O sangue escorria pelas pernas, por dentro do traje.

Sem avisar, Joshua girou 180 graus sem andar, apenas virando os calcanhares, jogando as pernas em uma meia-volta como se fossem hélices, e estendeu a faca. Mas o Noah estava pronto. Deu um passo para o lado e se esquivou do Joshua, que continuou o movimento contra o nada. Ele pegou a cabeça do Joshua com as duas mãos e a girou. Eu não olhei para o lado.

O estalo foi abafado pelo sangue que saía dos meus ouvidos. Joshua despencou, totalmente flácido, sem nem tentar se segurar. Morto antes que tocasse o chão. Tudo o que eu sentia era dor.

Noah se virou para mim, ofegante: — Você tá bem?

Abri boca e dei um passo à frente. O chão parecia subir até meu rosto, ou eu que desci até o chão.

Provavelmente a segunda hipótese. Noah me segurou e me deitou com cuidado.

Ele engasgou e eu podia adivinhar por quê.

— Ah, merda — ele disse. — Tá bom. Espere.— Nada mal, não é? — Não. Nada mal mesmo. Eu vou arrancar, ok?

Ele não esperou resposta. Tirou a faca com jeito e eu gritei, só abafando ao enterrar o rosto nas escamas macias do ombro dele. O grito ficou bem agudo no fundo da minha garganta. Minha vista escureceu e se estreitou, e tudo o que eu conseguia ver era o rosto do Noah estudando meu ferimento. Gradualmente a escuridão diminuiu. Não desmaiei.

— Tá tudo certo — ele assegurou. — Tá vendo? O traje vai segurar o ferimento — depois que a faca saiu, pude sentir o traje fechando a ferida.

Sentei-me com as costas apoiadas em um poste, perto da van. Joshua estava morto, a alguns metros dali.

Ainda restavam dois membros da equipe Beta, mais a Conlin e seus clientes, que não sabíamos quem eram, mas podíamos presumir que estavam na cidade para observar. A sensação era de que se passara uma hora desde a luta com a Grace, mas foram apenas alguns minutos. Ainda assim, eu estava desperdiçando tempo com o ferimento, enquanto o Peter e a Olive estavam por aí, provavelmente sozinhos.

Eu precisava me levantar. Se o sangramento quase fatal estivesse diminuindo, já poderíamos ir atrás deles.

— Ei, Miranda? — Noah estalou os dedos diante do meu rosto.— Sim, eu tô bem — e era mesmo o que eu achava. A dor estava... diminuindo?

Ele se agachou ao meu lado e pôs as mãos em concha no meu rosto.

— O traje tinha se rompido, mas já está bem fechado de novo. Ele vai segurar até que eu possa costurar direito. Você consegue aguentar?

— Nós temos que ir — eu disse. — Eu sei, eu sei. Tente se levantar.

Abracei-me ao seu ombro, enquanto ele me levantava. Uma vertigem surgia e depois passava. Eu me sentia estranhamente bem.

Noah sorriu.

— Olhe só pra você. O traje tem analgésicos por todo o interior. Se você se machuca, ele anestesia o ponto. Bem bacana, não é?

— Muito — concordei. As costas estavam anestesiadas e formigando. Enquanto a dor era neutralizada, eu tinha que lembrar que ainda restava uma ferida que precisaria de atenção. Noah estava ao meu lado. Toquei sua bochecha e ele pôs a mão sobre a minha, segurando-a contra seu rosto.— Obrigada. Você me salvou.— Nem. Você tinha tudo sob controle — ele olhou para mim um pouco mais, então pareceu se assustar.— O que foi? — Nada. Seus olhos estão diferentes. Você tá mesmo bem? — Estou bem — eu sabia do que ele estava falando, mas não tinha tempo para me preocupar. Talvez meus olhos estivessem meio injetados, mas ele não estava falando sobre o tom avermelhado na íris. Eu podia pensar melhor naquilo quando visse que o Peter e a Olive estavam a salvo. E quando a cidade toda não estivesse mais se despedaçando. Gritos se espalhavam por toda parte, não havia como ignorá-los.

Ele se soltou de mim com alguma relutância e foi até o cruzamento. Os jatos estavam de volta, voando baixo sobre o lago. A passagem deles fazia as janelas dos prédios estremecerem.

Ele acenou para que eu seguisse adiante. Descobri que o analgésico já

amortecia a dor o suficiente para que eu andasse sem mancar. Juntei-me a ele e olhei para as ruas. Veículos abandonados se espalhavam por todos os cantos. Alguns com as portas abertas, vazios. Outros com a dianteira amassada e pessoas desacordadas sobre o volante. Havia sangue espalhado no lado de dentro de um para-brisa. Um cachorro preso no banco traseiro de outro carro, com o focinho em uma rachadura no vidro.

Uma van capotada, com chamas lambendo o chassi. Um poste derrubado em diagonal na rua, com faíscas saindo dos fios e dançando no asfalto.

Noah apontou para o leste.

— Peter está naquela direção, mais perto que a Olive.

É hora de nos reunirmos e escapar antes que chamem a Guarda Nacional.

— Mas o que fazemos com todas essas pessoas?

— Não sei, Mi.

As pessoas, desorientadas, ainda se amontoavam nas ruas, entre nós e o Peter. Elas se empurravam e se apertavam em conjunto, rebatendo quem tentasse andar contra a correnteza; as pernas se agitavam no ar e voltavam a se encaixar no fluxo que se impunha. Um homem ficou sentado de fora do mar de gente, segurando o braço quebrado, tremendo. Alguém atirou com uma arma três vezes e os gritos aumentaram, abafando os ecos dos tiros.

— E se o Peter já estiver em outro lugar? — questionei, com a voz meio esganiçada. Era difícil acreditar em tudo o que estava vendo. — Vamos ter que arriscar. Vamos lá — ele correu pela rua. Afastei os olhos da massa em tumulto só para conferir se Grace e Joshua estavam mesmo mortos.

Sim, estavam. Então corri atrás do Noah. Eu ia sugerir a van, mas estava com medo de me sentar.

Parei depois de alguns metros.

— Noah!

Ele parou e ergueu as duas mãos.

— O que foi?

Corri de volta para a van e peguei o mapa com as localizações. Eu não tinha olhado muito bem na primeira vez. O papel amassado estava no meio dos pedais, perto do acelerador. Abri para checar os nomes mais uma vez, então notei outra coisa, bem no meio do mapa. Uma estrela com um círculo em volta, mas não havia nada escrito. Noah chegou ao meu lado, ofegando.

— Mostre o seu mapa — pedi. — Eu... hã...

Ele estava corado.

— Você o quê?

— Eu esqueci. Só decorei o suficiente pra poder encontrar você.

Idiota. Mas isso significava que ele viera atrás de mim em primeiro lugar.

Se não tivesse feito isso, eu estaria morta.

Apontei para a estrela, ao mesmo tempo em que memorizava o mapa.

— Eu acho que Conlin e os clientes dela estão na cidade pra testemunhar tudo de camarote. Bem aqui. Perto do Peter.

Noah arrancou o mapa das minhas mãos.

— Aqui é a Public Square — ele dobrou o mapa e o guardou no pescoço, sob o traje.

Partirmos outra vez. Parei apenas para pegar as duas facas que o Joshua tinha. Joguei uma para o Noah e a lâmina se prendeu em seu traje, na altura do ombro direito.

Ele pôs a mão ali, apreciando a faca, e então sorriu.

Juntos, corremos através do pesadelo.



A PUBLIC SQUARE ESTAVA UM PANDEMÔNIO.

As pessoas corriam às cegas, algumas em bandos.

O medo as tinha dominado completamente e parecia pior quando víamos mais de perto. Uivos emergiam do fundo da alma e chegavam às gargantas. Sons de animais. Rostos bestiais. Era essa a loucura que o Tycast descrevera.

O rosto de um homem estava todo pintado de sangue. Uma mulher conseguiu manter função motora o suficiente para espirrar spray de pimenta na multidão. As pessoas gemiam e arranhavam o próprio rosto, os conhecidos se perdiam uns dos outros ao correr a esmo, todos tropeçavam nos mortos que se acumulavam na rua. Não estava mais ventando, o dia estava quente e abafado. Muitos dos que fugiram tinham ido para o sul, de carro ou a pé, tomando as rodovias para longe da cidade.

Noah e eu andávamos contra o fluxo. Olhos arregalados se fixavam em mim. Eu tentava focar na fonte da onda, mas não conseguia sentir nada. O aroma de rosas estava no ar, mas era sutil e não parecia vir de nenhum lugar em particular. Era possível que aquelas pessoas tivessem sido atingidas por ondas em outra parte da cidade e estivessem apenas escapando para aquela direção.

Um homem tremia em um banco de parque. Sua jaqueta estava aberta e ele se abraçava com as mãos para dentro.

— Senhor! — chamei. Ele olhou para mim. — Você não pode ficar aqui! Siga os outros!

Ele engoliu em seco e concordou com a cabeça, então se levantou e caminhou, tenso, junto com os demais. Era estranho como o medo afetava as pessoas de maneiras diferentes. Alguns paralisavam, outros corriam. Alguns gritavam. Outros tremiam.

Eu via mais cadáveres, primeiro três, depois seis.

Então mais dez, pisoteados na rua, com membros torcidos e quebrados, roupas despedaçadas, sangue derramado.

Um menino pequeno, com o tornozelo torcido, chorando ao lado de um bueiro. Perdi-o de vista na multidão e, quando uma brecha se abriu e pude enxergar, ele não estava mais lá.

Antes que eu pudesse pensar no assunto, caí de joelhos ao lado de um

idoso estatelado na frente de um ônibus. Ele mal se movia, mas os olhos estavam abertos.

— Senhor! Nós vamos buscar ajuda, fique calmo.

Apenas...

Noah me agarrou pelas costas e me puxou.

— Pare! O que você tá fazendo? — eu me debati até que meu ferimento de faca ardesse com uma dor quente e fresca. — Não podemos ajudá-lo, Mi! A única coisa que podemos fazer é parar esse caos.

Ele estava certo e senti ódio dele por isso. Eu o deixei me puxar, fraca demais para olhar para o velho novamente.

Todo o meu poder, todas as minhas habilidades, e eu não podia impedir a cidade de se despedaçar. Outra ambulância estava quebrada um pouco mais ao longe. Os quatro pneus em chamas. Na Terminal Tower, as pessoas apertavam o rosto no vidro, observando a loucura ali embaixo. Elas não pareciam afetadas, como se as ondas não fossem além do primeiro andar ou o prédio as protegesse de alguma maneira. Parecia que o mundo estava acabando. As portas de vidro lá embaixo estavam bloqueadas por dentro com barricadas de móveis. Ninguém sequer pensava em invadir o lugar.

Noah agarrou meu braço e quase avancei contra ele, por reflexo.

— O que foi? — perguntei. Ele me puxou para baixo, atrás de uma picape largada no meio da rua. Alguém passou correndo e arfando. — O que você viu?

— Olhe por cima da picape. Se pensar no Norte como meio-dia, a direção deles é dez horas.

Eu me movi para me por de pé, então lentamente me ergui até ficar com os olhos na altura da capota da picape. Havia três pessoas em pé em um pequeno estacionamento do outro lado da rua, a uns sessenta metros. Posturas calmas, sem temor. Dois homens usavam capacetes de metal bem familiares, enquanto a mulher de cabelos escuros usava uma faixa na cabeça.

Dra. Conlin. Os dois soldados estavam com câmeras, filmando a ação, como se estivessem criando alguma espécie de comercial bizarro. A linguagem corporal indicava que não tinham nos visto.

— O que você quer fazer? — Noah perguntou.

— Lutar .

— Sim, essa parte eu adivinhei. Quero saber como.

— Punhos ou facas, é só escolher — eu me agachei atrás da picape, guardando em minha mente a localização da Conlin. Meus pés coçavam com a urgência de continuar andando. As mãos, com a urgência de reagir.

Mais uma massa de gente vinha cambaleando pela rua. Atravessamos a

rua correndo antes que eles terminassem de passar por nós, para usá-los como cobertura.

Saltei por cima de dois corpos ensanguentados. Estávamos na frente da Terminal Tower e só havia uma distância curta, alguns arbustos e uma cerca entre nós e os inimigos. Os pés iam silenciosos enquanto corríamos. Ninguém na multidão se dava ao trabalho de nos olhar. No último segundo possível, apoiei o pé esquerdo contra o muro e acelerei. Meus pés passaram por cima dos arbustos e da cerca. Aterrissei no chão do estacionamento e rolei, em silêncio, exceto pelo tilintar abafado da minha faca sobre o asfalto.

Senti Noah atrás de mim. Os soldados estavam bem na nossa frente. A dra. Conlin estava à frente deles, observando o frenesi diminuir enquanto a cidade esvaziava. Uma explosão ribombou bem longe. Guinei para a esquerda, agarrei o capacete do soldado mais próximo e o arranquei. Em apenas um segundo, a pressão cresceu e ficou visível diante dos meus olhos.

Ele respirou bem fundo e soltou da garganta um murmúrio engasgado de terror, e deixou a câmera e a arma caírem. Noah fez a mesma coisa com o soldado número dois. Peguei a arma caída, uma versão leve do G36C — um rifle de combate que me pareceu bem familiar nas mãos. Senti que treinara com aquela arma, apesar de não me lembrar de quando. Era em momentos como aquele que eu olharia com raiva para o Noah, já que ele era o motivo de eu não me lembrar. Mas ele tinha acabado de salvar a minha vida.

A dra. Conlin se virou para nós. Nós apontamos os rifles para o seu peito. Atrás dela, um homem usando apenas uma gravata-borboleta passou correndo, mancando.

— Gravando um comercial, dra. Conlin? — perguntei.

— Exatamente isso, Miranda — ela olhou para os seus homens em pânico. Eu esperava robôs atrás dos visores escuros, mas eram apenas homens, como os que nos levaram de van ao centro da cidade. — Mas estou vendo que vocês renderam a minha equipe de filmagem.

— Onde estão os clientes? — Noah indagou.

Ela olhou com desprezo para ele, o que exigia coragem, considerando as armas apontadas para a cara dela.

— Não estão aqui, seu idiota. Eles podem ver que vocês funcionam muito bem — ela fez um gesto para as ruas quase desertas. — O mundo inteiro está vendo.

O silêncio imperava sobre a cidade, quebrado apenas por um grito ocasional, pelo som de fundo dos diversos helicópteros e pelo rugido abafado dos motores de jatos a quilômetros de distância.

— Todos vocês tiveram o desempenho esperado — Conlin continuou.

— Grace e Joshua estão mortos — eu disse, mais para magoá-la do que qualquer outro motivo. Se ela tinha com eles a mesma proximidade que Tycast tinha conosco, aquilo iria abalá-la.

Foi o que aconteceu. Suas sobrancelhas se ergueram por um instante, depois voltaram ao lugar. A boca ficou bem apertada.

— Entendo.

— Não entende — Noah disse. — Ainda não.

— Por que vocês estão fazendo isso? — eu quis saber.

Me movi um pouco para a esquerda, para olhar atrás da Conlin. Um dos soldados se levantou. Bati com o cabo do rifle no rosto dele e ele caiu novamente.

Conlin respondeu: — Se não sabem, vocês têm problemas bem maiores pela frente.

— Sim — eu disse. — Para nos vender. Sei disso. Mas por quê? Por que se dar tanto trabalho? Há maneiras mais fáceis de ganhar dinheiro.

— Só uma pessoa cínica pensaria que tudo isso foi por dinheiro. O objetivo principal nunca teve muita importância para mim. Criar vocês, as armas perfeitas, era o verdadeiro desafio. Não existe tentação maior para um cientista do que ver os limites de um potencial e depois superá-los. — Caramba — Noah disse. — Uma cientista maluca de verdade.

Aproximei-me um passo dela. Um pequeno sorriso se alargava em seu rosto. A rua atrás dela estava completamente vazia.

— Eu não engulo essa — eu disse. — Não somos apenas experimentos. — Não, não são. — Então o que somos? — só uma pessoa cínica pensaria que tudo aquilo fora por dinheiro. Senti que havia mais coisa por trás. Eu sabia. — Fale! — gritei. — Ninguém vai comprar você, Miranda. — Mas o Tycast... — Tycast pensara o tempo todo que aquele era o plano; foi contra aquilo que ele lutara e morrerá. — Se o Tycast soubesse qual era o verdadeiro objetivo, ele teria saído correndo e gritando.

O nosso verdadeiro objetivo.

A dra. Conlin pôs a mão no bolso do jaleco.

— Tire a mão do bolso! — meu dedo estava no gatilho. — Boa sorte para vocês dois — Conlin tirou a mão, mas não atirei porque primeiro pensei que ela estava vazia.

Mas não estava.

Ela pôs alguma coisa na boca e mordeu.

— Não! — Noah gritou.

Conlin caiu, com uma espuma branca saindo dos lábios. Eu me ajoelhei ao seu lado enquanto o Noah me dava cobertura. Abri a boca mas o veneno já

estava agindo, provocando convulsões. Não durou muito tempo. Seus olhos ficaram abertos, parados.

Olhei para o Noah, sem ideia de como proceder. As últimas palavras dela foram vagas demais, apenas sugerindo um mistério ainda maior, que estava me deixando louca. Se havia alguma coisa pior do que ser forçada a aterrorizar e matar sob comando, eu não sabia o que podia ser.

Peter e Olive — mais os dois Betas remanescentes — poderiam estar em qualquer lugar naquele momento. Nós estávamos perdendo. Ou já havíamos perdido. O estrago estava feito e era irreversível.

Pisquei até o Noah entrar em foco, afastando as lágrimas de frustração que embaçavam a vista.

Duas figuras estavam atrás dele, silhuetas contra o sol.

— Noah! — gritei.

Noah girou, mas a primeira agarrou o rifle e o retirou-o dele com facilidade. Noah avançou para recuperá-lo. O homem deu uma cotovelada no peito dele com tanta força que os pés até saíram do chão. Ele caiu de costas ao meu lado, resfolegando. Rolou para o lado, apertando o peito com a mão, engasgado.

Eu me agachei, preparada para saltar, mas o cano de uma arma apontada para mim me convenceu a ficar imóvel. O homem que a empunhava era apenas um garoto. Ele tinha cabelos loiros quase brancos, algo entre o visual raspado à máquina do Noah e os cabelos longos e encaracolados do Peter. No cinto, trazia uma espada e um revólver de prata.

O traje dele era inconfundível — escamas pretas, bem coladas à pele. O Rosa desconhecido sorriu para mim.

— Você vai vir comigo ou não?

Acenei discretamente com a cabeça. Noah se sentou, ainda segurando o peito.

— Que bom — o rapaz disse e devolveu o rifle para ele.

Noah contemplou o rifle no colo, depois olhou para o estranho.

Somente nessa hora consegui ver quem era a figura de traje preto e cabelo escuro atrás do loiro desconhecido — era a Olive! Vê-la fez com que um fluxo de calor se espalhasse dos meus dedões dos pés à ponta dos dedos da mão.

— Olive, você tá bem? — Noah perguntou.

Ela fez que sim com a cabeça.

— Tão bem quanto poderia estar, acho — o rosto dela estava impassível.

O estranho bateu palmas e as esfregou, desviando minha atenção.

— Muito bem. Temos uma questão urgente.

Noah coçou a cabeça. Suas bochechas estavam vermelhas, como se

estivesse envergonhado por ter caído de bunda no chão.

— Desculpe, mas quem é você, mesmo?

O estranho sorriu.

— É claro, desculpe. Meu nome é Rhys — ele apontou com um polegar por cima do ombro. — Vocês conhecem essa aqui, tenho certeza.

Rhys. O rebelde. Ali na nossa frente.

E não estávamos mortos, apesar de ele ter nos dado um susto. Ele devolveu o rifle ao Noah. Olhei para Noah para ver qual seria reação, mas ele parecia chegar às mesmas conclusões.

O que significava que a minha atenção podia se voltar para a Olive, que parecia perdida, como se não soubesse qual era o seu papel, o que dizer.

— Ei, Olive, tem certeza de que tá tudo bem? — insisti. Por algum motivo, eu me contive e não disse: “você se lembra de mim?” Por fim, me levantei e dei uma mão ao Noah. Conferi se nenhum cidadão alucinado de pânico avançaria contra nós, depois passei pela Conlin. Um passo mais perto do rebelde.

— Estou bem — Olive respondeu. — Estaria melhor se soubesse que diabos está acontecendo — não parecia ser um comentário sobre o caos. Ela falou como quem realmente não estava entendendo. Uma pontada gelada revirou minhas entranhas.

— Noah — comecei, aproximando-me para agarrar o braço dele.

— Pode deixar — ele disse e ergueu a voz. — Olive, por que saímos de casa sem contar ao Peter?

Olive olhou para Noah por um momento, com rugas na testa. Rhys acenou para ela, como que lhe dando permissão para responder. O vento passou cortante pelo estacionamento, esvoaçando o cabelo dela ao redor do rosto.

— Eu não sei do que você está falando.



AS PALAVRAS DELA FICARAM PAIRANDO NO AR.

EU SABIA qual era a sensação de dizê-las.

Noah lhe dera o frasco. Não deve ter sido o suficiente. Talvez tenha se passado tempo demais, já que ela fora a última a ver a dra. Conlin. Talvez o metabolismo dela se aquecesse mais. Talvez ela tenha se desgastado demais quando usou a onda de medo na floresta.

— Ela foi a última a ver a dra. Conlin — Noah disse suavemente, balançando a cabeça de leve. — Foi a última a receber uma dose completa. — Mas quanto tempo nós passamos dormindo? — perguntei. — Quanto tempo se passou entre as doses? — Eu não sei. Não sei. Foi por pouco. Às vezes... — Às vezes o quê?

O lábio inferior dele tremeu. Por um segundo pensei que ele fosse chorar, mas ele apertou os lábios.

— Às vezes o Tycast dava uma dose extra pra ela.

Ele dizia que a temperatura corporal dela é mais alta.

Meu estômago se revirou e achei que fosse vomitar.

E eu pensara que ela estava atuando com perfeição... Ela realmente estava confusa. E no fundo eu também sabia, mas dizia a mim mesma que era o estresse que a deixava diferente.

Lembrei-me do brilho nos olhos dela quando confessou o amor pelo Noah...

Tudo aquilo se fora. Ela não nos conhecia mais.

Estava naquela mesma situação que eu. Ou pior, porque eu ao menos tive o Peter para me guiar.

Não era justo. Aquilo era tudo o que eu sentia, aquele sentimento penetrante de injustiça. Por ela e por todos nós.

Por outro lado, e se fosse outro truque?

Podia ser a Nicole, a versão da equipe Beta da Olive.

Imediatamente fiquei tensa. Era bem mais fácil do que fingir que estava sentindo alguma coisa.

Mantive o dedo firme no gatilho e o rifle em boa posição ao lado, sem apontar para ninguém, mas sem abaixá-lo.

— Você deu o frasco a ela, certo? — perguntei ao Noah. — Eu vi quando ela tomou — ele respondeu. Sua arma apontava para o chão. Descuidado.

Com agilidade, Rhys sacou o revólver comprido da cintura. Eu me preparei para atirar, para apertar em uma fração de segundo, mas a arma dele apontava entre o Noah e eu. Ele deu um único tiro. Atrás de mim, um soldado com capacete caiu de cara no chão.

Meu indicador no gatilho relaxou um milímetro.

— Que tal avisar na próxima vez? — preferi não mencionar que quase atirei nele. — Desculpe. Continue — Rhys falou. — Quem é você? — perguntei. Parte de mim queria matá-lo, simplesmente por ter sido o motivo de o Noah querer me “proteger” no início da história toda. — Isso é um pouco complicado. Por enquanto, acreditem que sou um amigo. Caso contrário, você já estaria morta, certo?

Verdade. Mas eu não podia descartar tão cedo a hipótese de alguma cilada mais complexa. Não dava para dizer se aquele era mesmo o rebelde ou se havia mais mentiras. A velocidade com que ele sacara a arma não deixava dúvidas de que era mais rápido do que eu e o Noah.

— Onde você a encontrou? — perguntei, tentando recordar o mapa. — Estava sob os cuidados daqueles guardas ao sul.

Ela estava usando as ondas de medo dela, até eu impedi-la — Rhys guardou a arma de volta no coldre. Sua mão esquerda estava repousada no cabo da espada.

O que ele disse parecia correto. Olive não sabia o que estava fazendo. Ela só estava seguindo instruções, achando que o experimento era apenas o que lhe haviam dito.

Os olhos de Noah ficaram úmidos ao entender que nós duas não nos lembrávamos dele. A não ser que restassem fantasmas do amor de Olive por ele, como acontecia comigo. Esse pensamento me deixou tonta e enjoada mais uma vez.

E, pensando bem, o Rhys ainda podia estar mentindo. Ele poderia saber onde a outra versão da Olive estava também. Não havia maneira alguma de ter certeza, a menos que eu pagasse para ver...

Abaixei a arma de uma vez. Rhys e Olive não tentaram nada, o que ainda não me permitia qualquer conclusão, mas resolvi dar uma chance.

— Escutem — Rhys continuou —, eu bem que adoraria me apresentar adequadamente, mas receio que um dos seus amigos esteja em perigo. O Peter. — Onde ele está? — perguntei. A vertigem evaporou.

Rhys apontou com a cabeça para a direita, ao sul.

— Enquanto nós discutimos, ele está sendo perseguido pela Nicole e pelo Tobias. Eu os vi entrando no estádio de beisebol. Vim pra cá reunir vocês, já que vi que estavam no...

Não ouvi o resto porque já estava correndo. Ao sul da Public Square ficava o estádio, pouco antes da estrada. Acelerei pela rua vazia, desviando dos corpos no caminho. Alguns estavam emaranhados, como se tivessem caído juntos. E, de repente — na ladeira que dava para a estrada —, vi alguns sobreviventes juntos, relativamente calmos. Com o Tobias e a Nicole no encalço do Peter, parecia que as ondas finalmente haviam cessado. O que nos restava era impedir que voltassem Noah me acompanhava. Fomos para a calçada e contornamos uma esquina. Com isso, já foi possível ver o estádio. Chegamos ao cercado alguns segundos depois. Saltei e me joguei para o alto, e aterrissei com os pés ao lado de uma entrada para a arquibancada, à esquerda do campo. Foi só correr um pouco ao lado do cercado para que o campo todo se revelasse... Não podíamos ter chegado ali em momento pior. Tudo o que eu pude pensar foi que se o Rhys tivesse me contado sobre o Peter um minuto antes, eu poderia ajudar.

Peter estava sozinho na zona do arremessador, segurando um bastão com as duas mãos. À sua frente, perto da segunda base, estava Tobias. Atrás do Peter estava Nicole, a garota com quem a Olive lutara na floresta. Eles se aproximavam como tubarões, e o Peter se defendia com o bastão. Ele girava e retorcia e batia com o bastão de um lado para o outro, mas estava em menor número. Os golpes vinham de quatro pontos de impacto no total, e Peter se defendia com apenas dois.

Nicole acertou com o bastão atrás do joelho dele, jogando-o no chão. Peter mal conseguiu bloquear um golpe de cima para baixo contra sua cabeça.

— Peter! — gritei. Os três olharam para mim. Peter se aproveitou da distração para empurrar com força uma ponta do bastão contra o pescoço do Tobias. Nicole o pegou entre as omoplatas.

O bastão escapou da pegada de Peter.

Corri para lá, preparando-me para saltar da arquibancada para o campo. Noah vinha logo atrás.

Então o zumbido familiar de helicóptero ao fundo aumentou bastante enquanto um passava pela parede do estádio, à direita do campo. O helicóptero preto desceu até rente à grama, com as hélices ainda rodando, mostrando-nos a lateral. À porta aberta, um soldado com uma minimetralhadora. Vi a rajada laranja e me joguei atrás de uma barricada no fundo da arquibancada. Atrás de mim, cadeiras eram reduzidas a estilhaços, impregnando o ar com cheiro de plástico queimado.

Noah aterrissou com um baque ao meu lado, cobrindo o rosto com as mãos.

— Você tá bem? — gritei. A minimetralhadora era ensurdecadora, enchendo o estádio com seu uivo terrível. — Tô bem! Tá vendo o Peter? — ele berrou de volta.

As rajadas de bala varreram o estádio, mas se afastaram de mim, e me senti segura para espiar por um momento. O helicóptero aterrissou na primeira base.

Peter estava recostado no Tobias e na Nicole, que o erguiam e o carregavam em direção ao helicóptero que estava à espera. Os pés dele se arrastavam no chão. Eu sentia um apito nos ouvidos. Levantei-me e gritei com todo o ar dos meus pulmões. Tobias se virou para mim como se pudesse me ouvir, mas era impossível, por causa do barulho. Vi o branco de seu sorriso. Então todo mundo se acomodou ali dentro, e o helicóptero decolou, passando pelo estádio e saindo do campo de visão.

O estádio ficou silencioso, a não ser pelo ruído abafado das sirenes ao longe. Olhei para a zona do arremessador, as marcas dos pés do Peter estavam na areia.

A mão do Noah em meu ombro me assustou.

— Nós vamos trazê-lo de volta — ele assegurou. — Que situação chata — uma voz surge atrás de mim.

Eu me virei e fui atrás do Rhys, que parecia melancólico, mesmo quando seu tom era sarcástico.

Tentei socá-lo, mas ele bloqueou com o antebraço, colocou a outra mão na minha garganta e me empurrou.

Noah me segurou antes que eu caísse de bunda e me ajudou a ficar de pé.

— Isso foi rude — Rhys disse. Olive saltou a cerca atrás dele e andou até nós.

Noah se movia como se fosse atacar, mas segurei seu braço, talvez apenas para livrá-lo do constrangimento. Era fofo querer proteger a minha honra, mas Rhys nos superava fácil. Além disso, não era nosso inimigo.

Eu mantive a voz firme: — Por que você não nos contou de uma vez? A gente podia ter chegado antes do helicóptero.

— Ou seríamos pegos no campo, alvejados por aquela metralhadora. Mas não importa, achei bom terem levado o Peter. — Por quê? — Noah perguntou.

Rhys sorriu e eu quis socá-lo bem no rosto.

— Porque eu sei aonde ele está indo. E agora temos o mesmo objetivo.



—QUE OBJETIVO? — PERGUNTEI.

Rhys começava a escalar a cerca.

— O fim dos criadores e de todo o trabalho deles.

Se vocês querem o Peter de volta, ajudem-me a destruí-los. Vou explicar mais quando estivermos em um lugar com mais segurança.

Eu não podia esquecer que ele era o rebelde. Não era de confiança. Ele não tinha como saber que iriam apenas capturar o Peter em vez de matá-lo. Fazia sentido manterem Peter vivo, mas Rhys não podia ter certeza.

— Por que devemos confiar em você? — questionei.

Rhys saltou para o outro lado e aterrissou agachado, e se manteve nessa posição enquanto examinava a rua vazia.

— Porque vocês precisam de mim, e eu de vocês. — Ainda não estou convencida. De onde você vem?

Ele se virou, ficando de costas para a rua.

— Eu sou da equipe Alfa original. Pedi pra guardar as perguntas pra depois, pode ser?

Equipe Alfa original. Eu revirava a frase na cabeça.

Então ele era um Rosa, mas não uma cópia de ninguém dos Alfa e dos Beta que eu conhecia. Não sabia bem onde ele se encaixava, a não ser como rebelde.

— Esperem aí — Olive disse, com as mãos na cintura. — Não vou mais seguir vocês até que alguém me explique que diabos tá acontecendo.

Ninguém disse nada.

— Então é assim? Ótimo! Primeiro acordei em um cubículo de plástico com três pessoas que não conheço, e depois esse cara — ela apontou para o Rhys — vem me dizer que somos todos supersoldados com habilidades para infligir medo psicótico nos outros. — É bem por aí, mesmo — Noah confirmou.

Olive ergueu as sobrancelhas.

— Mas e aí, vocês são soldados superpoderosos do bem?

Noah encolheu os ombros, mas seu rosto não combinava com o gesto.

— Dá pra dizer que sim. E agora as pessoas que nos criaram querem nos escravizar e... não sabemos bem o que querem fazer depois.

Duas metralhadoras ecoaram pelos prédios à distância. Rhys balançou a cabeça e começou a se afastar.

— Muito bem, continuem na rua, esperem até eles virem pegar vocês de helicóptero também. — Vamos segui-lo? — Noah me perguntou. Para Olive, ele disse: — Você vem conosco? Eu posso explicar melhor, mas por favor, não vá embora.

Olive engoliu em seco e concordou com a cabeça.

— Vou cobrar de você depois.

Saímos correndo por meio das ruas vazias, passando por alguns cidadãos desorientados demais para se envolver em grandes apuros. Checamos a pulsação de quase todas as pessoas caídas, mas cada vez menos encontrávamos batimentos, e alguns estavam tão feridos que era óbvio que estavam mortos.

Passamos por carros em chamas e por fachadas de lojas vazias. Havia vidro estilhaçado por toda a rua. O aroma de rosas desaparecera, mas não dava para saber quanto tempo levaria até que as pessoas voltassem a suas casas. Eu tentava imaginar o que elas teriam sentido, o que teriam visto. Que terrores as mentes delas lhes mostraram.

Nós percorremos a distância toda, mas não rápido o suficiente para não repararmos na morte e na ruína.

Rhys tinha um apartamento de luxo ao lado do rio Cuyahoga, que passava pelo lado oeste de Cleveland. O prédio era alto e revestido de vidro azul. Eu estava resfolegando ao chegar.

— Como você faz pra pagar as contas aqui? — perguntei ao nos aproximarmos das enormes portas de vidro. O centro ficava à minha direita, vazio e silencioso.

Dois helicópteros pretos circulavam a cidade, do mesmo tipo dos que capturaram o Peter. Achei que era uma boa ideia ficarmos escondidos.

— É impressionante o que você consegue alugar com um bom adiantamento — Rhys explicou. Sua atitude despreocupada me incomodava. Obviamente não estava cego para a destruição à nossa volta, e se aquele era o jeito dele de lidar com a situação, aquilo dizia algo sobre sua personalidade. Mas estava cansada demais para descobrir exatamente o quê.

Ele abriu a porta e a segurou para nós. Eu sabia que nenhum de nós se sentiria confortável ao entrar, mas não tínhamos muita escolha. Subimos em um elevador com vista para o rio plano e cinzento. O apartamento do Rhys era na cobertura. A parede ao fundo era feita inteiramente de vidro, providenciando uma vista ampla do rio e da cidade.

— Não pensem que é pra ostentar — Rhys falou. — Eu escolhi esse apartamento porque era o último lugar em que os criadores me procurariam.

Ele provavelmente estava certo. Meus instintos diriam para ficar no chão, não para me instalar no alto.

— Você tem um kit de primeiros socorros? — Noah perguntou.

Rhys ergueu uma sobrancelha loira.

— Você tá ferido? — Onde está o kit? — No banheiro, embaixo da pia. No fundo do corredor.

Noah pegou no meu braço. Eu estava fraca demais para relutar quando ele me guiou até o banheiro e fechou a porta. Tudo ali era feito de mármore em tom creme. As luzes eram um pouco brilhantes demais.

— O que você tá fazendo? — Abra o traje, por favor — Noah disse, curvando-se para pegar o kit.

Então eu me lembrei. A ferida de faca nas minhas costas. Dei as costas a ele e puxei o traje, perto da nuca.

Ele se abriu e Noah se pôs em serviço. Removeu gentilmente o traje dos meus ombros, e cruzei os braços sobre o peito. Olhei para o rosto dele no espelho enquanto ele examinava minhas costas.

— Não foi muito fundo. Alguns pontos vão dar conta, mas você também vai precisar de uma injeção antitétano e de alguns antibióticos pra garantir. — Se você tá falando... — eu disse, em um tom meio grosseiro. Não era por culpa dele que eu estava ferida; eu só queria que ele terminasse logo. — Como é que é?

Eu não queria começar outra discussão. Não queria ver os olhinhos de cachorro magoado dele e ouvir pedidos de desculpa. Seria melhor se fosse o Peter me dando os pontos. Deveria ser o Peter me dando bronca, dizendo que eu devia ter sido mais cuidadosa.

Mais uma vez, se o Noah nunca tivesse trocado as minhas injeções, estaria tudo certo.

Se, naquela noite no trem, eu tivesse dito ao Noah que não confiava nele. Se tivesse dito para ele esquecer qualquer ideia maluca. Ou se eu o tivesse obrigado a me contar a verdade antes de lhe dar uma vaga autorização para alterar a minha identidade...

Naquele momento percebi que nunca amei o Noah. E ele nunca me amou. Ele amava alguma outra Miranda, a que eu era antes. Eu tinha certeza de que aquela Miranda o amava, mas eu não era mais aquela. Já era outra pessoa.

Aqueles ecos do meu amor por ele não pertenciam de verdade à nova pessoa que eu me tornara. Qualquer apego seria egoísta, porque o Noah obviamente ainda pensava em mim como quem eu era. Não dava para saber como ele se sentiria quando percebesse que ela desaparecera para sempre.

Eu dizia aquelas coisas para mim mesma para facilitar, mas seria melhor se eu conseguisse acreditar totalmente naquilo. Mais uma vez, eu me perguntava se para a Olive seria parecido, se ela estava destinada a lutar contra sombras de um amor. Eu tinha que manter o segredo dela, presumir que o Noah não fazia ideia. Não sei o que traria de bom se eu dissesse a ele: “Ah, sabe de uma coisa sobre a Olive? Ela estava apaixonada por você. Foi por isso que ela fugiu com você no começo.

Acho que deveria saber.”

— Miranda — ele disse. — Não foi por mal. Por favor, apenas dê o ponto.

Ele se ajoelhou e eu senti as pontas dos dedos dele nas costas. O som ao vasculhar a caixa do kit. A picada afiada da agulha. De novo. E de novo. Mordi o lábio inferior, já rachado e inchado. O ritmo da agulha fragmentava meus pensamentos, e eu senti que deslizava mais uma vez para o passado. Àquela altura, pensei que já estaria acostumada...

Eu estava correndo na floresta, no outono. O céu estava azul, quase violeta, as árvores estavam avermelhadas.

Pés espalhavam folhas atrás de mim — alguém estava me seguindo. Uma árvore larga à minha frente tinha galhos três metros acima do solo, com folhas vermelhas como sangue. Corri direto para elas, então me apoiei na árvore e saltei, com os dedos procurando um galho. Consegui girar o corpo para cima. Firmei os pés e saltei para outro galho. Gestos mecânicos, mas graciosos, era assim que eu tinha que pensar. Ver a próxima ação na minha mente e torná-la realidade.

Dei um chute com o calcanhar em um tronco para soltar algumas folhas presas.

Escalei.

O vento estapeava a árvore, fazendo os galhos menores sacudirem juntos. Folhas se prendiam no meu cabelo e estalavam nos meus ouvidos. O perseguidor estava perto. Eu ouvia a respiração, as botas arranhando a casca da árvore.

Então eu vi.

A árvore ao lado era laranja e tão grande quanto a primeira. Os ramos se misturavam com os da árvore em que eu estava. Percorri o galho com os pés firmes e ágeis na casca dura da madeira, então saltei para a árvore laranja. Meu pé esquerdo escorregou na casca um pouco mais mole, provocando um silvo agudo. Sem pensar, pendurei o braço direito no galho para me segurar. Mas demorei muito. As unhas raspavam na casca, depois raspavam o ar.

Eu estava caindo. Os galhos de baixo me mordiam como dentes, repuxavam e despedaçavam minhas roupas. As folhas avermelhadas e laranjas

subiam correndo no meu campo de visão, como um rolo de filme. Um osso se dobrou e se partiu. A dor tomou conta de mim, do tornozelo ao topo da cabeça, e voltou para o braço direito. Fiquei deitada nas folhas espalhadas, gemendo, curvada para a esquerda. O tornozelo parecia pesar meia tonelada.

Atrás de mim, ouvi duas botas aterrissarem no solo da floresta. Uma combinação de baque com estalos das folhas. O perseguidor, prestes a acabar comigo.

Peter se ajoelhou ao lado da minha coluna, colocou as mãos grandes no meu braço direito. Ele gentilmente me ajudou a me endireitar no chão. As folhas faziam cócegas na pele, pouco abaixo do cabelo. Olhei para cima, para os olhos azul-gelo dele, e notei que eram do mesmo tom do céu. Estavam arregalados de preocupação.

— Onde está doendo? — ele perguntou. — Tudo. — Fala sério, Miranda. — O tornozelo.

A dor penetrante passava a arder, lembrava fogo, mais do que as folhas avermelhadas à minha volta. Peter tirou algo do bolso do colete.

— Abra — ele ordenou.

Abri os lábios e ele colocou uma pílula entre eles.

Engoli. Suas mãos percorreram minhas pernas com ternura, aliviando a pressão enquanto ele se aproximava do tornozelo. Ele o tocou com a ponta dos dedos. Gemi.

Apertei bem os olhos. Ouvi um canivete se abrir. O tecido foi rasgado. A brisa morna soprava no meu tornozelo exposto. Os dedos quentes sobre a pele inchada. A pílula estava surtindo efeito, anestesiando.

— Eu preciso carregar você — ele avisou.

Respirei fundo.

— Estamos a quilômetros de casa. — Foi ideia minha vir tão longe. O Tycast vai me matar por sairmos do perímetro.

A pílula agiu com mais intensidade. Eu serpentei o corpo até me recostar, sentada, na árvore.

— Não vou deixar você me carregar. Isso foi culpa minha.

Peter sorriu para mim enquanto eu falava.

— O que foi? — indaguei. — Não acho que aquela pílula vai lhe dar muita escolha.

Meu queixo caiu.

— O que era aquilo?

Mas eu sabia. Senti os olhos repuxarem para baixo.

Meus músculos relaxaram.

— Por que você é tão bom comigo, Peter?

Minha cabeça se inclinou, encostada na árvore.

Meus olhos estavam pesados demais para mantê-los abertos. Sentia uma sensação vaga das mãos dele deslizando debaixo de mim, sem peso, quando ele me levantou e me acomodou em seu peito largo.

Quando eu estava quase caindo no sono, ouvi-o sussurrar: — Isso eu que tenho que saber e você nunca vai descobrir.

Abri os olhos, sentindo a picada da agulha. Meu tornozelo formigava.

A memória lentamente ficou para trás, deixando-me um vazio doloroso. Não podia ter vindo em um momento pior. Eu não queria pensar na falta que o Peter fazia, queria pensar em como resgatá-lo.

Se o Noah percebeu que eu fugira da realidade por um momento, não disse nada.

— Como conseguiu pegar aqueles frascos se eles estavam esperando por você? — foi a primeira pergunta que me veio à cabeça.

Senti a pele repuxar enquanto ele dava os pontos.

— Encontrei o recipiente bem fácil. Abri. Enchi uma mão com frascos. Então duas mãos agarraram meus ombros e me puxaram. Duas sombras com aparelhos de mergulho. Consegui dar uma cotovelada em uma e, quando subiram bolhas para todo lado, enfiei os frascos na boca. Por acaso, eram quatro.

Quatro. Mas não fez diferença para a Olive, que foi azarada o suficiente para ser a última a ter o bate-papo com a dra. Conlin. Aquilo me fazia pensar o quanto cada um de nós chegara perto de também não conseguir.

Ele pôs a mão no meu ombro e me usou como apoio para se levantar.

— Prontinho. — Obrigada — escorreguei o braço de volta para o traje, e Noah puxou o fecho. — Foi um pouco diferente na última vez que tirei sua camisa. — Você precisava falar alguma coisa assim, não precisava? — minhas bochechas e orelhas arderam.

Ele sorriu. O mesmo sorriso. Eu me recusei a sorrir enquanto o Peter estava capturado e a cidade estava esfaqueada.

— Acho que sim — ele disse.

Dei um tapinha no peito dele e saí do banheiro, sentindo os pontos repuxarem as costas. Mas eles não prejudicavam os movimentos, isso era o mais importante. A vista não mudara na janela que ia do chão ao teto. O céu estava nebuloso com a fumaça de dúzias de incêndios.

Eu me virei. Todo o quarto era bem espaçoso. À

esquerda, sofás de couro e uma TV, e à direita, uma mesa de jantar enorme. Entre os dois ambientes, até o fundo, ficava uma cozinha aberta com um balcão de mármore. Era preciso descer um degrau para chegar aos sofás. Coloquei a mão em um deles, sem vontade de me sentar. Rhys estava no balcão,

preparando uma refeição.

Noah fez a Olive se sentar em um sofá e falou em um tom de voz baixo, provavelmente contando um pouco mais sobre nós todos, como o Peter fizera comigo.

Eu encarei o Rhys até ele olhar para mim.

— Nós estamos aqui, em segurança. Acho que merecemos uma explicação.

Ele chupou um pouco de molho vermelho do dedo e esfregou as mãos em um pano.

— Certo. Qual é a primeira pergunta?

Ele saiu do balcão e caminhou até perto de mim. As íris dele eram castanho-avermelhadas, o que me fez lembrar de quando fiquei olhando para o espelho na casa da Elena. Como a cor dos meus olhos tinha clareado desde que os vira a primeira vez.

— Quem é você? — Essa eu já respondi. Disse que era da equipe Alfa — ele virou a cabeça para o lado, olhando diretamente para os meus olhos. — Venha cá, deixe-me olhar pra você — ele pegou nas maçãs do meu rosto, gentilmente, e eu contive o instinto de tirar as mãos dele.

Seus olhos se apertaram; um dos dedos apertou minha bochecha.

— Quando você usou a máquina? — ele perguntou, sem gentileza. — Que máquina? — Não brinque comigo — ele ainda estava segurando o meu rosto. Toda a naturalidade se evaporara. — Seus olhos mudaram do verde para o vermelho, você não notou? — Tire as mãos dela — Noah ordenou do sofá, inculcando uma calma forçada na voz. — Tá tudo bem — eu garanti.

Rhys me virou em direção à janela, examinando-me sob uma luz melhor.

— Conte — ele disse.

Falei lentamente, já que ele não tinha me entendido da primeira vez.

— Não tenho a menor ideia do que você está falando.

Noah se levantou.

— Você tem cinco segundos.

Rhys olhou para ele, ainda segurando meu rosto.

— Ah, você tá incomodado com isso? — Sim.

Eu também, mas eu não ia me afastar. Alguma coisa o assustara e eu queria saber o que era.

Rhys me encarou novamente, perto o suficiente para eu sentir seu hálito em minha bochecha. Ele esfregou o polegar no meu queixo.

— Diga ah — abri a boca e ele comentou: — Interessante. — O quê? — Você tem dentes excepcionalmente bonitos — quando Noah deu um passo a mais, Rhys falou para ele: — Eu poderia torcer o pescoço dela, sabe? Um

movimento rápido, e ela já era. — Chega — eu disse, recusando-me a deixá-lo me assustar. Eu estava parada como uma estátua sob o poder dele. — Você sabe onde o Peter está. Conte pra mim agora. — Acredito que você não saiba por que seus olhos mudaram. Geralmente consigo perceber quando alguém tá mentindo. — Que progresso — zombei. — Vai ser um pouco mais fácil dessa vez, acho, porque você já fez isso antes. — Fiz o quê? — Já teve as memórias de outra pessoa transferidas para o seu cérebro.



AS PALAVRAS DELE NÃO PARECIAM FAZER SENTIDO. ELAS não entravam na minha cabeça.

Memórias. De outra pessoa.

Transferidas. Seu cérebro. Seu cérebro.

— Não — eu poderia ter falado eu não estou entendendo ou o que você quer dizer com isso? Mas só consegui dizer não.

Noah estava ao meu lado.

— Explique — ele disse.

Rhys fez um gesto com a palma da mão estendida.

— Calma aí, a culpa não é do mensageiro. Eu só disse que ela já passou por esse processo antes, não disse o que significa — o olhar suspeito e a malícia que vi quando ele segurou meu rosto haviam desaparecido, ao menos naquele momento. — Então explique o que isso significa — exige. — Eu não sei — Rhys disse. Ele deu as costas e voltou ao balcão na cozinha. — Quem tá com fome? — Eu estou falando com você.

Ele virou e jogou as mãos para o alto.

— O que você quer que eu diga? Quer que eu invente alguma coisa? — Uma hipótese cairia bem.

A expressão dele estava... cautelosa. Como se estivesse se preparando para esconder algo.

— Uma hipótese. Está bem. Eu não acho que você seja quem pensa que é. Que tal? — Então quem eu sou?

Ele ergueu as sobrancelhas e voltou para a cozinha.

— Essa é uma boa pergunta.

Fiquei ali por um momento com os olhos no chão, pensando.

“Memórias transplantadas”, “memórias perdidas”.

E se eu não fosse a Miranda com quem eles haviam crescido?

Ela podia estar em uma cela em algum lugar, escondida. Ou morta, debaixo da terra. Eu podia ser uma espiã, infiltrada no grupo para sabotar. E seria controlada de uma maneira parecida com a da tatuagem. Mas não, aquilo

não fazia sentido. Se quisessem me usar conta a equipe Alfa, já teriam feito isso.

Agarrei-me àquela lógica como quem se agarra à vida.

Olive e Noah esperavam na minha frente, sérios. O rosto deles parecia borrado enquanto as lágrimas escorriam dos meus olhos.

— Você é você — Noah disse. — Eu conheço você, garanto.

Acenei com a cabeça. O olhar de pena no rosto da Olive me fez querer chorar ainda mais. Ela não se lembrava de nada e ainda assim sentia por mim. Eu não merecia a compaixão.

Enxuguei as lágrimas enquanto íamos à cozinha.

Forcei a voz para soar firme: — Então é possível que eu não seja a Miranda North?

Rhys lambeu os lábios.

— Tudo é possível. — Mentira — Noah retrucou. — Ela é a Miranda. — Noah, por favor — pedi. — Deixe-me falar com ele.

Noah apertou a mandíbula e se voltou para a janela grande. Rhys ergueu uma sobrancelha em resposta ao Noah.

— Voltando ao assunto... — ele se virou para mim. — Então pode ser que você seja outra pessoa? Não dá pra saber. Acho que as respostas vão aparecer e que você precisa focar no que está à nossa frente agora — ele tentou sorrir. — A missão de resgate do seu amigo e a destruição dos nossos criadores. E a comida que estou preparando.

Fiquei sem fala por um segundo, então as palavras vieram lentas e frias como gelo: — Não quero comer. Você precisa parar com esses jogos. O Peter foi capturado. A cidade está em pedaços.

E você tá falando que é possível que eu não seja a Miranda North, depois finge que não é nada demais.

Cinco longos segundos se passaram antes da resposta: — Pense com lógica. Nós podemos recuperar a energia e então descobrir qual a melhor maneira de resgatar seu amigo e levar os malfeitores à justiça. Isso deveria ser aceitável.

Aceitável? Não. Mas se ele tinha as respostas, nós tínhamos que jogar pelas regras dele.

Ele olhou para o Noah e fez um gesto do tipo: “Qual é a dessa garota?”

Noah não lhe deu nada em troca, nem mesmo um olhar. Rhys ergueu os ombros e voltou para a cozinha.

Rodeamos o balcão enquanto Rhys terminava de preparar a refeição. Ele acrescentou manjericão e pimenta em pó em uma panela de molho vermelho no fogão. Uma panela com macarrão fervia ao lado. Meu corpo estava com fome, mas a visão da comida estava me deixando enjoada. Eu precisava me mexer, não

comer.

Rhys falou: — Desculpem, eu estava preparando o almoço, quando olhei pela janela e o que foi que vi? A cidade toda se transformando no inferno. E senti um aroma de rosas.

Pelo menos é melhor do que a energia cinética, que eu creio que tenha cheiro de gambá.

Ninguém riu.

— Estou escondido “em aberto”, por assim dizer — ele picou cogumelos em uma tábua de corte. — Na primeira vez que escapei da base da equipe Alfa original, dois anos atrás, me escondi em prédios abandonados. Teria continuado ali, se não tivesse sido o primeiro lugar em que eles procuraram.

Olhei para o Noah, que estava atento ao Rhys. Ele acenou com a cabeça.

— Não é mesmo? Eu continuei acompanhando as equipes Alfa e Beta desde que escapei. Tenho habilidades, não há dúvida, mas vou precisar de ajuda se quiser partir para um ataque final. — Contra quem? — quis saber. — Com a morte da dra. Conlin, quem é o nosso inimigo agora?

— São os criadores. Os que nos fizeram. Eles estão com o Peter.

Os originais de quem fomos clonados. Quando eu estava caindo daquele prédio, tive uma lembrança rápida da minha criadora, a mulher que estava me entregando ao Phil. Não a minha mãe, apenas uma versão mais velha de mim.

Notei que Rhys ainda estava armado com o revólver e a espada, como se não confiasse em nós o bastante.

Eu não o culpava. Mas também não confiava na história dele, não até que todos os furos fossem explicados. Para começar, não deveria haver outra versão dele andando por aí? Por que a equipe Alfa original tinha um Rhys, mas não a minha Alfa, e nem a Beta?

— Onde está o Peter? — perguntei, inclinando-me no balcão. Noah vasculhou a geladeira. Podia ser a última vez que eu perguntaria antes de sair de lá e procurar o Peter por conta própria.

Rhys ergueu o queixo para a janela atrás de mim.

— Você não vai gostar de saber.

Atrás da janela, o centro da cidade.

— Do quê? — Ele está no prédio mais alto — Rhys explicou.

O mais alto era a Key Tower. Um arranha-céu cinza, com uma ponta prateada clara.

— Meu velho lar, onde vivi e treinei... Tudo ficava na cobertura prateada — a voz dele se alterava com as velhas lembranças. Eu conhecia aquela sensação.

A cobertura do arranha-céu parecia branca sob o sol, de tanto reflexo nos

ângulos agudos. Parecia um palácio fantástico de gelo plantado no topo do prédio. Eu não conseguia tirar os olhos de lá, perguntando-me se o Peter estava atrás daquelas paredes naquele exato momento. Perguntava-me se ali estaria a resposta para a pergunta que queimava minha mente.

Quem sou eu?

Nós sequer tivéramos um momento para descansar, mas naquela hora, atrás da segurança do vidro, com toda a cidade esvaziada adiante, eu sabia o que me dava forças para seguir em frente. Queria saber quem eu era.

Não apenas quem eu fora ou o que fizera, mas o que poderia vir a ser.

Quem eu sou.

— Não faz sentido — eu disse. — Por que chamar atenção para eles mesmos? Por que não nos testar em uma cidade onde não trabalham? — Atenção? — Rhys repetiu. — Como é que o governo vai descobrir, mesmo com um milhão de anos para investigar, que o que acontece no 57º andar do prédio tem algo a ver com o que se passou aqui hoje? Em algum momento a vida vai voltar ao normal e não vai restar nenhuma evidência — ele jogou um cogumelo na boca. — Eles também estão escondidos “em aberto”. O teste se completou. Os Rosas são um sucesso.

Ele serviu um prato de macarrão para cada um e nos sentamos na mesa de madeira escura ao lado da cozinha.

Tomei um copo d’água, só percebendo o quanto estava com sede na hora em que a água tocou meus lábios. Eu me sentia mal sentada daquele jeito, comendo normalmente. Peter estava em algum lugar, sozinho, talvez ferido, e nós estávamos ali comendo?

— Você tá impaciente, eu sei — Rhys disse. — Mas nós vamos agir no escuro. Tenho um plano pra destruir a cobertura e resgatar o seu amigo. — Mas isso vai acabar com eles? — Olive perguntou. — Vai acabar com as pessoas que... Com os nossos criadores?

Rhys franziu o cenho.

— Talvez, se eles estiverem lá. Mas ao menos vamos enfraquecê-los e revelá-los ao mundo. E talvez seja o suficiente para que possamos passar o resto da vida sem ter que pisar em ovos, com medo do inimigo.

Por trás daquilo tudo, a cada momento que passava, continuava ecoando em minha mente: Transplante de memória. Transplante de memória.

Transplante de memória.

Rhys limpou o prato dele antes de nós.

— Vocês queriam saber quem eu sou — ele disse.

Tirou o revólver do cinto e o colocou ruidosamente na mesa.

— Eu quero — falei. — Mas queria saber mais do porquê nossos olhos

estarem mudando de cor. O que você disse sobre memória.

Rhys sorriu.

— Felizmente, eu posso explicar as duas coisas. Mas você pode não gostar do que vai ouvir. Aliás, tenho certeza que não vai. — Eu posso aguentar — ao menos achava que poderia.

Tentei me lembrar da última vez em que dormira. Além daquela soneca breve na cela, só as poucas horas no quarto dos Betas antes de irmos ao centro da cidade. As pálpebras estavam pesadas como cimento. Conferi o relógio em cima do fogão. Eram 12:04. Algumas horas antes, ainda não acontecera nada de ruim. Nós ainda estávamos juntos. Todos aqueles mortos ainda estavam vivos.

— Muito bem, então — Rhys continuou, afastando-se da mesa. Noah ficou visivelmente tenso com o movimento, mas pus a mão em seu antebraço, e ele relaxou. Rhys foi até uma porta ali perto e a abriu. E tirou uma faixa para a testa. Quase como a que o Tycast e a Conlin usavam para neutralizar as ondas, só que mais grossa e firme, com uma forma circular.

Rhys apontou para o sofá mais próximo.

— Deitem-se, por favor.

Eu estava confusa, mas imaginei que as respostas estavam vindo. Aproximei-me do sofá, desejando poder sentir a pelúcia do tapete sob os dedos do pé. Eu estava com aquele traje por tanto tempo que daria qualquer coisa para refrescar a pele. Continuei em pé por alguma razão. Talvez instinto.

Rhys desceu o degrau para a área do sofá, segurando a faixa de cabeça. O material espesso tinha cor cinza-carvão, mas refletia a luz de maneira estranha, brilhando nas pontas.

— Eu disse antes que suas memórias foram implantadas. — Sim.

Ele segurou a faixa.

— Foi assim que isso aconteceu, com uma dessas máquinas. Os criadores tinham um plano, desde o primeiro dia, para conseguir mais de nós. O truque seria pegar nossas experiências, os treinamentos das equipes Alfa e Beta, e usá-los como padrão para inculcar em novas versões de nós. Experiências prontas para os clones que continuariam a criar. Cópias da mesma pessoa, com as mesmas memórias. Basicamente um suprimento infinito de... nós. — Exatamente nós — Olive disse, suavemente, levantando-se da mesa.

A verdade pesou por um momento. Tentei imaginar outras cópias de mim correndo por aí, não apenas idênticas de corpo, mas também de mente.

— Roubei esse da Tower quando saí, do escritório da própria sra. North.

Tudo o que restava de senso de humor desaparecera dos olhos do Rhys. Noah e Olive se sentaram no outro sofá.

— O que isso significa? — perguntei. — Para mim?

Rhys encolheu os ombros.

— Pode não ser nada. E pode significar que já tiraram suas lembranças para passá-las à próxima Miranda, ou seja lá o nome que derem. Uma vez conheci um Peter, um Noah — ele olhou para o Noah e para a Olive no sofá. — Conheci uma Olive.

Ele se voltou para mim: — E você, Miranda. Quando escapei, copiei minha memória com a esperança de que eu pudesse encontrar pessoas das outras equipes. Eu teria que... me explicar, mostrar a verdade. E é melhor ver para crer. Eu poderia falar com você o dia todo, mas você não acreditaria até ver.

— Ver o quê? — Ver por que temos que pará-los. Ver por que não podemos falhar.

Olive disse: — Se a equipe Alfa original tinha nossos nomes, por que a Beta tem nomes diferentes?

Rhys ergueu os ombros mais uma vez.

— Acredito que começou a ficar confuso acompanhar várias criaturas com o mesmo nome. Se nós falharmos e eles criam outra equipe, vamos dizer, equipe Gama, aposto que eles vão ter outros nomes também — para mim, ele falou: — Você vai querer se deitar pra ver isso. Acredite em mim.

Eu me acomodei no sofá, esperando. Ele hesitou.

— O que foi? — Não vai ser agradável — ele respondeu. — Eu posso aguentar — ao menos era o que eu esperava.

Ele gentilmente ergueu minha cabeça, mas, diferentemente da última vez em que me tocou, colocou a faixa sobre meus olhos, bloqueando minha visão do Noah e da Olive. A tira de metal estava gelada no começo, mas logo começou a esquentar a pele.

— Relaxe — Rhys disse, com voz tranquilizante. — Relaxe, Miranda — ele repetiu, enquanto eu sentia que mil facas espetavam meu crânio.



ABRI OS OLHOS.

Eu estava diante de um computador. O monitor mostrava um modelo em 3D de Cleveland. Apertei algumas teclas e uma nuvem vermelha, meio rosada, se espalhou pela cidade. Na parte de baixo, estava escrito ROSAS NECESSÁRIOS: 1. O número aumentava conforme a nuvem se alargava, até que envolveu toda a área central da cidade, chegando a 7.

O terror me perfurou como uma espada. Cobri o rosto com as mãos, e somente então vi que as mãos pertenciam ao Rhys.

Eu era o Rhys.

Fechei os olhos. Quando os abri, eu estava em um quarto como o que havia em casa, e como um quarto Beta também. Os beliches um ao lado do outro, com uma cama a mais na esquerda. Peter estava lá, e também Noah, na cama acima. E ali estava a Miranda, na cama oposta à do Peter, com dificuldades com um nó do cadarço. Era eu, só que não. Aquela era a equipe Alfa original.

— Você não entende — falei. A voz do Rhys soava diferente quando vinha da minha boca.

Peter balançou a cabeça.

— O que não entendemos, Rhys? — Eles vão nos usar na cidade. Eu vi uma simulação no computador. Querem nos testar em Cleveland.

Miranda riu.

— Isso é ridículo. Você sabe o quanto isso parece maluco, não?

Eu, o Rhys, concordei com a cabeça.

— Sim, eu sei.

Olive pulou da cama de cima para o chão.

— Eles não podem nos obrigar a fazer nada. Veja como estamos fortes.

Noah também pulou do alto do beliche e começou uma sequência de alongamentos para a missão de treinamento da noite.

— Eu acho que você deve estar exagerando um pouco — ele disse. — Como você entendeu o que viu?

Peter ergueu a mão.

— Rapazes, calma aí. Se o Rhys disse que viu alguma coisa, então ele viu alguma coisa.

Joguei as mãos para o alto.

— Escutem. Por que vocês acham que estamos aqui?

Quero dizer, qual é o nosso objetivo?

Miranda se levantou.

— Rhys, não precisa falar tão alto, por favor. — Você não manda em mim — reclamei.

Miranda encolheu os ombros.

— Tá bom. Eu vou perguntar pra minha mãe e ela vai dizer o quanto você tá louco.

Eu a impedi com uma mão no ombro. Ela olhou para baixo, depois nos meus olhos. Por que ela estava agindo assim? Ótimo plano, contar à mãe que descobrimos alguma coisa ruim, justamente quando eu disse que a mãe dela também estava por trás daquilo. Seus olhos verde-claros se fixaram nos meus.

— Sente-se, Miranda — eu disse.

Noah ria no chão, enquanto se alongava com a perna esticada.

— Agora você dá as ordens, é?

Peter era o único que estava me levando a sério. E talvez a Olive, que estava em dúvida e quieta, como sempre. Os outros confiavam demais. Sempre foram assim. Nós vivemos naquele lugar durante anos, treinando, aprendendo a usar esse poder que não entendemos completamente. Eu não deveria ter ido à sala de controle, mas aquilo não mudava o que vira. Ainda me lembrava do aviso:

PROJETO ROSA / PADRÃO PROJETADO DO ALCANCE DE ONDA PARA A CIDADE

Mínimo: 4 (quatro) Rosas

E, então, na parte de baixo:

Dois Rosas podem ser usados com eficácia em cidades menores.

Recomenda-se uma dupla com parceiro habitual.

Rosas Um e Três podem formar dupla.

Não se recomenda dupla do Três com o Cinco.

Não se recomenda dupla de dois do mesmo clone.

Os Rosas Dois e Quatro podem ser usados em qualquer combinação.

Fiz um último apelo aos meus amigos.

— Eles nos deram números. O programa falava das combinações em que podemos ser usados. Dizia: “Padrão projetado de alcance de onda para a

cidade”. Digam vocês o que isso significa. Também estava escrito que somos clones.

Olive quase riu.

— Clones, é? Ah, essa eu não engulo.

Noah finalmente ficou de pé, esticando o braço por cima do peito.

— Você jura que não tá brincando? — As pegadinhas do Rhys em geral são convincentes — Peter disse.

Respirei fundo.

— Juro. Foi o que eu vi. — Então vamos checar — Noah disse. — Você provavelmente entendeu errado, mas vamos conferir.

Então, quando a gente descobrir que você é um idiota, vai limpar o banheiro por seis meses.

— Combinado — concordei.

Noah deu uma olhada por cima do meu ombro e eu virei. A mãe da Miranda estava no corredor, com uma sobrancelha bem delineada erguida. Ela estava linda como a filha. Ainda não chegara aos quarenta e tinha apenas linhas discretas de idade no rosto. Estava usando um terno executivo cinzento.

— Todos para fora — a sra. North mandou. — Eu quero falar a sós com o Rhys. — Sei não, sra. North — Noah disse.

Ela revirou os olhos.

— É mesmo, Noah? Mexa esse traseiro e saia daqui.

Eles saíram todos de uma vez. Eu estava em apuros e eles sabiam. Queria gritar para que ficassem. Ninguém estava captando a seriedade da situação, e era culpa minha, por não ter explicado direito.

Nós seríamos usados para machucar pessoas inocentes. Que tal esse tipo de explicação?

Mas eu os deixei ir. E eu deixaria a sra. North se explicar para mim, então decidiria qual seria o passo seguinte. Nós vivemos no conforto por tanto tempo que eu não os culpava por estarem cegos. Se eu não tivesse visto, talvez não acreditasse também.

— Rhys — a sra. North começou. Ela apontou para a mesa. Tinha um tabuleiro de Banco Imobiliário com o jogo pela metade. — Sente-se.

Sentei-me na frente dela, perto da porta e da arma escondida na minha cama. A sra. North era nossa instrutora de artes marciais. Ela nos ensinara a usar um bastão, uma espada, dedos e pés. Ela juntou as mãos poderosas e delicadas sobre a mesa. Mãos que eu sentira muitas vezes, mas nunca com delicadeza. Sempre no tatame, quando estava lento e sofria um ataque, recebendo uma chave na cabeça ou no pescoço.

Ela suspirou e mexeu com o polegar em um dos hotéis no tabuleiro.

— Sinto que nenhuma explicação que eu der será suficiente — eu umedeci lábios. Ela acenou. — Sim, eu entendo. O que você estava procurando, Rhys? — Alguma coisa me é estranha desde que me conheço por gente. Mesmo as lembranças mais distantes são nesta torre, todos nós morando aqui juntos. E você nunca explicou por quê. Nenhum dos nossos pais explicou. Os outros... eles sabem que alguma coisa não tá certa, mas eles têm medo de enxergar. Eles não querem ver. — O que você estava procurando, Rhys? — A verdade — respondi.

Ela acenou com a cabeça.

— E encontrou? — Sim. Vocês estão nos criando como armas.

Podemos criar medo do nada, e aposto que alguém está disposto a pagar por esse poder. Vocês... vocês criaram cópias de nós — dizer a palavra me fazia sentir meio bobo, mas falei mesmo assim: — Clones.

Meu pai morrera havia alguns anos, mas os outros pais continuavam por ali para ajudar a nos educar.

Porque nós éramos especiais, eles diziam. Uma família.

— Você está enganado — a sra. North disse. — Não, não estou. — Você está — ela repetiu. — Não estamos clonando vocês. Você é o clone. — O quê? Não. — Sim. Todos vocês. Quem você acha que a Miranda é? Olhe pra mim — os olhos verdes da sra. North tinham um tom castanho e dourado. — Olhe para o meu rosto, Rhys. Quem sou eu? — Não... — Sim. Fizemos vocês. E podemos fazer o que quisermos com vocês — ela deixou isso assentar na minha mente. — O que vai acontecer agora?

Havia uma tensão nova nos ombros da sra. North.

Eu nunca fora capaz de derrotá-la em uma luta frente a frente. Eu estava apenas começando a me aprimorar.

Ela desabotoou a frente do terno.

— Eu vou ter que deixar você isolado dos outros e tirar as suas injeções de memória. Depois de algum tempo você vai se esquecer disso, e então eu vou poder colocar você de volta. Vou ter que fazer o mesmo com eles. Isso é culpa sua, Rhys. Sua culpa. Você meteu o nariz onde não foi chamado e é isso o que acontece.

Pensei em como seria com as coisas de volta ao que eram antes. Sem saber de nada. E o mesmo resultado: sermos usados como armas. Eu não podia permitir. Não podia deixá-los me fazer esquecer.

A sra. North tirou o relógio delicado do pulso.

— E agora? Você vai vir comigo ou vou ter que obrigar?

Nenhum de nós se moveu por um bom tempo. A sra. North piscou. Saltei da cadeira e avancei para a cama. O revólver estava ali, debaixo do travesseiro. Nós não deveríamos deixar as armas no quarto, mas eu deixara. Ouvi a sra.

North subir na mesa e saltar; ela ia cair em cima de mim no segundo seguinte. Passei a mão sob o travesseiro, sentindo o metal frio. Os dedos se fecharam na arma quando a sra. North me atingiu tão forte na nuca que minha vista se escureceu por um segundo. Ela envolveu os braços em mim e girou, arremessando-me pelo quarto. Caí de costas, mas ela não viu que eu já estava com a arma na mão. Mirei em seu coração e puxei o gatilho. O revólver deu um coice e um buraco vermelho se abriu no peito dela. Ela deu mais um passo antes de por um joelho no chão. Cobriu o buraco na blusa com uma mão e caiu.

Não perdi tempo. Rolei pelo chão, reuni meus pertences e os coloquei em uma mochila. Ajoelhei-me ao lado da sra. North e chequei o pulso. Ainda estava batendo. A bala não atingira o coração. Pus a arma contra a testa dela por um segundo. Mas eu não conseguia. Não sabia dizer por quê. Porque ela fora uma mãe para mim todos aqueles anos, junto com os outros?

Mesmo ela tendo sido uma mãe tão brutal quanto possível, ainda assim ela ajudara a me educar. Era tudo uma farsa, eu sabia, mesmo assim não conseguia. Eu não podia puxar o gatilho. A arma deixou um anel rosado de pele queimada sobre a sobrancelha.

Um guarda chutou a porta com o rifle erguido e preparado. Acertei um tiro bem no meio de sua testa. Ele caiu no batente da porta, que ficou aberta.

Eu me levantei e dei uma última olhada para a sra. North.

Então corri.

Mais guardas caíram diante de mim, homens sem rosto que estiveram por ali minha vida inteira, mas nunca me disseram uma palavra. Eles morriam. No escritório da sra. North, encontrei mais munição e uma estranha faixa de metal para a cabeça. Foi tudo para a mochila.

Encontrei um paraquedas escondido no fundo de um armário, junto com maços de dinheiro. Achei caixas de injeção de memória. De olho na porta, enfiei tudo na mochila até ela quase estourar. Deixei para a sra. North um paraquedas e dinheiro vivo o bastante caso ela precisasse escapar. Eu me lembraria de agradecer um dia, se ela sobrevivesse.

Fechei os olhos e os abri.

Então eu estava diante de uma janela de frente para a cidade e para o lago. Tiros de revólver foram disparados atrás de mim. A janela se despedaçou e eu pulei através dos fragmentos que caíam, em céu aberto. O vento corria pelos meus cabelos... Um puxão violento quando o paraquedas se abriu. O aroma de rosas.

Fechei os olhos.

Eu dizia a mim mesma: você é a Miranda. Não o Rhys.

Miranda. Eu sou a Miranda.

Miranda North.

Mas ao mesmo tempo eu era o Rhys.

E meus olhos se abriram mais uma vez, deixando-me completamente perdida.

Eu estava em uma floresta. A base da nova equipe Alfa estava por perto — eu vira as outras versões de nós treinando no bosque. Estavam no mesmo nível que o nosso, ou talvez um ano antes.

O dr. Tycast parecia um cara bondoso o bastante.

Eu me perguntava se podia avisar a nova equipe Alfa sem que me matassem. A minha equipe Alfa já era uma causa perdida. Eles estavam na floresta, perseguindo-me, cegos para a verdade. Achavam que eu estava louco.

Meus amigos se voltavam contra mim por causa de uma mentira. Eles seriam usados. Vendidos para matar. E não havia nada que eu pudesse dizer ou fazer para convencê-los da verdade.

— Rhyyyyyys! — alguém me chamou. Eles estavam se aproximando. Pulei sobre um galho baixo da árvore mais próxima e comecei a escalar. Não importava que me matassem. Tudo o que importava era o que aconteceria a eles depois que cumprissem a tarefa.

Só havia uma coisa que podia fazer para salvá-los.

Esperei nos galhos por uma hora. Talvez mais. A respiração continuava discreta por força de vontade, com os músculos relaxados, mas prontos para a ação.

Então vi o Peter agachado sob a árvore, sem perceber que eu estava logo acima. Ele checava alguns arbustos no caminho, calmo como água parada. Era a minha chance. Soltei-me de um galho o mais silenciosamente que pude, em queda livre, enquanto sacava o revólver.

Pousei agachado ao lado dele e me levantei. O Peter, que talvez tivesse acreditado em mim. O Peter, que era justo com todo mundo.

— Rhys — ele disse, sem se virar. Ele ergueu as mãos lentamente.

Atirei em sua nuca. O capim alto ao redor farfalhou com os pequenos animais que se afastaram da explosão.

Saí correndo. A floresta se adensava à minha volta, os galhos esbarravam no meu traje. Os passos soavam como um elefante pisoteando a mata. Saltei por cima de uma moita grande e cheguei a uma clareira. O céu estava arroxado, salpicado de estrelas. Noah chegou à clareira empunhando uma espada.

— Em quem você atirou? — ele perguntou. Sua respiração estava pesada. — No Peter. — Por que, Rhys? Por quê? — Porque eu não vou deixar que nos transformem em monstros. A sra. North vai nos fazer esquecer de tudo. — Ela não vai. Você tem que confiar nela — Noah tirou um rifle das costas e o

segurou na vertical, com o cano para baixo.

Eu aponteí o revólver.

— Não tente. — Você tá louco, Rhys? Ela disse que você enlouqueceu. Que o seu corpo está rejeitando as injeções de memória. — Escute o que você tá falando. Injeções de memória. Quem nós somos, Noah? Por que estamos aqui? — Você matou o Peter — ele ergueu o rifle, mas muito lentamente. Como se me concedesse algum tempo, com medo de atirar. Puxei o gatilho e um buraco vermelho brilhante se abriu em sua testa. Ele desapareceu sob o capim alto.

Olive surgiu do meio das árvores onde estava escondida, com a espada erguida. Eu me virei, mas perdi o revólver quando ela o acertou com um golpe cortante.

Ela chutou, o calcanhar alcançando minha garganta. Caí na grama, debatendo-me com a dor. Ela montou em mim, gritando, com a espada acima da cabeça. A minha espada, no meu cinto, estava bem debaixo da coxa dela, e a acertou com a joelhada que dei no seu traseiro. Ela cambaleou para frente e me soltou. Sua espada se fincou na terra ao lado da minha cabeça. Peguei sua perna e a revirei, puxando-a para mais perto de mim. Com uma mão, apertei sua garganta, e com a outra firmei no chão a mão que segurava a espada. Torcendo os delicados ossos do pulso dela, fiz com que a espada se soltasse dos seus dedos.

— Me perdoa — sussurrei, apertando até que as veias dos olhos dela estourassem e ela parasse de lutar. Apertei um pouco mais. Ela estava morta. Comecei a chorar.

Lágrimas grossas caíram sobre seu traje preto. Mas os meus amigos não podiam ser usados para machucar ninguém. E ninguém iria fazê-los se esquecer de quem eram.

Tirei o corpo dela de cima de mim, ainda chorando, e encontrei a arma no capim alto, por sorte. Eu me levantei e passei o antebraço sobre os olhos.

Resfolegava. Quando abri os olhos, a Miranda surgira do meio do mato. Seu rosto estava condoído, triste. Eu gostaria de poder dizer algo que deixasse tudo em paz.

— Eu te amo — ela falou.

Comecei a chorar de novo, com o rosto pinicando, as bochechas doendo. Mas aponteí a arma para ela, tremendo.

— Não faça isso — ela pediu. — Eu te amo, Rhys. Você é o meu irmão.

Ela estava falando por falar? Era uma cilada? E tinha importância? Eu não confiava nela. Ela veio com os outros.

— Mostre as mãos, Miranda.

Ela ergueu as mãos, com as palmas estendidas, e andou até a clareira.

Ouvi um helicóptero à distância, com o tênue chiado ritmado das hélices.

— Pare aí mesmo — ordenei.

Por ser a Miranda, ela ignorou e se aproximou. Em pouco tempo, estava bem na minha frente. Minha resolução se dissolveu quando ela afastou minha arma e envolveu os braços em mim. O corpo dela tremia contra o meu.

Ela estava com medo.

— Volte comigo — ela pediu. — Venha pra casa.

— Eu não posso.

— Sinto muito, Rhys — ela puxou a faca das costas e me empurrou, tentando cortar a minha garganta de lado a lado. Eu bloqueei com o antebraço; a lâmina atravessou o traje e a carne, atingindo o osso. Dor pura, quente. Pus a arma contra seu tórax e puxei o gatilho. Ela engasgou.

Arranquei a faca do meu braço e a segurei enquanto ela caía sobre mim. Eu a mantive em pé e ela olhou para os meus olhos.

— Espero que você esteja certo — ela sussurrou. — Não acredito que você esteja, mas eu espero. Espero que você...

— Eu estou.

— Então mate todos eles — ela descansou a testa contra o meu peito e morreu.

Então fiquei totalmente sozinho, mas aquilo não me deixou triste. Não houve lágrimas porque elas evaporaram com a raiva. Com mãos trêmulas, eu a deitei no capim, ao lado da única família que eu conhecera.

Eles nos criaram como armas e eu iria mostrar o que acontece quando elas não são usadas com responsabilidade.

Eu mataria todos, como Miranda pediu.

Lentamente, tomei o rumo para fora da floresta.



ABRI OS OLHOS E ME DEBULHEI EM LÁGRIMAS. SOLUÇOS dominavam meu corpo. As visões do Rhys mexeram com alguma coisa dentro de mim. Eu me aproximei dele, e ele de mim. Enterrei o rosto em seu ombro e chorei, chorei, chorei. Não por causa da dor de cabeça, latejando onde as agulhas da faixa pinicaram a pele. Mas pelo horror que ele sentira, que passava a ser meu também. Ainda percebia o peso do gatilho, a pontada no coração por cada um que ele matara. Aquelas perdas superavam qualquer coisa que eu experimentara antes. Aquela dor era o único motivo para não sair correndo do apartamento, para eu não afastá-lo da minha vista com desprezo. Por mais impossível que parecesse, eu entendia o que ele fizera, e o motivo.

— Agora você sabe — ele disse. — Você os matou.

— Sim, matei.

— Você teria nos matado...

— Se vocês não tivessem descoberto a verdade por conta própria, ou se eu não pudesse mostrar a vocês a tempo...

As memórias continuaram comigo, mas a vivacidade diminuiu até eu voltar a respirar normalmente. Rhys me abraçou esse tempo todo. Queria perguntar onde o Noah estava, porque sabia que ele não estava ali. Caso contrário, estaria ao meu lado. Vi que a tarde avançava lá fora. Olhei para o relógio sobre o fogão — 15:47. Eu passara horas com as lembranças do Rhys, apesar de a sensação ter sido de apenas alguns minutos.

— Por que nós somos diferentes? — perguntei.

O hálito dele fez cócegas na minha orelha ao falar.

— Sua equipe foi a primeira criada fora da influência dos “pais”. Vocês vieram um ano depois de nós, e a atual equipe Beta veio um ano depois de vocês. Talvez tenha sido a influência dos criadores o que impediu a minha equipe de ver a verdade, algo que vocês nunca tiveram enquanto cresceram — ele se afastou um pouco. Eu queria esconder os olhos inchados e úmidos, mas ele passou uma mão firme pela minha bochecha. — Sua equipe nunca me conheceu — ele continuou. — Se houve outras versões de mim, nunca as

encontrei. Talvez eu seja especial. Ou talvez eles tenham removido o meu clone das suas memórias.

Ele fez uma pausa, enrugando as sobrancelhas loiras.

— Mas isso não explica por que você já usou a faixa de memória antes e os outros não... — ele balançou a cabeça e expirou fundo pelo nariz.

— Eu não sei mesmo. O que sei é que as tatuagens dos Betas vieram pouco depois que escapei. Era só uma questão de tempo até controlarem vocês.

Limpei o nariz no traje com o antebraço, o que não deu nada certo.

— E nesse caso não estaríamos aqui pra lutar.

— Exatamente — ele esperou um momento até eu me recompor, assoando o nariz e enxugando as lágrimas. — Você me odeia?

A pergunta me espantou.

— Não — movi as pernas para o lado no sofá.

Ele se levantou. — Onde estão Noah e Olive?

— Eu mandei recuperarem a caixa de H9 e as injeções de memória. Roubei o suficiente pra durar.

— H9 — repeti.

— A coisa que vamos usar para destruir os laboratórios deles. Você já deve estar familiarizada.

Os explosivos que acabaram com a minha casa.

Sim, eu estava familiarizada.

Ele não tentava esconder a dor nos olhos. Talvez não se importasse que eu visse. Eu mal podia imaginar como era para ele encontrar conosco, uma cópia quase exata de sua equipe. A equipe que ele tinha assassinado para salvar do destino monstruoso. Eu ainda não conseguia assimilar muito bem; precisava existir um outro jeito. Se aquilo fazia sentido, ele também poderia nos matar, antes que fôssemos capturados.

— Onde você conseguiu essa faixa de memória? — perguntei, deixando os pensamentos terríveis de lado por um tempo.

— Eu a roubei. Você viu, no escritório da sra. North. Junto com um bom suprimento de soro pra memória. E algumas armas e H9 do arsenal da equipe Beta. E desde esse dia eu tenho observado vocês, as duas equipes, esperando para agir, vendo em quem eu podia confiar.

Confiar. O conceito parecia engraçado quando visto do lado oposto. Meus instintos gritavam o tempo todo para não confiar nele, simplesmente por não conhecê-lo.

Não parei para considerar que talvez nós também tivéssemos que merecer a confiança dele. Eu queria lutar contra aquele estranho elo que começava a construir com ele. Mas senti que não conseguiria fazer isso, seria

como lutar contra mim mesma. Eu tinha um pedaço dele dentro de mim. Não havia mais volta, não tinha como apagar a memória compartilhada.

— Não se assuste — ele falou –, mas o vermelho nos seus olhos está mais forte ainda. É como a máquina funciona... — Como? — Acho que ela espeta seu crânio com agulhas microscópicas, pequenas demais para se ver. Quando a máquina está infiltrada em todo o seu cérebro, ela pode recriar a memória, como se estivesse acontecendo na hora. Acho que isso inclui os olhos.

O pensamento de agulhas nos meus olhos não me caiu muito bem no estômago.

— E eles construíram essa máquina pra criar mais versões de nós? Pra armazenar nossas identidades? — Eu não sei para o que mais poderia ser.

Ah, eu tinha certeza de que havia todo tipo de utilidades nefastas para aquilo, coisas que nem conseguíamos imaginar.

— Você vai mostrar aos outros?

Ele balançou a cabeça e se sentou de novo no sofá.

— Não. Eu não vou contar. Não até que tudo isso acabe. — Por que não? Você mostrou pra mim. — É doloroso demais na primeira vez. Fisicamente.

Ao menos foi pra mim. Se vamos atrás do Peter essa noite, eles precisam estar preparados. E eu não quero que estejam distraídos. Podem não levar tão na boa quanto você.

— Eu tô levando na boa?

Ele encolheu os ombros.

— Você ainda tá aqui.

Acenei com a cabeça. De repente, uma sensação esquisita: estar ali, sem os outros. As emoções do Rhys pela outra Miranda fluíam através de mim enquanto eu me lembrava. O quanto ele se importava com ela, como uma irmã. Ele deve ter percebido.

— Não se preocupe — ele disse. — Eu sei que você não é a Miranda que conheci. Sei disso. — Ok — e então uma coisa me ocorreu: — Qual é o seu nome? — Rhys... — Seu sobrenome?

A boca dele se apertou.

— O sobrenome do meu pai era Noble. A bobagem dos sobrenomes com pontos cardeais veio de uma missão de treinamento quando a gente era criança. Acho que a sua equipe fez a mesma missão, em que cada um começava em um ponto diferente do mapa. Eu nunca fiquei com uma direção. Sou apenas o Rhys.

Eu não me lembrava daquela missão.

— E a sra. North?

Ele quase sorriu.

— Era assim que os nossos criadores pediam para que os chamássemos.

Sra. North. Sr. West. Acho que não confiavam em nós para nos passar os nomes verdadeiros. Eu só descobri o sobrenome real do meu pai porque ele me contou uma noite antes de desaparecer. — O que aconteceu? — Ele desapareceu pela manhã. Apenas sumiu.

Disseram que ele morreu. Nenhuma outra explicação.

A porta do apartamento se abriu. Meio segundo depois, o Rhys estava com o revólver na mão. Eu me senti mal ao ver a arma mais uma vez. Eu nunca a tocara, mas sabia exatamente qual era a sensação.

Eram apenas o Noah e a Olive, carregando mochilas pretas enormes. Noah me viu e largou a mochila no caminho.

— Você tá bem? — ele perguntou, parando a uma certa distância. — Eu não queria deixar você sozinha. — Eu estou bem — respondi. — Estou bem.

Mas não estava.

— O que foi que você viu? — ele quis saber.

Eu balancei a cabeça.

— Mais tarde eu conto. Precisamos manter o foco.

— Miranda...

— Preciso que você confie em mim, Noah. Por favor.

Ele ia continuar, mas o Rhys bateu palmas e disse: — Assim está melhor — ele se levantou e foi até a mesa da cozinha, onde Olive estava contando barras de H9. — Espero que vocês não se importem em fazer uma escalada.

Tomamos outra injeção de memória e discutimos o objetivo.

Rhys queria incendiar o prédio, com a esperança de que assim nos livraríamos deles de uma vez por todas.

Olive queria a mesma coisa, para que nada como aquilo pudesse acontecer novamente.

Noah queria libertar o Peter e obter mais respostas sobre a nossa origem e sobre os planos que tinham para nós, lembrando que a sra. Conlin dera a entender que seríamos usados de uma maneira que ainda não estava clara.

Eu queria tudo. Queria ficar livre. Mas, acima de tudo, queria o Peter de volta aonde ele pertencia: conosco. Se eu tivesse que acabar com um arranha-céu e matar os nossos criadores para conseguir isso, ótimo.

Peter podia aguentar aquela noite, mas nós concordamos que iriam privá-lo da medicação para limpar a memória dele e “reciclá-lo”. Chamei a Olive de lado enquanto o Rhys e o Noah discutiam os planos de invasão.

— Como você está lidando com isso tudo? — perguntei. Peguei uma garrafa de água da geladeira e dei um gole.

Ela encolheu os ombros.

— Estou bem, acho. Eu me lembro de alguns fragmentos. Eu me lembro

de você. O Noah me parece familiar. O que posso fazer além de ir levando?

Eu sorri.

— É assim mesmo. Foi assim para mim no começo. — Acho que não é tão ruim porque eu não tenho nada com o que comparar. Tudo parece... normal. Mas vou me lembrando. Talvez porque eu não tenha ficado tanto tempo sem uma injeção, né? Eu me lembrei do dr. Tycast e me lembrei de dirigir uma moto preta com você em uma estrada, com bastante vento. Você se lembra? — Lembro. Foi um dia divertido — na verdade, eu não me lembrava, e queria tanto lembrar que até doía.

Ela não pareceu acreditar.

— Vamos fazer de novo quando tudo acabar, certo? — Combinado.

Voltei para a mesa, onde o Noah estava balançando a cabeça.

— Vamos ficar exaustos se entrarmos escalando. Não existe maneira de invadir, colocar os explosivos e escapar sem nos perceberem. — Você tem outra ideia? — Rhys recostou-se na cadeira e cruzou os braços. — Sim. Vamos subir por dentro do prédio, explodindo para abrir passagem. Vamos usar as escadas como qualquer indivíduo normal.

Rhys balançou a cabeça.

— Você não conhece a segurança dali. Melhor escalar pela lateral do prédio, ou não vamos conseguir. Não temos que escalar o prédio inteiro, Noah, só até uma certa altura. Eles obviamente estarão nos vigiando na entrada. — Eu não gosto de ficar exposto na lateral de um prédio desse jeito, de noite ou de dia.

Rhys encolheu os ombros.

— Existem outras entradas, é claro. Todas repletas de câmeras.

Eu me sentei à mesa.

— E como vamos sair? — perguntei.

— Paraquedas — Rhys respondeu. E ele bem que poderia ter acrescentado um dã.

Noah falou: — Como você sabe que eles fazem as clonagens ali?

Pode ser em outro local.

— Quem disse que eu sei? Mas os pais e as mães ficam ali. É onde eles conduzem as pesquisas. E eles podem ter mais laboratórios no subsolo. Eu lembro que quando era criança eles iam lá pra baixo.

Ele não precisava explicar o que queria dizer com mães e pais.

Nossos “pais”.

— Eu gosto da ideia de destruir tudo o que pudermos enquanto procuramos pelo Peter — Olive falou —, mas talvez não devêssemos ficar ali por muito tempo, correndo riscos. Como é que um lobo faz? Primeiro, deixa a presa aleijada, depois espera até que ela se enfraqueça antes de matá-la.

— Lobos fazem isso? — Noah perguntou.

— Na verdade, eu posso ter inventado isso. O ponto é: explodir o topo do prédio vai chamar a atenção. Se a gente for com muita sede ao pote, podemos acabar nos machucando.

— Chamar a atenção — Rhys repetiu, pegando uma caneta. O tom de voz dele dizia que não iríamos a lugar algum até terminarmos o trabalho, o que para mim estava bom. Ele foi até a janela grande com vista para a cidade. Vi luzes de emergência cintilando à distância, alguns jipes camuflados percorrendo a estrada. No vidro, Rhys desenhou uma linha horizontal marcando onde o prédio terminava e a cobertura começava. — A base é dessa parte pra cima. O primeiro andar era a nossa área de convivência. O segundo era um laboratório. O terceiro, onde éramos treinados — ele continuou e desenhou uma linha vertical que ia da cobertura até abaixo do prédio. — E aqui fica o subsolo.

Não sei o que acontece ali, mas sei que há um elevador que vai pra lá. Um a que o resto do prédio não tem acesso.

— O H9 pode destruir o prédio inteiro? — indaguei.

Rhys tampou a caneta e deu um tapinha com ela nos lábios.

— Acho que não. Mas a empreiteira que fez o prédio também tem sua culpa, então não importa. Se fizermos direito, vamos acabar só com a cobertura. Eles vão ter um trabalho infernal pra arrumar, mas o prédio vai continuar estruturalmente intacto.

Ele apagou com a mão o desenho no vidro e se virou para nós.

O arranha-céu nos assombrava à distância, encoberto pela fumaça dos incêndios que ainda persistiam lá fora. Esperando por nós.



NO ARSENAL DO RHYS, QUE NA VERDADE ERA SÓ UM closet, escolhi uma espada reta e munição extra para o rifle de combate G36C. Noah pegou o rifle também, além de uma coleção de facas pretas de arremesso que colocou no peito em uma bandoleira.

Rhys continuou com a combinação de revólver e espada.

Noah me entregou um rádio minúsculo de ouvido.

Olive ficou olhando para o arsenal. Estendi a espada para ela, oferecendo o cabo.

— Quer experimentar?

Ela olhou para a espada, então deu de ombros.

— Eu sou boa no quê?

Sorri.

— Acho que você sabe de tudo um pouco.

Ela vasculhou o closet e retirou um bastão de metal, que segurou com ambas as mãos, testando o peso. Ela girou um pouco a arma.

— Acho que vou ficar com esse. — Até aqui você mandou bem com isso aí — dei um tapinha com os nós dos dedos nas costas dela. — Vai fundo.

Ela prendeu o bastão em um ímã, depois retirou duas pistolas e um cinto com coldres. Resolvi me afastar.

Parecia um momento de privacidade. Ela estava redescobrando as armas com que tinha treinado por toda a vida. Ergueu uma Colt para a luz, puxou o percussor e examinou dentro da câmara da arma. Então abaixou a pistola.

— Obrigada. Por me ajudar. — Eu sei como é.

Depois de nos equiparmos, nos alongamos no chão da sala de estar. Era difícil parar quieto; parecia que o sol nunca iria se pôr. Rhys ofereceu um pouco de comida e água. Noah ligou no noticiário, mas o Rhys desligou depois de alguns minutos. O mundo pensava que algum tipo de ameaça química ou biológica fora despejada por aviões. A cidade estava sob quarentena. Apenas militares e o CCPD, Centro de Controle e Prevenção de Doenças, estavam autorizados a circular pelo centro, ao menos até que o considerassem seguro

novamente. Eles mostravam cenas filmadas por helicópteros dos carros abandonados nas ruas e da multidão enfurecida se aglomerando a trinta metros de um bloqueio de soldados armados. As pessoas estavam presas na cidade. Fiquei aliviada quando o Rhys apertou o botão de desligar.

O céu azul logo ficou roxo. A Key Tower parecia vazia e escura, com poucas luzes acesas ao longo dos andares. Ambulâncias e carros amarelos do CCPD patrulhavam as ruas, luzes vermelhas quase fantasmagóricas se movendo entre os prédios. A energia psíquica desaparecera, mas o centro da cidade continuava vazio.

O plano não era ideal. Escalar pela lateral do prédio, alto o suficiente para que não nos vissem entrar. Então invadir e colocar H9, resgatar o Peter e dar o fora com os três paraquedas. O que significava que dois teriam que descer do jeito mais difícil, saltando ou descendo pelas paredes ou de algum outro jeito. Não havia tempo suficiente para conseguir outros paraquedas. E estava bom assim mesmo. Nós éramos Rosas e tínhamos uma missão e iríamos até o fim. Por ora, eu estava com um paraquedas discreto nas costas, assim como o Rhys e a Olive.

Assim que ficou completamente escuro lá fora, saímos do prédio e percorremos algumas ruas vazias.

Havia alguns helicópteros no céu, iluminando o chão com holofotes, mas nós os evitávamos facilmente. De qualquer modo, acho que não estavam nos procurando.

Ao longe, na rua, notei homens em trajes de proteção, testando o ar com aparelhos manuais. Tivemos que nos agachar em um beco quando um jipe Humvee passou rosnando por uma esquina, o pesado motor a diesel soava como milhares de martelos batendo. Os soldados usavam máscaras de gás e capas de plástico verdes.

Logo chegamos à base do arranha-céu. Olhei para o topo. Rhys mirou para a cobertura com sua pistola-arpão e atirou. Um ping! agudo. O gancho e a corda voaram bem alto na escuridão. Não ouvi o gancho se prender à borda, mas Rhys deu alguns puxões para garantir.

— Estão vendo? Totalmente seguro — sem dizer mais nada, ele apoiou o pé na lateral do prédio e começou a escalar, uma mão depois da outra. Eu o perdi de vista no escuro.

Alguns minutos se passaram, até que uma voz surgiu no meu fone de ouvido.

— Muito bem, North, sua vez.

Respirei fundo e me agarrei à corda. Eu não tinha medo de altura, mas existe uma diferença entre saltar sobre telhados vazios e subir pela lateral de um

arranha-céu em uma corda sem poder ver no que vai dar. Plantei o pé direito na parede.

— Miranda — Noah chamou. — O quê?

Ele abriu a boca. E fechou.

— Tome cuidado. — Sempre.

Parecia até uma coisa esquisita de se dizer, considerando os últimos dias. Foquei nas minhas mãos, colocando uma após a outra. Os pés cheios de escamas seguraram firmes nas janelas. Os antebraços e dedos ardiam, mas eu tentava ignorar. Não olhava para baixo.

Uma mão avançou e agarrou minha cintura. Quase gritei, mas era apenas o Rhys. Eu já estava na primeira sacada.

Ele me puxou para cima e para o lado. Apoiei o pé no chão duro, então fui para a ponta oposta, onde observei a cidade escura. Subíramos apenas uns trinta metros, talvez menos.

O comunicador no meu ouvido estalou.

— Olive, você é a próxima — Rhys falou.

Naquela hora, já não havia mais como voltar, nem se eu quisesse. A subida deixara meus nervos à flor da pele.

Enquanto Noah e Olive subiam, decidi usar o meu tempo com sabedoria e me sentei, de pernas cruzadas, para meditar. Mas não funcionou; eu estava com muita adrenalina. Logo todos nós estávamos juntos na sacada.

Rhys puxou a espada e quebrou a janela mais próxima. Ela se despedaçou, criando um buraco irregular grande o bastante para atravessarmos.

Entramos no escritório escuro, encontramos as escadas e começamos a subir.

Movendo-nos lentamente, trecho por trecho, atentos aos ruídos mais sutis, levamos perto de duas horas para chegar ao 57º andar. Rhys e eu conferíamos a presença de equipamentos de vigilância, enquanto Olive e Noah cobriam a retaguarda.

A porta para o 57º andar estava fechada com um cadeado. Rhys cortou um pedaço fino de H9 e o colocou no cadeado, então enfiou um dos detonadores minúsculos em forma de bala no material flexível. Aquilo queimou em um instante.

A porta abriu com um rangido e entramos no escritório.

Rhys apontou para o teto.

— Bem acima de nós está o primeiro andar. Neste canto do prédio ficavam nossas camas. Deve estar vazio. — Deve estar? — Noah repetiu. — Sim. Eu não tenho visão raio x, tenho? — Acho que não — Noah respondeu. — Parem com isso — reclamei.

Rhys balançou a cabeça e saltou até a mesa de trabalho de alguém, chutando uma pilha de papéis.

Removeu o painel do teto, então pegou um pedaço maior de H9 da mochila e colocou-o no lugar. Com as mãos ainda no teto, olhou para nós.

— Acho melhor irem para o outro lado do escritório.

Obedecemos. Ele foi correndo logo depois. Por um segundo, pensei que havia falhado, mas as faíscas começaram a cintilar do teto, e em seguida pedaços de aço derretido despencaram sobre a mesa, que rapidamente se cobriu de chamas. O quartel-general do Projeto Rosa estava oficialmente sob nosso ataque.

— Desculpe — Rhys disse, como se o dono daquela mesa pudesse ouvir. Noah pegou um extintor de incêndio da parede e borrifou a mesa com espuma branca.

Nós nos juntamos sob o buraco e olhamos para a escuridão acima. A abertura mudava a acústica do escritório; eu podia ouvir a sala escura no alto.

— Muito bem — Rhys disse. — Quem vai primeiro? — Espere aí. Isso não tá certo — Noah interveio.

Rhys jogou as mãos para o alto.

— Ah, que bom. Logo agora ele resolveu ficar na dúvida.

Noah continuou: — Na verdade, eu já tinha minhas dúvidas antes. Mas tudo o que eu queria dizer era que a gente devia se dividir.

Olive apoiou os polegares no cinto.

— Ah, é? E por quê?

Noah olhou fixo para ela na penumbra. Atrás dele, pela janela, eu via a vasta extensão do lago brilhando sob o luar.

— Pense um pouco. Nós quatro em corredores estreitos? Não vamos ser muito eficientes. Eles podem nos pegar todos de uma vez. Se a gente se separar, podemos colocar explosivos em lados opostos e depois nos encontrar em outro lugar. Vai ser melhor e mais rápido. — Não. Vamos continuar juntos — eu disse. Apesar de o argumento ser válido, seria muito arriscado, muito imprevisível. Eu não queria um de nós encurralado ou capturado, forçando os outros a mais um resgate ou abandono. Ou todos venceríamos, ou morreríamos juntos.

Olive consentiu com a cabeça.

— Eu concordo com ela. — Ela tá certa — Rhys falou. — E só eu conheço esse lugar. Vocês iriam se perder.

Noah ficou sem resposta. Tomei a iniciativa ao saltar através do buraco. Com cuidado para não encostar nas bordas em brasas, usei o pé para empurrar o corpo do buraco para a outra sala. Fiquei com o peito do pé meio queimado só de tocar ali por um segundo. O ar lembrava um forno.

A outra sala estava escura demais para discernir detalhes, só dava para

ver o contorno das camas. E de repente não estava mais tão escuro, porque luzes vermelhas surgiram de todos os cantos. Um alarme terrível massacrava meus ouvidos.

Eles sabiam que estávamos ali.



RHYS FOI O PRÓXIMO A SALTAR PARA CIMA E JÁ CHEGOU sacando a espada e o revólver, ainda no ar. Então foi o Noah, que aterrissou se agachando e sacando o rifle. Parecíamos etéreos em meio às luzes vermelhas piscando.

— Noah, cubra a porta! — Rhys gritou, enquanto tirava um bloco de H9 da mochila, sem largar a arma.

Noah apontou o rifle para a porta, assim como eu.

De soslaio, observei Rhys cortar outra fatia do bloco de explosivo e grudá-la no teto. Dois soldados vieram correndo pela porta e tombaram no chão quando abrimos fogo. Atirei apenas uma rajada curta, para economizar munição. O número de alvos lá em cima era desconhecido. Podia ser uma dúzia de soldados ou mais, além dos criadores e do Tobias e da Nicole.

Por trás do alarme, ouvi o chiado e estalos de metal derretido, enquanto o H9 corroía o teto. Uma granada pequena chegou girando no quarto, pela porta aberta.

Identifiquei o clarão — uma granada que desorienta com som e luz em vez de estilhaçar. Ela quicou uma vez no chão e desapareceu pelo buraco que fizemos no teto do 57º andar. O clarão de luz e o estrondo não nos afetaram. Nós é que afetamos os guardas que entraram pensando que estaríamos cegos e surdos.

O buraco novo que Rhys criara estava diretamente acima do primeiro, de modo que o metal derretido caía até o 57º andar em vez de se empilhar no nosso.

Depois de alguns segundos, o buraco acima parou de chamuscar.

Noah nos deu cobertura enquanto saltávamos direto pela abertura e rolávamos para o chão, evitando uma queda de dois andares sobre uma pilha de metal morno contorcido.

Eu me levantei rapidamente e ergui o rifle.

Não havia nenhuma ameaça.

Não havia nenhuma luz vermelha piscando naquele quarto, nenhum

alarme, a não ser o baque surdo embaixo de nós. Aquela era a sala de cirurgia, com macas e monitores e luzes fluorescentes. O silêncio relativo era quase assustador. A luz vermelha vinda do buraco pintava o teto como se fosse sangue.

Só uma cama estava ocupada. A faixa de memória estava envolvida como uma venda grossa na cabeça de uma garota. Reconheci o cabelo arruivado bem apertado junto aos ouvidos.

Era eu, a outra Miranda.

Outro clone.

Fui até ela, passando o rifle para as costas. Noah parou ao meu lado, de olho na porta e de arma em riste.

Eu levantei lentamente a faixa da cabeça da garota. Ela estava nua debaixo do lençol.

— Miranda — Noah falou para mim. — Eles têm o meu molde — eu disse. À minha direita, Rhys colocava um bloco inteiro na parede. Ele acionou o contador. Os números piscaram em vermelho, então desapareceram, uma contagem regressiva invisível. Olhei mais uma vez para a outra eu.

Os olhos dela se abriram.

Ela se sentou, inalando com dificuldade. Afastei-me e ergui o rifle automaticamente.

Ela pôs os braços sobre o peito, que ficou à mostra quando o lençol caiu. Mas ela não estava cobrindo o corpo; parecia que estava com dor.

— Eu fui atingida. Tinha sangue — ela disse, e olhou para mim como se eu tivesse duas cabeças. Então viu os outros. — Noah? Olive?

Noah olhou para ela, depois para mim.

— Ah, meu Deus. — Do que você se lembra? — Rhys perguntou. Ele encontrou um vestido amarrotado na outra cama e o pegou. Colocou-o por cima da cabeça dela e a forçou a passar os braços por dentro. Ela ainda estava apertando o peito. — Eu fui atingida. Noah, por que você me abandonou? — ela não chorou, mas os olhos ficaram aguados. Rhys a ajudou a sair da cama. Noah olhou para ela de queixo caído, lembrando-se de alguma coisa que eu não poderia saber o quê. Ele tinha me abandonado.

Mas como ela podia saber? Aquilo era algum truque terrível para nos distrair?

— Noah! — gritei.

Mais dois soldados apareceram apressados na sala, com capacetes e rifles de combate, e já chegaram atirando. Uma bala ricocheteou no traje do Noah. Atirei e a bala atravessou o capacete do soldado da esquerda. As pistolas da Olive dispararam algumas vezes, livrando-nos do soldado à direita.

Noah conferiu o traje.

— Que droga. Isso dói — ele estava olhando mais uma vez para o clone.

A outra Miranda se levantou da cama, tremendo, vestida com aquele vestido fino. Olive pegou a mão dela e a levou para os fundos. Ela disse para o Rhys: — Eu fico de olho nela. Continue andando.

O alarme foi desligado. As luzes pararam de piscar no andar de baixo.

Rhys acenou com a cabeça e preparou outra barra de explosivo, mantendo o revólver à mão. Deixamos a sala de cirurgia para trás, com um Rosa a mais.

Seguimos para o quarto seguinte e para o próximo. Rhys não dizia quanto tempo ainda tínhamos. Alguns dos quartos pareciam escritórios, e outros, laboratórios.

Cada um recebia uma barra inteira de H9, sem economia.

Todos os contadores estavam sincronizados.

Rhys segurava as duas últimas barras. Ele ofereceu uma para mim: — Você quer?

Eu fiz que sim e ele a jogou para mim. Enfiei-a na mochila que estava nas minhas costas, abaixo do paraquedas.

Uma coisa estava ficando muito clara.

Peter não estava ali.

— Temos alguns minutos — Rhys avisou.

Senti um calafrio, não deveria ser assim tão fácil.

E não era.

Fizemos uma curva, virando para um corredor.

Tobias e Nicole estavam ali, em frente ao elevador. Nós gelamos ao vê-los. Paralisamos no início do corredor, sem nem pensar em erguer as armas, porque sabíamos que eles não nos dariam chance. Estavam com os rifles apontados para nós, bem nos pontos vitais. Na minha visão periférica, vi o Noah recuar lentamente para o outro corredor; como havíamos parado bem na curva, o ângulo o escondia bem.

— Soltem as armas — Tobias ordenou.

Ajoelhei-me lentamente, erguendo a correia do rifle por cima da cabeça e colocando-a no chão. Eu me perguntava se eles sabiam que só tínhamos alguns minutos antes que o prédio virasse um vulcão. Tirei a espada e a joguei no chão também.

Nicole sorriu. Ela tinha uma malícia nos olhos que eu nunca vira na Olive. Imaginava que o que tornava a equipe Beta diferente não podiam ser apenas as tatuagens. Ou talvez a malícia fosse apenas uma alegria perversa — afinal de contas, eles venceram.

— Onde está o Peter? — perguntei, tão firme quanto fui capaz. — No

subsolo — Tobias respondeu, sorrindo atrás do rifle. — A gente sabia que vocês estavam vindo, então a sra. North decidiu mantê-lo lá embaixo — os olhos dele se apertaram. — Onde está o Noah?

Eu só pensei: “Ele está se esgueirando atrás de você”. Noah pôs um dedo nos lábios. Ele devia ter passado por algum corredor paralelo para chegar por trás deles.

— Vamos matá-los de uma vez — Nicole disse. — Eles são perigosos demais. — Você tem razão — retruquei.

Noah chegou deslizando pelo espaço ao lado do Tobias, desviando o rifle dele para o teto. Eu mergulhei e rolei com o ombro e recuperei o meu. Rhys era mais rápido que todos e chutou o revólver para o alto, como uma embaixadinha. Ele o pegou no ar no instante que Noah quebrava o pescoço do Tobias com um estalo sonoro, como ele fizera com o Joshua. Nicole abriu fogo. O clarão de sua arma me cegou. Rhys também atirou, uma vez. A Nicole caiu no chão. Corri e chutei a arma dela para longe, apesar de ela já estar morta.

— Nós temos quanto tempo? — perguntei.

Rhys checkou o relógio.

— Seis minutos.

A outra Miranda estava gritando atrás de mim.

Eu me virei.

Olive estava esparramada de costas, com os braços jogados. Havia sangue o suficiente para eu entender que uma das balas da Nicole encontrara o alvo. Ajoelhei-me para checar a Olive, levantando sua cabeça e abraçando-a enquanto os outros ficavam à nossa volta, desolados.

Não havia nada que pudessem fazer.

Olive estava morta.

Não sei quanto tempo se passou até que o Rhys pegasse no meu ombro.

— Precisamos ir. O tempo tá passando.

As lágrimas secaram e a única coisa dentro de mim era fogo. Pensava que já sabia o que era raiva, mas eu estava errada. Senti raiva pelos nossos criadores. Pelas outras versões de nós. Pelos cérebros transformados que nos deram poderes estranhos. Pela nossa transformação em armas. Pelas pessoas que queriam nos usar. Por tudo. Raiva que tomava conta de mim e me dava força.

Deixei a Olive no chão e me levantei, tirando o paraquedas das costas.

— O que você pensa que tá fazendo? — Noah falou.

Rhys colocou a última barra de H9 na parede. Nossa rota de fuga. Ou melhor, a rota de fuga deles. Não a minha.

— Vou para o subsolo.

Os olhos do Noah se agitaram, ele pensava que podia me impedir. Ergui a

mão para que ele não dissesse nada, então abri os braços para um abraço. Ele não pôde resistir. Ele se aproximou, enquanto o H9 queimava um buraco que se abria para fora. A pressão do ar mudou e um golpe de vento fez meu cabelo esvoaçar. Agarrei o braço do Noah e o puxei para desequilibrá-lo, dando um passo atrás e envolvendo o braço em volta do pescoço dele. Ele se debateu no começo, mas não queria me machucar. Rhys me viu sufocá-lo até deixá-lo sem consciência, com um olhar morto no rosto. Eu o deitei gentilmente, ao lado da Olive. Então apertei o botão do elevador.

Rhys olhava para mim, diante do buraco irregular que se abria para a noite.

— Coloque o paraquedas nele e o acorde. Deem o fora daqui. Eu encontro vocês lá fora — falei.

Ele queria discutir, mas não havia tempo. Apenas acenou com a cabeça. Fui para o elevador.

— North — ele falou.

Desviei o olhar, que estava nos botões. Só havia dois — um marcado com um S e outro com um C.

Ele jogou o revólver. Agarrei-o no ar. A espada dele veio em seguida e era a coisa mais linda que já caíra nas minhas mãos. Sólida, leve e reta, com uma lâmina perfeita.

— Eu a chamo de Língua de Fogo — Rhys disse, observando a espada.

Senti que devia dizer mais alguma coisa, uma espécie de adeus. Havia uma ligação entre nós que eu não podia explicar, com as memórias dele para sempre na minha mente. Mas eu não precisava dizer adeus, porque iria vê-los novamente. Só precisava tirar Peter dali.

— Cuide bem deles — pedi, e apertei o botão.

Sustentei o olhar enquanto as portas se fechavam. O elevador desceu.



CHEQUEI O TAMBOR DO REVÓLVER — SEIS BALAS. ELE DEVE ter recarregado em algum momento depois de atirar na Nicole e antes de me afastar da Olive. O rifle que deixei para trás podia ser high-tech, mas era um trambolho. Entendi por que o Rhys escolhia aquela combinação de armas; era elegante e prática.

Pensei que talvez, se eu escapasse viva, um dia faria como ele.

O elevador descia mais rápido que o normal. Eu sentia a leveza na barriga e via os andares passarem voando em um pequeno mostrador acima dos dois botões. Puxei o percussor do revólver e o apontei para a porta.

O elevador parou de maneira tão brusca que precisei dobrar os joelhos. As portas se abriram.

Um túnel quase totalmente escuro terminava em um estranho brilho verde-azulado. Desci, com a arma em riste e a Língua de Fogo empunhada ao contrário, apoiada no braço. As portas sussurraram ao se fechar atrás de mim e os cabos rangeram enquanto o elevador subia.

Andei o corredor todo com um passo após o outro, e o único som era o da minha respiração leve e o do cascalho roçando suavemente sob meus pés. A arma parecia cada vez mais pesada, mas eu podia manejá-la.

Depois de uns trinta metros, entrei em uma galeria com arcos negros que se erguiam a cerca de trezentos metros do chão. Um zumbido monótono preenchia o ar, suave, relaxante. Vinha de quatro fileiras de tanques alinhados, cada um deles um metro mais alto que eu.

Não havia mais nada ali. Quatro fileiras com dez tanques cada. Todos com um brilho azul-esverdeado. Todos iluminavam uma pessoa suspensa ali dentro. Em cada fileira, um nome destacado acima dos tanques:

PETER

NOAH

MIRANDA

OLIVE

Rhys não constava.

A fileira da Miranda era a terceira a partir da esquerda. Dois dos tanques estavam vazios e escuros.

Cada um parecia conter uma versão diferente de nós.

Alguns eram crianças, outros pareciam ter a nossa idade.

Eu viera dali. Era meu local de nascimento. Não conseguia pensar em mais nada. Apenas uma falta de compreensão generalizada. Talvez apenas uma questão: como aquilo podia ser real?

Olhando fixo para o campo de tanques, deixei a arma cair ao meu lado. Quando eu a levantei do chão, vi duas figuras do outro lado da arcada, entre a segunda fileira, do Noah, e a terceira, da Miranda.

Era a sra. North, minha origem, na falta de uma maneira melhor de dizer. Peter estava de joelhos ao lado dela, com os braços atados às costas, a boca amordaçada com um pano branco. Ele estava com um olho roxo e havia sangue coagulado na mordada.

Não perdi tempo. Simplesmente puxei o gatilho e o revólver estalou na minha mão, arranhando a pele. O teto infinito engoliu o barulho. Saía fumaça do cano, mas a sra. North desaparecera. Peter ainda estava ali, de joelhos, gritando alguma coisa atrás do pano. Avancei alguns passos até ele, detestando a maneira como os tanques iluminavam o meu traje com uma luz assustadora.

À direita, vi um clarão de escamas pretas no meio das espumas dos líquidos. Atirei mais uma vez e acertei um dos tanques. O plástico se rasgou, e em seguida vi o fluxo de gosma azul-esverdeada se espalhando pelo chão. Ela estava me atraindo para uma cilada. Queria que eu gastasse as balas até ficar sem munição. Mais um movimento, mais perto. Olhei — lá estava a sra. North, de pé sobre um dos meus tanques. Ergui a Língua de Fogo no mesmo instante em que a lâmina dela descia na minha direção. Ela queria que eu a visse; poderia apenas ter me atingido pelas costas.

A minha criadora queria brincar comigo.

Ela saltou por cima da minha cabeça para a fileira de Noah. Ergui o revólver, mas ela o arrancou da minha mão antes que eu pudesse mirar. Ainda assim disparou; um clarão de luz laranja se fez entre nós. A arma escorregou para longe e parou na poça que ia se alastrando. A sra. North saltou para o chão, e eu fui para a frente com uma série de golpes de espadas. Ela não se deu ao trabalho de bloquear, e em vez disso andou para trás no meio do líquido viscoso, abaixando o torso quando necessário. Ela parecia exatamente como eu, apenas mais velha, com ruguinhas ao redor dos olhos.

Os mesmos cabelos castanho-arruivados. Os mesmos olhos vermelhos da faixa de memória.

A respiração dela estava suave.

— Você é melhor que a última Miranda. Estou impressionada.

O revólver estava meio submerso no líquido que nos rodeava.

— A Miranda da equipe Alfa original — eu disse. — A que o Rhys matou.

A sra. North riu. Ela estava perto de dois tanques vazios da minha fileira. Uma era da Miranda que encontráramos na sala de cirurgia.

E uma para...

— Não — a sra. North disse. — A que o Noah sequestrou e largou em Columbus — ela passou os nós dos dedos no tanque vazio. — Vá em frente, você se lembra. Eu deixei algumas lembranças intactas.

Enterradas, mas intactas.

— Não — balancei minha cabeça, lutando para continuar focada. Eu não podia deixar uma lembrança me dominar, não naquela hora. — Sim. Lembre-se — ela baixou o tom de voz e falou uma sequência de números. Muito rápidos para decifrar um por um, mas ouvi-os mexeu com meu cérebro. O código fez emergir outra memória, escondida no fundo da mente.

Eu não podia mais evitar.

Eu me lembrei.

Não sabia onde estava. Era uma cidade. Com prédios altos, que não me eram familiares. Eu estava em um parque pequeno, um desses meio desleixados que são construídos em um terreno abandonado e depois são esquecidos. Um garoto estava na minha frente. A dor nos olhos dele quase partiu meu coração.

— Você não vai entender isso por algum tempo — ele disse. — Não sei por quanto tempo. — Por que eu não consigo me lembrar de nada? — perguntei.

Ele pegou na minha mão e eu deixei, mesmo sendo um desconhecido. Ele esfregou os polegares dele nos nós dos meus dedos.

— Espero que você possa me perdoar algum dia.

Estou tentando manter você a salvo. Essa é a coisa mais egoísta que já fiz — ele soltou uma risada curta, desolada.

— Eu voltaria atrás se pudesse, mas não posso.

Atrás de mim, uma menina com cabelo preto estava parada de pé na rua. Ela estava nos olhando.

— Noah, ande logo — ela chamou.

Noah levantou um dedo.

— Estou fazendo isso porque te amo. Quando eu descobrir como nos manter seguros, vou voltar. Eu vou encontrar você. Apenas fique aqui. Você tem recursos.

Não arrume confusão, Miranda, tudo bem? Apenas pegue leve.

— Por que não posso ir com você? — Porque não acho que podemos vencer — ele me entregou uma folha de papel dobrada. — Essas são as instruções. Se você ainda estiver sozinha na data em que eu anotei, ligue para esse número. Pergunte pelo Peter e diga o que está escrito.

Eu peguei o papel, sem entender muito bem.

— Mas não vai chegar a esse ponto — ele disse. — Prometo que vou encontrar você.

Ele se inclinou e nos beijamos. Era automático. Será que eu geralmente beijava estranhos? O que ele dissera sobre me amar? Parecia que eu estava sonhando.

Sentei-me no banco do parque e vi o garoto ir embora com a menina. Eles não olharam para trás.

Eu estava correndo. Não sabia onde estava. Uma cidade com prédios altos desconhecidos. Estava chovendo e minhas roupas estavam encharcadas. Já era noite e eu não sabia para onde estava correndo ou do que estava fugindo.

Espere. Sim, eu sabia. As pessoas estavam tentando arremessar redes em mim. Alguma coisa estava errada com a minha cabeça; estava quente demais. Pensei que podia ser febre. A pressão atrás dos olhos era enorme.

Virei no beco seguinte e escorreguei em um papelão molhado. O ombro bateu em uma parede viscosa e tropecei para a frente. Estava encurralada. Eu me virei e vi uma mulher a alguns metros atrás de mim. Ela tinha cabelos ruivos bonitos e olhos brilhantes. Senti que a conhecia.

— Mãe? — Oi, querida. O que você está fazendo? — Não sei. Acho que tem gente me perseguindo.

Minha mãe acenou para mim.

— Venha pra cá, querida.

Eu não me lembrava de como chegara ali. Estava correndo e pessoas me perseguiam. Um homem apareceu atrás dela. O cabelo castanho curto dele brilhava com gotas de chuva. Ele me parecia familiar, como um garoto que eu vira antes. Como aquele menino com quem eu crescera. Como se eu tivesse dormido por um longo, longo tempo e ao acordar descobrisse que ele estava bem mais velho.

Aquilo não estava certo. Alguém me avisou para correr, para escapar. Não a minha mãe. Alguns nomes estalavam por breves instantes na minha cabeça — Peter, Noah, Olive. Eu me agachei para pegar um pedaço de cano enferrujado. Pareceu áspero e sólido na mão.

— Deixem-me passar.

A mulher disse: — Miranda, vamos pra casa.

— Você não é minha mãe. Saia da minha frente. — Não, Miranda.

Abaixe o cano.

Eu os ameacei, erguendo o cano sobre a cabeça.

Saltei. Eles ficaram sem reação e parti para cima para golpeá-los. Alguma coisa amarela foi disparada no teto que se alinhava com o beco e algo me acertou no peito.

Caí e arrastei os joelhos no chão antes de tombar. O cano rolou para uma poça.

— NÃO! — a mulher gritou. — Quem atirou? Quem atirou?

— Meu Deus — o homem ao meu lado disse. Um rádio estalou. — Isso foi desnecessário.

Minha barriga, parecia que a água debaixo de mim estava ficando mais quente, ia se espalhando. Eu não conseguia respirar. Não conseguia dar uma única inalada de ar.

A minha mãe se ajoelhou e me rolou até eu ficar de costas. O sangue borbulhava do meu peito, misturando-se à chuva. Ela tirou o cabelo do meu rosto. Eu olhei nos olhos dela, pensando: “Por favor, me conforte. Por favor, me diga o que tudo isso significa”.

— Estou ferida — falei. Ou ao menos pensei. Posso apenas ter aberto a boca sem dizer nada. — Eu sei. Sinto muito, meu bebê. Foi um acidente.

Minha mente enfim captava. O clarão no teto fora um tiro. Claro que sim. Eles atiraram em mim e eu estava sangrando.

— Você não vai morrer — ela falou. — Eu prometo.

Tentei dizer alguma coisa, mas minha boca não obedecia. Ela olhou para o homem.

— Nós já temos outro corpo pronto?

— Na verdade, dois. Eles já estão preparando um.

— Precisamos nos apressar — ela falou.

Ela se inclinou para deixar um beijo molhado na minha testa, mas os meus olhos se fecharam antes que ela encostasse em mim.

Abri os olhos. Havia uma luz branca brilhante acima de mim e um som constante ao fundo. Ergui a cabeça e vi que estava nua. Lembrei-me do beco, do sangue e da pressão no peito. Mas eu não estava ferida. Um pesadelo, então. Sentei-me com as costas retas e puxei os sensores e agulhas que estavam enfiadas em todo o meu corpo. Eu tinha que dar o fora dali. Não sabia por quê, mas sabia que era necessário.

— Relaxe — uma voz disse. — Calma, Miranda. Calma.

Na mesa de cirurgia, à minha esquerda, havia uma garota com cabelo castanho-arruivado. Ela estava nua como eu, com um buraco vermelho bem no meio dos seios. Em uma mesa entre nós havia uma argola grossa de metal escuro

atravessada por cordas e uma seringa vazia com uma agulha grande.

— Como você se sente? — a voz perguntou. Minha mãe saiu da escuridão.

— Estou morta — respondi, sem saber o que significava, mas era a verdade.

Ela parou entre as duas mesas. Ela pôs uma mão sobre a minha perna e a outra na perna da menina morta.

Olhou para as unhas dos pés da morta, que estavam pintados de vermelho-escuro, quase no mesmo tom que os cabelos.

— Droga, preciso pintar suas unhas — ela disse a si mesma.

Apontei para o cadáver.

— Foi isso o que aconteceu comigo. Alguma coisa acertou meu peito. Eu estou morta.

Minha mãe balançou a cabeça.

— Você acabou de nascer, querida — ela percebeu que eu não entendera, então suspirou. — Você se lembra de alguma coisa de casa?

Eu não sabia nem onde ficava a minha casa.

Ela me entregou um jeans e uma blusa preta.

— Vista isso. Você não vai se lembrar disso, mas precisa chegar em casa.

Em outra mesinha no meio, ela pegou a seringa. Não estava vazia. Havia um objeto em forma de pílula dentro.

Ela segurou firme o meu pé e enfiou a agulha na pele macia atrás do tornozelo. Ouvi o som do ar comprimido e a pequena pílula desapareceu. Não senti nada.

— Espero que isso não tenha sido à toa — ela murmurou, esfregando o tornozelo. Sua voz diminuiu para quase um suspiro. — Espero que você possa ir para casa e que não tenhamos que intervir — ela deu um último apertão no meu tornozelo.

Lágrimas escorreram pelo meu rosto, mas a respiração estava normal. Apontei para a menina morta na mesa.

— Aquela sou eu — eu disse.

Minha mãe olhou para a menina morta.

— Ela era.

Abri os olhos e me vi de volta aonde estava, entre as fileiras de Peters e Olives e Noahs e Mirandas. Não saberia dizer quanto tempo se passara enquanto eu revivia as lembranças. A sra. North não se movera.

Ficara apenas me observando.

Ela pousou a palma da mão em um tanque vazio.

— Este aqui era o seu.

Meu sangue pareceu ter sido trocado por chumbo.

Eu não era a Miranda North com que os outros cresceram.

Era apenas uma casca com alguns resíduos de memórias dela...

Eu não era ninguém.

Mas aquilo não era verdade. Peter ainda estava ajoelhado no final do corredor, e o olhar em seus olhos aquecia o chumbo nas minhas veias o suficiente para me pôr em movimento. Minha equipe precisava de mim e eu não iria falhar. Lembrei-me de quando o Peter falara para mim no banheiro. As palavras ditas no passado me davam força naquele momento.

Vamos criar novas lembranças, ele dissera.

A sra. North revirou a espada dela.

— Você era nosso primeiro molde na noite em que morreu. Então desci aqui e fiz a primeira cópia. Você.

Tivemos que usar a identidade fragmentada, já que seu namorado idiota enganou você com as injeções.

Ela tomou uma pausa para me permitir assimilar tudo.

— Como devemos chamar a garota que estava lá em cima? — ela perguntou. — Não importa — respondi. — Ela já era. Ela e tudo o que estava acima do 57º andar.

Se aquilo a perturbou, eu não sabia dizer.

— Olhe para essa galeria onde você está. Há muitas outras de você para criarmos.

Aquele passado não era o meu. Era da Miranda que morrera no beco.

Mas o futuro ainda podia ser meu.

A sra. North se agachou para pegar o revólver do Rhys, mas eu deslizei pela poça e chutei a arma para perto do Peter. Golpeei com a Língua de Fogo, mas a sra. North mergulhou para a frente, passando ao meu lado, e deslizou pelo chão. Ela rolou e se levantou enquanto eu me virava, e voltamos ao combate. Ela parecia saber previamente cada movimento que eu faria.

O som de aço raspando no aço soava continuamente.

Ela agachou sob um golpe horizontal, de trás para a frente, e a Língua de Fogo lascou um dos tanques de Noah. Um fluxo grosso de líquido azul-esverdeado correu, encharcando nós duas. Não tinha cheiro. Puxei a espada de volta, mas levei um segundo para isso, tempo suficiente para a sra. North abrir um talho de trinta centímetros no meu traje, logo acima do umbigo.

Gritei, pedalando para trás na poça. Tentei acertá-la na garganta, mas ela inclinou a cabeça para trás, e a espada passou acima do pescoço e do rosto dela sem nenhum arranhão. Em seguida, ela deu um salto mortal para trás, e seu pé se estendeu e chutou a mão que segurava a espada. O dedo mindinho se quebrou e

eu gritei mais uma vez. Dei um passo para a frente, desequilibrada, e ela completou o salto mortal perfeitamente, com um golpe de espada que abriu um corte na minha bochecha.

Escorreu sangue sobre o queixo. Um chumaço do cabelo flutuava no chão.

Ela avançou mais uma vez com estocadas. Fiz exatamente o que ela não esperava, o que eu não esperava. Deixei a Língua de Fogo cair e usei ambas as mãos para pegar o pulso dela, enquanto esquivava o dorso do caminho da espada. Girei até ficarmos ombro contra ombro, os quatro braços tensionados e lutando pela empunhadura da espada. Ela virou o rosto dela para o meu e bati com a testa no nariz dela. Senti que o quebrava entre os meus olhos e ouvi um gemido lento sair da sua garganta. Eu a empurrei, ainda ao alcance do braço. Ela piscou rapidamente, esforçando-se para enxergar. Enganchei o pé atrás do calcanhar dela e passei uma rasteira. Ela caiu, praticamente nadando, e sua espada deslizou pelo chão. Quando agarrei a Língua de Fogo e me preparei para descer com tudo, ela já empurrara um tanque para recuperar a arma, deixando um rastro no fluido. Eu podia ir atrás dela, mas tinha que libertar o Peter para o caso de ser derrotada. Deixá-lo à mercê dela não era uma opção.

Corri até ele. Ele ainda estava bem preso. Pus uma mão sob suas axilas para levantá-lo, então agachei para pegar o revólver do Rhys. Apontei para a sra. North e atirei mais três vezes enquanto ela se esforçava para ficar em pé. As balas acertaram a perna direita e a desequilibraram, fazendo-a cair de costas.

— Vamos — eu disse, arrastando o Peter para uma fileira paralela.

Peter murmurava alguma coisa atrás da mordaça, olhando para a minha cintura com os olhos arregalados.

O sangue se derramava entre as escamas e pelas minhas pernas, misturando-se com o fluido. Eu mal sentia. Mas minha bochecha estava ardendo.

— Mirandaaaaa! — a sra. North gritou. Nós estávamos percorrendo a arcada. Ela se levantou no meio da galeria, cambaleando com a perna sangrenta, segurando a espada com as duas mãos. A gosma dos tanques fazia seu cabelo grudar no rosto. Ela brilhava com aquela luz molhada, medonha. — Não há como fugir de terra verdadeira — ela disse.

Deu um passo, mancando. Sua perna direita estava inútil.

Eu não tinha ideia do que ela estava falando; parecia estar delirando. — Não há como escapar.

Guardei a arma no cinto e tirei uma barra de H9.

Apertei o botão vermelho e ajustei o contador para dez segundos. Olhei para todos os tanques atrás dela, todos os escravos em potencial que poderiam ser como nós, mas jamais seriam.

— Adeus, sra. North — saltei e coloquei um H9 em um dos arcos.
— NÃO! — ela gritou.

00:08

Corri, escorando o Peter até o elevador, fazendo a contagem na cabeça. Atrás, a sra. North percorreu alguns poucos passos enquanto o arco começava a chiar e soltar faíscas. Pedacos de rocha despedaçada foram caindo e toda a estrutura começou a ruir. Rochas se fragmentavam e se despedaçavam. As pedras iam se acumulando. Alguns pedacos do tamanho de punhos voavam até o elevador, passando por nós.

Uma parede de pedras empoeiradas nos isolou da galeria com os tanques. Atrás delas, podia ouvir os gritos abafados da sra. North. Gritos frustrados.

Sentei-me ao lado do elevador inútil, gemendo com todo o fogo no corpo. O revólver estava apertando minhas costelas, então eu o tirei. Estava encharcado, provavelmente destruído.

— O Rhys vai ficar furioso.

Peter se sentou ao meu lado. Comecei a desatar a corda dos pulsos dele. Ele murmurou alguma coisa e eu arranquei a mordaça úmida da boca e a joguei fora.

— Rhys? — O rebelde. Depois eu explico. — Parece que perdi muita coisa. — Perdeu, sim. — Por que não estamos no elevador? — Ele não vai pra lugar nenhum a não ser pra cobertura, que está em chamas. — Ah.

A poeira das rochas pairava no ar. Provavelmente fazia mal para os pulmões, mas nenhum de nós se importava. Recostei a cabeça no elevador e fechei os olhos.

— Eu não vou contar pra ninguém — Peter falou.

Abri os olhos.

— Eu não vou contar pra ninguém. Quem você é. Foi o que a sra. North disse, não é? Que a nossa Miranda morreu.

Ouvir a nossa Miranda dava uma pontada no coração, eu não podia negar.

— Sim — confirmei. — Ela está morta. — Você é a nossa Miranda — Peter disse. — Isso não muda nada. — Muda tudo — Não podia olhar para ele. Ainda não.

Ele cobriu minha mão com a dele e nós ouvimos as rochas estalarem e chiarem enquanto esfriavam.

Ficamos sentados, com a pressão constante da mão dele apertando a minha. Eu podia ficar daquele jeito por um tempo.

— Pra mim, não — ele disse baixinho, depois de um momento que

pareceu durar horas.

Não falei nada. Mas me inclinei para a frente e o beijei suavemente nos lábios. Então a dor no meu abdômen piorou e eu me inclinei contra o elevador.

— Eu sabia que você viria — ele disse. — Você teria feito o mesmo por mim, por qualquer um de nós.

Alguns minutos se passaram e as rochas terminaram de se deslocar.

Então Peter notou a tampa do bueiro no chão.

— Acho que vamos viver pra lutar mais um dia — ele falou. — Acho que sim.

Ele sorriu e eu também. Viver mais um dia não soava tão ruim. Não com ele ao lado.

Eu sangrava enquanto ele usava o revólver vazio do Rhys como alavanca para a tampa do bueiro.

Um cheiro fétido preencheu aquele espaço pequeno e sufocante. Para nós, era o cheiro da liberdade.

Peter olhou para a escuridão, depois para mim.

— Primeiro as damas.



O ESGOTO FOI OUTRO PESADELO, MAS DESSA VEZ ERA bem-vindo. Atravessamos o esgoto, debaixo da cidade, com água suja até o meio da perna. Depois de mais ou menos duzentos metros, encontramos uma escada que levava à superfície. Abri caminho com o ombro, depois estendi a mão para puxar o Peter para fora, fazendo careta ao suportar as feridas.

Estávamos perto do arranha-céu, que parecia uma vela de aniversário gigante. Uma tocha no meio da noite que nos fazia sentir a salvo. Estávamos sozinhos na rua, mas não por muito tempo.

Rhys chegou com o Noah e a outra Miranda. Noah olhou irritado para mim e eu não podia culpá-lo, considerando que eu o sufocara até tirar sua consciência. Ao mesmo tempo, ele estava feliz por eu estar viva. Rhys nos ignorou, ficou observando a área ao redor.

— É bom ver você, Peter — Noah disse, seco.

Peter riu e acenou em agradecimento, então apertou Noah com um abraço.

— Ei! — Noah reclamou, afastando-o com a mão. — Você está com cheiro de merda — ele pôs a mão no ombro da outra Miranda. — Ah, tem alguém que eu gostaria de apresentar.

Peter olhou firme para a outra Miranda.

— Olá, Peter — ela disse, um pouco assustada. Com razão.

Peter respondeu com uma pergunta: — Cadê a Olive?

Desci os olhos para o chão. Fiquei com aquela coceira de novo, a urgência de me mover, para procurar a escuridão.

— Ela sofreu? — ele perguntou, enxugando os olhos. — Não — a outra Miranda respondeu. — Foi rápido.

Rhys estendeu a mão para mim.

— Minhas armas? — eu podia dizer que ele também não gostava muito de ficar parado a céu aberto. Mas nós merecíamos um descanso.

Coloquei a arma toda coberta de gosma na mão dele.

— Que horror — ele disse, tão inexpressivo que eu ri.

Ele arqueou uma sobrancelha loura. — A espada.

— Estou pensando em ficar com ela.

Ele suspirou, envolveu o braço no meu ombro; então observou o arranha-céu queimando. O incêndio estava menos brilhante, crepitando antes de alcançar

os andares abaixo. Pouco depois, Peter se aproximou e pôs o braço em volta do meu outro ombro.

— Eu sou Peter — ele disse a Rhys.

— Prazer em conhecê-lo — Rhys falou.

Noah andou até a nossa frente e parou.

— Vocês estão prontos pra sair daqui?

As ruas estavam silenciosas, mas não duraria muito.

Enquanto o fogo ainda queimava, nos ocultamos nas sombras, então corremos pelas ruas, evitando os carros militares que rodavam aos montes. Todos indo para a mesma direção.

A meio caminho de casa, pedi que parássemos em um cruzamento. A vista estava perfeita ali, em uma rua escura que dava direto para o arranha-céu. Estava tão silencioso que eu podia ouvir o clique das lâmpadas do semáforo.

Juntos, observamos o fogo morrer aos poucos.

Levou semanas até que a cidade se restabelecesse.

Ninguém sabia ao certo o que acontecera. O que mais desnorteava as pessoas era o estranho incêndio no topo da Key Tower. Os apresentadores de noticiários perguntavam, com rostos sérios: Os eventos estão relacionados? O que havia nos andares superiores do prédio? Falavam do poço do elevador que ia da cobertura ao subsolo, mas estava bloqueado com rochas demais e nenhuma máquina que pudesse escavar cabia ali. Ao todo, 612 pessoas morreram, a maioria em incêndios. Muitas foram pisoteadas e outras tantas sofreram ataque cardíaco. Eles mostraram os corpos nos noticiários. Ambulâncias, voluntários, pessoas em jaquetas amarelas percorriam a cidade, vasculhando ruas, becos e prédios em busca dos corpos. Estavam sempre escoltados pela Guarda Nacional, com rifles a postos. Vinte e nove pessoas se afogaram no lago Erie.

Levavam os cadáveres em macas. Todos na cidade usavam uma máscara azul sobre o nariz e a boca, por medo de que a causa da insanidade ainda estivesse no ar.

Poderia ter sido bem pior, se tivéssemos sido forçados a participar. Se não tivéssemos parado aquele teste quando conseguimos.

Entretanto, o estranho era que não tínhamos a sensação de vitória.

Nós cinco ficamos no apartamento do Rhys, nosso novo lar. Eu tinha o meu próprio quarto. Peter e Noah dividiam um. A outra Miranda, que Rhys chamava de Sequência, dormia em qualquer lugar. Nós brigávamos para decidir quem usaria o chuveiro primeiro. Era a parte boa da briga. Era bom se preocupar com algo estúpido e sem importância. Os rapazes estavam pegando mais leve uns com os outros, mas não totalmente. Tentávamos nos ajustar à outra Miranda, e ela tentava encontrar seu espaço no grupo.

Mas era difícil. Ela era eu. E eu não sabia o quanto nós éramos a mesma. Tínhamos vidas diferentes.

Opiniões diferentes sobre as coisas. Não bastava eu gostar de cebola e ela não? Não bastava ela bancar a conciliadora quando eu discutia com o Rhys ou com o Noah? Conforme o tempo passava, tudo indicava que iríamos para direções diferentes. Eu poderia andar por aí sem a sensação de que se eu fosse assassinada ninguém sentiria minha falta. Era estranho pensar que a Sequência, ou alguma outra Miranda, pudesse assumir a tênue identidade que eu construía a cada dia. Ao menos a cicatriz vermelha na minha bochecha facilitava a distinção.

Ela se lembrava de alguns dos mesmos fragmentos de memória que eu, como a cena do Noah abandonando-a no parque. Felizmente, a lembrança da morte da Miranda original ficara confusa demais para ela, como um pesadelo. Como ocorreu comigo, o resto dela foi chegando aos pedaços. As peças não pertenciam realmente a nenhuma de nós. A explicação oficial era que os criadores haviam me capturado em algum momento e fizeram um molde da minha identidade. Então me soltaram, sabendo que eu iria levá-los para o resto da equipe Alfa. É claro que a verdade era um pouco mais complicada.

Nós duas não conversávamos muito, porque não podíamos olhar uma para a outra por mais que alguns segundos. Era diferente com a Grace; a Grace não era eu, mesmo que parecesse igual. A Sequência, por outro lado, fazia com que eu me lembrasse de onde viera. De uma embalagem. Nascida naquele verão mesmo.

Um dia, ela veio falar comigo quando eu estava no banheiro.

— Você ainda vê?

Eu fiquei dura.

— O quê?

— Eu acordo toda noite em um beco, sentindo o sangue escorrer de mim. Posso jurar que é real — ela inclinou a cabeça para baixo, os cabelos ruivos escondendo os olhos.

Eu tinha os mesmo pesadelos. Lentamente, ergui a mão e a pousei no seu ombro.

— São apenas pesadelos. Às vezes é difícil dizer qual é a diferença — não queria mentir, mas não podia dizer aos outros quem eu realmente era. Ainda não. Noah ficaria arrasado se descobrisse que a sua tentativa de proteger a Miranda original resultara na morte dela.

Peter sabia. Ele sabia guardar segredo.

— Nós não somos aquela garota — eu disse a ela. — Então quem nós somos?

Sorri para ela e aquela sensação era boa. Um sorriso de verdade.

— Ainda estamos descobrindo... E isso é bom.

Depois de um momento, ela também sorriu. Mas por pouco tempo.

— Os outros estão...

— Estão tratando você diferente, eu sei — fiz uma pausa, escolhendo bem as palavras. — Eu passei por tudo isso. Ainda estou passando. Você sente isso no peito, certo? O vazio... vai ser preenchido. Prometo. Mas leva um tempo — na verdade, não fora preenchido em mim, não totalmente, mas dizer isso não iria ajudá-la. A promessa valia para as duas.

— Algum dia vai ser normal entre nós?

Normal. Quem me dera. Sequência não facilitava nem um pouco a compreensão da minha existência. Mas a cada dia melhorava um pouco. A cada dia éramos um pouco mais nós mesmas.

— Vai ser normal. Prometo.

Sequência acenou uma vez e saiu abruptamente.

Ouvi a porta se fechar e imaginei que ela estivesse chorando, porque eu também me sentia prestes a chorar.

De vez em quando ficávamos olhando pela janela panorâmica, vendo a cidade se recompor. As ruas estavam em estado de alerta. Helicópteros sempre sobrevoando. A Guarda Nacional patrulhava com máscaras de gás. Cientistas jorravam teorias na TV a cabo. Alguns religiosos anunciavam que o fim estava próximo.

Ainda havia medo nas ruas, mesmo que não fôssemos as causas.

Observávamos. Esperávamos. Treinávamos para manter a forma. Tomávamos as injeções de memória.

Sequência tinha lampejos de memória sobre o Noah no meio da noite e chamava o nome dele. Ele ia para o quarto e não sabia quem chamara. Ficava ali com a boca aberta, até a Sequência avisar que era apenas um pesadelo. Eu não podia dizer ao Noah que sem as ações dele eu ainda estaria naquela embalagem, mergulhada na gosma azul-esverdeada. Jamais poderia dizer, porque com as ações dele a Miranda que ele amava morrera em um beco, sangrando na chuva.

Uma noite, Peter e eu levamos o lixo para fora. Os ombros dele estavam tensos. Um carro da Guarda Nacional percorria a rua. O atirador na traseira olhou para nós e acenou. Acenamos de volta.

— O que foi? — perguntei.

Peter jogou um saco preto de lixo em uma pilha. Ele olhou para cima, para o céu nublado. As primeiras gotas de chuva caíam à nossa volta.

— Nada — ele respondeu. — Peter... — Você tá certa. Tem uma coisa — ele riu.

Sorri, lutando contra o inevitável, só pela diversão.

— Sabe, eu acho que a Sequência gosta de você. — Ela gosta do Rhys — Peter disse, sem hesitar. — E a Sequência não me resgatou da sra. North.

Esperei. Ele olhou para mim e eu olhei de volta. O vento ondulava os cabelos, mas o corpo dele permanecia parado. Não havia mais nada a dizer. Eu me aproximei, diminuindo a distância até olhar bem nos olhos. Fiquei na ponta dos pés e ele me beijou delicadamente. Pus os calcanhares de volta ao chão, mas a boca dele não largava da minha. Ele me beijou como antes, suavemente no início. E depois mais forte. E mais uma vez fiquei feliz por termos escapado do arranha-céu. Porque eu começava a perceber que minha vida não tinha que se basear em uma identidade, ou na falta de uma. Se eu pudesse focar nos pequenos momentos, mesmo que efêmeros, teria algo de meu. Ninguém passaria pelas experiências da mesma maneira.

Peguei na ponta da camisa dele e comecei a puxá-la por cima da cabeça, soltando os lábios só pelo tempo de passar o tecido pelo meio. Ele jogou a camisa para o lado, em uma pilha de lixo, e bem nesse instante o relógio dele começou a tocar.

Ele olhou, franzindo a testa, como se um percevejo tentasse se enfiar na sua pele.

— Hora das injeções? — perguntei, com voz rouca. — Sim — ele respondeu e a expressão de incômodo virou um sorriso. — Prefiro não me esquecer disso.

Ele pegou a camisa, sacudiu-a, e a vestiu novamente.

— Talvez eu esteja aqui fora por volta da meia-noite, para olhar para as estrelas — avisei. — Eu gosto das estrelas — ele passou o braço em volta do meu ombro e, juntos, entramos para tomar o remédio.

Um dia, no fim do verão, quando os outros estavam fora, levei a faixa de memória para o banheiro e fechei a porta. Podem me chamar de paranoica, mas havia alguns momentos daquele verão que eu não queria perder. Na noite anterior, tínhamos pegado “emprestado” o barco de alguém para pescar em um lago sob o luar. Foi tão bom que, por alguns segundos, pude esquecer das pessoas que iriam nos capturar ou matar. Então quis deixar essa lembrança na máquina, para o caso de esquecer.

Abaixei a tampa e sentei no vaso, ajeitando a faixa sobre os olhos. Meu dedo percorreu a lateral até encontrar o pequeno botão que acionava a função de copiar. A dor dessa vez foi breve, quase não incomodava, enquanto as microagulhas se enfiavam no meu cérebro.

Eu estava pensando naquele momento. Na maneira como a água lembrava vidro escuro. E me preparava para guardar aquela lembrança na máquina.

Em vez disso, a máquina decidiu me passar uma lembrança.

Uma lembrança da própria sra. North.

O trajeto do elevador era o mais longo da minha vida.

Ela nunca havia me convocado antes, não assim, sem aviso prévio. Eu não podia deixar de pensar que, depois de décadas de espera, chegava a hora. Finalmente seríamos chamados para servir. Registrei uma nota mental para gravar essa lembrança mais tarde, para que outros pudessem ouvir as palavras direto da boca dela, não da minha.

Juntei as mãos trêmulas às minhas costas. As portas do elevador se abriram e entrei no escritório dela. As paredes de vidro escurecido formavam uma pirâmide. O sol parecia apenas uma bolinha de gude brilhando na vidraça da esquerda.

Ela se sentou atrás da escrivaninha. Era o único móvel do escritório.

Sem tirar os olhos dos papéis, ela acenou para mim.

Atravessei o tapete felpudo e me ajoelhei diante da escrivaninha, mesmo que isso me fizesse sentir idiota.

As coisas aconteciam de maneira diferente ali.

— Levante-se — ela ordenou.

Obedeci.

O traje dela tinha escamas, mas eram douradas em vez de pretas, e brilhavam como espelhos. Seu cabelo não perdera o viço vermelho-dourado, como o meu. O rosto ainda era de 17 anos, como a Miranda que eu criava como filha. Para ela, eu devia parecer velha, muito velha.

Ela me examinou com os olhos jovens que viram muito mais do que eu podia imaginar. Talvez, se eu lhe agradasse, poderia ver tanto quanto ela algum dia.

— Eu a convoquei porque gostaria de ouvir sobre seus progressos, de sua própria boca. Está tudo dentro do cronograma?

— Sim — respondi. — Podemos ter um pequeno imprevisto, mas o teste vai correr como planejado.

— Que tipo de imprevisto?

— Nada com que se preocupar. Acho que o Rhys está suspeitando da verdadeira natureza dos Rosas e acredito que ele vá tentar investigar mais, se deixarmos. Recomendo removê-lo da equipe Alfa.

— Isso é muito triste. Faça o que achar necessário.

A atenção dela se voltou para os papéis. Eu não sabia dizer se estava dispensada ou não, mas não queria me arriscar virando as costas sem permissão. Aquela mulher, apesar de ser minha verdadeira mãe, a fonte de todos os clones de Miranda, o meu próprio sangue, sabia me fazer sentir como uma barata.

Insignificante, uma peste a ser esmagada com o sapato.

Minha mente foi para lugares escuros enquanto os segundos se passavam, e a ansiedade para ver as novas armas era irresistível. Eu me dedicara. Eu merecia.

Reuni coragem e perguntei: — Posso vê-los?

— Ver o quê? — ela disse, aparentando surpresa por eu ainda estar ali.

— Seus... os que você vai utilizar junto com os Rosas. Os que vão ajudar a conquistar o nosso mundo.

Ela sorriu.

— Está com medo de dizer o nome? Com medo de que eles possam ouvir?

Ela saberia se eu estava mentindo, mas eu mesma não sabia. Os monstros tinham um nome, mas, se pensássemos no assunto, eles podiam nos ouvir. Eu não queria que me ouvissem.

— Sim. Um pouco.

Isso pareceu diverti-la, em vez de desapontá-la.

— Eu não gostaria de estragar o seu doce sono com pesadelos.

— Obrigada.

Enfim ela me dispensou, mas percebeu minha decepção, pois falou em seguida: — Seja paciente. Você vai vê-los em breve, junto com todo o resto do mundo.

Deixei a faixa de memória no colo. A porta do apartamento se abriu e ouvi os quatro entrarem, arrancarem os sapatos e abrirem o armário da cozinha, rindo da piada de alguém.

Dois anos. A lembrança era de dois anos atrás. Muito tempo se passara.

A sra. North tinha também uma criada. E havia monstros para conquistar o mundo. Monstros cujos nomes a sra. North tinha medo de dizer.

— Miranda? — alguém me chamou. Parecia ser Peter ou Noah.

Olhei para as mãos com a faixa e me perguntei contra o que minha equipe teria que lutar. Perguntei-me o que poderia despertar medo em um coração tão cruel quanto o da sra. North.

Então me dei conta de que não importava.

Fosse o que fosse, enfrentaríamos juntos.

FIM

Agradecimentos

A Adam Lastoria, por ler meus primeiros romances sem reclamar. E por ter me emprestado aquele livro há algum tempo, que despertou novamente meu amor pela leitura.

A Suzie Townsend, por tudo. Talvez seja uma coisa boba de dizer, mas nós sabemos que é verdade.

Obrigado por tudo. Este livro está aqui porque você nunca desistiria dele, ou de mim.

A Janet Reid. Com você ao meu lado, sinto que posso fazer qualquer coisa. Obrigado pelos lanches e pelos copos d'água. Obrigado por QueryShark.

A Catherine Onder, por me mostrar o verdadeiro potencial do livro. E por ser uma campeã sempre presente. E obrigado a Hayley Wagreich, sua assessora incansável.

Aos meus pais, todos os quatro, por me criarem para acreditar que posso fazer qualquer coisa, contanto que me empenhe. E, é claro, por terem me mantido vivo.

A Adam Grisak, pelas questões médicas.

Aos serviços automotivos Lastoria, por nove anos e meio. Foi ali que sonhei com minhas histórias. E fui pago para ler algumas centenas de livros. Desculpe, Don.

À equipe da EB Games em Randall: Mike, Rashad e Aaron. Pelas conversas. E à equipe de armazenagem da EB, especificamente a Will Lyle, por sonhar comigo.

A Joanna Volpe, Meredith Barnes, Sara Kendall, por lerem os rascunhos e me ajudarem a encontrar minha garota adolescente interior. E a Brooks Sherman, que não me ajudou a encontrar a minha garota adolescente interior, mas fez outras coisas.

A Sean Ferrel e Jeff Somers, por terem sido meus mentores. É sério.

A Josh Bazell, por me inspirar. A Suzanne Collins, pelo mesmo motivo.

A todo mundo da Disney-Hyperion, por me ajudar a criar um livro do qual tenho orgulho.

txt
LêLivros



Table of Contents

[Folha de Rosto](#)

[1](#)

[2](#)

[3](#)

[4](#)

[5](#)

[6](#)

[7](#)

[8](#)

[9](#)

[10](#)

[11](#)

[12](#)

[13](#)

[14](#)

[15](#)

[16](#)

[17](#)

[18](#)

[19](#)

[20](#)

[21](#)

[22](#)

[23](#)

[24](#)

[25](#)

[26](#)

[27](#)

[28](#)

[29](#)

[30](#)

[31](#)

[32](#)

[Agradecimentos](#)